

**SOPHIE
HANNAH**

**A
OUTRA
CASA**

ROCCOINFINI

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sophie Hannah

A OUTRA CASA

Tradução de Alexandre Martins

ROCCO

Para 7GR

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

[Sábado, 24 de julho de 2010](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

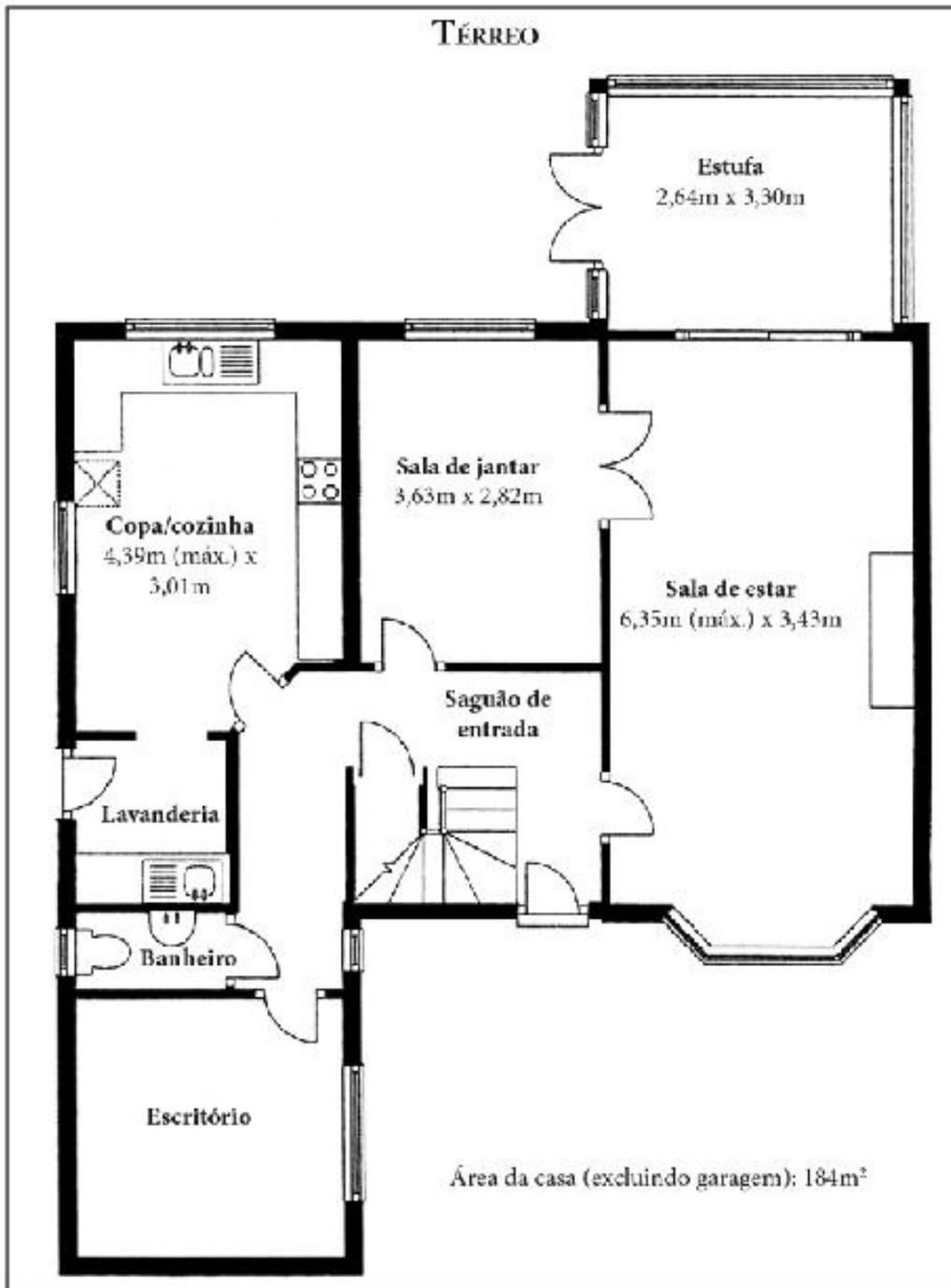
[Sexta-feira, 17 de setembro de 2010](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)

BENTLEY GROVE, 11, CAMBRIDGE

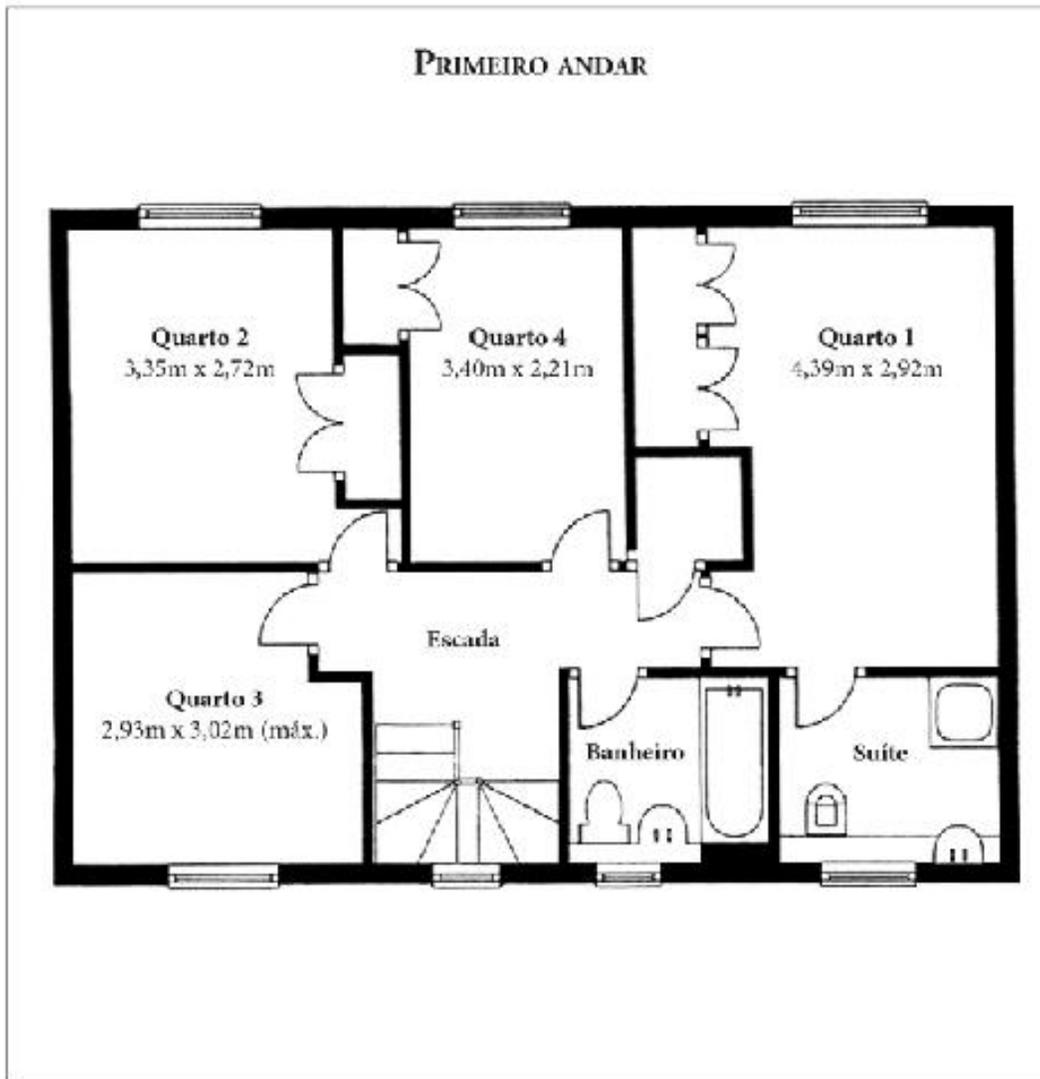


FORA DE ESCALA: Apenas para orientação

Embora tenha sido feito todo o esforço para garantir a precisão das plantas aqui apresentadas, medidas de portas, janelas e aposentos são aproximadas e não nos responsabilizamos por qualquer erro, omissão ou divergência. Estas plantas servem apenas como representação, segundo definição do Código de Medidas da Royal Institution of Chartered Surveyors, e devem ser consideradas assim por qualquer possível comprador. Não foram testados serviços, sistemas ou equipamentos, e não há garantia de seu funcionamento ou eficiência.

BENTLEY GROVE, 11, CAMBRIDGE

PRIMEIRO ANDAR



FORA DE ESCALA: Apenas para orientação

Embora tenha sido feito todo o esforço para garantir a precisão das plantas aqui apresentadas, medidas de portas, janelas e aposentos são aproximadas e não nos responsabilizamos por qualquer erro, omissão ou divergência. Estas plantas servem apenas como representação, segundo definição do Código de Medidas da Royal Institution of Chartered Surveyors, e devem ser consideradas assim por qualquer possível comprador. Não foram testados serviços, sistemas ou equipamentos, e não há garantia de seu funcionamento ou eficiência.

Sábado, 24 de julho de 2010

Eu vou ser morta por causa de uma família chamada Gilpatrick.

Eles são quatro: mãe, pai, filho e filha. *Elise, Donal, Riordan e Tilly*. Kit me dá seus prenomes, como se eu quisesse acabar com a formalidade e conhecê-los melhor, quando tudo o que quero é sair correndo da sala, gritando. *Riordan tem sete anos*, ele diz. *Tilly tem cinco*.

Cale a boca, quero gritar na cara dele, mas estou assustada demais para abrir a boca. É como se alguém a tivesse fechado e trancado; não sairão mais palavras, nunca mais.

É isso. É onde, como, quando e por que vou morrer. Pelo menos entendo o porquê, finalmente.

Kit está com tanto medo quanto eu. Por isso não para de falar, porque sabe, assim como todos que esperam aterrorizados, que quando silêncio e medo se combinam, formam um composto mil vezes mais horrendo que a soma de suas partes.

Os Gilpatrick, ele diz, lágrimas correndo pelo rosto.

Vejo a porta no espelho acima da lareira. Parece menor e mais distante do que estaria se me virasse e olhasse diretamente. O espelho tem a forma de uma lápide grossa: três lados retos e um arco no alto.

Não acreditei neles. O nome parecia inventado. Kit ri, engasga em um soluço. Ele está tremendo inteiro, até a voz. *Gilpatrick é o tipo de nome que você inventaria caso estivesse inventando uma pessoa. Sr. Gilpatrick. Se pelo menos tivesse acreditado nele, nada disso teria acontecido. Teríamos ficado em segurança. Se pelo menos eu...*

Ele para, se afasta da porta trancada. Ouve os mesmos passos que eu — apressados, um estouro. Estão aqui.

Uma semana antes

1

Sábado, 17 de julho de 2010

Deito de costas com os olhos fechados, esperando uma mudança na respiração de Kit. Simulo as profundas e lentas inspirações que preciso ouvir dele antes de poder sair da cama — *inspirar e segurar, expirar e segurar* — e tento me convencer de que é um logro inofensivo. Serei a única mulher a fazer isso, ou acontece o tempo todo em lares ao redor do mundo? Caso positivo, então deve ser por motivos diferentes, mais comuns que o meu: uma esposa ou namorada traidora querendo enviar uma mensagem para o amante sem ser flagrada, ou tomar uma última taça culpada de vinho além das cinco que já bebeu. Coisas normais. Urgências comuns.

Nenhuma mulher na Terra já esteve na situação em que me encontro agora.

Você está sendo ridícula. Você não está "em uma situação", a não ser aquela que fomentou em sua imaginação. Ingredientes: coincidência e paranoia.

Nada do que digo a mim mesma funciona. Por isso preciso conferir, deixar minha mente descansar. Conferir não é maluquice; perder as oportunidades de conferir seria. E assim que eu olhar e não encontrar nada, vou conseguir esquecer e aceitar que estava tudo na minha cabeça.

Vai conseguir?

Não deveria demorar muito até eu poder me mover. Kit normalmente apaga por completo segundos após desligar as luzes. Se eu contar até cem... Mas não consigo. Não consigo me forçar a me concentrar em algo que não me interessa. Se conseguisse, seria capaz de fazer o oposto: banir Bentley Grove, 11 da cabeça. Será que um dia vou conseguir fazer isso?

Enquanto espero, ensaio a tarefa diante de mim. O que este quarto diria sobre mim e Kit caso eu não nos conhecesse? Cama enorme, lareira de ferro fundido, nichos idênticos dos dois lados da projeção da lareira onde ficam nossos guarda-roupas idênticos. Kit gosta de simetria. Uma de suas objeções quando propus comprar a maior cama possível para substituir nossa cama de casal comum foi a de que poderia não sobrar espaço para nossas mesinhas de cabeceira idênticas. Quando eu disse que ficaria feliz de perder a minha, Kit me olhou como se eu fosse uma agitadora anarquista conspirando para derrubar seu mundo bem organizado. “Você não pode ter um móvel de um lado e não do outro”, ele disse. As duas mesinhas acabaram nos pés da cama; tendo primeiramente me feito prometer que não contaria a ninguém, Kit admitiu que, por mais inconveniente que fosse ter de se curvar para apoiar livro, relógio, óculos e celular na sua mesinha, ele acharia mais irritante ter um quarto que não “parecesse certo”.

“Tem certeza de que você é um legítimo heterossexual *bona fide*?”, perguntei, provocando.

Ele sorriu: “Ou sou ou finjo ser de modo a ter meus cartões de Natal escritos e colocados no correio para mim todo ano. Aposto que você nunca vai descobrir qual é a verdade.”

Cortinas de seda creme até o chão. Kit queria persianas, mas passei por cima dele. Cortinas de seda são algo que eu queria desde criança, uma daquelas promessas “assim que tiver minha própria casa” que fiz a mim mesma. E cortinas em um quarto precisam tocar o chão — essa é minha regra de aparência certa. Suponho que todos tenham pelo menos uma, e todos achamos que as nossas são sensatas e as das outras pessoas totalmente ridículas.

Acima da lareira há uma tapeçaria emoldurada de uma casa vermelha rodeada por um retângulo verde que deveria ser o jardim. Em vez de flores, a cor sólida da grama é interrompida por palavras desenhadas: “Melrose Cottage, Little Holling, Silsford”, em laranja, e depois, em letras amarelas menores abaixo: “Connie e Kit, 13 de julho de 2004”.

“Mas Melrose não é vermelha”, eu costumava protestar, antes de desistir. “É feita de blocos de argila branca dura. Acha que mamãe a

imaginava encharcada de sangue?” Kit e eu chamamos nossa casa pela forma reduzida “Melrose”, quando a compramos. Agora que moramos aqui há anos e a conhecemos como conhecemos nossos próprios rostos, nós a chamamos de “Mellers”.

O que um observador imparcial pensaria da tapeçaria? Pensaria que Kit e eu éramos tão idiotas que corríamos o risco de esquecer nossos nomes e a data em que compramos nossa casa? Que decidimos pendurar uma lembrança na parede? Adivinharia que era um presente de mudança feito em casa pela mãe de Connie, e que Connie achara sentimentalóide e deselegante e lutara muito para exilá-lo no sótão?

Kit insistiu em que pendurássemos, por lealdade à nossa casa e à mamãe. Disse que nosso quarto era o lugar perfeito, de modo que convidados não o veriam. Acho que ele não nota mais. Eu sim — toda noite antes de ir dormir e toda manhã quando acordo. Ele me deprime por todo um leque de razões.

Alguém espiando nosso quarto não veria nada disso — nada das discussões, nada dos acordos. Não veria a mesa de cabeceira de Kit faltando, a fotografia que eu teria gostado de colocar acima da lareira se a hedionda tapeçaria da casa vermelha não estivesse ali.

O que prova que olhar para um quarto na casa de alguém não diz nada, e não faz sentido eu fazer o que estou prestes a fazer, agora que tenho certeza de que Kit está ferrado no sono. Eu também deveria ir dormir.

O mais silenciosamente possível, dobro meu lado do edredom, desço da cama e, na ponta dos pés, vou até o segundo quarto, que transformamos em escritório. Comandamos nossa empresa daqui, o que é um pouco absurdo considerando que este cômodo tem menos de três metros de comprimento por três de largura. Assim como o nosso quarto, tem uma lareira de ferro fundido. Conseguimos enfiar duas escrivaninhas aqui, uma cadeira para cada um e três arquivos. Quando chegou nosso registro comercial emitido pelo governo, Kit comprou uma moldura e o pendurou na parede em frente à porta, portanto é a primeira coisa que chama sua atenção quando entra no aposento. “É uma exigência legal”, ele me disse quando reclamei que parecia burocrático e nada inspirador. “Tem de ser exposto na

sede da empresa. Quer que a Nulli comece a vida como uma fora da lei?"

Nulli Secundus Ltd. Significa "segundo atrás de ninguém", e foi escolha de Kit. "Indica destino tentador e nos condena ao fracasso", retruquei quando discutíamos como iríamos nos chamar, imaginando como o fechamento pareceria pior com um nome tão presunçoso. Eu sugeri "C & K Bowskill Ltd". "Esses são nossos nomes", disse Kit criticamente, como se esse fato pudesse não ter me ocorrido. "Por Deus, tenha um pouco de imaginação. E confiança também ajudaria. Estamos criando esta empresa para falir? Não sei quanto a você, mas estou planejando que ela seja um sucesso."

O que mais você transformou em sucesso, Kit? O que mais que eu não sei?

Você está sendo ridícula, Connie. Seu ridículo não fica um segundo atrás de ninguém.

Toco no sensor do meu laptop e ele desperta para a vida. A tela do Google surge. Eu digito "casas à venda" na caixa de busca, aperto enter e espero. O primeiro resultado que aparece é Roundthehouses.co.uk, que diz ser o principal site de imóveis do Reino Unido. Clico nele, pensando que obviamente o pessoal de Roundthehouses segue o modo de pensar de Kit, não o meu; eles não se preocupam com humilhação induzida pela falência.

A página carrega: fotos externas de casas à venda sob uma margem vermelho-escura cheia de pequenas imagens de lentes de aumento, dentro das quais há um par de olhos sem corpos. Olhos que parecem assombrados, estranhos, e me fazem pensar em pessoas escondidas na escuridão, espionando umas as outras.

Não é exatamente isso que você está fazendo?

Digito "Cambridge", em local, e clico no botão "Venda". Surge outra tela me oferecendo mais escolhas. Abro caminho por elas, impaciente — área da busca: apenas esta área; tipo de propriedade: casas; número de quartos: todos; faixa de preço: todas; adicionado ao site... Quando Bentley Grove, 11 foi adicionado? Clico em "últimos 7 dias". A placa de "à venda" que vi no jardim da frente hoje — ou ontem, já que agora é meia-noite e quinze — não estava lá uma semana antes.

Clico em “Buscar imóveis”, batendo com os dedos dos pés nus no piso, e fecho os olhos por um segundo. Quando os abro, há casas na tela: uma em Chaucer Road, por 4 milhões de libras, uma na Newton Road, por 2,3 milhões. Conheço as duas ruas — ficam perto de Bentley Grove, saindo da Trumpington Road. Eu as vi, em minhas muitas viagens a Cambridge sobre as quais ninguém sabe.

Bentley Grove, 11 é a terceira casa da lista. Está à venda por 1,2 milhão de libras. Fico surpresa que seja tão cara. É bastante grande, mas nada espetacular. Obviamente aquela área de Cambridge é considerada elegante, embora sempre tenha me parecido bastante comum, e o tráfego na Trumpington Road com frequência está esperando para fluir em vez de fluindo. Há um supermercado Waitrose perto dali, um restaurante indiano, uma loja de vinhos especializada, duas imobiliárias. *E muitas mansões enormes e caras.* Se os preços pedidos por todas as casas naquela área da cidade estão na casa dos milhões, deve haver muita gente podendo pagar tanto. Quem são eles? Sir Cliff Richard me vem à mente; não tenho ideia de por quê. Quem mais? Presidentes de clubes de futebol ou pessoas que têm poços de petróleo no quintal? Certamente não Kit e eu, e estamos profissionalmente tão bem quanto poderíamos esperar...

Afasto os pensamentos da cabeça. *Você poderia estar dormindo agora, sua lunática. Em vez disso, está sentada, no escuro, curvada sobre um computador, se sentindo inferior a Cliff Richard. Controle-se.*

Para apresentação de todos os detalhes, clico na foto dessa casa que conheço muito bem, e ainda assim nem tanto. Não acredito que alguém no mundo tenha passado tanto tempo quanto eu olhando para o exterior de Bentley Grove, 11; conheço a fachada tijolo a tijolo. É estranho, quase chocante, ver uma fotografia dela no meu computador — em minha casa, que não é o seu lugar.

Convidar o inimigo para sua casa...

Não há inimigo, digo a mim mesma com firmeza. *Seja prática, acabe com isso e volte para a cama.* Kit começou a roncar. Bom. Não tenho ideia de o que diria caso ele me flagrasse fazendo isto, como defenderia minha sanidade.

A página carregou. Não estou interessada na grande fotografia à esquerda, tirada do outro lado da rua. É o interior da casa que preciso ver. Uma a uma, clico nas pequenas fotos à direita da tela para ampliá-las. Primeiro, uma cozinha com balcões de madeira, uma pia Belfast dupla, portas de armários pintadas de azul, uma ilha com laterais azuis e topo de madeira.

Kit detesta ilhas de cozinha. Acha que são feias e pretensiosas — uma afetação importada dos Estados Unidos. Os conjuntos de banheiro cor abacate do futuro, como as chama. Ele se livrou daquela em nossa cozinha duas semanas após nos mudarmos e contratou um marceneiro local para fazer uma grande mesa redonda de carvalho para substituí-la.

Esta cozinha para a qual estou olhando não pode ser de Kit, não com aquela ilha ali.

Claro que não é a de Kit. A de Kit está lá embaixo — e por acaso também é a sua.

Clico na foto de uma sala. Eu vi a sala de Bentley Grove, 11 antes, embora apenas rapidamente. Em uma das minhas visitas, fui suficientemente corajosa — ou suficientemente idiota, dependendo do seu ponto de vista — para abrir o portão, subir a longa calçada que é margeada por arbustos de lavanda dos dois lados e dividir o jardim dianteiro quadrado em dois triângulos, e olhar através da janela da frente. Sentia medo de ser apanhada invadindo, e não consegui me concentrar direito. Alguns segundos depois, um homem idoso com os óculos mais grossos que já vi emergiu da casa ao lado e virou os olhos excessivamente aumentados na minha direção. Segui apressada para meu carro antes que ele pudesse me perguntar o que estava fazendo e, em seguida, me lembrei pouco da sala que tinha visto, apenas que tinha paredes brancas e um sofá cinza em forma de L com algum intrincado bordado vermelho.

Estou olhando para aquele mesmo sofá agora, na tela do meu computador. Não é exatamente cinza, mas uma espécie de prata nublado. Parece caro, único. Não consigo imaginar que haja outro sofá como esse.

Kit adora o que é único. Ele evita produção em massa na medida do possível. Todas as canecas em nossa cozinha foram feitas e

pintadas individualmente por um ceramista em Spilling.

Cada móvel na sala de Bentley Grove, 11 parece único: uma cadeira com enormes braços de madeira curvos como os fundos de barcos a remo; uma mesinha de centro incomum com superfície de vidro e, sob o vidro, uma estrutura lembrando uma vitrine, com dezesseis compartimentos, apoiada no chão. Cada compartimento contém uma pequena flor com um círculo vermelho no centro e pétalas azuis apontando para o vidro.

Kit gostaria de todas essas coisas. Engulo em seco, digo a mim mesma que isso não prova nada.

Há uma lareira azulejada encimada por um grande mapa emoldurado, uma chaminé projetada, com nichos iguais dos dois lados. Uma sala simétrica, o tipo de sala de Kit. Eu me sinto meio enjoada.

Cristo, isso é insano. Quantas salas de estar por todo o país seguem esse formato básico: lareira, chaminé projetada, nichos à esquerda e à direita? É um projeto clássico, reproduzido em todo o mundo. Ele atrai Kit e cerca de um trilhão de outras pessoas.

Não é como se você tivesse visto o paletó dele jogado sobre o corrimão, seu cachecol listrado no encosto de uma cadeira...

Rapidamente, querendo terminar a tarefa que dei a mim mesma — consciente de que está fazendo com que me sinta pior, não melhor —, visito os outros aposentos, ampliando as fotografias. Saguão e escadas acarpetados em bege; corrimão grosso de madeira escura. Um depósito com portas de armário azul-celeste similares aos da cozinha. Mármore cor de mel para o banheiro social — limpo, e exibicionistamente caro.

Clico em uma foto que deve ser do quintal. É muito maior do que havia imaginado, tendo visto a casa apenas de frente. Desço até o texto sob as fotografias e vejo que o quintal é descrito com uma área pouco maior que 4 mil metros quadrados. É o tipo de jardim que eu adoraria ter: plataforma para mesa e cadeiras, um balanço de dois lugares com cobertura, gramado vasto, árvores no final, campos amarelos grandiosos além. Uma idílica visão interiorana a dez minutos de caminhada do centro de Cambridge. Agora estou começando a compreender a etiqueta de preço de 1,2 milhão de

libras. Tento não comparar o que estou vendo com o jardim de Melrose Cottage, que tem aproximadamente a metade do tamanho de uma garagem para um carro. É grande o suficiente para acomodar uma mesa de ferro forjado, quatro cadeiras, algumas plantas em vasos de cerâmica e não muito mais.

É isso. Vi todas as fotografias, vi tudo o que há para ver.

E não encontrei nada. Satisfeita agora?

Bocejo e esfrego os olhos. Estou prestes a fechar o site da Roundthehouses e voltar para cama quando noto uma sequência de botões abaixo da foto do quintal: "Vista da rua", "Planta", "Passeio virtual". Eu não preciso de uma vista de Bentley Grove — já vi mais do que o suficiente nos últimos seis meses —, mas poderia dar uma olhada na planta do número 11, tendo chegado a esse ponto. Clico no botão, depois o "x" para fechar a tela, segundos após abrir. Não vai me ajudar saber qual aposento fica onde; seria melhor fazer o passeio virtual. Será que me fará sentir como se estivesse caminhando pela casa, olhando em cada aposento? Disso eu gostaria.

Então ficaria satisfeita.

Clico no botão e espero que o passeio carregue. Outro botão surge: "Iniciar passeio". Clico nele. Aparece, primeiro, a cozinha, e vejo o que já tinha visto na fotografia, depois um pouco mais quando a câmera dá uma volta de 360 graus para revelar o resto do aposento. Depois outra volta, e mais uma. O efeito de giro me deixa tonta, como se eu estivesse em um carrossel que não para. Fecho os olhos, precisando de um descanso. Estou muito cansada. Viajar para Cambridge e voltar em um dia, quase toda sexta-feira, não está me fazendo bem; não é o esforço físico o que exaure, é o segredo. Tenho de seguir em frente, deixar para lá.

Abro os olhos e vejo um volume vermelho. Inicialmente não sei para o que estou olhando, e então... *Ai, Deus, não pode ser. Ai, cacete, ai, Deus.* Sangue. Uma mulher caída de barriga no meio da sala, e sangue, um lago dele, sobre o carpete bege. Por um segundo, em pânico, confundo o sangue com o meu próprio. Baixo os olhos para mim. *Nada de sangue.* Claro que não — não está no meu carpete, não na minha casa. Está em Bentley Grove, 11. A sala,

girando. A lareira, o mapa emoldurado acima dela, a porta aberta para o saguão...

A mulher morta, de barriga para baixo em um mar vermelho. Como se todo o sangue dentro dela tivesse sido espremido, cada gota dele.

Faço um ruído que poderia ser um grito. Tento dizer o nome de Kit, mas não funciona. Onde está o telefone? Não em sua base. Onde está meu BlackBerry? Será que devo ligar para a emergência? Ofegante, procuro algo, sem saber o quê. Não consigo desviar os olhos da tela. O sangue ainda corre, a mulher girando lentamente. *Ela deve estar morta; deve ser o sangue dela. Vermelho no exterior, quase negro no meio. Vermelho enegrecido, grosso como alcatrão. Faça parar de girar.*

Levanto, derrubo a cadeira. Ela cai no chão com um baque. Eu me afasto da escrivaninha, querendo apenas escapar. Uma voz em minha cabeça grita: *fora, fora!* Estou cambaleando na direção errada, para longe da porta. *Não olhe. Pare de olhar.* Não consigo evitar. Minhas costas batem na parede; algo duro pressiona minha pele. Ouço algo quebrar, piso em algo que estala. A dor toma as solas dos pés. Baixo os olhos e vejo vidro quebrado. Sangue. Dessa vez, meu.

De algum modo saio do quarto e fecho a porta. Melhor; agora há uma barreira entre mim e aquilo. Kit. Preciso de Kit. Entro em nosso quarto, acendo a luz e caio em lágrimas. Como ele ousa estar dormindo?

— Kit?

Ele grunhe. Pisca.

— Apague a luz — ele murmura, grogue de sono. — Que porra é essa? Que horas são?

Fico ali de pé, chorando, meus pés sangrando no tapete branco.

— Con? — chama Kit, se sentando e esfregando os olhos. — Qual o problema? O que aconteceu?

— Ela está morta — digo a ele.

— Quem está morta? — ele pergunta, agora alerta. Procura os óculos nos pés da cama e os coloca.

— Não sei! Uma mulher — digo, soluçando. — No computador.

— Que mulher? Do que você está falando? — ele reage jogando as cobertas para o lado e saindo da cama. — Seu... O que houve com seus pés? Estão sangrando.

— Não sei — respondo, e é o melhor que posso fazer. — Eu fiz um passeio...

Estou com dificuldade de respirar e falar ao mesmo tempo.

— Apenas me diga que todo mundo está bem. Sua irmã, Benji...

— O quê? — reajo. Minha irmã? — Não tem nada a ver com eles, é uma mulher. Não consigo ver o rosto.

— Você está branca como um lençol, Con. Teve um pesadelo?

— No meu laptop. Ela está lá agora — digo, soluçando. — Está morta. Só pode estar. Temos de chamar a polícia.

— Querida, não há nenhuma mulher morta no seu laptop — Kit diz. Ouço a impaciência por trás da tranquilidade. — Você teve um sonho ruim.

— Vá lá e olhe! — grito com ele. — Não é um sonho. Vá lá e veja você mesmo!

Ele baixa os olhos novamente para meus pés. Para o rastro de sangue no tapete e nas tábuas — uma linha vermelha pontilhada levando à porta do quarto.

— O que aconteceu com você? — pergunta. Fico pensando em quão culpada pareço. — O que está acontecendo?

O tom preocupado sumiu; sua voz é dura de desconfiança. Sem esperar minha resposta, ele segue para o quarto extra.

— Não! — grito.

Ele para no umbral. Vira.

— Não? Achei que você queria que eu olhasse seu computador.

Eu o irritei. Qualquer coisa que perturbe seu sono o deixa irritado. Não posso deixar que vá até lá antes de explicar, ou tentar.

— Eu fiz um passeio virtual por Bentley Grove, 11 — digo.

— *O quê?* Cacete, Connie.

— Escute. Apenas escute, certo? Está à venda, Bentley Grove, 11 está à venda.

— Como você sabe disso?

— Eu... Eu apenas sei, certo? — digo, e enxugo o rosto. Se estou sendo atacada, não posso chorar. Tenho de me concentrar em me defender.

— Isso é... Connie, isso é *tão* maluco que não sei onde...

Kit passa por mim, tenta voltar para a cama.

Eu agarro seu braço para detê-lo.

— Fique com raiva depois, mas primeiro me escute. Certo? É só o que estou pedindo.

Ele puxa o braço. Odeio o modo como me encara.

O que você espera que ele faça?

— Estou escutando — diz ele em voz baixa. — Tenho escutado você falar sobre Bentley Grove, 11 há seis meses. Quando isso vai terminar?

— Está à venda — digo, o mais calmamente que consigo. — Eu olhei em Roundthehouses, um site imobiliário.

— Quando?

— Agora, logo... Antes.

— Você esperou que eu dormisse? — reage Kit, balançando a cabeça de desgosto.

— Havia um passeio virtual, e eu... Eu achei que... — digo, e me interrompo. Melhor não dizer no que estava pensando. Não que ele não possa adivinhar. — Havia uma mulher, na sala de estar, caída no chão, sangue ao redor, uma poça enorme...

Descrever me dá vontade de vomitar.

Kit recua um passo, olha para mim como se nunca tivesse me visto.

— Vamos esclarecer isso: você entrou em Roundthehouses, fez um passeio virtual por Bentley Grove, 11, que por acaso sabe estar à venda, e viu uma mulher morta em uma das salas?

— Sala de estar.

Ele ri.

— Isso é inventivo, mesmo para você.

— Ainda está na tela. Vá e olhe, se não acredita em mim.

Estou tremendo, de repente gelada.

Ele vai se recusar. Vai ignorar o que acabei de contar e voltar a dormir, para me punir, e porque não pode ser verdade. Não pode haver uma mulher morta caída em um mar de sangue no site da Roundthehouses.

Kit suspira.

— Certo. Eu vou olhar. Evidentemente sou um idiota tão grande quanto você acha que sou.

— Não estou inventando! — grito para ele. Quero ir junto, mas meu corpo não se move. *A qualquer segundo ele verá o que vi.* Não suporto a espera, saber que vai acontecer.

— Ótimo! — ouço Kit dizer a si mesmo. Ou talvez esteja falando comigo. — Sempre quis ver a lava-louça de um estranho no meio da noite.

Lava-louça. O passeio deve estar sendo reprisado. Na minha ausência, recomeçou desde o início.

— A obrigatória ilha central na cozinha — murmura Kit. — Por que as pessoas fazem isso?

— A sala de estar é depois da cozinha — digo a ele.

Eu me forço a ir até o umbral; é o mais perto que estou disposta a ir. Não consigo respirar. Odeio a ideia de que Kit está prestes a ver o que vi — ninguém deveria ter de ver. É horrível demais. Ao mesmo tempo preciso que ele...

O quê? Confirme que era real, que você não imaginou?

Eu não imagino coisas que não existem. *Não.* Algumas vezes me preocupo com coisas com que talvez não devesse me preocupar, mas não é a mesma coisa. Sei o que é real e o que não é. Meu nome é Catriona Louise Bowskill. *Verdadeiro.* Tenho trinta e quatro anos de idade. *Verdadeiro.* Moro na Melrose Cottage, Little Holling, Silsford, com meu marido Christian, mas ele sempre foi conhecido como Kit, assim como eu sempre fui conhecida como Connie. Temos nossa própria empresa — chamada Nulli Secundus. Somos consultores de administração de informações, ou melhor, Kit é. Meu cargo oficial é diretora empresarial e financeira. Kit trabalha na Nulli em tempo integral. Eu, três vezes por semana. Às terças e quintas trabalho na empresa de meus pais, Monk & Sons Fine Furnishings, onde tenho um título mais antiquado: contadora. Minha mãe e meu

pai são Val e Geoff Monk. Eles moram na minha rua. Tenho uma irmã, Fran, de trinta e dois. Ela também trabalha na Monk & Sons; cuida do departamento de cortinas e persianas. Ela tem um companheiro, Anton, e, juntos, um filho de cinco anos, Benji. Todas essas coisas são verdadeiras, e também é verdade — verdade exatamente do mesmo jeito — que há menos de dez minutos eu fiz um passeio virtual por Bentley Grove, 11, Cambridge, e vi uma mulher morta caída sobre um carpete encharcado de sangue.

— Bingo: a sala de estar — ouço Kit dizer. Seu tom me dá um arrepio na espinha. Como ele pode soar tão relaxado, a não ser... — Escolha interessante de mesinha de centro. Forçando um pouco demais, eu diria. Sem mulher morta, sem sangue.

Como? Do que está falando? Ele está errado. Sei o que vi.

Abro a porta e me forço a entrar no quarto. *Não. Não é possível.* A sala de estar de Bentley Grove, 11 gira lentamente na tela, mas não há corpo nela — nada de mulher caída de barriga para baixo, nada de poça vermelha. O carpete é bege. Chegando mais perto, vejo que há uma marca fraca em um canto, mas...

— Não está aí — digo.

Kit se levanta.

— Estou voltando para a cama — diz, a voz dura de fúria.

— Mas... como pôde desaparecer?

— Não — ele diz, levantando o punho e o lançando sobre a parede. — Não vamos falar sobre isso agora. Eu tive uma boa ideia: não vamos falar sobre isso nunca mais. Vamos fingir que não aconteceu.

— Kit...

— Não posso continuar assim, Con. *Nós* não podemos continuar assim.

Ele passa por mim. Ouço a porta do quarto batendo. Chocada demais para chorar, sento na cadeira que ainda está quente do corpo de Kit e olho para a tela. Quando a sala desaparece, eu espero que volte, para o caso de a mulher morta e o sangue também voltarem. Parece improvável, mas o que já aconteceu também é improvável, e ainda assim aconteceu.

Faço o passeio por Bentley Grove, 11 quatro vezes. Sempre que a cozinha escurece, prendo a respiração. Toda vez a sala de estar retorna impecável, sem mulher morta ou sangue. Finalmente, porque não sei o que mais fazer, clico no "x" no canto superior direito da tela e fecho o passeio.

Não é possível.

Mais uma vez, começando do zero. Clico no ícone do Internet Explorer, retorno a Roundthehouses, refaço meus passos: encontro Bentley Grove, 11 novamente, clico no botão do passeio virtual, sento e assisto. Não há mulher. Não há sangue. Kit continua certo. Eu continuo errada.

Fecho o laptop com força. Tenho de limpar o vidro quebrado e as manchas de sangue reais no meu próprio carpete. Baixo os olhos para o certificado de registro da Nulli caído no chão em sua moldura quebrada. Em meu choque de ver a mulher morta, devo tê-lo derrubado da parede. Kit ficará chateado com isso. *Como se já não tivesse o bastante com que ficar chateado.*

Dar uma nova moldura ao certificado é fácil. Decidir o que fazer com uma mulher morta desaparecida, que, para começar, você pode ter imaginado, não é tão fácil.

Pelo que vejo, tenho duas opções. Posso tentar esquecer, me convencer a acreditar que a cena horrenda que vi só existiu em minha cabeça. Ou posso telefonar para Simon Waterhouse.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/19IG

ESCOLA PRIMÁRIA CAVENDISH LODGE

BOLETIM Nº 581

Data: Segunda-feira, 19 de outubro de 2009

Pensamentos de outono da turma da sra. Kennedy

Castanhas são...

Macias e sedosas,
Aveludadas e marrom-chocolate
E vermelho-ferrugem por fora.
As cascas brilhantes são quebradiças
Cremosas e frias ao toque.
Eu adoro o outono porque
Castanhas caem das árvores no outono.
Eu adoro MUITO castanhas!

Riordan Gilpatrick

Castanhas

Elas caem das árvores
Acertam você na cabeça.
Você pode amarrar em cordas
Ter lutas com elas
Você pode colecionar
E colocá-las na prateleira.
Verde-marrom-laranja-vermelho, essa é a cor das...
Castanhas!

Emily Sabine

Parabéns aos dois — vocês realmente deram vida ao outono em nossas mentes!

Obrigada!

2

17/07/2010

Sendo um homem de apostas, o ID Chris Gibbs cotaria em milhares contra um a possibilidade de Olivia conseguir convencer o responsável a lhes servir outro drinque muito depois de o bar do hotel ter fechado oficialmente. Felizmente, ele teria errado.

— Só mais uma *saideirazinha* — ela suspirou, como se partilhando um segredo. Onde conseguiu aquela voz? Não podia ser natural; nada nela parecia natural.

— Bem, talvez não tão zinha — Olivia emendou rapidamente, assim que a princípio garantira uma concordância. — Um Laphroaig duplo para Chrissy e um Baileys duplo para mim, já que estamos celebrando.

Gibbs ficou tenso. Ninguém nunca antes se referira a ele como “Chrissy”. Rezou para que não acontecesse novamente, mas não queria criar caso. *Cacete*. Será que o funcionário achava que ele chamava a si mesmo de Chrissy? Esperava que fosse evidente pela sua aparência que não, jamais.

Olivia se apoiou no bar enquanto esperava, revelando ainda mais de seu decote de primeira linha. Gibbs notou o funcionário olhar, fingindo não olhar. Todos os homens faziam isso o tempo todo, mas nenhum tão habilidosamente quanto Gibbs, em sua própria opinião nada humilde.

— Os dois sem gelo — disse Olivia. — Ah, e o que você estiver tomando, evidente; não vamos nos esquecer de você! Um duplo alguma coisa deliciosa e *fortemente* alcoólica para você!

Gibbs estava feliz de ela estar tão bêbada quanto estava. Mais cedo, sóbria, ela fora um pouco exagerada, mas ele sabia como lidar com bêbados; tinha prendido o suficiente deles. Reconhecidamente,

a maioria não usava vestidos dourados de forma engraçada que tinham custado duas mil libras, como Olivia dissera que fora o caso do seu. Ele olhara novamente, expressara sua descrença e ela rira dele.

— Gentil de sua parte, madame, mas estou bem, obrigado — disse o funcionário.

— Eu disse que era sem gelo? Não consigo lembrar se disse ou só pensei. Isso sempre acontece comigo. Nenhum de nós gosta de gelo, certo? — perguntou Olivia, se virando para Gibbs e depois, antes que ele tivesse a oportunidade de responder, de volta para o funcionário. — Não sabíamos que tínhamos algo em comum; quero dizer, olhe para nós! Somos muito diferentes! Mas, no final, nós dois detestamos gelo.

— Muitas pessoas detestam — disse o funcionário, sorrindo. Talvez não houvesse nada que ele gostasse mais do que passar a noite inteira acordado, vestido como um mordomo dos anos 1920, servindo drinques para uma mulher elegante e ruidosa e um policial inamistoso que já tinha bebido demais. — Mas outras tantas, não.

Sirva nossas bebidas e nos poupe das observações tediosas. Gibbs agarrou seu Laphroaig e voltava para a mesa quando ouviu Olivia perguntar:

— Não vai nos perguntar o que estamos celebrando?

Ele não sabia se seria indelicado deixá-la sozinha, se deveria voltar e se juntar a ela; demorou menos de um segundo para decidir que não ligava. Se ela e o sócia de Jeeves queriam entediá-lo até a morte, problema deles. Gibbs tinha sua bebida, a extra que ele achava que não iria conseguir; era tudo o que queria.

— Tivemos um casamento hoje, e adivinhe? — berrou a voz de Olivia atrás dele. — Não havia mais ninguém! Além da noiva e do noivo, quero dizer. Minha irmã Charlie era a noiva. Chris e eu fomos as duas testemunhas e os únicos convidados.

Então chega de "Chrissy". Graças a Deus!

— Cada um escolheu um — continuou Olivia. — Charlie me escolheu e Simon escolheu... Desculpe, eu mencionei Simon? Ele é o marido da minha irmã; a partir de hoje! Simon Waterhouse. O noivo.

Ela disse isso como se o funcionário devesse ter ouvido falar dele.

Gibbs ficou um pouco irritado, provavelmente apenas por estar embriagado, por ela não ter terminado a frase: *e Simon escolheu Chris*. Era bastante claro, embora não tivesse dito. Se cada um deles escolheu uma testemunha e Charlie escolheu Olivia, então Waterhouse só podia ter escolhido Gibbs. Não que o funcionário do hotel precisasse saber disso. Era verdadeiro, soubesse ou não.

Ontem, antes de partir para Torquay, Gibbs perguntara à esposa Debbie por que achava que Waterhouse o escolhera. “Por que não você?”, ela respondera sem erguer os olhos da camisa que estava passando, claramente nada interessada em discutir aquilo. No momento não havia espaço em sua cabeça para nada além do seu bebê de proveta. Fizera a transferência de embriões na terça-feira — dois haviam sido implantados, os dois espécimes mais saudáveis. Gibbs rezava a Deus para que não terminasse com gêmeos. Um seria...

Ruim o bastante? Não, não ruim, exatamente. Mas duro. E se os embriões não vingassem, se Debbie ainda não engravidasse depois de tanto trabalho e de todo o dinheiro que tinham gastado, isso seria ainda mais duro. A pior coisa era ter de conversar eternamente sobre a falta de um bebê quando isso entediava tanto Gibbs e ele não podia admitir. Ele não ligava mais. Concordara que um bebê era uma boa ideia quando achara que seria fácil, mas se não fosse fácil, se fosse um pesadelo interminável como estava se revelando ser, então para que se incomodar? O que havia de tão especial nos seus genes ou nos de Debbie que precisasse ser passado para frente?

Olivia se jogou ao lado dele.

— Ele deixou as garrafas no bar caso queiramos uma última, disse que podemos acertar pela manhã. Que homem adorável!

Mais cedo Gibbs desejara que ela parasse de falar e baixasse a voz. Agora que só restavam eles, não importava. A música terminara mais de uma hora antes. As velas nas paredes foram apagadas no mesmo momento e as luzes brilhantes do teto acesas. Havia um clima de manhã seguinte no bar do hotel, embora, no que dizia respeito a Gibbs, ainda fosse a noite anterior.

— Então, você vai me contar? — ele perguntou.

— Contar o quê?

— Onde eles estão. Waterhouse e Charlie.

Gibbs imaginava que se Olivia soubesse, ele também tinha o direito de saber. Como as únicas duas testemunhas, deviam ter acesso igual a toda informação relevante.

— Se não lhe disse às dez horas, às onze, à meia-noite ou uma hora, por que lhe diria agora?

— Você bebeu mais. Suas defesas estão baixas.

Olivia ergueu uma sobrancelha e riu.

— Minhas defesas nunca estão baixas. Quanto mais baixas parecem, mais erguidas estão. Se é que isso faz sentido — disse, se inclinando para frente. *Alerta de decote*. — Por que você o chama de Waterhouse?

— É o nome dele.

— Por que não o chama de Simon?

— Não sei. Todos nos chamamos por nossos sobrenomes: Gibbs, Waterhouse. Sellers. Todos fazemos isso.

— Sam Kombothekra não — disse Olivia. — Ele chama você de Chris, eu já ouvi. Chama Simon de Simon. E Simon o chama de Sam, mas você não; ainda o chama de Stepford. Foi seu apelido original para ele, e se aferrou a isso — comentou, e apertou os olhos. — Você tem medo de mudança.

Gibbs ficou pensando o que tinha acontecido à boba inebriada com quem estivera bebendo até minutos atrás. Ela obviamente não estava tão mal quanto ele pensara.

— É um bom apelido — disse. — Ele sempre será Stepford para mim.

Ele iria para a cama depois desse drinque, com ou sem garrafa no bar. Uma mulher como Olivia Zailer não podia estar interessada em nada que ele tivesse a dizer. Saber disso tornava difícil conversar com ela.

— Não está surpreso de eu saber quem chama quem como, sem sequer trabalhar com vocês?

— Na verdade não.

— Hum — disse, soando insatisfeita. — Por que você acha que Simon escolheu você e não Sam? Como testemunha?

Gibbs tomou o cuidado de não se entregar, dando a parecer que aquilo importava.

— Seu palpite é tão bom quanto o meu.

— É óbvio por que ele não escolheu Colin Sellers, um adúltero dedicado — disse Olivia. — Simon acharia que daria azar ao casamento com Charlie ter um fornicador barato envolvido no processo.

— Isso é idiota — disse Gibbs. — O que Sellers faz é problema dele.

O Fornicador, *estrelando ID Colin Sellers. ID Colin Sellers está de volta em Fornicador II*. Gibbs sorriu. Todo um novo mundo de oportunidades de sacanear acabara de se abrir. Desejou ter pensado nisso ele mesmo.

— Com Colin de fora, as opções de Simon eram você ou Sam — continuou Olivia. — Inicialmente achei que ele não iria querer Sam por falar demais. Sabia que ele e Charlie voariam no meio da noite e nos deixariam sozinhos; eu e a outra testemunha. Simon odiaria a ideia de Sam e eu fofocando sobre ele.

— Stepford não fofoca — disse Gibbs.

— Talvez não normalmente, mas ele estaria comigo, especialmente depois de alguns drinques. E diria a si mesmo que não estava fofocando, apenas *discutindo*, como você sabe que as pessoas fazem.

— Você avalia que fui escolhido porque eu não fofoco?

— Fofocar? — diz Olivia com um risinho. — Você mal fala. Você faz questão de dizer o mínimo possível. Seja como for, não, essa foi só a minha primeira teoria — diz, e toma um gole. — A segunda foi que Simon descartou Sam com base em sua alta posição; convidar seu superior para ser sua testemunha poderia parecer puxa-saquismo, embora não tivesse sido; Simon é a pessoa menos puxa-saco que já conheci, e odiaria que alguém pensasse o contrário.

Então Sellers era um descarte e Stepford era um descarte. O que deixava apenas Gibbs.

— Então decidi, em minha terceira teoria, que Simon o escolheu porque tem mais respeito por você do que tem por Sam, embora

ache Sam mais *gentil*. Ele acha você mais inteligente. Ou mais como ele, talvez. Você é um enigma, enquanto Sam é um livro aberto.

Gibbs não conseguia entender por que ela se importava. Parecia ter pensado naquilo tanto quanto ele, e avançado mais: três respostas contra nenhuma sua.

— Não suportei o suspense, então fiz Charlie perguntar a ele — contou.

A mão de Gibbs apertou o copo.

— E?

— Simon contou que se sente mais próximo de você que de Colin ou Sam — revelou Olivia, rindo em seguida. — O que eu achei *hilariante*, considerando que aposto que vocês nunca tiveram uma única conversa sobre nada além de trabalho.

— Não tivemos — confirmou Gibbs. Ele virou o resto do drinque e foi se servir de outro, não querendo notar ou refletir sobre a repentina melhora em seu humor. — Se você gosta tanto de falar, por que não me conta onde o feliz casal está? Não vou entregar tudo para a mãe de Waterhouse.

Gibbs só encontrara Kathleen Waterhouse uma vez, na festa de noivado. Ela parecera tímida, discreta, o tipo de pessoa que desaparece em segundo plano. Gibbs não conseguia entender por que ela não pudera ir ao casamento do filho, por que era tão crucial que não descobrisse onde ele iria passar a lua de mel.

— Respondo a qualquer pergunta, menos essa — disse Olivia, em tom de desculpas. — Desculpe, mas Charlie me fez jurar.

— Não vou fazer nenhuma outra pergunta. Essa é a pergunta que estou fazendo, e continuarei a fazer. Embora ache que sei onde estão. Não precisa ser um gênio.

— Você não tem como saber, a não ser que seja um médium — disse Olivia, parecendo preocupada.

— Você falou a respeito de eles voarem para me tirar da pista. Eles não voaram para lugar nenhum, não é? Ainda estão aqui — anunciou Gibbs sorrindo, satisfeito com sua teoria.

— *Aqui?* Quer dizer, em Torquay?

— Aqui: o Blue Horizon Hotel; o último lugar que esperaria que estivessem, depois da grande cena de partida há algumas horas.

Olivia girou os olhos simulando exasperação. Ou talvez fosse de verdade.

— Eles não estão aqui, e este não é o Blue Horizon Hotel. É Blue Horizon.

Ela estava de sacanagem?

— Foi o que disse.

— Não, você o chamou de Blue Horizon Hotel.

— Chama-se Blue Horizon, é um hotel — disse Gibbs, impaciente.
— Isso faz dele o Blue Horizon Hotel.

— Não faz, não — disse Olivia, examinando-o como se ele fosse de outro planeta. — Blue Horizon é o nome de um estabelecimento de primeira linha, que é isto. Chame de Blue Horizon Hotel e ele se transforma em um B&B vagabundo de litoral.

— Certo. Acho que sou vagabundo demais para saber a diferença.

— Não, não quis dizer... Ah, Deus, sou uma idiota! Agora o ofendi e você vai se trancar novamente, justamente quando esquentei você.

— Tenho de ir para cama — disse Gibbs. — Não consigo mais escutar você. Você é como um suplemento colorido dominical; cheia de todo tipo de merda.

Olivia arregalou os olhos. Olhou para ele em silêncio.

Bosta. Isso sim é terminar o dia em alto-astral.

— Olhe, eu não quis...

— Tudo bem. Provavelmente mereci isso — disse Olivia secamente. — É típico: o homem que não fala consegue dizer *uma* coisa, e acaba sendo algo horrível sobre mim que vou ter de carregar comigo e me sentir um lixo por pelo menos um ano.

— Não quis dizer no mau sentido — disse Gibbs. — Foi só uma observação.

— Você quer saber onde Simon e Charlie estão? Legal. Posso fazer melhor que lhe contar; posso mostrar uma foto da vila deles — disse Olivia, tirando o celular da bolsa e começando a apertar botões.

Será que ela esperava que Gibbs dissesse "Não, esqueça, não importa"? Se fosse assim, ela ficaria desapontada. Se ele queria saber antes, por que teria mudado de ideia agora, só porque ela estava chateada e com raiva?

Depois de alguns segundos digitando, Olivia colocou o celular diante do rosto dele.

— Aí está. Los Delfines: a vila de lua de mel.

Gibbs olhou para a pequena fotografia de um comprido prédio branco de dois andares que poderia ter sido projetado para acomodar vinte pessoas. Havia varandas na maioria das janelas. Jardins com paisagismo, um bar externo e área para churrasco, uma piscina que parecia grande o bastante para uma prova olímpica, tudo reluzindo sob um sol brilhante.

— Espanha? — chutou Gibbs.

— Puerto Banus. Perto de Marbella.

— Tudo isso só para os dois? Nada mau.

— Seguro contra infelicidade — disse Olivia, ainda soando chateada. — Quinze mil. Ninguém pode ser infeliz em um lugar assim, certo?

— Por que eles ficariam infelizes? Estão em lua de mel.

Gibbs não achou que ela fosse responder. Então ela falou.

— Durante anos o ressentimento motriz de Charlie foi *não ter* Simon, em qualquer sentido e em todos. Agora que eles se casaram, ela o tem. Algumas vezes, quando você consegue algo, deixa de querer.

— Algumas vezes você deixa de querer antes de conseguir — disse Gibbs.

— Você deixa? Eu não.

— Como você disse? O ressentimento motriz da minha esposa Debbie é não conseguir ter um filho. Eu deixei de querer um.

— Ela deixou? — Olivia perguntou.

— Não.

Quem dera.

— Aí está. E para começar, você provavelmente não quis um tanto assim.

— Sobe comigo — disse Gibbs.

— Subir?

— Para meu quarto. Ou o seu.

— Por quê? — retrucou Olivia.

— O que você acha?

O que você está fazendo, idiota? Não reconhece uma ideia ruim quando tem uma?

— Por quê? — ela perguntou novamente.

— Eu poderia dizer: “Porque pelo menos uma vez, pra variar, eu queria fazer sexo com alguém que não está obcecada por engravidar.” Ou então: “Porque estou bêbado e safado.” Ou: “Hoje é uma ocasião especial e amanhã nós dois voltaremos à vida normal.” Que tal: “Porque você é a mulher mais bonita e sensual que já conheci?” Arriscado: você poderia não acreditar em mim.

Olivia franziu o cenho.

— Idealmente você deveria repassar suas opções de respostas em silêncio, na privacidade de sua própria cabeça. Não em voz alta comigo.

Na privacidade de sua própria cabeça. Era por causa das coisas que ela dizia. Não que ele fosse lhe contar isso um dia.

Ele tirou o copo da mão dela e o pousou na mesa.

— Diga sim. É fácil.

3

Sábado, 17 de julho de 2010

— Por que você quer falar com Simon Waterhouse? — pergunta o detetive chamado Sam. Seu sobrenome é algo comprido e incomum começando com K; ele soletrou ao se apresentar. Eu não aprendi, e não acho que pudesse perguntar novamente. Ele é alto, tem boa aparência, cabelos pretos e pele morena. Veste terno preto e camisa branca com finas listras lilases costuradas, como linhas picotadas. Sem gravata. Não consigo parar de olhar para seu pomo de adão. Parece suficientemente afiado para perfurar a pele. Eu o imagino cortando o pescoço, um arco de sangue brotando. Balanço a cabeça para eliminar a fantasia mórbida.

Ele quer que eu diga novamente?

— Vi uma mulher caída de barriga para baixo...

— Você me entendeu mal — ele interrompe, sorrindo para mostrar que não queria ser rude. — Eu quis saber por que Simon Waterhouse em particular.

Kit está na cozinha fazendo chá para nós. Fico contente. Acharia mais difícil responder à pergunta com ele escutando. Se eu não me sentisse tão horrível, isto poderia ser divertido, como uma espécie de pantomima bizarra: *O policial que veio para o chá*. São apenas oito e meia; deveríamos estar oferecendo um café da manhã a ele. Talvez Kit traga croissants com a bebida. Caso contrário, não oferecerei. Não consigo pensar em nada além da mulher morta. Quem é ela? Alguém, além de mim, sabe ou se importa com ela ter sido assassinada?

— Tenho me consultado com uma homeopata nos últimos seis meses. Tive dois pequenos problemas de saúde, nada sério.

Havia necessidade de contar isso a ele? Eu me contenho antes de acrescentar que meus problemas dizem respeito à minha saúde emocional, e que minha homeopata é também uma terapeuta. Meu desejo de fugir da verdade me deixa com raiva — de mim mesma, de Kit, Sam K, todo mundo. Não há vergonha alguma em precisar conversar com alguém.

Então por que está envergonhada?

— Alice, a minha homeopata, sugeriu que eu conversasse com Simon Waterhouse. Ela falou...

Não diga isso. Ele ficará predisposto contra você.

— Prossiga — disse Sam K, se esforçando ao máximo para parecer gentil e inofensivo.

Decido recompensar seus esforços com uma resposta honesta.

— Falou que ele era diferente de todos os outros policiais. Disse que acreditaria no inacreditável, se fosse verdade. E é verdade. Eu vi uma mulher morta naquela sala. Não sei por quê... Por que ela não estava mais lá quando Kit foi olhar. Não posso explicar, mas isso não significa que não haja uma explicação. Tem de haver uma.

Sam K assente. Seu rosto é inescrutável. Talvez ele se dedique a encorajar malucos. Se acha que sou maluca, gostaria que dissesse claramente: *A senhora é doida, sra. Bowskill*. Disse a ele para me chamar de Connie, mas não acho que queira. Desde que falei, não me chamou de nada.

— Onde está Simon? — pergunto. Quando liguei para o celular dele ontem à noite, a voz gravada me disse que não estava disponível, não por quanto tempo ou por quê, e deu um número para ligar em caso de emergência: o número de Sam K, descobri.

— Está em lua de mel.

— Ah.

Ele não me disse que iria se casar. Não havia motivo, suponho.

— Quando estará de volta?

— Ficaré quinze dias fora.

— Desculpe ter ligado para o senhor às 2 da manhã. Deveria ter esperado até de manhã, mas... Kit voltara a dormir e eu não podia simplesmente não fazer nada. Tinha de contar a alguém o que tinha visto.

Quinze dias. Claro — é a duração das luas de mel. A minha e de Kit foi ainda mais longa: três semanas no Sri Lanka. Lembro-me de mamãe perguntando se a terceira semana era “realmente necessária”. Kit disse educadamente, mas com firmeza, que era. Acertara tudo e não gostou de ela encontrar furos no planejamento. Os hotéis que escolheu eram tão bonitos que mal pude acreditar que eram reais, e não algo de sonho. Passamos uma semana em cada um. Kit apelidou o último de “o Hotel Realmente Necessário”.

Simon Waterhouse tem direito à sua lua de mel, assim como Kit tem direito ao seu sono. Assim como Sam K tem direito a lidar com minhas preocupações rapidamente e cedo, para poder desfrutar do resto de seu sábado. Não é possível que todas as pessoas com as quais entro em contato me decepcionem; deve ser algo que estou fazendo errado.

— Ele não mencionou seu nome na mensagem da secretária, apenas o número do telefone — digo. — Achei que seria algum serviço de emergência, como os médicos têm.

— Não se preocupe com isso. Realmente foi uma boa novidade receber um telefonema de emergência que não fosse da mãe de Simon.

— Ela está bem? — perguntei. Senti que era esperado de mim.

— Isso depende do ponto de vista — diz Sam K, sorrindo. — Telefonou duas vezes desde que Simon partiu ontem, chorando e dizendo que precisava falar com o filho. Simon já havia avisado que ele e Charlie não iam levar celulares, mas acho que ela não acreditou. E agora não acredita em mim quando digo que não sei onde ele está, o que é verdade.

Fico pensando se a pessoa Charlie partilhando a lua de mel com Simon Waterhouse é homem ou mulher. Não que isso faça qualquer diferença.

Kit entra com os aparatos do chá e um prato de biscoitos de chocolate em uma bandeja de madeira.

— Fique à vontade — diz a Sam K. — Como estamos?

Ele quer progresso, soluções. Quer ouvir que esse especialista curou sua esposa durante os dez minutos que passou na cozinha.

Sam K se empertiga.

— Estava esperando o senhor, então ia explicar — diz, se virando de Kit para mim. — Fico feliz em ajudar o quanto puder, e posso colocá-la em contato com a pessoa certa caso decida levar isso adiante, mas não é algo com o que eu possa lidar diretamente. Simon Waterhouse também não poderia lidar com isso, mesmo que não estivesse em lua de mel, e mesmo se...

Ele fica sem palavras, morde o lábio.

Mesmo se essa não fosse a história mais delirante que já ouvi, e provavelmente uma enorme besteira. Foi o que se impediu de dizer.

— Se há uma mulher caída, ferida ou morta em uma casa em Cambridge, então é com a polícia de Cambridgeshire que a senhora precisa falar.

— Ela não estava ferida. Estava morta. Aquele volume de sangue não sai de uma pessoa sem que esteja morta. E estou disposta a falar com quem for preciso; dê um nome e onde posso encontrá-lo, e o farei.

Kit deu um suspiro ou imaginei isso?

— Certo. — Tendo se servido de uma xícara de chá, Sam K pega bloco e caneta. — Por que não conferimos os detalhes? A casa em questão fica em Bentley Grove, 11, certo?

— Bentley Grove, 11, Cambridge. CB2 9AW.

Está vendo, Kit? Sei de cor até o código postal.

— Conte exatamente o que aconteceu, Connie. Com suas palavras.

E as de quem eu iria usar?

— Eu estava navegando em um site imobiliário, Roundthehouses.

— A que hora foi isso?

— Tarde. Uma e quinze da madrugada.

— Importa-se se perguntar por que tão tarde?

— Às vezes tenho dificuldade em dormir.

Um deboche distorce o rosto de Kit por um segundo; só eu percebo sua presença fugaz. Ele está pensando que, caso seja verdade, é culpa minha por me entregar à paranoia: escolhi me atormentar com problemas imaginários. Ele é são e normal, portanto dorme bem.

Como posso conhecê-lo tão bem a ponto de ler seus pensamentos e, ao mesmo tempo, ter medo de não conhecê-lo? Se olhasse uma radiografia de sua personalidade, veria apenas o que sei que está lá — sua convicção de que o chá tem melhor gosto saindo do bule e se você colocar o leite na xícara primeiro, sua ambição e seu perfeccionismo, seu senso de humor surreal — ou haveria uma massa escura desconhecida no centro, maligna e aterrorizante?

— Por que um site imobiliário, e por que Cambridge? — me pergunta Sam K. — Estão pensando em se mudar para lá?

— Decididamente, não — diz Kit com firmeza. — Acabamos de dar os últimos retoques neste lugar, seis anos depois de termos comprado. Quero passar pelo menos esse tempo desfrutando dele. Eu disse a Connie: se tivermos um bebê nos próximos seis anos, ele terá de dormir na gaveta de um arquivo.

Ele sorri, pega um biscoito e continua.

— Não tive todo esse trabalho só para vender e deixar alguém ficar com os benefícios. Além disso, temos uma empresa com sede aqui, e Connie foi um pouco descontrolada com o papel timbrado, então não podemos nos mudar antes de termos escrito pelo menos outras quatro mil cartas.

Sei o que vai acontecer antes que aconteça: Sam K vai perguntar sobre a Nulli. Kit responderá longamente; é impossível explicar rapidamente nosso trabalho, e meu marido é um grande apreciador de detalhes. E terei de esperar para falar sobre a mulher morta.

Connie foi um pouco descontrolada.

Ele disse isso deliberadamente, para plantar na cabeça de Sam K a ideia de que sou um tipo de pessoa que se descontrola facilmente? Alguém que encomenda seis vezes mais papel timbrado que o necessário também pode alucinar sobre um corpo morto caído em uma poça de sangue.

Escuto enquanto Kit descreve nosso trabalho. Nos últimos três anos, a equipe da Nulli, de vinte e tantos funcionários, tem trabalhado em tempo integral para o grupo financeiro London Allied Capital. O governo dos Estados Unidos está processando o grupo, que, como muitos bancos do Reino Unido, tem um longo histórico de negociar com financiadores de terrorismo e inadvertidamente

permitir que pessoas na lista negra realizem transferências em dólares para os Estados Unidos. O London Allied Capital está no momento recuando para reparar o erro, ficar de bem com o OFAC, o escritório americano de controle de recursos no exterior, e minimizar o dano final, que quase certamente será uma multa multimilionária. A Nulli foi contratada para criar sistemas de filtragem de dados que permitam ao banco desenterrar todas as transações questionáveis escondidas em seu histórico, de modo a ficar limpo perante o Departamento de Justiça americano.

Como todos a quem Kit explica, Sam K parece impressionado e confuso em doses iguais.

— Então vocês têm uma base em Londres? Ou vão e voltam?

— Connie fica aqui, eu fico metade do tempo aqui, metade lá — diz Kit. — Alugo um apartamento em Limehouse; basicamente uma caixa com uma cama. No que me diz respeito, só tenho um lar, e é Melrose Cottage.

Ele olha para mim ao dizer isso. Espera uma salva de palmas?

— Posso ver que um pequeno apartamento em Londres teria dificuldade em competir com este lugar — diz Sam, olhando ao redor da sala. — Tem muita personalidade.

Ele se vira para estudar a cópia emoldurada na parede atrás — uma fotografia da King's College Chapel, com uma garota rindo sentada nos degraus. Será que ele sabe que está olhando para uma imagem de Cambridge? Caso saiba, não diz nada.

A cópia foi um presente de Kit, e sempre odiei. No *passe-partout*, embaixo, alguém escreveu "4/100". "Não é uma marca muito boa", eu disse quando Kit me deu. "Quatro por cento".

Ele riu. "É a quarta de uma série de cem cópias, boba. Só há cem dessas no mundo. Não é bonita?"

"Achei que você não gostasse de coisas produzidas em série", disse, determinadamente ingrata.

Ele ficou magoado. "A inscrição à mão '4/100' a torna única. Por isso múltiplos são numerados", falou, suspirando. "Você não gostou, não é?"

Eu me dei conta de como estava sendo egoísta, e fingi que sim.

— Minha esposa chama casas como esta de “prontas para a câmara” — diz Sam K. — No instante em que cruzei o umbral, me senti inferior.

— Você deveria ver o interior de nossos carros — Kit diz a ele. — Ou melhor, nossas duas lixeiras sobre rodas vazando. Pensei em deixá-las na calçada junto à caçamba em dia de coleta, portas abertas. Talvez o governo tivesse pena de nós.

Eu me levanto. O sangue corre para a cabeça e a sala inclina, fica desfocada. Sinto como se as diferentes partes do meu corpo estivessem se soltando umas das outras, se rompendo e flutuando para longe. Minha cabeça é tomada por um latejar surdo. Isso continua acontecendo. Meu clínico geral não tem ideia de qual possa ser a causa. Fiz exames de sangue, exames por imagem, tudo. Alice, minha homeopata, acha que é a manifestação física de uma perturbação emocional.

A tontura demora alguns segundos a passar.

— O senhor pode muito bem partir — digo a Sam K assim que consigo falar. — Obviamente não acredita em mim, então por que perdermos nosso tempo?

Ele olha para mim concentrado.

— O que a leva a pensar que não acredito?

— Eu posso ser fantasiosa, mas não sou idiota. Está sentado aí comendo biscoitos, conversando sobre caçambas de lixo e decoração de interiores...

— Isso me ajuda a saber um pouco mais sobre você e Kit — diz, nada perturbado com meu ataque. — Quero saber quem são, assim como o que viram.

A abordagem holística. Alice ficaria do lado dele.

— Eu não vi nada — diz Kit, dando de ombros.

— Isso não é verdade — digo a ele. — Você não viu *nada*; você viu uma sala de estar sem um corpo de mulher nela. Isso não é nada.

— Por que um site imobiliário, Connie? — pergunta Sam K novamente. — Por que Cambridge?

— Alguns anos atrás pensamos em nos mudar para lá — digo, incapaz de encará-lo. — Decidimos não fazer isso, mas... Às vezes

ainda penso nisso, e... Não sei, foi uma coisa de momento; não houve uma razão específica para isso. Eu olho todo tipo de coisa estranha na internet quando estou agitada e não consigo dormir.

— Então noite passada você entrou em Roundthehouses, e... O quê? Descreva para mim, passo a passo.

— Procurei propriedades à venda em Cambridge, vi Bentley Grove, 11, entrei nos detalhes...

— Olhou alguma outra casa?

— Não.

— Por quê? O que a levou a escolher Bentley Grove, 11?

— Não sei. Foi a terceira na lista que apareceu. Gostei da aparência, então cliquei nela — digo, e me sento novamente. — Primeiro, olhei as fotografias dos aposentos, depois vi que tinham um passeio virtual, então pensei em dar uma olhada nisso também.

Kit se estica e aperta minha mão.

— Quanto estava sendo pedido? — pergunta Sam K.

Por que ele quer saber isso?

— 1,2 milhão.

— Isso seria possível para vocês?

— Não. De modo algum — digo.

— Então não planejam mudar para Cambridge, e Bentley Grove, 11 estaria fora de alcance, e ainda assim você ficou suficientemente interessada em fazer o passeio virtual, mesmo após ter visto as fotografias?

— Deve saber como é — respondo, tentando não soar defensiva.

— Você se vê clicando em uma coisa após a outra. Não exatamente por uma razão específica, só...

— Ela estava vagando — Kit diz a Sam K. — No sentido de navegar sem um destino. Faço isso o tempo todo quando deveria estar trabalhando.

Ele está me protegendo. Será que espera que eu seja grata pelo apoio? É culpa dele que eu tenha de inventar uma história. *Não sou eu a mentirosa aqui.*

— Certo — diz Sam K. — Então você fez o passeio virtual por Bentley Grove, 11.

— Começou pela cozinha. A imagem ficava girando, o que deixou meus olhos cansados, então eu os fechei, e quando abri vi todo aquele... Vermelho. Eu me dei conta de que estava olhando para a sala de estar, e havia o corpo de uma mulher...

— Como você sabia que era a sala de estar? — corta Sam K.

Não me incomodo com a interrupção. Ela me acalma, me tira do horror que ainda está tão vivo em minha mente, e de volta ao presente.

— Eu a tinha visto em uma das fotografias; era o mesmo cômodo.

Eu já não tinha dito que olhei as fotografias primeiro? Ele está tentando me apanhar?

— Mas não havia corpo de mulher nem sangue na fotografia, certo?

Concordo.

— Vamos deixar o sangue e o corpo de lado por um segundo. Em todo o resto, a sala do passeio virtual era a mesma da sala na fotografia, certo?

— Sim. Tenho quase certeza. Quero dizer, estou tão certa quanto possível.

— Descreva.

— Qual o sentido? — pergunto, frustrada. — Você pode entrar em Roundthehouses e ver com seus próprios olhos. Por que não me pede para descrever a mulher?

— Sei que isso é difícil para você, Connie, mas tem de confiar que tudo o que pergunto é por uma boa razão.

— Quer que eu descreva a sala de estar? — pergunto, me sentindo como se estivesse em uma festa de criança, em um jogo idiota.

— Por favor.

— Paredes brancas, carpete bege. Uma lareira no centro de uma das paredes, azulejos ao redor, não consegui ver os azulejos em detalhes, mas acho que tinham alguma padronagem floral. Eram antiquados demais para a sala.

Só me dou conta disso ao me ouvir dizer, e fico aliviada. Kit poderia escolher azulejos como aqueles para nossa casa, que foi construída em 1750, mas não para uma casa moderna como Bentley

Grove, 11, que não pode ter mais de dez anos. Ele acredita que imóveis novos devem ser totalmente contemporâneos, por dentro e por fora.

Portanto, Bentley Grove não tem nada a ver com ele.

— Continue — diz Sam K.

— Nichos dos dois lados da chaminé. Um sofá prateado em forma de L com brocados vermelhos, uma cadeira com braços de madeira engraçados, uma mesinha de centro com tampo de vidro e flores em uma espécie de vitrine horizontal sob o vidro; flores azuis e vermelhas.

Combinando com os azulejos. Havia mais alguma coisa, algo de que não consigo lembrar. O que era? O que mais vi enquanto a sala girava lentamente?

— Ah, e um mapa acima da lareira; um mapa emoldurado.

Não era isso, mas eu poderia muito bem mencionar. *O que mais?* Será que devo dizer a Sam K que havia algo mais, porém não sei o que é? Faz algum sentido?

— Um mapa de quê? — ele pergunta.

— Não consegui ver; era pequeno demais na imagem. No canto esquerdo superior havia alguns escudos; talvez uns dez.

— Escudos?

— Como lápides de cabeça para baixo.

— Quer dizer brasões? — interfere Kit. — Como quando uma família tem um brasão?

— Sim — É isso. Não conseguia lembrar o nome. — A maioria era colorida e com desenhos, mas um deles era vazio; apenas um contorno.

Seria o brasão vazio o detalhe faltando? Eu poderia fingir que sim, mas estaria me enganando. Minha mente tirou mais alguma coisa daquela sala, algo que não devolveu.

— Algo mais?

— Uma mulher morta em uma poça de sangue — digo, odiando a beligerância em minha voz.

Por que estou com tanta raiva? *Porque você está impotente,* Alice diria. *Produzimos raiva para dar a nós mesmos a ilusão de poder quando nos sentimos fracos e desamparados.*

Finalmente ouço as palavras pelas quais estava esperando:
— Descreva a mulher — diz Sam K.

Palavras começam a jorrar de mim, um fluxo incontrollável.

— Quando a vi, e todo aquele sangue, quando me dei conta de para o que estava olhando, baixei os olhos para mim mesma; foi a primeira coisa que fiz. Entrei em pânico. Por um segundo achei estar olhando para uma foto de mim mesma; baixei os olhos para verificar se não estava sangrando. Depois não entendi; por que faria isso? Ela estava deitada de barriga para baixo; eu não podia ver seu rosto. Era baixa, *petite*, meu tamanho e corpo. Tinha cabelos escuros, a mesma cor dos meus, lisos como os meus; estavam desgrenhados, meio que abertos em leque, como se ela tivesse caído e...

Estremeço esperando não ter de enunciar; mulheres mortas não ajeitam os cabelos.

— Não conseguia ver o rosto dela, e imaginei, apenas por um segundo, até me controlar, que ela era eu, que era eu caída lá. Pare de escrever — eu me ouço dizer. *Alto demais*. — Não pode simplesmente escutar e fazer anotações depois?

Sam K pousa bloco e caneta.

— Não quero transformar isto em mais do que era — digo. — Sabia que não era eu, claro que sim, mas... Era como se minha percepção estivesse me pregando uma peça. Deve ter sido o choque. Ela estava caída no maior volume de sangue que eu já vi na vida. Era como um grande tapete vermelho debaixo dela. Inicialmente achei que não poderia ser sangue, porque era muito, cobrindo um terço da sala, mas depois pensei... Bem, você deve saber. Você deve ter visto pessoas mortas caídas em seu próprio sangue, pessoas que sangraram até a morte.

— Jesus, Con — murmura Kit.

Eu o ignoro.

— Quanto sangue há normalmente?

Sam K pigarreia.

— O que você está descrevendo não é implausível em um caso de sangrar até a morte, embora eu nunca tenha visto pessoalmente.

Qual o tamanho da sala?

— 6,35m x 3,43m.

Ele parece surpreso.

— Isso é muito preciso.

— Está na planta.

— No site da Roundthehouses?

— Sim.

— Você sabe as dimensões de todos os aposentos?

— Não. Só da sala de estar.

— Conte a ele o que fez noite passada depois que voltei para a cama — diz Kit.

— Primeiramente liguei para Simon Waterhouse, depois, quando não consegui falar com ele, liguei para você — digo a Sam K. — Depois de falar com você, voltei ao meu laptop e... visitei Bentley Grove, 11 novamente. Estudei cada fotografia, estudei a planta. Revi o passeio virtual repetidamente.

Sim, isso mesmo. Eu aqui declaro ser obsessiva e insana.

— Ela fez isso durante seis horas, até eu acordar e arrastá-la para longe do computador — diz Kit em voz baixa.

— Continuei fechando a internet e abrindo novamente. Algumas vezes desliguei o laptop, despluguei, pluguei novamente e reiniciei. Eu... Eu estava exausta e não pensava direito, e... meio que entrou na minha cabeça a ideia de que se insistisse veria novamente o corpo da mulher.

Será que estou sendo honesta demais? Então meu comportamento ontem à noite foi descontrolado — e daí? Isso faz de mim uma testemunha não confiável? A polícia só dá atenção a pessoas que levam canecas de Ovomaltine para a cama às dez horas e passam o resto da noite sensatamente dormindo em seus pijamas de flanela?

— Eu nunca tinha visto um corpo morto antes. Um corpo *assassinado*, que depois desaparece. Estava em choque. Provavelmente ainda estou.

— Por que você diz "assassinado"? — Sam K pergunta.

— Difícil imaginar como ela poderia ter terminado daquele jeito por acidente. Suponho que pudesse ter enfiado uma faca no estômago, deitada de barriga para baixo no chão e esperado para morrer, mas me parece improvável. Não é a forma mais óbvia de cometer suicídio.

— Viu algum ferimento no estômago?

— Não, mas o sangue parecia mais grosso no meio. Estava quase preto. Imagino que tenha apenas suposto...

Um negror profundo de alcatrão reduzindo para vermelho. Uma pequena janela, retângulos de luz na superfície escura...

— Connie? — chama Kit, o rosto nadando diante do meu. — Você está bem?

— Não. Na verdade, não. Eu vi a janela...

— Não tente falar até a tontura passar.

— ... no sangue.

— O que ela quer dizer? — Sam K pergunta.

— Não tenho ideia. Con, coloque a cabeça entre as pernas e respire.

— Estou bem — digo, empurrando-o. — Estou bem agora. Se nada mais do que disse convenceu os dois, isto convencerá. Vi a janela da sala refletida no sangue. Conforme a sala girou, o sangue girou, assim como a pequena janela. Isso prova que não imaginei! Ninguém iria imaginar um detalhe tão idiota e pedante. Eu *preciso* ter visto. Precisa ter sido real.

— Pelo amor de Deus — diz Kit, cobrindo o rosto com as mãos.

— E o vestido dela; por que iria imaginar um vestido como aquele? Verde-claro e lilás, e tinha um estampado como muitas ampulhetas descendo pelo corpo em linhas verticais, linhas curvas entrando e saindo, entrando e saindo — digo, e tento demonstrar com as mãos.

Sam K demonstra que entendeu.

— Ela estava de calçados, ou meias? Joias que tenha notado?

— Nada de meias. As pernas estavam nuas. Também não acho que estivesse calçada. Tinha uma aliança. Os braços estavam erguidos acima da cabeça. Lembro-me de olhar para os dedos dela e... Sim. Decididamente uma aliança.

E mais alguma coisa, algo que minha mente se recusa a colocar em foco. Quanto mais tento e fracasso em identificar, mais consciente fico de sua presença oculta, como uma forma escura que escorregou para a beirada, fora de vista.

— O que aconteceu quando viu o corpo no seu laptop? — pergunta Sam K. — O que fez depois de ter se examinado e confirmado que não estava sangrando?

— Acordei Kit e fiz com que ele fosse olhar.

— Quando entrei havia uma cozinha girando na tela — diz Kit. — Depois apareceu a sala de estar, e não havia nenhum corpo de mulher, e nada de sangue. Contei a Connie e ela entrou para olhar.

— O corpo tinha sumido — digo.

— Eu não reiniciei o passeio — diz Kit. — Ainda estava passando quando entrei no quarto, o mesmo que Connie tinha iniciado, em repetição. Não estou dizendo que não seja possível fazer mudanças em um passeio virtual por uma casa, claro que é, mas isso não afetaria um passeio que já estivesse passando. Simplesmente não é possível...

— Claro que é possível — interrompo. — Está me dizendo que alguém não pode montar um passeio virtual de modo que a cada cem ou mil vezes apareça uma imagem diferente da sala?

Vamos lá, Kit. Não se orgulha de sua pupila? É graças a você que não mais subestimo o que é tecnicamente possível. Um computador, instruído pela pessoa certa, pode fazer quase tudo.

— E então? — eu cobro. — Não é possível?

Kit admite a contragosto que é.

— Por favor, diga que você não vai passar o resto do dia sentada repassando o passeio mil vezes — ele pede. — Por favor.

— Posso dar uma olhada no laptop? — Sam K pede.

Enquanto Kit o leva ao segundo andar, eu ando de um lado para outro, imaginando a sala de estar de Bentley Grove, 11, tentando revelar o detalhe que falta. *A mulher desapareceu. O sangue desapareceu. E algo mais...*

Estou tão envolvida em meus pensamentos que não percebo que Kit retornou, e dou um pulo quando ele fala.

— Sei que todos odeiam corretores de imóveis, mas você levou isso a um novo nível. O que você não fez foi pensar no por quê. *Por que* algum corretor de imóveis gênio do mal, sentado em seu escritório em Cambridge, iria querer incluir uma fugidia mulher morta, com direito a sua própria poça de sangue, no passeio virtual por uma casa que está tentando vender? Isso é o quê, uma nova técnica de vendas agressiva e ousada? Talvez você devesse descobrir qual corretor está com a casa, telefonar e perguntar.

— Não — digo, me sentindo mais calma enquanto ele perde a frieza. — É a polícia que deve fazer isso.

Não vou permitir que ele transforme isto em objeto de riso.

— Você diz que ela foi assassinada. A maioria dos assassinos quer esconder o que fez, não transmitir o crime por um dos sites mais populares do país.

— Tenho consciência disso, Kit. E também sei o que vi — retruco. Preciso perguntar algo a ele, mas cada pergunta que faço é outra oportunidade que ele tem de mentir. — Por que não contou a ele?

— Contar a ele?

— Sam. Que eu estava obcecada por Bentley Grove, 11 muito antes da noite passada. A história toda.

Kit parece tomado de surpresa.

— Por que *você* não contou a ele? Supus que não quisesse que ele soubesse porque...

Ele se interrompe, desvia os olhos.

— Porque?

— Você sabe muito bem, cacete! Se eu contasse a ele o que está acontecendo desde janeiro, ele não teria perdido nenhum tempo com essa sua tal mulher morta; teria imaginado que o corpo desaparecido era uma criação de sua imaginação, exatamente como o resto disso é fruto de sua imaginação!

— Teria? Ele não poderia ter imaginado o oposto, que algo devia estar acontecendo, algo envolvendo Bentley Grove, 11 e você?

Eu não estava disposta a correr o risco; talvez Kit também não estivesse.

Os olhos dele se enchem de lágrimas.

— Não suporto muito mais disso, Con. Eu continuo a lhe dizer, e você não escuta.

Ele desaba em uma cadeira, esfrega as têmporas com os dedos. Parece muito mais velho do que parecia há seis meses. Seu rosto tem novas rugas; há mais grisalho nos cabelos; os olhos estão mais opacos. O que fiz a ele? As alternativas são horríveis demais para considerar: ou ele é o homem gentil, divertido, leal e honrado por quem me apaixonei, e que estou lenta, mas seguramente, destruindo, ou é um estranho que tem usado um disfarce por meses, talvez anos — um estranho que acabará me destruindo.

— Eu amo você, Con — ele diz em uma voz vazia. Começo a chorar. Seu amor por mim é sua arma mais eficaz. — Sempre amarei, mesmo que você consiga me colocar para fora desta casa e da sua vida. Por isso não contei a história toda — diz, apontando para o segundo andar. — Se você quer que a polícia a leve a sério, se quer que vá até Bentley Grove, 11 e confira se não há uma mulher morta caída no carpete, então, por mais maluco que isso seja, também é o que quero. Quero que você se sinta melhor.

— Eu sei — digo, insensível por dentro. Não sei mais o que sei.

— Tem alguma ideia de como é difícil viver sob uma nuvem de desconfiança quando você não está fazendo nada errado? Acha que não sei no que está pensando? “Kit é um rato de computador. Talvez ele possa fazer um corpo aparecer e desaparecer em segundos. Talvez ele mesmo tenha matado o corpo.”

— Eu não penso isso! — reajo, soluçando. *Porque não me permiti ir tão longe.* — Odeio desconfiar de você, *odeio*. Se Bentley Grove, 11 fosse em qualquer outro lugar que não Cambridge...

Sam K está de volta, de pé no umbral. O quanto ele ouviu?

— Vou lhe dizer o que farei — ele anuncia. — Vou falar eu mesmo com a polícia de Cambridge. É mais provável que eles deem atenção se eu fizer o contato inicial.

Meu coração dispara.

— Você...? — começo, apontando para cima, para nosso escritório.

— Eu não vi um corpo, não. Nem sangue algum.

— Mas...

— A grande probabilidade é que você estivesse cansada e tenha tido algum tipo de... alucinação passageira. Como você definiu antes? Uma peça da percepção. Mas ao mesmo tempo, não quero descartar o que me contou, porque... — diz, e suspira. — Porque você ligou para Simon Waterhouse, não para mim. Era Simon quem você queria. Não posso me transformar nele, mas posso fazer a segunda coisa melhor, fazer o que ele faria: levá-la a sério.

— Obrigada.

— Não agradeça a mim; sou apenas o substituto — diz Sam K, sorrindo. — Pode agradecer a Simon quando encontrá-lo novamente.

Só depois que ele parte me ocorre o que aquelas palavras devem significar: ele sabe que eu me encontrara com Simon antes.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/20IG

ESCOLA PRIMÁRIA CAVENDISH LODGE

BOLETIM Nº 586

Data: Segunda-feira, 30 de novembro de 2009

Filhotinhos em Cavendish Lodge!

Tivemos um dia diferente na Turma 1 na quarta-feira! A gata Bess de Marcus teve cinco filhotes, e os pais dele os trouxeram à escola! Passamos um tempo maravilhoso brincando com esses lindos visitantes peludos, e depois tivemos uma conversa muito interessante sobre animais de estimação e como cuidamos deles, então, muito obrigado a Marcus e sua família por permitirem que tivéssemos esse superpresente. Abaixo há duas redações adoráveis de alunos da Turma 1...

Na tarde de ontem os filhotinhos de Marcus vieram à escola. Eles eram muito bonitos, pretos com manchas brancas. Eu segurei um deles eles eram adoráveis e peludos mas tinham patas rosadas muito afiadas. Um deles correu para baixo do piano. Ouvi um deles ronronando. Tinham olhinhos azuis. Foi uma tarde adorável.

Harry Bradshaw

Ontem Marcus e sua mamãe trouxeram gatinhos para nossa aula ficamos conversando sobre como cuidar de animais de estimação eles eram muito adoráveis alguns eram pretos com manchas brancas. A gata mãe Bess não apareceu. Eu segurei quatro deles eles eram macios como penas.

Tilly Gilpatrick

4

17/07/2010

Charlie não sabia o que fazer com seu sobrenome. Não lhe ocorrera que isso era um problema até Simon levantar a questão no aeroporto. Observando o passaporte dela, ele disse: "Imagino que você agora vá precisar de um novo." Ela não entendeu o que queria dizer, e deve ter feito um péssimo trabalho em disfarçar seu choque quando ele explicou. Simon riu dela. "Não se preocupe", disse. "Imaginei que você fosse adotar meu nome, mas, se não quiser, eu não ligo."

"Mesmo?", Charlie reagira, imediatamente ansiosa em relação à felicidade dele, que, na melhor das hipóteses, avaliava como sendo frágil e ameaçadora. Ela imaginara o oposto: que iria permanecer Charlie Zailer; francamente, estava espantada de Simon não pensar o mesmo. Irritada consigo mesma por estar despreparada para discussão tão importante, decidira de imediato que faria o que ele quisesse. Havia nomes piores que Waterhouse.

Mas parecia que, para variar, os sentimentos de Simon eram descomplicados. "Mesmo", garantiu a ela. "O que importa como você se chama? É só um rótulo, não é?"

"Exatamente", ela retrucara, friamente. "Quero dizer, pensando bem, eu poderia muito bem ser chamada de Sargento Policial Feminina número 54.437, não poderia?"

A questão do sobrenome a preocupava desde então. O que outras mulheres casadas faziam? As vizinhas de lado de Charlie, Marion Gregory, Kate Kombothekra, Stacey Sellers, Debbie Gibbs — todas tinham mudado de nome. Olivia, irmã de Charlie, que iria se casar no ano seguinte, estava tentando convencer Dominic, o futuro marido, de que deveriam se tornar os Zailer-Lund. "Ou ele pode ficar

como está e eu serei Zailer-Lund sozinha”, disse desafiadoramente a Charlie. “Se Dom quer se enrolar nos grilhões enferrujados da tradição ultrapassada, isso é com ele. Não pode me impedir de adotar uma postura mais progressista.” Conhecendo Olivia como conhecia, Charlie desconfiava que sua determinação tivesse menos a ver com princípios e mais com o desejo de ter um sobrenome duplo.

Charlie Zailer-Waterhouse. Não, isso estava fora de questão. Ao contrário de Liv, Charlie não ansiava pelos símbolos da aristocracia; um sobrenome duplo seria para ela um constrangimento, bem como uma oportunidade para todos na delegacia sacaneá-la.

— Por que não escolhemos um novo nome? — gritou para Simon, que estava na piscina; ou melhor, sobre ela, deitado em um barco inflável que tinham encontrado boiando na superfície ao chegar. Seus braços e pernas singravam a água enquanto ele seguia à deriva. Algumas vezes usava os braços como remos para se virar ou avançar; uma ou duas vezes dera impulso com as pernas a partir da margem, para tentar chegar até o outro lado. Não conseguiu; a piscina era grande demais.

Charlie o estivera observando discretamente, fingindo ler seu livro, por quase uma hora e meia. O que se passava na cabeça dele?

— Simon?

— Ahn?

— Você está a quilômetros.

— Você disse alguma coisa?

— Em vez de eu assumir seu nome, por que não escolhemos um novo? Para os dois?

— Não seja doida. Ninguém faz isso.

— Charlie e Simon Herrera.

— Esse não é o sobrenome de Domingo?

— Exatamente. Podíamos iniciar uma nova tradição: o sobrenome da primeira pessoa que você encontra em sua lua de mel passa a ser seu nome de casado.

Domingo era o zelador da vila: um jovem musculoso que fumava um cigarro atrás do outro, dono de um bronzeado intenso, falava pouco inglês e parecia morar em uma pequena construção de madeira ao estilo de chalé no ponto mais distante do jardim. Ele

pegara Simon e Charlie no aeroporto, os levava de carro a Los Delfines, depois os conduzia pela casa e o terreno sem perguntar — talvez por carecer de vocabulário — se prefeririam esperar até a manhã seguinte. O passeio levava quase uma hora; Domingo insistira em parar diante de cada equipamento e apontar para ele antes de demonstrar, em completo silêncio, como devia ser usado.

Charlie não se importara. Passou pelo portão de madeira instalado na parede branca encimada por telhas-canal, cheirou o ar quente e perfumado do jardim, notou a piscina iluminada como uma enorme água-marinha reluzente e se apaixonou imediatamente por Los Delfines. Se tivesse de ver Domingo fazer mímica de virar chaves diante de fechaduras e armar e desarmar o alarme de invasão para ser autorizada a passar quinze dias ali, seria um preço que ela estaria mais que feliz de pagar.

Tudo no lugar era perfeito. Tão perfeito que comparativamente deixava Charlie preocupada consigo mesma e com Simon. E se a única coisa errada fossem eles? Ela sabia que era tolice se comparar com outras pessoas — comparar a si e a Simon com outros casais casados —, mas era difícil evitar. Charlie não conhecia outros recém-casados que vissem suas luas de mel do modo como mafiosos transformados em traficantes poderiam ver sua entrada no programa de proteção a testemunhas. Kathleen, a mãe de Simon, tinha pânico de avião, assim como da maioria das coisas na vida, e não teria conseguido lidar com a ideia de seu filho entrando em um avião. Portanto, Simon lhe dissera que ele e Charlie iriam a Torquay para a lua de mel — de trem. Kathleen perguntara onde ficariam, caso precisasse entrar em contato com ele numa emergência. Ele poderia ter dado o nome de um hotel em Torquay, real ou imaginário, mas sabia que Kathleen tentaria entrar em contato após dois dias e descobriria a mentira, o que o deixava sem alternativa senão se recusar a dizer. “Não haverá emergência”, ele dissera com firmeza. “E se houver, terá de esperar.”

Kathleen ficara ressentida, chorara, suplicara. Em dado momento, depois de um de seus característicos almoços tediosos de domingo, ela caíra de joelhos e agarrara as pernas de Simon. Ele teve de arrancá-la de perto de si. Charlie ficara chocada, tanto com a

aparente falta de surpresa de Simon quanto com todo o resto. Michael, o pai, também não parecera surpreso. Sua única contribuição verbal fora um “Por favor, filho” eventualmente murmurado a Simon. *Por favor, filho, dê a ela uma forma de entrar em contato com você. Torne minha vida mais fácil.*

Para grande alívio de Charlie, Simon permanecera firme. Para sua completa perplexidade, Simon aceitara o convite para almoçar na casa dos pais no domingo seguinte. “Está louco?”, Charlie dissera a ele. “Vai acontecer novamente; exatamente como aconteceu semana passada.” Simon dera de ombros e dissera: “Então eu saio, como saí semana passada.”

Ele gostava de acreditar que a mãe não podia controlá-lo, mas então fazia coisas como insistir em que fossem até Torquay para se casar — “para tornar a mentira um pouco mais verdadeira”, dissera, nada disposto a reconhecer a irracionalidade. Charlie teria preferido se casar no Cartório de Registros de Spilling; odiava a ideia de algo em seu casamento ser determinado pela sogra patética. Simon gritara com ela: “Achei que você adorava Torquay. Não foi por isso que fingimos que passaríamos lá a lua de mel?”

Curiosamente, Kathleen não tentara impor a eles um casamento religioso, como Charlie temera que acontecesse. Não fizera objeção quando Simon contou que o casamento envolveria apenas ele, Charlie e duas testemunhas, nenhuma das quais seria ela. “Ficou aliviada”, ele explicara. “Nada é esperado dela. Pense bem: na maioria dos casamentos a mãe do noivo passa a maior parte do dia sendo amigável e dando as boas-vindas aos convidados. Mamãe nunca teria conseguido. Teria havido uma doença súbita e papai seria obrigado a permanecer em casa e cuidar dela.”

Os pais de Charlie também ficaram gratos de saber que sua presença não seria necessária. Seu pai preferia jogar golfe a fazer qualquer outra coisa. Teria tirado o dia de folga por causa de Charlie e tentado aproveitar o casamento, mas logo encontraria uma desculpa para se afundar no mau humor. Qualquer dia que não envolvesse golfe era um dia desastroso para Howard Zailer, e para todos aqueles suficientemente azarados de encontrá-lo em seu estado “desgolfeado”.

- Que tal Melville? — Simon gritou da piscina.
- Ahn?
- Nosso novo sobrenome.
- Por que Melville?
- Como em Herman Melville.
- Que tal Dick?

Simon mostrou dois dedos para ela. *Moby Dick* era seu romance preferido. Ele o lia uma vez por ano. Levava para a Espanha; deveria ser sua leitura de lua de mel, então por que não estava lendo? Por que estava contente em flutuar sem objetivo, como se não houvesse mais nada que desejasse fazer? As folhas e pétalas na superfície da piscina pareciam se esforçar mais.

Por que não estava fazendo sexo com a esposa?

Você não deveria passar a maior parte de sua lua de mel na cama? Ou isso era só se não tivessem dormido juntos antes do casamento?

Charlie suspirou. Será que estava esperando demais? Depois de anos evitando qualquer contato físico com ela, Simon decidira no ano anterior que era hora de consumarem sua relação. Desde então tudo estava bem. Meio quê. Charlie ainda não ousava tomar a iniciativa; sentia que Simon não iria gostar. Estava igualmente claro que falar — durante, imediatamente depois ou sobre o assunto — era proibido. Ou Charlie estava imaginando barreiras que não existiam? Talvez Simon quisesse apenas que ela dissesse: “Gosta de fazer sexo comigo ou só faz por que acha que deve?” Parecia funcionar fisicamente para ele, mas sempre parecia muito distante — olhos fechados, silencioso, às vezes quase robótico.

O sol de meio da tarde era causticante. Charlie pensou em dizer a Simon para entrar e passar mais bloqueador. E então poderia ir atrás e... Não. A regra de nunca iniciar o sexo era boa, e ela estava determinada a cumpri-la. Uma vez — anos antes em uma festa, muito antes que estivessem oficialmente juntos —, Simon rejeitara seus avanços de uma forma particularmente brutal. Charlie estava determinada a jamais permitir que isso acontecesse novamente.

Ouviu um barulho atrás — passos. Domingo. Ficou tensa, depois suspirou aliviada ao ver que ele segurava ancinho e enxada; estava

ali para trabalhar, apenas isso. O jardim que cercava Los Delfines de todos os lados era evidentemente o orgulho e o prazer de alguém — talvez de Domingo, talvez dos donos. Explodia em mais cores do que Charlie já vira reunidas em um só lugar: vermelho-fogo, borgonha, roxo, lilás, azul-real, laranja, amarelo, todos os tons de verde. Fazia a maioria dos jardins ingleses parecer anêmico. A coisa que Charlie preferia era o que via como “o pé de lírios de cabeça para baixo”, do qual lírios-brancos pendiam como pequenas cúpulas de abajur.

Pousou o livro e seguiu para a piscina. Não porque quisesse ficar mais perto de Simon, mas porque o calor queimava e ela precisava se refrescar. Desceu os degraus de mármore para dentro da água.

— Exatamente a temperatura certa — disse. — Nem frio nem quente. Como um banho quente que alguém preparou há duas horas.

Simon não respondeu.

— Simon?

No que ele estava tão concentrado que não conseguia ouvi-la tão perto dele?

— Ahn? Desculpe. O que disse?

Não valia a pena repetir. Parecia uma vergonha desperdiçar aquela oportunidade; deveria dizer algo mais importante enquanto tinha a atenção dele.

— Sempre que vejo Domingo vindo em nossa direção, eu entro em pânico.

— Com medo de que ele tente nos mostrar mais interruptores?

— Não, não é isso... O celular dele está no site da internet. Isso significa que podemos ser encontrados por intermédio dele, não é?

Simon se esforçou para sentar no barco.

— Está preocupada com minha mãe? Ela não sabe onde estamos. Ninguém sabe.

— Olivia sabe — contou. Será que ele ficaria com raiva por ela ter dito à irmã o que deveria ser um segredo deles? Aparentemente não. Charlie lutou contra a vontade de perguntar se tinha toda a sua atenção. — Quando contei a Liv o quanto este lugar custa, ela insistiu em ver fotos. Tive de mostrar o site.

— Ela não vai contar à minha mãe, vai?

— Não é com Kathleen que estou preocupada — disse Charlie. — É com trabalho.

Simon fez um barulho de quem descarta a ideia.

— O fórum Safer Communities pode se virar sem você por catorze dias.

— Estou falando do *seu* trabalho. Ninguém liga se não estou lá.

— O quê? O Homem de Neve? Após meses ansiando por seu período sabático de Waterhouse, como o chama? Dificilmente vai me procurar. Sabe a última coisa que ele me disse antes que eu saísse? “Vamos aproveitar ao máximo nossas duas semanas de folga, Waterhouse. Posso não ir a lugar algum mais exótico que meu escritório e a cantina, mas sem sua constante presença nefanda sempre que me viro, estarei de férias de coração.”

— acredite em mim, Proust mal pode *esperar* sua volta. Está contando os dias.

— Não diga isso — alertou Simon. Ele odiava a ideia de que seu inspetor pudesse sentir por ele algo que não ódio.

— Deixamos Liv e Gibbs sozinhos juntos — disse Charlie. — E se Liv ficasse ainda mais puta do que já estava, contasse a Gibbs, e se...

Ela não queria colocar em palavras, para não correr o risco de tornar mais real.

— Gibbs? — reagiu Simon, rindo. — Gibbs não se esforça para falar comigo nem quando estou sentado ao lado. Não vai ter o trabalho de me rastrear na Espanha. Por que faria isso?

— Só seria preciso surgir no trabalho algo um pouco mais mundano que o habitual e todos pensariam: “Se pelo menos Simon estivesse aqui, se pudéssemos perguntar a ele o que acha...”

— Não, não pensariam. Acho mais fácil que pensassem: “Graças a Deus que Waterhouse não está aqui para complicar demais as coisas.”

— Você sabe que isso não é verdade. Sam Kombothekra não pensa assim, e se Gibbs...

— Cacete, Charlie! Olivia não vai contar a Gibbs onde estamos, Gibbs não vai contar a Sam e Sam não vai se deparar com um

problema na próxima quinzena sobre o qual precise falar comigo. Certo? Relaxe.

Ele estava certo; era improvável que fossem perturbados por alguém de casa. Então por que Charlie não conseguia se livrar da ansiedade que ocupava espaço em seus pulmões, espaço de que precisava para respirar?

— Sou todo seu por quinze dias, então considere-se azarada — disse Simon. — Como é aquela citação de Mark Twain? “Eu me preocupei com mil coisas na minha vida, algumas das quais de fato aconteceram.” Ou algo assim. Olhe — disse, apontando para o espaço entre duas árvores, uma grande montanha a distância.

— Para que eu deveria estar olhando? — perguntou Charlie.

— A montanha. Está vendo a face?

— A face da montanha?

— Não, uma face de verdade. Parece ter uma face.

— Não consigo ver nada. Você quer dizer tipo olhos, nariz, boca?

— E sobrancelhas, e posso ver uma orelha, acho. Não consegue ver?

— Não — respondeu Charlie, tentando não soar ranzinza. — Não consigo ver uma face na montanha. É atraente?

— Deve ser um efeito de luz, mas fico pensando se mudará com o deslocamento do sol. Deve ter algo a ver com as sombras projetadas pelas escarpas rochosas.

Charlie olhou por um longo tempo, mas nenhuma face se revelou a ela. Estupidamente, se sentiu excluída. Simon e seu barco tinham flutuado para o outro lado da piscina. Poderia muito bem dar umas braçadas, decidiu, para manter a forma. A partir de então, resolveu não entrar em pânico quando visse Domingo vindo em sua direção, mesmo tendo em mente uma imagem perturbadoramente clara dele emboscando a ela e Simon com as palavras “Telefone, Inglaterra”, agitando o celular no ar.

— Charlie?

— Ahn?

— O que você faria se... — começou Simon, depois balançando a cabeça. — Nada.

— O que eu faria se o quê?

- Deixa pra lá. Esquece.
- Não posso esquecer, e você sabe disso. Conte.
- Não há nada a contar.
- *Conte!*

O que você faria se eu pedisse o divórcio? O que você faria se dissesse que quero dormir em quartos separados?

— Estou imaginando coisas ruins aqui. Quer acabar com a minha infelicidade?

— Não é nada ruim — ele disse. — Não tem nada a ver com você e eu.

Significando que se fosse algo relacionado aos dois seria necessariamente ruim?

Pare de criar problemas onde não há nenhum, Zailer.

Charlie xingou em voz baixa. Sabia que iria passar pelo menos as duas horas seguintes tentando fazer com que ele contasse, e sabia que iria fracassar.

— Você tem de *ir* — Olivia disse a Gibbs, pressionando as mãos sobre sua caixa torácica. Passara a hora anterior tentando empurrá-lo para fora de sua cama, mas ele era mais forte, e resistia.

— Não, não tenho — retrucou ele, deitado de costas, braços cruzados atrás da cabeça.

— Sim, você tem! Temos de começar a fingir que não somos malditos pervertidos ímpios. Se começarmos agora, não vai demorar muito para que nos convençamos; poderemos acreditar nisso à noite, se tivermos sorte.

Gibbs quase sorriu, mas não se moveu. Eram duas horas da tarde, segundo o telefone de Olivia. O quarto de hotel estava tão escuro quanto tinha ficado quando cambalearam para lá doze horas antes. As cortinas grossas e os blecautes levavam a preservação da noite mais a sério do que quaisquer proteções que Olivia já tinha encontrado, e unido forças contra a luz do dia.

— Você não tem de ir para casa em algum momento? Não tem uma vida, planos, toque de recolher? Eu tenho os três.

Ela desistiu de empurrar. Não ia funcionar, e estava machucando suas mãos.

Gibbs rolou de lado e a encarou. Era engraçado: embora ela o chamasse de Chris, só conseguia pensar nele como Gibbs, que era como Simon o chamava. Isso iria mudar? Ela silenciosamente se censurou por pensar nele no futuro. Precisava se compor, mas como poderia com ele deitado ao seu lado, irradiando calor?

— Tentando se livrar de mim? — ele perguntou.

— Sim, mas não no mau sentido.

— Há um bom sentido?

— Claro. Montes deles. Há o sentido de sacrifício pessoal “largue-me e salve-se enquanto é possível”, e há o...

Olivia se interrompeu, lembrando que ele a comparara a um suplemento dominical colorido, e seu motivo para fazer isso.

— Temos de sair às três da tarde — disse secamente, para disfarçar seu constrangimento. — Não posso ligar e pedir mais prazo.

— Quais são os outros bons sentidos? — Gibbs perguntou. Estaria realmente interessado?

Ela não podia lhe contar a verdade. Acabara de fazer sexo com ele, três vezes. Se alguma vez uma situação pedia o oposto da verdade, certamente era essa.

— Não vou a lugar algum até você me contar — ele ameaçou.

— Deus do céu! Certo, então, talvez isso consiga o que tentar empurrar você para fora da cama não conseguiu. Outro bom sentido é: eu preciso que você vá embora para que possa passar o resto do dia pensando obsessivamente sobre todos os aspectos de você, repassar na cabeça cada palavra e ação sua, excluindo todo o resto pelo futuro imediato.

Gibbs sorriu.

— Seria mais fácil você pensar em mim se eu ficasse aqui.

— Errado. Enquanto você estiver aqui, estarei ocupada demais especulando sobre o que você está pensando para pensar eu mesma.

— Não estou pensando nada, a não ser que quero transar com você de novo, mas estou exausto.

— Não estou escutando, não estou escutando! — disse Olivia, cobrindo os ouvidos com as mãos. — Pare de acrescentar mais palavras àquelas sobre as quais já tenho de pensar. Preciso lidar com o trabalho acumulado. Não ria, estou falando sério. Por favor, apenas vá. Não diga mais nada.

— Para você poder pensar em mim?

— Sim.

— E sobre mais nada?

— Não até ter me livrado do trabalho acumulado, não.

Gibbs concordou como se seu pedido fosse totalmente razoável. Sentou e começou a juntar suas roupas. Olivia conferiu novamente o telefone. Duas e cinco. Sentiu a excitação crescer dentro de si diante da perspectiva de ele partir. Havia coisas de que precisava cuidar, com urgência. A primeira da agenda era reduzir a pressão de uma forma nada digna: correr em círculos pelo quarto gritando “Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus!”. A segunda era ficar de pé diante do espelho de corpo inteiro junto à porta e estudar rosto e corpo como se nunca os tivesse visto antes e nunca fosse ver novamente; tentando vê-los como Gibbs os vira, através de seus olhos. Depois ligaria para Charlie. Ou melhor, ligaria para o zelador de Los Delfines, aquele cujo número estava no site, e lhe pediria que transmitisse a Charlie um recado para ligar de volta. Qualquer irmã decente — e Charlie em geral era — iria querer ouvir esse tipo de notícia imediatamente.

Adivinhe quem foi uma completa e total vagabunda? Eu!

Certas fofocas eram tão grandiosas que derrubavam todas as considerações sobre privacidade na lua de mel que surgissem no caminho; por puro acaso, este era exatamente o exemplo. Olivia sabia que gostaria de fofocar sobre si mesma tanto quanto gostava de fofocar sobre outras pessoas. Mais ainda. Ela raramente fazia alguma coisa que chocasse alguém. Quão refrescante ser uma escandalosa na sua idade — fazer algo indescritivelmente idiota quando, em quarenta e um anos, ninguém sequer temera que ela pudesse.

Será que poderia pedir a Charlie para não contar a Simon? Algumas pessoas não guardavam segredos dos esposos. Será que

sua irmã se tornaria fanática sobre compartilhar tudo, agora que estava casada? Simon desaprovava o modo como pessoas que careciam de experiência de vida sempre desaprovavam outros que tivessem aventuras que até então haviam pedido. Ele sentiria que de algum modo obscuro o dia do seu casamento com Charlie havia sido arruinado, degradado, por suas duas testemunhas terminando juntas na cama.

Olivia suspirou ao se dar conta das implicações. Pelo bem de Simon, Charlie teria de ficar lívida e ofendida. Não veria a noite de Olivia com Gibbs como algo que acontecera a Olivia, mas como algo ruim que acontecera a seu importante marido. Talvez ela também objetasse por si mesma e acusasse Olivia de invasão; Gibbs era policial, portanto pertencia a Charlie e Simon, não a Olivia, que não tinha direito de se meter em um mundo que não era dela, ao qual era apenas convidada de tempos em tempos, a critério de Charlie.

Será que ela havia sequestrado o dia mais importante da vida da irmã? Seria imperdoável se colocar como atriz principal rival sem consultar ninguém, quando deveria estar interpretando um papel de coadjuvante? Olivia não conseguia decidir se fizera uma coisa horrível com Charlie, ou absolutamente nada. Nunca saberia, a não ser que contasse a Charlie o que tinha acontecido; não podia descobrir sozinha, não sem saber qual seria a reação da irmã.

Eu deveria estar me sentindo culpada por Dom, pensou, e por Debbie Gibbs. Eles eram os traídos aqui.

Gibbs estava vestido.

— Estou indo — disse. — Você pode começar a pensar.

— Assim como você — disse Olivia, querendo uma forma de ligá-lo a ela, agora que estava partindo. — Pensar sobre mim, quero dizer.

— Excluindo todo o resto — ele disse. — Pelo futuro imediato.

Soava como uma citação. Porque era, Olivia se deu conta. Ele a estava citando.

Sam Kombothekra não estava acostumado a se sentir culpado, mas era como se sentia sentado a uma mesa na janela do café e bar Chompers, esperando por Alice Bean. Aquele era — ou seria, supondo que ela aparecesse — um encontro totalmente desnecessário, mas Sam preferiria isso a uma tarde em casa com a família. Ele já sabia as respostas que Alice daria às perguntas que planejava fazer. Poderia ter feito pelo telefone, mas tinha ficado ansioso por vê-la em carne e osso, mais do que queria admitir até para si mesmo. Poucas mulheres eram mais lendárias que Alice no mundo pequeno que era a delegacia de Spilling. Sam ouvira de pelo menos dez fontes diferentes que Simon Waterhouse tivera uma fixação romântica por ela vários anos antes. Na época, ela era Alice Fancourt.

Sam sabia que o envolvimento dela com Simon (que, segundo Colin Sellers, fora uma perda de tempo sem transa) terminara mal, que os dois não mais se falavam. O quanto da história Alice lhe contaria hoje? Ao telefone de manhã, segundos após Sam se apresentar, ela perguntara se ele trabalhava com Simon. Sugerira o Chompers como cenário do encontro daquela tarde dizendo: “Era onde Simon e eu sempre nos encontrávamos.” Sam também se sentia culpado por isso: não apenas estava abandonando a família em um dos seus dias de folga, como também muito provavelmente estaria reavivando memórias dolorosas em uma estranha, por uma razão não mais nobre do que satisfazer sua curiosidade doentia.

Conferiu o relógio. Estava dez minutos atrasada. Será que deveria ligar para ela? Não, deixaria chegar a quinze. Talvez pedisse a um dos garçons para baixar o volume da música. Supostamente deveria cobrir o ruído do canto do salão, onde havia uma área cercada cheia de bebês de rostos molhados uivando, um punhado de mães cujos sorrisos rígidos ferviam de fúria contida, mesas e cadeiras em forma de cogumelo e uma variedade de objetos plásticos irreconhecíveis em cores primárias. Sam não culpava as crianças pelos uivos; ele poderia fazer o mesmo se tivesse de aguentar outros tantos sucessos do Def Leppard dos anos 1980.

Olhou através da janela para o estacionamento. A qualquer momento Alice estacionaria em uma das vagas livres. Poderia ser

ela, batendo a tampa da mala de um Renault Clio vermelho. Óculos escuros, sandálias de tiras... Não. Simon nunca teria uma queda por um rosto como aquele. Sam ficou pensando se Alice se pareceria com Charlie. *E caso se pareça? E caso não?* Por que ele achava tão atraente tudo relacionado a Simon? Ele não teria o trabalho de se encontrar com uma mulher que Chris Gibbs tivesse amado, ou Colin Sellers. Pensando bem, ele provavelmente teria viajado uma distância razoável para ver a rara mulher que *não* inspirasse desejo em Colin, supondo que tal pessoa existisse.

Envergonhado de sua própria lascívia, Sam tentou se concentrar em Connie Bowskill. Logo se viu pensando novamente em Simon Waterhouse. Nada errado nisso, decidiu, não nesse contexto. Simon era o melhor detetive que Sam conhecia; era o melhor detetive que qualquer um conhecia, embora a maioria das pessoas relutasse em admitir isso e preferisse descartá-lo como um criador de caso grosseiro e imprevisível. No primeiro dia de janeiro daquele ano, meia-noite e cinco, Sam tomara uma decisão: em vez de constantemente se sentir inferior a Simon e permitir que o ressentimento aumentasse, tentaria aprender com ele, colocar o ego de lado e ver se conseguiria adquirir pela imitação — estudando o comportamento e as atitudes de Simon como se pudesse um dia fazer uma prova sobre ambos — uma pequena fração desse brilhantismo.

Simon não teria descartado Connie Bowskill apressadamente, Sam estava certo disso. Mas teria acreditado nela? Na posição de Sam, tendo se encontrado com Connie e ouvido o que tinha a dizer, Simon estaria mais inclinado a crer que ela sofria de estresse e via coisas que não existiam, ou convencido de que mentia? Talvez achasse que a implausibilidade de sua história tornasse possível ser verdade, porque poucas pessoas teriam a confiança de contar uma mentira tão ultrajante.

Você não é Simon — esse é todo o problema. Você não tem ideia de o que ele pensaria.

Não, isso não era verdade. Você não podia trabalhar muito próximo de alguém por anos e não ter uma noção de como a mente dele funcionava. Simon acharia que haveria pelo menos uma chance

de que um crime tivesse sido cometido. Caso tivesse ido com Sam conversar com os Bowskill naquela manhã, teria saído de lá certo de que havia algo muito errado naquela casa — Melrose Cottage, não Bentley Grove, 11, Cambridge. Sam concordava, na medida em que era possível concordar com a projeção imaginária de uma pessoa ausente. Algo estava acontecendo: Connie e Kit Bowskill não haviam lhe contado tudo, de modo algum. Ouvira o suficiente da conversa que não deveria ouvir para ter certeza de que conspiravam para esconder algo dele.

A ideia de alguém colocar a imagem de um corpo morto no site de uma imobiliária era risível. Mais que maluca. Em sua mente, Sam ouviu Simon dizer: “Maluquice não precisa significar invenção. A insanidade é tão real quanto a sanidade. Não precisa de nossa compreensão de modo a foder e acabar com vidas — só precisa compreender a si mesma. Algumas vezes não precisa sequer disso.” Sam imediatamente desejou não ter lembrado do comentário; com ele veio a lembrança de outro momento em que Simon estava certo e ele errado, a despeito de sua crença mais sensata naquilo que parecera muito mais provável.

Suspirou. Como substituto temporário de Simon, ele fazia todo o possível para encontrar uma mulher morta na qual não acreditava — uma mulher em um vestido verde e lilás. Já telefonara para a polícia de Cambridge e deixara claro que esperava que agissem assim que parassem de rir.

— Sam?

Ele ergueu os olhos e viu uma mulher com cabelos curtos descoloridos, óculos de armação plástica castanha e batom vermelho-ônibus-londrino-brilhante. Usava um vestido comprido rosa sem mangas e sandálias baixas douradas, e carregava uma bolsa com furos que parecia feita de pontas de corda amarradas; os buracos eram um elemento de design, não resultado de desgaste, e permitiam a Sam ver parte do conteúdo da bolsa: uma carteira vermelha, um envelope, chaves.

— Alice Bean — disse, sorrindo e estendendo a mão. — Você não tem ideia de como isso é bizarro para mim. Não coloco os pés neste

lugar há quase sete anos. Se eu tiver uma reação engraçada é por causa disso.

— Posso pedir uma bebida? — Sam perguntou, apertando sua mão.

— Lima concentrada e limonada seria adorável. Muito gelo. Sei que é bebida de criança, mas neste calor nada mais cai bem. Devo ter suado meio litro no carro vindo para cá.

Sam a observou com o canto do olho enquanto entrava na fila do bar. Era inegavelmente bonita, mas o cabelo o surpreendera — o tamanho e a cor. Os óculos castanhos e, sobretudo, o batom. Não acharia que Simon iria... Mas isso supondo que ela tivesse a mesma aparência sete anos antes e que o gosto de Simon para mulheres fosse fácil de prever. Por que seria, quando nada mais nele era? Ele pedira Charlie em casamento quando ela não era sequer sua namorada.

— Então Connie lhe deu meu número? — perguntou Alice enquanto Sam colocava a bebida na mesa diante dela.

— Não. Não pedi a ela. Procurei nas *Páginas Amarelas*, em “Saúde Alternativa – Homeopatas”. Não havia Alice Fancourt, mas eu imaginei que Alice Bean poderia servir, e serviu.

— Bean é meu nome de solteira. Não sou Fancourt há anos.

— Normalmente trabalha aos sábados?

— Não. Não estava trabalhando hoje. Vim ao centro pegar um remédio para minha filha, Florence, que está com uma virose intestinal. Teve sorte de me encontrar. E espero que não pegue o vírus, mas é possível, então não diga que não o avisei. Eu tive antes de Florence, e todos no trabalho tiveram antes de mim. Está se espalhando, com certeza. Mas pelo menos sai do nosso sistema rapidamente. Vinte e quatro horas de vômito e diarreia e passa para o próximo infeliz.

Ótimo. Algo pelo que ansiar.

— Não vou tomar muito o seu tempo — disse Sam. — Se sua filha está doente.

— Ela vai ficar bem. Está com minha amiga Briony, que é como uma segunda mãe para ela. Pode me prender o quanto quiser. Prometo não dificultar fazendo perguntas desconfortáveis.

Sam tentou não parecer surpreso. Não deveria ser ele a pessoa com perguntas?

— Como o quê? — perguntou.

— Sobre Simon. Ele não iria querer que você conversasse comigo sobre ele; sei que não — disse Alice, enfiando a mão na bolsa, tirando o envelope que Sam vira através dos buracos e o estendendo para que pegasse. Viu o nome de Simon na frente em caligrafia azul, sublinhado. — Poderia dar isto a ele?

Sam tinha consciência de não querer pegar dela, mas de início não conseguiu imaginar por quê. Então seu cérebro alcançou suas entranhas. *Não, obrigado*. Qualquer que fosse o drama, ele não queria sequer um pequeno papel nele. Suas mãos permaneceram onde estavam, envolvendo a caneca de café. Alice finalmente recolocou o envelope na bolsa, e ele se sentiu inferior e pretensioso, sabendo que voltara a atenção dela e Simon para ele e seus escrúpulos; desejou ter apanhado a maldita coisa. Será que devia dizer que Simon se casara no dia anterior, que estava em lua de mel? Seria pior ter acontecido apenas no dia anterior? Sam não achava que pudesse fazer diferença, mas sentia que fazia, de algum modo.

Abriu a boca para tentar explicar por que não achava uma boa ideia servir de intermediário, mas Alice falou antes dele, sorrindo para mostrar que não estava ofendida.

— O que quer me perguntar sobre Connie? Ela está bem?

— Quando falou com ela pela última vez?

— Eu a vejo uma vez a cada quinze dias. A última vez foi em... Espere, posso dizer exatamente — falou, tirando uma pequena agenda rosa de sua rede de pesca em miniatura. — Segunda passada, quatro horas.

— Na última? Segunda, 12 de julho?

Alice balançou a cabeça afirmativamente.

— Desde então falou com ela pelo telefone? Enviou e-mail ou mensagem de texto?

— Não. Nada.

— E ela não lhe telefonou esta madrugada?

Alice pareceu preocupada. Inclinou-se para frente.

— Não. Por quê? Aconteceu alguma coisa?

— Ela está bem, pelo que posso dizer — disse Sam. Não estava preparado para dizer mais que isso.

— Por que nesta madrugada? — insistiu Alice. — Por que perguntou isso?

Porque foi quando uma mulher morta surgiu na tela do seu computador, e depois desapareceu. E ela me contou que você recomendou que entrasse em contato com Simon Waterhouse, que ele acreditaria no inacreditável, caso fosse verdade. Exceto que você não poderia tê-lo recomendado às duas da manhã, porque Connie não ligou a essa hora. Ela não falou com você desde que viu o corpo da mulher. A não ser que tenha mentido sobre quando o viu.

— Aconselhou Connie a falar com Simon? — Sam perguntou.

— Eu realmente não posso discutir o que digo aos meus pacientes ou o que eles me dizem. Desculpe.

— Não estou pedindo que me diga algo que a própria Connie não tenha me contado. Ela disse que você recomendou Simon como sendo diferente de qualquer outro detetive, disposto a acreditar no que a maioria das pessoas acharia implausível.

Alice balançou a cabeça, concordando.

— Isso mesmo. Foi o que eu disse, quase literalmente.

— Então eu estaria certo em pensar, e não estou pedindo detalhes, que Connie estava em algum tipo de... situação, ou tinha um problema, e preocupada que ninguém fosse acreditar nela?

— Eu realmente não posso entrar em detalhes, mas... Connie foi me procurar pela primeira vez por ter tido um choque; não queria acreditar que algo era o caso, mas temia que sim.

— Quando foi isso? — Sam perguntou.

— Janeiro, então... há seis meses.

— E você disse a ela para procurar Simon? Então havia uma faceta criminosa?

Alice franziu o cenho enquanto pensava nisso.

— Não havia evidência de nada ilegal, mas... sim, Connie achava que poderia haver um crime envolvido. Mas ao mesmo tempo ela temia estar louca por pensar isso.

— O que você achou?

— Honestamente, não tive noção. Tudo o que sabia era que estar psicológica e emocionalmente dividida em duas não fazia nenhum bem a ela. Achei que se falasse com Simon ele poderia descobrir de um modo ou de outro.

— Se um crime fora cometido?

Alice sorriu.

— Sei que não há uma relação completa de “Todos os crimes já cometidos”, mas este crime em especial teria sido documentado. Simon teria localizado as evidências dele de um modo que Connie não poderia.

— Lembra-se de quando mencionou o nome a ela pela primeira vez? — Sam perguntou.

— Ah, não foi tão recentemente. Há mais ou menos um mês, talvez seis semanas. Primeiro tentei ajudá-la eu mesma, obviamente, como faço com todos os meus pacientes, mas nada que dizia ou fazia pareceu funcionar com Connie. Na verdade, ela começou a se sentir pior com o passar do tempo. Foi quando me dei conta de que ela poderia precisar de mais que Anacardium ou Medorrhinum. Desculpe, são remédios homeopáticos; às vezes esqueço que nem todos estão tão acostumados com eles quanto eu.

— Connie seguiu seu conselho? — perguntou Sam. — Ela partilhou seu problema com Simon?

Por isso ele tirou dois dias de folga há duas semanas? Murmurara algo vago sobre “preparativos para o casamento”, sem fazer contato visual. Na época, Sam atribuíra a constrangimento; Simon sem dúvida, embora inexplicavelmente, estava mortificado por ter uma relação, e evitava se referir ao seu status.

Alice pareceu se desculpar.

— Pergunte a Connie. Estou certa de que ela lhe contará a história toda, caso esteja disposto a escutar com simpatia.

— O problema aparentemente improvável e possivelmente criminoso dela envolvia um passeio virtual por uma casa em um site imobiliário na internet? — perguntou Sam. A expressão de Alice foi a única resposta de que precisava: ela não tinha ideia de sobre o que ele estava falando.

Então Connie Bowskill tinha dois problemas impossíveis de acreditar, um desde janeiro e um desde treze horas antes. Interessante.

Impossível de acreditar.

— Aconselhou Connie a falar com Simon porque verdadeiramente acreditava que precisava de ajuda policial ou por esperar que ele entrasse em contato com você para perguntar sobre ela?

Assim que as palavras saíram de sua boca, Sam sentiu que havia ido longe demais.

— Desculpe — disse, erguendo as mãos. — Essa é uma pergunta que não tenho o direito de fazer. Ignore.

— Por quê, quando é uma que posso responder livremente? Eu verdadeiramente acreditava que Simon deveria ouvir o problema de Connie, porque... bem, porque era muito estranho, muito incomum. Ou era algo realmente horrível, ou absolutamente nada. Eu... — disse, e se interrompeu, olhando para a mesa. Sam começava a pensar se deveria estimulá-la quando ela falou. — Acabei de me dar conta disso, mas disse a ela para falar com Simon porque era o que *eu* queria fazer. Queria conversar com ele sobre isso. Eu e ele não nos falamos desde 2003, e isto, Connie... essa questão que a perturbava me fez querer entrar em contato com ele mais do que qualquer outra coisa antes. Fez sentir *falta* dele, embora eu nunca o tenha conhecido realmente, para começar. Ah, é maluquice! A coisa engraçada é que sempre tive certeza absoluta de que ele um dia reapareceria em minha vida. E quando você telefonou esta manhã...

Ela balançou a cabeça, olhando para além de Sam, pela janela.

Ele podia adivinhar o que viria a seguir. Quando telefonara naquela manhã e pedira que o encontrasse, ela entregara a filha doente a uma amiga e dedicara as duas horas seguintes a escrever a carta que passara os sete anos anteriores querendo escrever, aquela que Sam se recusara a entregar.

— Veja, desculpe por...

— Não se desculpe — disse Alice. — Eu não deveria ter tentado transformá-lo no mensageiro que acaba morto. Foi antiético. E desnecessário; não preciso de você. Sei onde Simon trabalha; poderia colocar a carta no correio. Mas não vou — disse, resoluta,

como se para formalizar a decisão. — Acredito firmemente no destino, e o destino hoje me deixou claro que este não é o momento certo. Aposto que não está acostumado a se ver como um agente do destino, está?

Ela sorriu.

— Não estou.

Colin Sellers poderia ter uma resposta engraçadinha pronta, mas Sam não conseguia pensar em nenhuma.

Alice fechou os olhos e tomou um gole de sua bebida.

— O momento certo chegará — disse.

5

Sábado, 17 de julho de 2010

— 1,2 *milhão* de libras? Ah... *Uau!* Ai.

Minha mãe errou as cinco canecas alinhadas no balcão e acabou derramando água fervente sobre a mão esquerda. Deliberadamente, embora não possa provar. Ela se queimou, e é culpa minha por lhe causar mais preocupação do que é capaz de suportar. *Novamente*. Ela quer que todos percebam e me culpem. Se o fizerem, se Fran, Anton ou papai disserem “Veja o que você fez, Con”, mamãe ficará do meu lado, mas sua defesa será um ataque velado: “Não foi culpa de Connie; eu não deveria ter desviado os olhos com uma chaleira cheia de água quente na mão, mas fiquei tão chocada que não consegui evitar.”

É isso o que significa ser próximo de alguém — conhecer seus limites, suas ilusões ególatras e sua antipatia interesseira, bem como as suas próprias? Ser capaz de prever suas reações, suas expressões faciais até a última palavra e careta, para que a decepção e uma nauseante sensação de previsibilidade cresçam e arranquem seu fôlego no instante em que bate os olhos na pessoa, antes que qualquer um tenha pronunciado uma palavra? Kit diria que era uma análise pessimista demais, mas ele nunca foi próximo dos pais, e agora não tem absolutamente nenhuma relação com eles. Ele sempre diz que inveja minha filiação, a que chama de “o clã Monk”. Não ousa contar a verdade; ele me acusaria de ingratidão. Provavelmente estaria certo.

A verdade é que eu preferiria ser menos próxima de minha família, para que eles pudessem me surpreender de tempos em tempos. Para que sua desaprovação, quando surgisse, não tivesse a capacidade de penetrar tão fundo em mim e plantar sementes de

dúvida, pré-programadas para chegar ao tamanho de grandes carvalhos. Pelo menos Kit é livre.

— Vamos lá, Benji — sussurra Fran. — Mais um pedaço de brócolis e você ganha um dedo de chocolate. Só a parte das folhinhas de cima. *Por favor.*

— Vamos lá, parceiro Benji: mostre à mamãe e ao papai como é corajoso. Como um super-herói!

Anton não se preocupa em baixar a voz. Não lhe ocorreu que há algo mais importante acontecendo hoje na cozinha dos sogros do que a guerra de Benji aos vegetais verdes. Ele não sente necessidade de manter a negociação sobre o brócolis em segundo plano. Fazendo um alto-falante com as mãos, adota uma voz ribombante e diz:

— Poderá um garotinho derrotar o monstro brócolis? Será Benji corajoso o bastante para comer... seu... brócolis? Se ele provar ser tão corajoso quanto um super-herói, sua recompensa será dois... dedos de... chocolate!

Eu estou maluca? Anton não ouviu o que falei sobre ver uma mulher assassinada caída numa poça de sangue e conversar com um detetive esta manhã? Por que ninguém o está mandando se calar? Ninguém me ouviu? Que nenhum deles tenha algo a dizer sobre o tema me parece tão impossível quanto o que vi no meu laptop noite passada — impossível, ainda assim real, a não ser que eu tenha perdido minha capacidade de distinguir realidade de seu oposto.

Kit acha que perdi. Talvez minha família também ache, e por isso está me ignorando.

— Não diga dois — Fran censura Anton em voz cantada, adotando um sorriso exagerado de modo a, presumivelmente, impedir o filho de pensar se a carnificina emocional de um lar partido poderia ser tudo o que tem a esperar. — Um é suficiente, não é, Benji?

— Eu quero dois dedos de chocolate! — berra meu sobrinho de cinco anos de idade, o rosto vermelho.

Eu abro a boca, depois fecho. Por que gastar meu fôlego? Fiz o que vim fazer aqui: contar à minha família o que precisa saber. Para não parecer que estou esperando perguntas, olho através da janela

para o balanço, escorrega, trepa-trepa, casa na árvore, caixa de areia e duas camas elásticas no quintal de meus pais: o parquinho particular de Benji. Kit o chama de "Terra do Nunca".

— Ai — diz mamãe de novo, fazendo uma cena de examinar a pele vermelha na mão. Está desperdiçando seu tempo com Fran e Anton: ela deveria saber que o sofrimento da refeição de Benji expulsou todos os outros pensamentos, bem como seus poderes de observação normais.

— Certo, dois dedos de chocolate — diz Fran, cansada. — Desculpas por isto, pessoal. Mas vamos lá, Benji; coma isto primeiro.

Ela toma o garfo da mão do filho, empala o brócolis e o segura diante da sua boca, tocando os lábios.

Ele afasta a cabeça, cuspidando, e quase cai da cadeira. Juntos, como animadores de torcida ansiosos, Fran e Anton gritam:

— Não caia da cadeira!

— Eu odeio brócolis! Parece uma nojenta árvore de meleca inchada!

Quando sozinhos, Kit e eu nos referimos a ele como Benjamin Rigby. Kit começou e, depois de alguns protestos superficiais, eu o acompanhei. O nome completo dele é Benji Duncan Geoffrey Rigby-Monk. "Está brincando", disse Kit quando contei a ele. "*Benji?* Nem ao menos Benjamin?" Duncan e Geoffrey são os nomes dos avós — ambos banais e antiquados, na visão de Kit, e não passíveis de infligir a uma nova geração —, e Rigby-Monk é a fusão dos sobrenomes de Fran e Anton. "No que me diz respeito, ele é Benjamin Rigby", disse Kit depois que o conhecemos. "Ele parece um bebê decente e merece um nome decente. Não que o pai tenha um, então suponho que não deveria ficar surpreso." Kit acha que só é aceitável "sair por aí se dizendo Anton", como diz, se você é espanhol, mexicano ou colombiano, ou se for cabeleireiro ou patinador profissional.

Ele me diz que eu deveria ser grata pela minha família e contente por morar tão perto dela, e depois debocha dela impiedosamente na minha frente e evita vê-la sempre que pode, me mandando para cá sozinha. Eu nunca reclamo; sinto-me culpada por envolvê-lo. Eu

odiaria me casar com alguém que tivesse uma família tão sufocante quanto a minha.

— Deixe a pobre criança em paz, Fran — diz minha mãe. — Não compensa o esforço, por uma pequena flor de brócolis. Vou fazer para ele nu...

— Não! — corta Fran com um aceno frenético, antes que as palavras fatídicas “nuggets de frango com fritas” sejam ditas em voz alta. — Estamos bem, não é, Benji? Você vai comer seus belos e deliciosos legumes saudáveis, não vai, querido? Você quer ficar grande e forte, não é?

— Como papai — acrescenta Anton, flexionando os músculos. Ele era personal trainer na academia Waterfront, mas largou o emprego com o nascimento de Benji. Agora levanta pesos e malha seus bíceps, ou tendões, ou seja lá como malhadores chamam as partes do corpo que precisam ser malhadas, em várias máquinas de aparência estranha na garagem dele e de Fran, que transformou em uma academia doméstica. — Papai comeu todos os legumes quando era pequeno, e olhe para ele agora!

A esta altura, meu pai normalmente sairia com seu discurso: “A única forma de transformar crianças em pessoas que se alimentam bem é oferecer a elas uma escolha simples: comem o que todos estão comendo ou nada. Isso logo as ensina. Funcionou com vocês. Vocês duas comiam qualquer coisa, as duas. Comeriam sua mãe, se ela estivesse no prato.” Ele disse isso, ou uma versão, pelo menos cinquenta vezes. Mesmo quando Fran não estava, ele ainda dizia “vocês duas” em vez de “você e Fran”, porque se acostumou a todos estarmos juntos naquele aposento, exatamente como agora: ele sentado à instável mesa de cavalete de pinho que está na cozinha da Thorrold House desde antes de eu nascer, com o *Times* à sua frente; mamãe agitada preparando comida e bebida e cuidando de todos, recusando todas as ofertas de ajuda de modo a poder suspirar e esfregar a base das costas quando finalmente termina de carregar a lava-louça; Anton apoiado diagonalmente — à maneira de alguém legal demais para ficar empertigado — na barra do fogão Aga, que um dia foi vermelho, mas agora é quadriculado com prata de anos de arranhões; Fran ocupada com Benji, tentando enfiar em

sua boca mais uma couve-de-bruxelas, uma folha de espinafre, uma ervilha, oferecendo a ele potes de musse de chocolate, montanhas de docinhos e infinitas bolas doces de manteiga como incentivo.

E eu sentada na cadeira de balanço junto à janela, fantasiando sobre enrolar um cobertor grosso sobre a cabeça e me sufocar, contendo a ansiedade de dizer: “Não seria melhor para ele ter peixe, batatas e nada de abobrinha em vez de peixe, batatas, um pouco de abobrinha, vinte Benson and Hedges, uma garrafa de vodca e um pouco de crack? Só perguntando.”

Eu sou pior quando junto da minha família. *Uma boa razão pela qual não deveria morar a cento e cinquenta metros deles na mesma rua.*

— Acha que eu deveria colocar debaixo da água corrente fria? — pergunta mamãe a papai, esfregando a mão. — Não é o que dizem que você deve fazer com queimaduras? Ou deve colocar manteiga em cima? Eu não me queimo há anos.

Ela perdeu a esperança de conseguir a atenção de Fran ou Anton, mas é uma idiota se não consegue ver que papai está com raiva demais de mim para escutar qualquer coisa que ela possa dizer. A intensidade de sua fúria é evidente por sua postura: cabeça baixa, testa muito franzida, ombros curvados e duros, punhos cerrados. Veste uma camisa listrada azul e amarela, mas estou certa de que se Alice estivesse aqui, concordaria comigo que a energia que emana dele é cinza-chumbo. Ele não se moveu durante quase quinze minutos; o pai sorridente de tapinhas nas costas que me recebeu aqui quando cheguei desapareceu e foi substituído por uma estátua, ou escultura, que, se eu fosse o artista, chamaria de “Homem Enfurecido”.

— Você perdeu a cabeça? — diz, cuspiendo as palavras em mim. — Você não pode comprar uma casa de 1,2 milhão!

— Eu sei disso — digo a ele.

Não é apenas a perspectiva de minha irresponsabilidade financeira que o incomoda. Ele se ressentido do caos que instalei em sua vida sem consultá-lo. Costumávamos ser uma família que nunca tinha visto uma mulher assassinada que então desaparece inexplicavelmente. Agora, graças a mim, isso não é mais verdade.

— Se você não pode arcar com uma casa de 1,2 milhão de libras, então por que estava olhando uma? — pergunta mamãe, como se tivesse me apanhado com uma manobra lógica particularmente esperta. Balança a cabeça de um lado para outro, lenta e ritmadamente, como se pretendesse continuar para sempre, como se eu tivesse lhe dado razão suficiente para angústia eterna. Em sua cabeça, eu já falei e envergonhei a família. Ela tem a capacidade de penetrar em uma dimensão que é inacessível à maioria dos mortais comuns: o pior cenário possível dez anos no futuro. É para ela tão real quanto o presente; de fato, é tão vívido que na maioria do tempo o presente não tem qualquer chance contra isso.

— Você nunca olha coisas que não pode ter? — pergunto.

— Não, certamente não! — diz. *Fim de conversa.* Como o fecho de metal de uma bolsa de moedas antiquada, travando com um estalo. Eu deveria saber. Minha mãe nunca faz nada que não a coisa mais sensata. — E você não deveria, e não *faria*, a não ser que fosse tentada e considerasse fazer uma hipoteca enorme por...

— Mãe, não há como eles conseguirem uma hipoteca de tanto — intervém Fran. — Você está se preocupando por nada, como sempre. Eles não vão comprar aquela casa porque não podem. Na situação atual, Melrose Cottage seria vendida por, no máximo, trezentos mil, a maior parte do que voltaria para a Rawndesley and Silsford Building Society. Mesmo que Con e Kit usassem toda a poupança, nenhum emprestador com juízo os deixaria pegar mais de um milhão de libras.

Sinto vontade de gritar por minha irmã saber tanto quanto eu das nossas finanças. Quando ela diz poupança, tem em mente um número preciso — o correto. Eu da mesma forma sei sobre o dinheiro dela e de Anton: suas poupanças, sua hipoteca, a renda mensal exata, agora que Anton parou de trabalhar, o quanto pagam em mensalidade escolar para Benji (quase nada), o quanto mamãe e papai pagam (quase tudo). “Não sei por que algumas famílias são tão reticentes sobre as questões financeiras”, minha mãe diz desde que me lembro. “Por que tratar as pessoas mais próximas de você como estranhas?”

Quando eu tinha doze anos e Fran dez, mamãe nos mostrou a caderneta de poupança Halifax dela e de papai, para que pudéssemos ver que haviam poupado quatrocentos e setenta e três mil libras e cinquenta e dois pence. Lembro-me de olhar para o número escrito em caligrafia azul e ficar impressionada e um pouco chocada, pensando que meus pais deveriam ser gênios, que eu nunca poderia esperar ser tão inteligente quanto eles. “Vamos sempre ficar bem, pois temos este dinheiro como proteção”, mamãe disse. Fran e eu acreditamos na propaganda e passamos os anos de adolescência colocando nossos trocados em contas de poupança enquanto nossos amigos torravam cada moeda que tinham em batom e sidra.

— Se você acha que sua mãe e eu vamos lhe emprestar dinheiro para que possa viver acima de seus recursos, pode esquecer — diz papai. Aos olhos dele e de mamãe, viver além dos recursos equivale eticamente a jogar bebezinhos da janela.

— Não acho isso — digo. Eu não pediria a meus pais um empréstimo de cem libras, quanto mais de um milhão. — Não iria comprar Bentley Grove, 11 mesmo se pudesse pagar dez vezes mais e não houvesse outras casas no mundo.

Paro antes de explicar por quê. Deveria ser óbvio.

— Vocês realmente acham que é sobre minha hipotética extravagância que deveríamos estar conversando? Que tal a mulher morta caída em seu próprio sangue? Por que não falamos sobre isso? Por que estão todos evitando isso? Eu lhes contei, não foi? Poderia jurar que lhes contei sobre o que vi em Roundthehouses e sobre o detetive que apareceu...

— Você não viu uma mulher morta em Roundthehouses ou em qualquer outro lugar — papai me corta. — Nunca ouvi tolice maior em minha vida. Você mesma disse: quando Kit foi olhar não havia corpo. Certo?

— Foi o que você disse — acrescenta mamãe, nervosa, como se temesse que eu fosse uma desequilibrada prestes a mudar sua história.

Eu confirmo.

— Então não havia corpo; você imaginou — diz papai. — Você deveria ligar para o policial e pedir desculpas por desperdiçar o tempo dele.

— Tenho certeza de que se eu ficasse de pé até sabe lá que hora da noite, também começaria a ter alucinações — contribui mamãe. — Continuo dizendo, mas você nunca acredita: precisa cuidar melhor de si mesma. Você e Kit sempre trabalham demais, você fica acordada até tarde demais, nem sempre come direito...

— Dá um tempo, mãe — diz Fran. — Não está fazendo bem algum. Vamos lá, Benji, abra a boca e coma este delicioso... Isso mesmo! Mais um pouco...

— O que você acha, Anton? — pergunto a ele.

— Não acho que você teria visto se não estivesse lá — ele diz. Penso em pular da cadeira e jogar meus braços ao redor dele, que estraga tudo acrescentando: — Para mim, parece uma brincadeira de alguém. Eu não ficaria preocupado.

Como resposta, isso é apenas um pouco menos descartável que: “Não vou me aborrecer com isso — esforço demais.”

— Você não deveria estar procurando casas em Cambridge por preço nenhum — diz mamãe. — Millionaire’s Row ou Pauper’s Parade. Esqueceu do que aconteceu da última vez em que tomou esse caminho?

— Mamãe, por Deus! — diz Fran.

— Pelo menos daquela vez havia uma razão: a promoção oferecida a Kit.

*Que ele não pôde aceitar porque eu estraguei tudo para ele.
Obrigada por me lembrar.*

— Por que agora, de repente? — suplica mamãe, adotando a que provavelmente é a preferida de suas muitas vozes: o frágil gemido esganiçado de uma mulher arrasada. — Você e Kit têm um negócio de sucesso, uma casa adorável, têm todos nós à sua porta, sua irmã, o adorável Benji, por que iria querer se mudar para Cambridge *agora*? Quero dizer, se fosse Londres eu até poderia entender, com Kit trabalhando tanto lá quanto trabalha, embora só Deus saiba por que alguém iria querer viver em um inferno tão barulhento e sujo, mas Cambridge...

— Porque deveríamos ter nos mudado para lá em 2003, e não o fizemos, e lamento isso desde então.

Estou de pé, e sem saber ao certo o motivo. Planejei sair dali em disparada? Sair da casa? Mamãe e papai me encaram como se não entendessem o que acabei de dizer. Papai vira o rosto, dá um rosnado suspirado que nunca ouvi antes. Isso me assusta.

Por que sempre tenho de arruinar as coisas para todos? O que há de errado comigo?

— Hurra! Benji comeu seus brócolis — comemora Anton, novamente por um alto-falante simulado, aparentemente ignorando os invisíveis cordões de tensão esticados com firmeza de uma ponta à outra da cozinha. Talvez eu esteja sofrendo de uma doença que provoca alucinações; posso ver esses cordões tão claramente quanto se fossem reais, com ameaças não ditas e rancores reluzentes pendurados neles como decorações de Natal.

— Benji é o maior! — berra Anton, enquanto Fran agita o garfo no ar em triunfo.

— Benji tem cinco anos, não dois — corto. — Por que vocês não começam a falar com ele normalmente em vez de como um animador barato de festa infantil?

— Porque — continua Anton com sua falsa voz ribombante — é só quando papai fala assim e o faz *rir...* que ele come seus *brócolis*.

Benji não está rindo. Está tentando não engasgar com a comida que odeia.

A alegria impermeável de Anton me faz querer berrar uma avalanche de insultos sobre ele. A única vez em que vi um leve franzir de cenho passar por seu rosto foi quando uma cliente da Monk & Sons se referiu a ele como dono de casa. Fran a corrigiu rapidamente de um modo que pareceu forçado, decorado. Cometi o erro de contar a história a Kit, que instantaneamente desenvolveu uma reação pavloviana a ouvir o nome de Anton: “Anton, não um dono de casa, mas um personal trainer dando uma pausa em sua carreira.”

— Barato! — diz mamãe, pegando a frase. — Claro, você agora é chique, não é, com sua casa de 1,2 milhão de libras?

— Totalmente inviável casa de 1,2 milhão de libras — disse Fran rapidamente. Ela se incomoda por Kit e eu estarmos melhor que ela e Anton, embora não esteja certa se admitiria isso para si mesma. Piorou depois que Kit saiu da Deloitte e nós criamos nosso próprio negócio. Se a Nulli se revelasse um fiasco, Fran seria simpática, chateada por nós, mas também aliviada. Tenho certeza disso, mas não posso provar. Não posso provar muitas coisas no momento.

Fran e Anton moram em uma cabana chamada Thatchers que é menor que minha casa, e mais perto dos meus pais — quase em frente a Thorrold House, do outro lado do gramado. Como Melrose Cottage, Thatchers tem dois aposentos no primeiro andar e dois no segundo, mas a cozinha não passa de uma pequena tira no final da sala, e os quartos ficam sob o teto de palha e são, portanto, triangulares, sendo difícil ficar em pé. Acontece que Anton e Fran pouco sofrem com a falta de espaço — eles efetivamente moram com mamãe e papai desde que Benji nasceu. Thatchers, que eles insistem em chamar de “lar”, fica vazia quase o tempo todo.

Por que ninguém mostra como é maluco ter uma casa vazia logo ali? *Mais maluco do que olhar casas em Cambridge pela internet. Mais maluco que pensar em mudar para uma das cidades mais bonitas e vibrantes da Inglaterra em vez de passar o resto da vida em Little Holling, Silsford, com seu único pub e sua população de menos de mil pessoas.*

— Ignore Connie, Anton — diz mamãe. — Ela claramente perdeu o juízo.

— Ela pode compensar — diz Anton, piscando para mim. — Trabalho extra de babá, hein, Con?

Tento sorrir, embora a perspectiva de mais função de babá me encha de ressentimento. Eu já fico de babá para Benji toda terça à noite. Em minha família, se algo acontece uma vez e dá certo, é só uma questão de tempo até que alguém sugira que isso deve se tornar uma tradição.

— Um dedo de chocolate, *dois* dedos de chocolate, *três* dedos de chocolate!

Fran agora está encenando seu trato com Benji, para demonstrar seu apoio a Anton e suas vozes bobas. Ela está do lado dele, papai e

mamãe estão um do lado do outro e ninguém está do meu lado. Cai bem para mim; qualquer coisa que faça com que me sinta menos um dos Monk de Little Holling tem de ser uma coisa boa.

— Não há nada de errado com meu juízo — digo a mamãe. — Eu sei o que vi. Vi uma mulher morta naquela sala, caída em uma poça de seu próprio sangue. O detetive com quem falei esta manhã está levando a sério. Se vocês não querem, problema seu.

— Ah, Connie, escute a si mesma! — diz mamãe, lamentando.

— Não perca seu fôlego, Val — murmura papai. — Desde quando ela presta atenção ao que dizemos? — diz, levanta o braço direito e estuda a mesa abaixo como se esperando encontrar algo. — O que aconteceu com aquela xícara de chá que você estava fazendo?

— Desculpe, mas não faz sentido, amor — mamãe me diz em voz sussurrada enquanto enche a chaleira e lança olhares culpados na direção de papai, que espera que ela não note sua inalterada disposição de dialogar com a filha que ele acabou de descartar como não valendo a pena. — Quero dizer, você só tem de pensar dois segundos para se dar conta de que não faz sentido, não é mesmo? Por que alguém iria colocar o corpo assassinado de uma mulher em um site imobiliário? Um assassino não o faria, não é mesmo, pois iria querer esconder o que fez. Um corretor de imóveis não o faria porque iria querer vender a casa, e ninguém iria comprar uma...

— A não ser minha filha mais velha — anuncia papai em voz alta. — Não apenas minha filha, mas também minha contadora, o que é ainda mais preocupante. Ah, e ela está mais do que feliz em fazer uma hipoteca e ficar na penúria para comprar a horrenda casa da morte por 1,2 milhão de libras.

Não sei por que ele olha feio para Benji enquanto diz isso, como se fosse culpa dele.

— Papai, eu não quero comprar Bentley Grove, 11. Eu não posso comprar. Você não está me escutando.

Como de hábito. O que ele quis dizer com o comentário sobre a contabilidade? Que ele teme que eu roube da Monk & Sons? Que minhas tendências perdulárias acabem levando à falência a empresa da família? Nunca fiz nada além de um trabalho brilhante para ele, e isso não vale nada. Não deveria ter me preocupado.

E agora estou pensando como mártir. Não dizem que toda mulher acaba como a mãe?

Diga a eles que está saindo da Monk & Sons. Pedindo demissão. Vai trabalhar em tempo integral para a Nulli — é o que quer fazer, não é? O que há nessas pessoas que torna impossível dizer o que pensa e o que deseja?

— Você está se contradizendo — digo a papai. — Se imaginei o corpo, então não é uma horrenda casa da morte, é?

— Então você *realmente* quer comprar. Eu sabia! — diz, batendo o punho na mesa, fazendo-a balançar.

— O vendedor não faria isso — diz mamãe para si mesma, enrolando a mão queimada em um pedaço de toalha de papel enquanto espera a água ferver. — É muito provável que ele ou ela queira que a casa seja vendida tanto quanto o corretor de imóveis.

— Por favor, pare de catalogar todos que não iriam colocar um corpo em um site da internet, mamãe — resmungo Fran. — Já provou sua tese: ninguém faria isso.

— Bem, se ninguém faria isso, então Connie não pode ter visto, não é? — conclui mamãe, assentindo triunfante para mim, como se fosse o fim da questão.

Por que minha família sempre faz com que me sinta assim? Sempre que converso com eles por algum tempo, acabo me remexendo desconfortável, procurando desesperadamente um bolsão de ar como se o oxigênio estivesse sendo lentamente retirado da conversa.

Não suporto mais ficar perto deles. Nem suporto a ideia de voltar para casa e Kit, que irá me perguntar como foi e rir como se de uma comédia de TV enquanto narro a ele, como espera que eu faça, como se fosse uma comediante e minha família divertida e inofensiva, motivo de piada. Só há uma pessoa com quem quero conversar no momento, e embora seja sábado, também é uma emergência.

É mesmo? Tem certeza?

Qual foi a última vez em que tive certeza de algo?

Tiro o celular da bolsa e saio da cozinha. Mamãe grita para mim.

— Você não precisa ir para outro lugar. Não vamos escutar.

— E a coisa ridícula é que eu quase não fiz isso. Eu me vi pensando: “Mas não é uma emergência real; você não está sangrando até a morte, pendurada de um penhasco pelas unhas. Poupe sua permissão de ligar em uma emergência para uma situação de vida ou morte, não a desperdice com isto.” Mas por que não? Quero dizer, é uma situação de vida ou morte: a mulher que eu vi foi assassinada, deve ter sido. E por que decidi que era uma coisa única e que depois de ter feito o telefonema para emergência teria acabado para sempre? Você ficaria com raiva se eu ligasse fora do seu horário de trabalho daqui a alguns meses, ou mesmo anos, se eu tivesse azar suficiente de me sentir tão mal assim novamente?

— Está reparando nas palavras que escolhe? — pergunta Alice. — “Poupe”. “Desperdício”?

Não, não notei. Admitir isso seria deprimente demais, então fico calada. Quando comecei a ver Alice, os longos silêncios me perturbavam. Agora estou acostumada com isso. Passei a gostar deles. Algumas vezes, conto o quanto duram: *um elefante, dois elefantes, três elefantes*. Algumas vezes, entro em uma espécie de transe, olhando para as contas de vidro claras ao longo da base da cortina de seda creme ou para o candelabro rosa de borboletas.

— Por que contou à sua família sobre a cena da mulher e o sangue? — Alice finalmente pergunta.

Kit me perguntou a mesma coisa. “Por que contar a eles? Eles vão ser duros com você e fazer com que se sinta cem vezes pior.” Eu sabia que ele estava certo, mas ainda assim fui em frente e me coloquei na linha de tiro.

— Você costuma descrever seus pais como sufocantes — diz Alice. Ela se lembra de cada palavra que pronunciei em sua presença desde nosso primeiro encontro, sem a ajuda de anotações. Talvez as borboletas cor-de-rosa escondam algum equipamento de gravação.

— Por que foi lá para ser sufocada, sem ter dormido e depois do pior choque de sua vida?

— Eu tinha de contar a eles. Um detetive foi tomar meu depoimento. Era algo... grande demais para esconder deles,

importante demais. Não posso me envolver com a polícia e esconder isso da minha família.

— Não pode?

Sem segredos entre pessoas que se amam. Isso foi martelado em mim a vida inteira, não estou certa de que possa explicar esse tipo de programação a alguém que não o experimentou.

— Mas você manteve silêncio sobre a outra grande coisa importante em sua vida no momento — diz Alice. — O problema que a preocupa desde janeiro.

Eu rio, embora queira chorar.

— Não é a mesma coisa. Aquilo poderia não ser nada. Provavelmente não é.

— A mulher morta que você viu pode não ser nada, caso tenha imaginado.

— Não imaginei. Sei que não.

Alice tira os óculos, joga-os no colo.

— Você também não imaginou o que aconteceu em janeiro. Não sabe o que significa, mas não imaginou.

— Não posso dizer aos meus pais que Kit pode ter toda outra vida sobre a qual nada sei — digo, odiando o som de minha voz. — Simplesmente não é uma opção. Você não entende. Eu posso ter mudado o sobrenome, mas ainda sou uma Monk. Tudo na família Monk é agradável, normal e feliz. Isso não é uma coincidência, é uma regra. Não há problemas, nunca, exceto Benji não comer os malditos brócolis; essa é a pior coisa que pode acontecer. É fora de questão, totalmente proibido, haver algo esquisito acontecendo; quero dizer, realmente esquisito ruim. Esquisito engraçado tudo bem, desde que dê uma boa história.

Limpo o rosto, tento me compor.

— A única coisa pior que esquisito ruim é incerteza. Meus pais não aceitam ambiguidade de nenhum tipo; literalmente, assim que ela ousa se mostrar, eles a colocam porta afora em termos claros. E, sim, eu disse isso deliberadamente. Tudo o que mamãe e papai fazem, eles fazem em termos não ambíguos. A ambiguidade é inimiga. Uma das inimigas — me corrijo. — Mudança é outra. E espontaneidade, e risco; há toda uma gangue deles.

— Não espanta que seus pais estejam assustados — diz Alice. — Você mesma disse: eles estão sendo perseguidos por uma gangue.

Será que ela vai me dar o mesmo remédio da última vez? Kali Phos, era o nome. Para pessoas com aversão aos próprios pais. Kit ameaçou roubar a garrafa para si mesmo quando contei.

— Kit está muito infeliz — digo a Alice. — Eu o *fiz* infeliz. Ele não consegue entender por que não acredito nele. Nem eu consigo. Por que não posso aceitar que coisas estranhas às vezes acontecem e deixar isso para trás? Eu *sei* que Kit me ama, sei que está desesperado para que as coisas voltem ao normal. Sou tudo o que ele tem, e... eu o amo. Vai soar maluco, mas o amo mais que nunca; eu me sinto ultrajada pelo que faço a ele.

— Porque provavelmente ele é inocente, e a própria esposa não acredita nele? — sugere Alice.

Eu concordo.

— Como posso contar a papai e mamãe, e a Fran, e fazer com que também suspeitem dele, quando não há como encerrar a suspeita, *nunca*? Eu já não o tornei infeliz o bastante?

— Então é pelo bem de Kit que você está escondendo isso da sua família?

— Dele e deles. Meus pais não suportariam isso; sei que não. Tentariam me impedir de viver com isso. Contratariam um detetive particular... Não, fazer isso significaria admitir que estavam metidos em algo repulsivo. Sei o que eles fariam — digo, e parece uma revelação, embora em certo nível eu esteja inventando. — Eles iriam me pressionar para abandoná-lo e retornar a Thorrold House. Por garantia. Eles diriam: "Se você não está cem por cento certa de que ele é confiável, não pode ficar com ele."

— Essa é uma coisa idiota a dizer?

— Sim. Eu preferiria ter o resto da minha vida arruinada por suspeitas que levam a nada a largar um homem que amo e que muito provavelmente não fez nada de errado.

Alice recoloca os óculos e se inclina para frente. Sua cadeira giratória de couro range.

— Explique uma coisa. Você diz que não há como a desconfiança terminar, nunca, mas em seguida menciona a possibilidade de

contratar um detetive particular. Você poderia não querer fazer isso, e eu entenderia, mas não seria uma forma de descobrir com certeza se Kit está mentindo?

— Está dizendo que acha que deveria contratar um detetive? — pergunto. Se ela responder que sim, não voltarei mais aqui. — Não seria perigoso para alguém tão paranoica quanto eu imaginar que posso pagar pela certeza sempre que precisar? Não seria melhor tentar cultivar a confiança? E se o detetive seguir Kit por um mês e não descobrir nada? Eu finalmente aceitaria que nada acontece ou iria me preocupar que o detetive foi negligente e deixou passar algo?

Alice sorri.

— Ainda assim, esta manhã você contou a um detetive tudo sobre ver uma mulher morta na internet. Ele pode ser negligente; pode deixar passar algo.

— Então eu irei a Cambridge, encontrarei um detetive consciencioso e o farei me escutar — digo com veemência.

— Porque você quer descobrir a verdade.

— Não diz respeito a mim, diz respeito à mulher que vi, quem quer que seja ela. Alguém a assassinou. Não posso simplesmente...

— Você quer descobrir a verdade — repete Alice.

— Então certo, quero! Eu vi uma mulher morta no chão *naquela* casa. Em minha posição, você não iria querer a verdade?

— Connie, posso falar francamente? No que diz respeito à mulher morta, sua energia em busca da verdade é realmente forte. Posso sentir, é tangível nesta sala. Normalmente isso ajudaria a atrair a verdade até você. Quando nos concentramos em algo que queremos com toda a energia, acreditamos que iremos conseguir um dia e buscamos isso com grande determinação, decidindo que nunca iremos desistir, normalmente o que buscamos vem até nós, é só uma questão de quanto tempo leva para chegar a nós. No seu caso, há uma complicação: em outro setor da sua vida, você está apavorada de descobrir a verdade, e está transmitindo uma energia igualmente forte de *repulsão* da verdade.

Ela cruza os braços e espera minha reação.

— Está falando de Kit? Isso não é justo. Você sabe como me esforcei.

— Você não se esforçou — diz Alice com gentileza. — Você está mentindo para si mesma se acha que sim.

Nesse caso devo ser excepcionalmente convincente.

— O quê, está me dizendo que as energias contraditórias estão se misturando e enviando um sinal confuso? Que meu medo de descobrir a verdade sobre Kit está repelindo *toda* a verdade?

Alice não diz nada.

— Então quem está encarregado de toda essa coisa de energia e atração, lá no *cockpit* do universo, seja Deus, destino ou como quer que se chame, ele é míope, certo? — reajo, irritada. — Ele não *consegue* ler a lista de compras. Item um: verdade sobre mulher morta; item dois: nada de verdade sobre marido possivelmente traidor. Eles se fundem, é, de modo que ele não sabe exatamente o que deveria entregar? Ele não consegue se concentrar direito e atrair um bom par de óculos de leitura? Sendo o Todo-poderoso controlador do universo, isso não deveria ser demais para ele.

— Nada está borrado — diz Alice. — Os dois itens nunca foram distintos. Estão ligados por um endereço: Bentley Grove, 11, Cambridge.

Sinto como se fosse vomitar.

Kit não a matou. Ele não pode ter feito isso. Ele não é um assassino. Eu não amaria um assassino.

— Você só quer parte da verdade ou quer toda ela? — pergunta Alice. — E se for tudo ou nada? O que escolheria?

— Tudo — sussurro. Meu estômago revira.

— Bom. Seu telefone está tocando.

Eu não tinha ouvido.

— Nada como um resultado imediato para convencer um cético endurecido — diz Alice.

— Importa-se se eu...? Alô?

— É Connie Bowskill?

— Ela falando.

— Sam Kombothekra.

— Ah — digo, e meu coração dá um pulo. *Kombothekra*, *Kombothekra*. Tento guardar o nome.

— Poderia ir à delegacia de Spilling segunda-feira às nove e meia?

— Eu... Alguma coisa aconteceu? Falou com a polícia de Cambridge?

— Gostaria de falar com você pessoalmente — ele diz. — Segunda de manhã, nove e meia?

— Certo. Não pode pelo menos...

— Eu a vejo então.

Ele desliga.

Alice ergue o copo d'água como em um brinde.

— Muito bem — diz, brilhando. Não tenho ideia por que está me parabenizando.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/21IG

D.

Não se esqueça de passar no supermercado e comprar:

Pão pitta, passata, saco de salada, cordeiro picado, queijo feta, caneca, alcachofra grelhada (em óleo no vidro, da delicatessen — NÃO uma lata de alcachofra da seção de vegetais enlatados), lapiseira nova para Riordan, algo para Tilly para ela não se sentir ignorada — ímã da Barbie ou algo assim. Obrig!

E xx

6

19/07/2010

— Certo. Você colocou sua casa à venda...

— Não, não coloquei — retrucou Gibbs.

— Suponha que tenha colocado. Você quer se mudar e colocou sua casa no mercado — disse Sam. — Por que você ficaria em um hotel?

Nos dez minutos anteriores ele circulara a escrivaninha de Gibbs — eventualmente olhando para ele, depois desviando os olhos, como se tivesse algo em mente, mas não soubesse bem como apresentar.

Gibbs esperara que ele contasse, o que quer que fosse.

— Se eu quisesse uma folga, e fazer as coisas parecer esforço demais...

— Não, não uma folga. Você não escolheria um hotel a pouca distância de sua casa, escolheria? Desculpe, não estou me explicando bem.

Você não está se explicando nada.

— Por que você decidiria ficar em um hotel enquanto esperava sua casa ser vendida? Por mais que demorasse.

— Eu não faria isso — disse Gibbs, incomodado por Stepford ser seu supervisor e, portanto, não poder ouvir ser mandado pastar e parar de perder seu tempo. — Eu ficaria em minha casa até ser vendida, e então me mudaria para minha nova casa. Não é o que a maioria das pessoas faz?

— É. Exatamente.

— Mesmo que você tivesse sorte e sua casa fosse vendida rapidamente, imagino que iria demorar pelo menos seis semanas.

Seis semanas em um hotel seria inviável para a maioria das pessoas; seria para mim, pelo menos.

— Digamos que você pudesse pagar; você ganha bem, ou tem uma fortuna guardada.

— Ainda assim não faria. Ninguém faria. Por que simplesmente não ficar em casa?

— E se você não pudesse suportar a ideia de possíveis compradores e avaliadores no seu caminho o tempo todo, entrando e saindo enquanto você tenta receber amigos, tocando a campainha às 9 horas de um sábado quando você pretendia ficar na cama? Não seria mais conveniente se mudar para um hotel?

— Não — retrucou Gibbs secamente. Receber amigos? As amigas de Debbie apareciam para um chá de vez em quando; isso conta como receber? O que Stepford pensava que Gibbs era, Nigella Lawson?

Colin Sellers se arrastou para dentro parecendo pior do que parecera na semana anterior, o que Gibbs não teria achado possível se a evidência não se apresentasse diante dele.

— Seu cabelo parece uma bola de pelos que um gato cuspiu — disse em voz alta. Nenhuma reação. Ele tentou de novo. — Alguns barbeiros cortariam sua garganta pelo preço de um corte de cabelo, resolvendo todos os seus problemas de uma vez só.

Sellers grunhiu e foi para sua escrivaninha. Suki, sua namorada de muitos anos, o largara quinze dias antes. De início Gibbs tentara alegrá-lo, lembrando que ele ainda tinha uma esposa, Stacey, e pelo menos ela nunca descobrira sobre o caso, mas Sellers não era fácil de consolar. “Eu tenho uma enorme lacuna de namorada”, murmurara, sombrio. “Se quiser ajudar, ache uma nova mulher para mim. Conseguir pensar em alguém?” Gibbs não podia. “Qualquer uma”, Sellers repetira, desalentado. “Velha, jovem, flácida, esquelética, fedorenta, se for tudo o que puder encontrar, desde que seja nova.” A ideia de que havia fêmeas no mundo com quem ele nunca poderia ter sexo era o ressentimento que movia Sellers.

Gibbs gostava dessa expressão. Era uma forma útil de fixar pessoas na cabeça. Stepford era difícil: ele não tinha ressentimentos, pelo que Gibbs sabia. O Homem de Neve tinha

demais. Gibbs pensou se era necessário que um se destacasse acima dos outros para que pudesse ser contado. Era possível ter um conjunto de ressentimentos que o movesse?

— Pobre velho Colin — Stepford murmurou. — Ele realmente está reagindo mal, não é?

— Quão grande é minha casa?

— Não sei. Nunca a vi.

— A casa que eu coloquei à venda — esclareceu Gibbs.

— Ah, desculpe. Para uma pessoa que mora sozinha, é bastante grande. Quatro quartos, sala de estar, sala íntima, estufa, sala de jantar, uma cozinha decente. Jardim enorme.

— Então estou acostumado a ter espaço, certo? Não estaria preparado para morar em um quarto de hotel pelo tempo que demorasse a vender meu lugar. Teria claustrofobia.

— Imagine você sendo mulher.

— Fale baixo — disse Gibbs, apontando na direção de Sellers. — Não quero ser montado pelo Fornicador.

— Você é sentimental. Está se mudando porque precisa ir trabalhar em outro lugar do país, mas adora a casa. Não suporta continuar a morar nela sabendo que logo irá partir; preferiria mudar imediatamente e... Não?

Gibbs balançava a cabeça.

— Eu poderia fazer isso se *odiasse* minha casa e não suportasse morar mais ali — falou. — Se eu tivesse vivido anos ali com um sujeito que me espancasse ou se algo terrível tivesse acontecido ali; meus filhos morrido em um incêndio, ou eu sido roubada e vítima de estupro coletivo...

O inspetor Giles Proust passou pisando duro e sem erguer os olhos. Ao chegar ao seu cubículo de vidro no canto mais distante da sala, virou-se, ergueu a maleta no ar e disse:

— Não ligue para mim, Gibbs. Continue com sua conversa edificante e animadora, seu pensamento inspirador do dia na manhã de segunda.

Ele entrou e bateu a porta.

Vá se foder, Gelado.

Stepford esfregava a testa, parecendo preocupado.

— Não acredito que estou nesta situação. Em um minuto uma mulher chamada Connie Bowskill entrará aqui e muito provavelmente contará um monte de mentiras e meias verdades, e não sei se ela está mentindo ou não, porque não consigo achar Simon Waterhouse. Não tenho como encontrá-lo; não pode ser feito, simples assim. Se pudesse conversar com ele por dois minutos, ou mesmo um minuto, seria capaz de me sentir seguro.

Gibbs sabia onde Waterhouse estava. O que ele não tinha era permissão para repassar o conhecimento.

A porta do escritório do Homem de Neve se abriu e ele enfiou a cabeça do lado de fora. Ainda segurava a maleta.

— Está esperando visita, sargento? Há uma mulher na recepção perguntando por você. Jovem, morena, atraente. Connie Bowler, creio ser o nome. Eu a evitei.

— Connie Bowskill — corrigiu Stepford. Gibbs ouviu a relutância em sua voz; Proust também, sem dúvida.

— Sou bom com nomes, e o dela não me disse nada. Quem é ela?

— Connie Bowskill? — repetiu Sellers, erguendo a cabeça da barra de Mars que estava desembulhando. — Nunca ouvi falar.

Mas está louco para transar com ela, não é? Sem examinar primeiro.

Stepford deslocou o peso de um pé para outro, evitando olhar para Proust.

— Quem é ela, sargento? Uma clarividente? Sua professora de flauta? Posso ficar aqui chutando o dia todo ou você poderia tornar a vida mais fácil para nós dois respondendo à pergunta.

— Ela é... alguém que estou tentando ajudar. É uma longa história, senhor, e prestes a ficar ainda mais longa. Envolve um possível assassinato.

— Assim como as iniciativas de treinamento de equipe que concebo em minha mente toda noite antes de cair no sono. Se há um assassinato, por que eu não sei dele?

— Não é nossa jurisdição.

— Então o que ela está fazendo aqui? Por que não está em St. Anne's-on-Sea? Por que não está em Nether Stowey, Somerset?

— Não tenho tempo de explicar se ela está na recepção — disse Stepford. — Deixe-me falar com ela e então apresentarei a situação.

Um possível assassinato. Isso significa que Gibbs era obrigado pelo dever a dizer a Stepford onde Waterhouse estava?

Possivelmente. Provavelmente.

— Já não gosto da aparência disso — rosnou Proust. — Você deveria tentar ser menos útil no futuro; para todos, menos eu. Você teria histórias mais curtas para contar e menos situações para apresentar às pessoas.

Ele recuou para seu escritório e fechou a porta, mas em vez de ir diretamente para sua escrivaninha como costumava fazer, ficou de pé e olhou através do vidro, maleta na mão, sem expressão — como algo velho e feio em uma vitrine de museu. O homem era bizarro; devia estar em um hospício. Gibbs decidiu tentar encará-lo. Depois de alguns segundos, perdeu o interesse e desviou os olhos.

O policial Robbie Meakin apareceu à porta da sala de detetives.

— Há um senhor e uma senhora esperando pelo senhor na cantina, sargento.

— Na cantina? — reagiu Stepford, parecendo desapontado. Era o mais perto de “com raiva” a que ele chegava.

— O melhor que consegui, lamento. Todas as salas estão ocupadas.

— Você sempre pode pegar um quarto mais embaixo, no Blantyre — sugeriu Gibbs. — Já que estamos falando de hotéis.

Ou ele devia chamar de “Blantyre”. Não, dizia “The Blantyre Hotel” na frente. Ficou pensando em quantas noites no Blue Horizon ele e Olivia poderiam pagar antes que o dinheiro deles acabasse. Algumas, caso ela vendesse seu vestido de duas mil libras.

Ele deveria ligar para ela antes de contar alguma coisa a Stepford sobre o paradeiro de Waterhouse; era justo alertá-la. Ele tinha o número dela; Charlie devia ter dado a ela o dele, e ela mandara uma mensagem na semana anterior para dizer que estava ansiosa para “testemunhar” com ele. Em retrospecto, agora que o casamento de Waterhouse era passado, Gibbs se deu conta de que também tinha ansiado por isso. Sem algo pelo que ansiar, qual o sentido das coisas?

Ele decidiu não telefonar para Olivia imediatamente. Isso poderia esperar uma hora ou mais.

Para onde ele tinha ido agora? Charlie imaginara, quando reservara Los Delfines, que seria excitante e luxuoso passar quinze dias em uma casa enorme. Estava se revelando mais frustrante que qualquer coisa. Em casa, quando Simon desaparecia e ela ia procurar, sempre o encontrava em segundos. Ali não era tão fácil; a última coisa que Charlie queria era percorrer trinta aposentos naquele calor.

— Simon? — chamou para o alto da escadaria de mármore branco.

Estaria ele no banheiro? Certamente não por tanto tempo — não sem levar *Moby Dick*, e ela acabara de ver o livro na piscina. Não podia estar na cama; era o último lugar onde se arriscaria a ser flagrado por ela. Na cozinha, preparando o almoço? Ontem Charlie se queixara de ter de descascar os camarões que haviam comprado no supermercado da rua. Talvez Simon tivesse decidido descascá-los previamente para poupá-la do inconveniente. Ela riu sozinha. *Sem dúvida.*

Ela ajustou o sutiã do biquíni e estava indo à cozinha quando algo chamou sua atenção: um pedaço de papel no aparador com algo escrito em maiúsculas. Será que ele tinha saído e deixado um bilhete? Não, ela o teria visto enquanto se bronzeava na espreguiçadeira; teria precisado passar por ali.

Pegou. Não era papel; era a passagem de avião de Simon. Ele tinha escrito "BENTLEY Grove, 11, Cambridge, CB2 9AW". Charlie franziu o cenho. De quem era esse endereço? Será que ele queria que encontrasse ou seria um lembrete a si mesmo sobre algo? Quem ele conhecia em Cambridge? Ninguém, pelo que sabia.

Ouviu passos na escada.

— Você me chamou? — Simon perguntou. — Estava na varanda do telhado, olhando para o rosto na montanha. Você deveria subir; veria imediatamente.

Ele continuava com isso?

— Não ligo de não ver o rosto.

— Eu quero que você veja — insistiu Simon. Ele começou a subir novamente a escada.

— O que é Bentley Grove, 11, Cambridge?

— Ahn?

— CB2 9AW.

Simon pareceu confuso.

— Do que você está falando?

— Disto — respondeu Charlie, agitando a passagem para ele.

— Vamos dar uma olhada — disse se aproximando. Olhou para o papel, depois para ela e falou: — Não tenho ideia. É sua passagem de avião?

— Não. É a sua. A minha está lá fora, na piscina; estou usando como marcador de livro. Você enfiou a sua no bolso quando embarcamos; eu vi. Em algum momento entre a noite de sábado e agora você deve ter retirado, escrito este endereço e deixado aqui no aparador — disse. Como ele podia não se lembrar?

Ele balançava a cabeça.

— Não fiz isso, não. Você fez?

— Eu fiz? — reagiu Charlie, rindo. — Bem, obviamente não fiz, ou não estaria perguntando por que você fez.

Simon não pareceu convencido. Olhou do modo como olhava ao interrogar um suspeito, Charlie se deu conta, desconfortável: desconfiado. Distante.

— Quem mora em Bentley Grove, 11? — perguntou.

— Simon, esta é a conversa mais insana que já tive; e vamos concordar que a concorrência é dura. Não sei nada sobre esse endereço. *Você* sabe, porque escreveu, então por que não me diz quem mora lá?

— Cambridge. Você costumava lecionar em Cambridge.

— Não *ouse* soar desconfiado! Diga o que está acontecendo, ou eu...

— Não escrevi isto, Charlie. Não conheço ninguém em Cambridge — disse, não parecendo mais desconfiado; parecia com raiva. — Que porra está acontecendo? Você me ouviu descendo as escadas e sabia que não teria tempo de esconder, então sonhou com um

elaborado blefe duplo idiota; decidiu me acusar de ter escrito. Inteligente. Mas deve saber que não vai funcionar. Eu *sei* que não escrevi, lembra? O que só deixa você. A não ser que queira arrastar Domingo para isto; talvez ele tenha escrito.

— Ei, ei! — disse Charlie, erguendo as mãos. — Simon, isso é loucura. Calma, tá? Eu não escrevi. Domingo não escreveu; ele mal fala inglês. *Você* escreveu. Só pode.

— Só que não fiz — disse, a expressão no seu rosto lhe dando arrepios. — Se está acontecendo alguma coisa que não sei, melhor me contar agora. Por pior que seja.

Charlie caiu em lágrimas. Podia sentir o pânico começando a revirar seu estômago, arrepios pela pele. Se você diz a verdade e a pessoa que mais lhe importa não acredita, o que deve fazer a seguir?

— Eu não escrevi! — gritou na cara dele. — Tudo bem, se você diz que também não escreveu, acredito em você; e você deve acreditar em mim também.

— Quer que vasculhe a casa em busca de invasores com manchas de caneta azul nas mãos? — Simon perguntou friamente. — Ou seria melhor procurar uma caneta azul em sua bolsa?

— Procurar na minha...

— Imagino que a tinta corresponderá perfeitamente.

Ai, Deus, faça isso parar. Como Charlie podia acabar com aquilo antes que degradingolasse e saísse do controle? Ela levava uma caneta azul na bolsa, e se Simon encontrasse... Mas ela não tinha feito aquilo. E ele era igualmente capaz de pegar uma caneta em sua bolsa como se ela tivesse. Se ele soubesse exatamente qual caneta tinha escrito aquelas palavras... Não, ela não podia se permitir pensar assim. Eles tinham de confiar um no outro.

— Domingo deve ter escrito — ela disse. — Com ou sem inglês, deve ter... Não sei, anotado um recado de alguém; quem sabe dos donos, talvez sejam ingleses. Talvez morem em Cambridge, estão hospedados lá ou algo assim.

Seria possível? Tinha de ser, se Simon dizia a verdade.

— Encontre-o. Pergunte a ele.

— Você o encontra e pergunta a ele — Charlie devolveu. — E se ele disser que não foi ele, está mentindo, cacete!

— Você está tremendo — disse Simon, indo na sua direção. Ela se preparou para mais uma agressão verbal, mas tudo o que ele fez foi dar um tapinha no braço e... era um sorriso no rosto dele? — Certo, jogo encerrado. Eu escrevi.

— Perdão? — disse Charlie, sentindo como se tivesse se transformado em pedra.

— Eu escrevi e deixei aqui para que você encontrasse.

Palavras que faziam sentido. E ainda assim não faziam sentido.

— Você está... fazendo *experiências* comigo?

— Eu sabia que teria de passar o resto do dia me humilhando, e é o que farei — disse Simon sorrindo, orgulhoso de si mesmo. Ele tinha pensado em tudo.

— Isto tem alguma coisa a ver com trabalho, não é? É nossa lua de mel e você está trabalhando, cacete! Eu *sabia* que você tinha algo na cabeça.

— Não é exatamente trabalho — retrucou. — Depois você pode me dizer quais pensamentos são admissíveis em uma lua de mel e quais não são, mas preciso perguntar a você enquanto ainda está fresco na sua cabeça...

— Estará fresco em minha cabeça daqui a vinte anos, Simon.

Como todas as vezes em que você me magoou no passado: frescas como um campo de margaridas, uma flor para cada ferida.

— Você acreditou em mim? Que eu não tinha escrito? Começou a pensar se haveria algum modo de você ter feito e não lembrar?

Charlie estremeceu; a adrenalina ainda corria por seu corpo.

— Eu odeio você — disse. — Você me assustou.

— Você acreditou em mim, mas só porque estava desesperada para não acreditar em si — Simon disse. Você me propôs um trato: imunidade recíproca da dúvida. O que poderia ter funcionado, graças a Domingo. Ele é a única outra pessoa aqui, e não significa nada para nós. Caso dissesse que não tinha escrito, poderíamos ter achado que era um mentiroso e isso não teria importância para nós, porque não temos uma relação com ele. Mas, e se Domingo não estivesse aqui? Se você sabia que não tinha feito e eu continuasse

jurando que também não, o que teria pensado? Teria começado a imaginar se teria enlouquecido? O que seria preferível a concluir que eu era um mentiroso; um de quem você não podia arrancar a verdade?

— É melhor você me contar imediatamente o que é tudo isto — disse Charlie, trêmula. — Eu não vou passar o resto da nossa lua de mel...

— Relaxe — disse Simon. — Eu ia contar a você.

— Então por que não me contar simplesmente? No aeroporto, no avião? Por que prolongar isto, por que me torturar? Eu *sabia* que você estava com algo na cabeça. Você negou. Você é um mentiroso.

Será que ela estava exagerando? Será que não deveria rir?

Simon estava tentando.

— Achei que poderia fazer você esperar um pouco — provocou. — Aumentar o suspense, deixar você realmente interessada...

— Estou vendo... Então é o mesmo princípio que você aplica à nossa vida sexual?

O sorriso sumiu do rosto dele.

7

Segunda-feira, 19 de julho de 2010

Kit segura minha mão debaixo da mesa enquanto Sam Kombothekra vira o laptop na nossa direção. Eu me encolho; não quero ver aquela sala novamente.

— Não se preocupe — diz Sam quando me viro e apoio em Kit. — Não verá nada desagradável; apenas uma sala de estar comum que já viu antes, sem nada que não devesse estar lá. Mas preciso que olhe. Preciso mostrar uma coisa.

— Temos de fazer isto aqui? — pergunto. Não parece certo. Sam deveria ir novamente a Melrose Cottage, se é a melhor alternativa que pode oferecer. Estamos em uma cantina do tamanho de um auditório de escola, cercados de todos os lados pelos sons de bandejas estalando, lava-louça girando, conversas em voz alta dos dois lados do balcão de servir, bem como de um lado para outro; duas merendeiras, se é esse o nome, idosas parecendo espantalhos rindo descontroladamente de uma piada contada por um jovem policial uniformizado de rosto brilhante. Ao longo de uma parede há uma fila de máquinas parecendo de jogos, piscando e apitando.

Eu me sinto invisível. Minha garganta já está irritada de gritar para ser ouvida; a combinação do calor intenso ali dentro e o cheiro de salsicha e ovo me deixa nauseada.

— Connie? — chama Sam, soando razoável. Todos são muito razoáveis exceto eu. — Olhe a imagem.

Você só quer parte da verdade ou quer toda ela? E se for tudo ou nada?

Eu me forço a olhar para a tela do laptop. Lá está novamente: a sala de estar de Bentley Grove, 11; sem mulher morta no chão, sem

sangue. Sam se estica e aponta para o canto da sala, junto à janela em nicho.

— Está vendo aquele círculo no carpete?

Faço que sim.

— Eu não vejo — diz Kit.

— Uma linha curva marrom muito leve; quase um círculo, mas incompleto — diz Sam. — Dentro dele o carpete tem uma cor ligeiramente diferente; está vendo?

— A linha, sim — diz Kit. — Só isso. Para mim a cor parece a mesma, dentro e fora.

— É mais escura do lado de dentro — digo.

— Isso mesmo — concorda Sam. — A marca foi feita por uma árvore de Natal.

— Uma árvore de Natal? — repito. Ele está brincando? Eu suo acima do lábio superior.

Sam baixa a tampa do laptop, olha para mim.

Apenas diga, seja lá o que for. Diga como conseguiu provar que estou errada, sou louca e idiota.

— A polícia de Cambridge foi muito solícita — ele diz. — Muito mais do que eu esperava. Graças aos esforços deles espero ser capaz de aplacar seus temores.

Ouço o suspiro aliviado de Kit. O ressentimento endurece dentro de mim. Como ele pode fazer isso, antes de ouvir qualquer coisa, como se tudo tivesse terminado? Agora a qualquer momento ele sacará seu BlackBerry e começará a murmurar sobre ter de voltar ao trabalho.

— A dona de Bentley Grove, 11 é a dra. Selina Gane.

Então esse é o nome dela. Sam conseguiu mais informações úteis em quarenta e oito horas do que eu em seis meses.

— Ela é oncologista, trabalha no hospital de Addenbrooke.

— Conheço bem — diz Kit. — Fiz minha primeira faculdade em Cambridge. Addenbrooke me livrou de um apêndice supurado cerca de uma hora antes de ele me matar.

A faculdade que Kit fez lá foi sua única. Ele poderia ter dito “minha faculdade”, mas assim Sam Kombothekra não teria suposto que seria uma de muitas.

Se a Universidade de Cambridge oferecesse um mestrado em Pensar o Pior das Pessoas, eu me formaria com méritos.

— A dra. Gane comprou a casa em 2007, de uma família chamada Beater. Eles compraram o número 11 da construtora quando ela foi erguida em 2002. Bentley Grove não existia antes disso. A venda da propriedade dos Beater para a dra. Gane foi intermediada por uma corretora imobiliária local chamada Lorraine Turner. Lorraine é também a corretora que anuncia a propriedade agora, por coincidência.

— De modo algum por coincidência — corrige Kit. — Se você quer vender sua casa, por que não entregá-la à pessoa que sabe que a vendeu com sucesso da última vez; para você? É o que eu faria se fosse vender Melrose Cottage.

— *Você* não iria vender Melrose Cottage — não consigo me impedir de dizer. — *Nós* iríamos vender.

Quero me desculpar com Sam pela interrupção de Kit; odeio quando ele se exhibe.

— A polícia de Cambridge falou com Lorraine Turner ontem. Eu falei com ela pelo telefone esta manhã. Acho que irá considerar tranquilizador quando lhe contar o que ela me disse. Em dezembro de 2006, os Beater decidiram colocar Bentley Grove, 11 no mercado; queriam se mudar para o interior.

Por quê, por Deus?

— O dia em que eles tomaram a decisão foi também o dia em que a sra. Beater mandou o sr. Beater comprar uma árvore de Natal.

— Devo pegar canecas de chocolate para nós? — pergunta Kit. — Parece que este é o começo de uma história de ninar.

— Logo verá por que é uma história relevante — Sam diz a ele.

Em outras palavras, não interrompa novamente.

— Ela não estava quando ele voltou, portanto não pôde avisá-lo para colocar algo para proteger o carpete antes de pousar nele a árvore em seu vaso. O vaso tinha furos no fundo, a terra estava molhada...

— Que idiota — diz Kit rindo. — Aposto que Beater esposa deu em Beater marido uma bronca que ele nunca irá esquecer.

— Eu diria que é provável — concorda Sam, sorrindo.

Por que todos estão se divertindo menos eu? Não consigo levar isso a sério, nada disso — todas essas banalidades sobre árvores de Natal e pessoas que não significam nada para mim; ao mesmo tempo, não vejo nada de que rir. Minha mente é tomada por uma imagem repulsiva: arranhar o rosto até a pele começar a se soltar, até não sobrar nada além de um bulbo vermelho-sangue sem traços onde minha cabeça costumava ficar.

— Quando Lorraine Turner apareceu para avaliar a casa, a primeira coisa que a sra. Beater mostrou a ela foi o carpete estragado da sala de estar. Resmungou longamente sobre a incompetência do marido: “Típico homem inútil, no mesmo dia em que decidimos vender a casa...” Etc. Vocês imaginam. A sra. Beater contratou um lavador de carpetes profissional, mas a mancha se recusou a sumir totalmente. Restou uma marca marrom em forma de anel que não foi eliminada.

Sam se vira de Kit para mim.

— Segunda-feira passada, Lorraine foi avaliar Bentley Grove, 11 para a dra. Gane. Três anos e meio após ela ter colocado os pés na casa pela primeira vez, a mancha ainda estava lá. Aparentemente ela fez uma brincadeira com isso, depois lamentou, pois a dra. Gane entendeu errado; como se Lorraine estivesse insinuando que ela era desleixada, por não ter trocado o carpete estragado dos donos anteriores. Lorraine diz que foi um pouco constrangedor.

Esperam que eu sinta pena de uma corretora de imóveis que nunca vi? Kit está rindo: a plateia perfeita.

— Ela filmou a casa e o jardim para o passeio virtual, tirou fotos para colocar no folheto e no site da imobiliária — continua Sam. — Uma foi da sala de estar, com a marca de árvore de Natal claramente visível; a fotografia que acabamos de ver.

— E então? — reajo, mais grosseiramente do que pretendia. — O que isso tudo prova? O que isso tem a ver com a mulher morta que vi?

— Connie — murmura Kit.

— Está tudo bem — diz Sam. Acho que sente pena dele. *Não deve ser fácil ser casado com uma mulher maluca.* — Na tarde do último sábado, portanto cerca de doze horas após você ter visto a mulher

morta no passeio virtual, Lorraine Turner mostrou Bentley Grove, 11 a um jovem casal. Contou a eles a história da árvore de Natal, mostrou a marca. Era a mesma marca, Connie; Lorraine diz que pode jurar. O resto do carpete estava imaculado. Sem sangue — diz, e faz uma pausa, esperando que isso seja absorvido. — Entende o que estou dizendo?

— Você está dizendo que isso significa que o carpete não pode ter tido sangue. Tem certeza de que isso é verdade? Eu lavei roupas com manchas e o sangue desapareceu completamente.

— Connie, você realmente tem de... — diz Kit, tentando me calar. Eu falo por cima dele.

— É fácil se livrar de sangue, água fria, sabão...

— Acredite em mim, se alguém tivesse sangrado até a morte em um carpete bege, você veria uma marca — diz Sam. — Por mais que sabão, água fria e Vanish fossem aplicados depois.

Passo as mãos pelos cabelos despenteados, lutando contra a ânsia de me deitar no chão grudento da cantina, fechar os olhos e desistir.

— Connie, quando você viu o corpo da mulher havia a marca no canto da sala, na mesma fotografia? — pergunta Sam. — A marca da árvore de Natal?

— Não sei.

Não, acho que não.

— Não reparei, mas... — digo, olhando ao redor em busca de uma explicação plausível. — Talvez a fotografia da mulher morta tenha sido tirada anos antes, antes do sr. Beater colocar sua árvore de Natal naquele lugar. Pensou nisso?

Sam concorda.

— Você descreveu um mapa na parede; lembra disso?

— Claro que lembro. Como não lembraria? Sábado foi apenas há dois dias. Não estou senil.

Ele tira o bloco do bolso do paletó, abre e começa a ler.

— “Comitatus Cantabrigiensis Vernadule Cambridgeshire, 1646. Jansson, Johanness.” Também conhecido como Janssonius. Teria ouvido falar nele? — pergunta, erguendo os olhos para mim.

— Um amigo dos Beater? — digo, debochada. Não consigo evitar.

— Foi um famoso cartógrafo holandês, um criador de mapas. O mapa emoldurado acima da lareira de Selina Gane é um original de Janssonius, que vale uma bolada. Lorraine Turner o admirou quando foi avaliar a casa para a dra. Gane. Ah, e você mencionou os brasões; são brasões das faculdades de Cambridge: Trinity, St. John's...

— Não deixe de fora o melhor — diz Kit. — King's.

— Você não tem oportunidades suficientes de se vangloriar para seus comparsas bajuladores em Londres? — pergunto, cortando-o.

— Também tem de transformar isto em uma fanfarronice?

— O brasão vazio foi deixado intencionalmente vazio; para que quem comprasse o mapa pudesse colocar seu próprio brasão de família — continua Sam, como se eu não tivesse acabado de brigar com meu marido. — A dra. Gane contou a Lorraine tudo sobre ele. É um de seus bens mais valiosos, compreensivelmente.

Aparentemente foi um presente de mudança dos pais quando se foi para Cambridge saindo de Dorchester, onde morara antes.

Sorte dela. Algumas pessoas ganham mapas holandeses antigos, outras recebem revoltantes tapeçarias feitas em casa.

Evidentemente a mãe de Selina Gane tem melhor gosto que a minha. Temo pensar em como poderia ser o brasão da família Monk caso tivéssemos um. Um retrato da cozinha de Thorrold House; gerações de nulidades provincianas acorrentadas a um velho fogão Aga gasto.

Os olhos de Sam encontraram os meus. Sei o que irá me perguntar.

— Connie, quando você viu a mulher morta no passeio virtual, também viu o mapa? Viu as duas coisas na sala ao mesmo tempo, na mesma imagem?

— Sim. Isso não prova que imaginei o corpo da mulher — acrescento rapidamente, com medo de que prove. Preciso de tempo para descobrir o que isso significa, sem Kit e Sam me observando.

— Não? — pergunta Sam. — Supondo que esteja certa, quando a fotografia da mulher morta foi tirada: antes de Selina Gane comprar Bentley Grove, 11? Então o que o mapa dela estava fazendo na parede? Depois que ela comprou a casa? Nesse caso o sangue teria

arruinado o tapete e ela, ou alguém, teria de trocá-lo. E sabemos, graças a Lorraine Turner, que isso não aconteceu, pois a marca da árvore de Natal dos Beater ainda está lá.

— Vamos lá, Con, você não pode discutir com isso — diz Kit, ansioso para acelerar as coisas.

— Não posso? — reajo. *Posso? Plausivelmente?* Por que quero tanto isso? Por que não estou feliz de provarem que estou errada? Falo em tom embotado. — Você presumivelmente pode cortar um carpete. Se houvesse uma linha através da sala onde uma parte do carpete bege terminava e começava outra exatamente da mesma cor, Lorraine Turner teria percebido? Perguntou a ela?

— Isso é ridículo — murmura Kit. — Daqui a pouco você vai dizer que se Selina Gane colocou outro carpete bege sobre o original, assassinou alguém, depois removeu o carpete encharcado de sangue e encontrou o outro por baixo ainda em boas condições, milagrosamente sem manchas.

— Essa é uma definição de ridículo, concordo — retruco. — Outra é fingir que algo não aconteceu quando você sabe que sim; não crer nos próprios olhos — falo, e me viro para Sam. — O que a polícia de Cambridge pretende fazer?

Seu rosto me diz tudo o que preciso saber. Abro minha boca para protestar, mas perdi o controle das palavras que iria usar. Tudo está desfocado. Sam é uma bolha rosa confusa.

— Con? — eu ouço Kit dizer. Sua voz parece vir do outro lado do mundo. — Está se sentindo fraca?

Minha mente encolhe, flutua aos pedaços; não consigo sentir partes do meu corpo. Não consigo falar.

— Devo pegar uma bebida para ela? — diz alguém. Sam, acho.

— Água — tento dizer.

Você deveria colocar a cabeça entre as pernas — Kit está sempre tentando me obrigar a fazer isso — mas eu me sinto melhor se estico as costas e não faço nada além de inspirar e expirar até passar. Alice diz que está tudo bem fazer isso. “Escute seu corpo”, ela diz. “Ele diz do que precisa.”

Paulatinamente eu me sinto ser remontada, como se alguém me tricotasse de novo. *Graças a Deus.* Sempre que isso acontece fico

pensando se vou voltar. Quando minha visão fica clara, vejo Sam na fila do balcão.

— Por que ele não fura a fila? — pergunta Kit. — Você precisa de água com mais urgência do que aquele cara de cabelos oleosos precisa daquela fritura.

— Não estou certa de que água vai ajudar — digo.

— Se Kombo-seiláoquê tivesse nos oferecido uma bebida para começar, teria ficado bem. Está um forno aqui; você provavelmente está desidratada. Qual o sentido de um encontro em uma cantina se você nem sequer consegue uma bebida?

— Alice acha que os surtos de tontura são relacionados a estresse — digo. Eu já disse isso a ele antes.

— Ótimo. Então é culpa minha, como todo o resto.

— Não foi o que quis dizer.

— Connie, me escute — Kit diz, tomando minhas mãos na dele. — Este é um momento fundamental em nossas vidas. Ou poderia ser, caso você permitisse.

— Quer dizer, se eu esquecesse do corpo morto que vi em Roundthehouses; caso concordasse fingir que o imaginei.

— Você *de fato* o imaginou, querida. Vamos lá, você tem de ver que não pode ser dos dois jeitos: se o estresse a faz desmaiar e ter tonturas, também pode fazer você ver coisas que não existem uma hora da manhã, certamente, quando está exausta.

Ele está certo.

— Imaginar coisas não a torna esquisita, Con. Você está falando com o homem que um dia imaginou que folhas de relva se transformaram em um gigantesco monstro de grama que atacou seus pés; lembra?

— Você estava puto e fora de si. E doidão.

Relutantemente sorrio com a lembrança. Algumas semanas após nos conhecermos, Kit me acordou no meio da noite chorando e exigindo que eu examinasse seus cadarços, insistindo em que estavam esfarrapados e cheios de furos do ataque do monstro de grama. Demorei quase uma hora para convencê-lo de que não havia monstro e seus cadarços estavam bem. Na manhã seguinte ele

declarou que a maconha era a mãe de todo o mal. Nunca mais tocou nela.

— Eu tenho mentido para você — conto. — Tenho ido a Cambridge. Quase toda sexta-feira.

Baixo os olhos para a mesa de fórmica branca, desejando poder afundar nela e desaparecer.

Kit não diz nada. Deve me odiar.

— Vou de trem — digo, ansiosa para continuar com minha confissão agora que comecei. — Nas primeiras duas vezes, fui de carro, mas então mamãe perguntou por que meu carro não estava na vaga duas sextas seguidas, quando eu deveria trabalhar em casa. Não consegui pensar no que dizer, até me ocorrer mandar que ela cuidasse da própria vida.

— Isso deve ter sido bom — diz Kit. Para meu alívio, ele não soou raivoso.

— Depois disso decidi pegar o trem, que demora o dobro. Não há trem direto; você tem de saltar em King's Cross. Uma vez voltei pouco antes de você. Estávamos ambos no trem de 17:10 de Londres para Rawndesley. Você não me viu, mas eu o vi. Foi a viagem mais assustadora da minha vida; sabia que não conseguiria mentir; se me visse, eu teria contado tudo. Quando você saltou em Rawndesley, falava ao BlackBerry. Fiquei para trás, tentando descobrir se você ficaria na plataforma para encerrar a ligação. Para minha sorte, não ficou. Seguiu para o estacionamento. Assim que você saiu, corri para a fila de táxi. Cheguei em casa uns dois minutos antes de você. Em outra vez...

— Connie — Kit diz apertando minha mão. — Não me interessam os horários dos trens. O que me interessa é você, e nós, e... o que isto significa. *Por que* você tem ido a Cambridge quase toda sexta-feira? O que faz quando está lá?

Eu me arrisco a dar uma espiada nele, não vejo nada a não ser infelicidade e incompreensão.

— Não consegue adivinhar? Procuro você.

— *Eu?* Mas estou em Londres às sextas. Você sabe disso.

— Algumas vezes sento no banco do final de Bentley Grove na Trumpington Road e observo o número 11 por horas, esperando que

— você abra a porta da frente.

— Jesus — diz Kit, cobrindo o rosto com as mãos. — Eu sabia que era ruim. Não tinha ideia de que era tão ruim.

— Algumas vezes fico de pé na outra ponta, atrás de uma árvore, esperando você chegar de carro. O que nunca acontece. Algumas vezes circulo pelo centro da cidade esperando ver você com ela; em um café, ou saindo do museu Fitzwilliam.

— Ela? — interrompe Kit. — Quem é ela?

— Selina Gane. Embora eu só tenha descoberto seu nome hoje, quando Sam nos contou. Algumas vezes fico no estacionamento do Addenbrooke e...

Eu me interrompo de repente. *Selina Gane, Selina Gane...* Minha garganta trava enquanto estabeleço a relação. Como pude demorar tanto? Instantaneamente me arrependo de ter confiado em Kit, contado tudo como acabei de fazer.

— Mostre sua agenda — digo a ele.

— O quê?

— Não finja que não está com ela. Você sempre está com ela.

— Eu não ia fingir. Connie, o que é? Você parece ter visto um fantasma.

— Dê — digo, estendendo a mão.

Ele tira a agenda do bolso, rosto vermelho, e me dá. Eu folheio as páginas. Sei que foi em maio, mas não me lembro da data exata. Ali está. Eu a abro na mesa para que ambos possamos ver a evidência.

— 13 de maio de 2010 — 15 horas. SG.

Kit geme.

— Esta é sua grande revelação? Prova de que Selina Gane e eu estamos brincando de casinha escondidos de você em Bentley Grove, 11? SG é Stephen Gilligan, advogado da London Allied Capital. Eu me encontrei com ele às 15 horas de 13 de maio no escritório de Londres. Ligue para Joanne Biss, assistente dele, e pergunte — diz, me dando seu BlackBerry. — Agora, para que saiba que não tive a oportunidade de pedir a ela para mentir por mim.

— Você sabe que não vou ligar para ninguém.

— Não vai se arriscar a que provem que está errada, não é? — diz Kit, se inclinando na minha direção, me forçando a encará-lo. —

Prefere se aferrar às suas suspeitas, ao mundo imaginário que construiu.

— Eu não imaginei o que aconteceu em janeiro, e não imaginei o corpo daquela mulher — digo, tremendo.

— Você examinou minha agenda. De todas as porras de coisas baixas...

Kit agarra meus braços e me puxa na direção dele. Suas unhas afundam em minha carne.

— Eu não conheço nenhuma Selina Gane — diz em um sussurro feroz. Não quer que ninguém note sua raiva, apenas eu. — Não estive em Cambridge desde a última vez em que fui lá com você em 2003. Nunca coloquei os pés dentro de Bentley Grove, 11. Não estou levando uma vida dupla, Connie; estou levando uma vida de casado muito solitária e muito infeliz com uma esposa que agora mal conheço.

Ele me solta quando vê Sam voltando com minha água. Todo aquele tempo na fila e é um copo pequeno, apenas pela metade. Se isso é o que conta como um copo d'água aqui, eu deveria ter pedido sete. Há uma queimadura seca em minha garganta, como se tivesse passado um ano gritando.

— Connie? Está tudo bem?

— Não — diz Kit. — As coisas não estão nada bem. Estou indo trabalhar.

Assim que ele partiu, assim que me recompus, eu digo:

— Tivemos uma briga. Espero não precisar lhe contar isso. Afinal, você é um detetive.

Sam tamborila os dedos no tampo da mesa, como se tocasse piano.

— O que não está me contando? — pergunta.

— O que *você* não está *me* contando? — devolvo. — Poderia ter me contado sobre a mancha no carpete pelo telefone. Você deveria estar ocupado, mas está aqui, perdendo tempo comigo e minha história boba. Por quê?

Sam parece flagrado.

— Lorraine Turner me contou algo que me incomodou — diz.

Eu me inclino para a frente, coração acelerado.

— Selina Gane não mora mais em Bentley Grove, 11.

Imediatamente depois de colocar a casa à venda, ela se mudou para o D... para um hotel próximo.

Fiz uma anotação mental de descobrir quais hotéis de Cambridge têm nomes começando com D. Ou talvez fosse "Du". Duchess? Duxford? Não há um lugar perto de Cambridge chamado Duxford?

— Por que alguém faria isso? — pergunto.

Sam desvia os olhos. Estamos pensando a mesma coisa, ou pelo menos acho que sim. Ele não quer ser aquele a dizer.

Felizmente eu não tenho tais reservas.

— Você faria isso caso soubesse que alguém foi assassinado em sua casa. Ou se tivesse você mesmo assassinado alguém.

— Sim — Sam concorda. — Você faria isso. Mas Connie, você tem de ver que...

— Eu sei: isso não prova nada. A polícia de Cambridge sabe?

— Não estou certo. Provavelmente não. Lorraine Turner comentou isso comigo quando conversávamos sobre o mapa; estava preocupada com algo tão valioso deixado em uma casa vazia; quero dizer, uma casa vazia de pessoas. A maioria dos pertences da dra. Gane ainda está lá, diz Lorraine. Móveis, livros, CDs...

— Ela contou a Lorraine por que estava se mudando?

— Não. E Lorraine não perguntou. Achou que não era da sua conta.

Eu viro a minha água em um só gole.

— Você tem de contar à polícia de Cambridge.

— Não fará diferença.

— Se eles analisarem o carpete poderão encontrar traços de sangue, ou DNA.

— Eles não farão nada, Connie. Não há provas. Selina Gane sair da casa é estranho, concordo, mas as pessoas se comportam de modo estranho o tempo todo. O cara com quem estou lidando, o detetive Grint, ficou satisfeito com o que Lorraine lhe contou.

— Então é uma bosta de detetive! Lorraine é a pessoa que tirou as fotos para o passeio virtual, não é? É a última pessoa em cuja palavra ele deveria acreditar. Ele conferiu com os Beater, ou com Selina Gane? E se a história da árvore de Natal for mentira?

— Escute o que está dizendo e pense no que isso significa — diz Sam. — Lorraine Turner teria de ser uma assassina psicótica que assassina suas vítimas em casas que está tentando vender, depois coloca na internet fotografias de seus corpos mortos. Isso lhe soa provável?

— Por que vítimas no plural? Talvez haja apenas uma vítima: a mulher que vi. E você poderia dizer isso sobre qualquer crime, nesse tom de descrença, fazer soar implausível. “O quê, então ele dissolveu todas as suas vítimas em uma banheira de ácido?” “O quê, então ele picotou corpos de rapazes e os estocou no freezer?”

— Você lê muito material sobre crimes reais? — Sam pergunta. Não consigo me impedir de rir.

— Nenhum. Todos conhecem essas histórias. São de conhecimento geral. O que está sugerindo, que eu sou uma espécie de esquisitona mórbida sedenta de sangue? E se Lorraine Turner for a esquisitona, ou Selina Gane, ou ambas? Por que tem de ser eu?

Porque é você que está berrando a plenos pulmões em uma cantina lotada, idiota.

— Eu respondi à sua pergunta — diz Sam calmamente. — Vai responder à minha?

Como ele sabe que estamos escondendo algo? Porque Kit e eu tivemos uma briga? Ele não pode ter ouvido os detalhes; estava longe demais.

— Falei com Alice Bean — ele conta.

Tento não revelar minha raiva. Alice é minha; algumas vezes sinto como se ela fosse tudo o que tenho, a única pessoa em quem posso confiar que quer o melhor para mim. Como Sam ousa revirar minha vida? Por que Alice não me contou que falou com ele?

— Você me disse que Alice a aconselhou a entrar em contato com Simon Waterhouse, mas não falou com ela na madrugada de sábado, falou? Não contou a ela sobre ter visto o corpo da mulher.

— Eu a vi mais tarde no sábado e então contei.

Sam espera.

— Você está certo — digo. — Eu não tinha contado a ela na manhã de sábado quando conversei com você.

— Então ela deve ter sugerido que entrasse em contato com Simon por alguma outra coisa.

Não digo nada.

— Ficaria muito interessado em saber que outra coisa era.

— Não é realmente outra coisa. Quero dizer, é, mas... está relacionado. Bentley Grove, 11 é a ligação — digo, e respiro fundo antes de continuar. — Lembra da neve que tivemos em janeiro?

Sam anui.

— Temi que não fosse terminar nunca. Achei que era o começo da nova era do gelo que os cientistas continuam a prever — ele diz.

— Em 6 de janeiro, eu fui a Combingham comprar dez grandes sacos de carvão. Kit adora fogo de verdade, tínhamos ficado sem e ele não podia ir; estava em Londres. Se você está prestes a perguntar por que não fui ao posto mais próximo, Kit não nos deixa comprar carvão de ninguém que não Gummy em Combingham. Esse não é o nome dele, mas todos o chamam assim. Eu tenho um pouco de medo dele, e não ter dentes não ajuda, mas Kit insiste em que seu carvão é o melhor. Não sei o suficiente sobre carvão ou ligo para discutir com ele.

Sam está sorrindo, e não deveria. Esta não é uma história feliz.

— Peguei o carro de Kit, que é melhor na neve do que o meu; tem tração nas quatro rodas. Eu nunca tinha ido ao Gummy, não sozinha, e minha noção de direção é péssima, então usei o GPS do carro de Kit.

— Então ele não foi para Londres de carro? — interrompe Sam.

— Ele nunca vai. Normalmente estaciona na estação de Rawndesley, mas naquela manhã cedo estava gelado demais para dirigir para qualquer lugar fora das ruas principais. O pessoal da areia ainda não tinha saído. Kit caminhou até a Rawndesley Road e pegou o ônibus para a estação.

Gostaria que tivesse dirigido. Gostaria que seu carro tivesse ficado no estacionamento da estação naquele dia em vez de na frente de nossa casa, parecendo tão mais seguro e atraente que o meu.

— Comprei o carvão. Provavelmente teria encontrado o caminho para casa, mas não queria errar, e então decidi garantir e usei o GPS novamente. Eu tecliei “Casa” — falei e respirei fundo antes de continuar. — A primeira coisa que notei foi o tempo de viagem: duas horas e dezessete minutos. Depois observei o endereço.

Sam sabe. Posso ver em seu rosto que ele sabe.

— No que diz respeito ao GPS de Kit, “Casa” era Bentley Grove, 11, em Cambridge. Não Melrose Cottage em Little Holling, Silsford. Eu começo a chorar; não consigo evitar.

— Desculpe. Eu só não consigo... não consigo acreditar que seis meses depois ainda estou contando essa história sem saber o que significa.

— Por que não me contou isso na manhã de sábado? — pergunta Sam.

— Achei que não iria acreditar em mim sobre o corpo da mulher, se lhe contasse tudo. Se soubesse que já estava obcecada com Bentley Grove, 11...

— Estava?

Adianta alguma coisa negar?

— Sim. Completamente.

— Porque Kit o colocara em seu GPS como o endereço de casa? Concordo.

— E você queria saber por quê. Perguntou a ele?

— No segundo em que passou pela porta. Alegou não saber do que eu estava falando. Negou, totalmente. Disse que nunca tinha programado nenhum endereço de casa; não o nosso, e não um endereço em Cambridge do qual nunca tinha ouvido falar. Tivemos uma briga enorme, durou horas. Não acreditei nele.

— Compreensível — disse Sam.

— Ele comprara o GPS novinho; quem mais poderia ter programado o endereço senão ele? Eu disse isso, e respondeu: “É óbvio, não? Você deve ter feito isso.” Não consegui acreditar. Por que eu faria algo assim? E caso tivesse feito, por que o acusaria de fazê-lo?

— Tente se acalmar, Connie — diz Sam, esticando a mão, dando um tapinha em meu braço. — Gostaria de outra bebida?

Eu gostaria de outra vida — qualquer vida que não esta, os problemas de qualquer um desde que não sejam os meus.

— Água, por favor — respondo, enxugando os olhos. — Dessa vez pode pedir que encham o copo?

Ele retorna minutos depois com um copo alto cheio. Tomo um gole que faz meu peito doer.

— Você desconfiou que Kit tivesse outra família em Cambridge? — perguntou Sam.

— Sim, foi a primeira coisa que passou pela minha cabeça. Bigamia — digo, e é a primeira vez que digo a palavra em voz alta. Mesmo com Alice, eu a evito. — Soa melodramático, mas isso acontece, não? Os homens realmente cometem bigamia.

— Cometem — concorda Sam. — Algumas mulheres também, imagino. Conversou com Kit sobre suas suspeitas?

— Ele negou; peremptoriamente, tudo. Está negando há seis meses. Não acreditei nele, e isso se tornou outro motivo de briga; a desigualdade. Eu não confiei nele tanto quanto ele confiou em mim.

— Então ele acreditou quando você disse que não tinha feito aquilo.

— Ele passou a acusar minha família: minha mãe, Fran, Anton. Lembrou todas as vezes em que um ou outro deles tinha estado por perto quando o GPS estava em casa.

— Quem são Fran e Anton?

— Minha irmã e seu companheiro.

— Kit estava certo? Um parente seu poderia ter programado o endereço?

— Poderia, mas não fez isso. Eu conheço minha família pelo avesso. Meu pai tem pânico de qualquer coisa moderna e de aparelhos; se recusa a reconhecer a existência de iPods e livros eletrônicos; até mesmo tocadores de DVD são demais para ele. Não há como ele chegar perto de um GPS. Fran e Anton não são imaginativos ou desonestos o suficiente. Minha mãe pode ser ambos, mas... acredite em mim, ela não teria colocado aquele endereço no GPS de Kit.

Ela preferiria engolir fogo. Eu a vira enrijecer e mudar de assunto sempre que alguma coisa relacionada a Cambridge surgia em uma

conversa: a corrida de barcos, Stephen Hawking e sua teoria dos buracos negros. Ela não gostava sequer de que eu ouvisse menções a Oxford ou qualquer outra universidade para que não me levasse a pensar em Cambridge. Inicialmente achei que ela temesse me aborrecer, mas depois me dei conta de que seus motivos eram mais egoístas que isso: queria que eu esquecesse de que Cambridge existe, de que Kit e eu um dia pensamos em nos mudar para lá. Seu maior medo é que um dia eu deixe Little Holling.

O meu é nunca deixar.

— Kit programou o endereço — digo a Sam. — Só pode. Pelo menos foi o que pensei no momento. Foi o que pensei mil vezes, e então o acuso novamente, e ele me convence de que não está mentindo sobre nada, e ele é tão... *convincente*. Quero tanto acreditar nele que acabo especulando sobre eu talvez ter feito e depois apagado a lembrança da mente. Talvez tivesse. Como posso saber? Talvez tivesse programado Bentley Grove, 11 no GPS de Kit e alucinado sobre um corpo que não estava lá. Talvez seja uma lunática delirante — digo, dando de ombros, de repente constrangida com o quanto minha história deve soar estranha e patética. — Foi nisso que minha vida se transformou desde janeiro. Girando e girando: acreditando, não acreditando, questionando minha sanidade, não chegando a lugar algum. Não é muito divertido.

— Nem para você nem para Kit — diz Sam. Isso significa que ele acredita que Kit diz a verdade?

— Ele uma vez chegou a dizer que alguém da loja onde comprou tinha programado o endereço — disse. Achei que tinha terminado, mas não posso deixar para lá. — Ele queria que fôssemos lá perguntar aos funcionários.

— Por que não foi? — Sam pergunta.

— Porque era ridículo — respondo, com raiva. — Eu não ia deixar que fizesse joguinhos comigo. Quase concordei, mas então tive um momento de clareza. Às vezes tenho isso, quando me dou conta de que não precisa me atormentar especulando, imaginando. Eu *sei* a verdade: não foi ninguém na loja, eu ou um membro da minha família. Foi Kit. Sei que ele fez isso.

Assim que sair daqui eu vou ligar para a London Allied Capital e pedir para falar com a secretária de Stephen Gilligan. Talvez ele tenha tido uma reunião com Kit às 15 horas de 13 de maio; talvez não. Preciso saber.

— Durante seis meses Kit tem dito que não programou aquele endereço — diz Sam. — O que a leva a ter certeza de que o fez?

Certeza? Fico pensando em com quem ele está falando. Será que um dia voltarei a ter certeza de algo?

— Três coisas — digo. A exaustão toma conta de mim; é difícil reunir a energia para falar. — Uma: o GPS é dele. Ele não tinha razão para achar que eu usaria, nenhuma razão para achar que descobriria — digo, e dou de ombros. — A explicação mais simples costuma ser a correta. Duas: quando perguntei sobre isso pela primeira vez, antes que ele tivesse a oportunidade de dar ao rosto uma expressão confusa, vi algo em seus olhos, algo... Não sei como descrever. Só estive ali por uma fração de segundo: culpa, vergonha, constrangimento, medo. Parecia alguém que tinha sido apanhado. Se você está prestes a me perguntar se eu poderia ter imaginado, algumas vezes acho que sim, devo ter. Em outras estou certa de que não.

Quero dizer a Sam como é assustador ter a história de sua vida virando, cambaleando e mudando seus contornos sempre que você olha para ela de perto, mas não estou certa se alguma palavra pode descrever isso com precisão. Será que Sam poderia começar a entender como é habitar uma realidade tão instável? Ele me parece um homem firmemente instalado em um mundo consistente, alguém que mantém sua forma e seu significado de um dia para outro.

Sinto como se tivesse duas vidas: uma criada pela esperança e outra pelo medo. E se ambas são criações, por que deveria acreditar em alguma? Não tenho ideia de como pareceriam os fatos da minha vida caso eu eliminasse as emoções.

Melhor não dizer nada disso a Sam. Já o incomodei demais sem arrastá-lo para um debate sobre a natureza da realidade.

Você pensa demais, Con. Fran me diz isso desde que somos adolescentes.

— Qual é a terceira coisa? — Sam pergunta.

— Perdão?

— A terceira razão pela qual você tem certeza de que Kit programou o endereço.

Vou ter de contar a ele — descascar mais uma camada, recuar ainda mais. Tenho de, se quero que entenda. Está tudo ligado. O que aconteceu na madrugada de sábado não pode ser separado do que aconteceu em janeiro; o que aconteceu em janeiro está ligado ao que aconteceu em 2003. Se quero que Sam me ajude, tenho de estar disposta a lhe contar tudo isso, assim como contei a Simon Waterhouse.

— Cambridge — digo. — Tenho certeza porque Bentley Grove, 11 fica em Cambridge.

8

17/07/2010

Olivia Zailer folheou sua agenda, suspirando alto à visão de cada nova página. Ela marcara compromissos demais para as semanas seguintes, a maioria dos quais sabia que em algum momento teria de cancelar. Almoço com Etta da revista *MUST* para discutir uma coluna sobre livros famosos e quais refeições eles seriam, na hipótese improvável de que se transformassem em comida — *Morro dos ventos uivantes* igual a pudim Yorkshire era o exemplo que Etta dera; caminhada aeróbica em Hampstead Heath com Sabina, sua personal trainer; chá na British Library com Kurt Vogel, que desejava que fosse jurada de um prêmio de jornalismo anglo-alemão em que todos os concorrentes teriam entre onze e treze anos de idade.

Olivia ficou pensando se seria a única pessoa do mundo que, com grande prazer no momento, fazia planos com quase todo mundo com quem entrava em contato, sabendo muito bem que iria enviar e-mails para cancelar no momento certo. Por que era tão difícil dizer claramente: "Lamento, Kurt, mas não, não posso ser jurada"? Por que parecia tão certo dizer: "Ah, Deus, eu *adoraria*" e enfiar o "não posso" um pouco depois? Olivia teria gostado de perguntar a Charlie; não conhecia mais ninguém que estivesse disposta a discutir isso com ela. Dom certamente não. Ela desconfiava que isso tivesse algo a ver com ânsia por satisfazer aos outros, mas ainda mais ânsia de satisfazer a si mesma.

Seu celular tocou e ela o pegou, determinada a não marcar um compromisso com quem quer que fosse, mesmo um compromisso que quisesse assumir e não fosse cancelar. Precisava limpar sua agenda de todos os compromissos falsos antes de assumir outros mais reais.

— Sou eu, Chris Gibbs.

— Alô, Chris Gibbs. Ah, meu Deus, isso realmente é a prova! Uma chaleira vigiada nunca ferve. Só é você porque eu esperava que fosse Kurt Vogel da Dortmund British-German Society. Sempre que eu estava esperando que fosse você não era, e agora eis você.

— Você ainda tem a chave reserva da casa de Charlie?

— Por quê, aconteceu alguma coisa? — perguntou Olivia, imediatamente ansiosa.

— Não que eu saiba.

— Então por que você precisa de uma chave?

— Achei que seria um bom lugar para um encontro — disse Gibbs.

— Você e eu?

— Não, você, eu, Waterhouse e Charlie quando voltarem. Para a noite de reunião do casamento.

Que porra ela deveria falar depois disso?

— Isso não seria... um pouco esquisito?

Ela ouviu um bufo.

— Brincando — disse Gibbs. — É, você e eu. Não vejo você há...

— disse, depois se fez silêncio enquanto ele contava — umas vinte e quatro horas. Estava pensando em fazer disso meu novo ressentimento motriz.

— Você normalmente não me vê por vinte e quatro horas — lembrou Olivia. — Passou a maior parte da vida sem me ver, e estava bem.

Ele fez uma piada, uma piada inteira. E está me citando. De novo.

— É uma questão de opinião.

Ela não podia encontrar com ele na casa de Charlie. Fazer sexo na cama que a irmã partilhava com Simon? Não dava para pensar nisso. Ela pegou uma caneta e escreveu "Olivia Gibbs" ao lado de onde dizia "Nome" em sua agenda, na página de informações pessoais. Pareceu bem, equilibrado: as duas maiúsculas redondas, O e G...

Será que deveria rabiscar? Ela queria saber como seria escrever aquilo, só isso. Deveria riscar agora. Por outro lado, Dom nunca olharia, nem mesmo se alguém segurasse a agenda diante de seu nariz. A grande coisa em Dom, do ponto de vista de enganá-lo, era que ele não se interessava por quase nada.

— O que você acha? — Gibbs perguntou.

— Não. Decididamente não.

Se ela pelo menos conseguisse ser tão firme com Etta da revista *MUST*.

Olivia não tinha força de vontade, e achava que as pessoas que tinham e usavam consigo mesmas eram estranhas. Felizmente ela tinha medo e ansiedade em abundância. Não poderia concordar com o que Gibbs propunha sem sentir como se tivesse cruzado uma linha que morria de medo de cruzar, mesmo estando instalada a rede de proteção de um possível cancelamento futuro.

— Tudo bem, então, um hotel — ele propôs.

— E quanto ao seu trabalho? E quanto a Debbie?

Ela se virou para a seção "Anotações" no final da agenda e escreveu "Olivia Gibbs" novamente, numa caligrafia melhor. Escreveu abaixo em maiúsculas.

— Problema meu, não seu — disse Gibbs. — Se não quiser vir a Spilling, eu irei a Londres.

— Se você quer uma namorada, deveria arrumar uma mais perto de casa — Olivia disse a ele, rezando para que não aceitasse o conselho. *Então por que deu?*

— Por que deveria? Só há duas pessoas que já conheci que não me entediam: Simon Waterhouse e você. Eu não quero transar com Waterhouse; então sobra você.

— Achei que eu o entediasse — Olivia disse, se sentindo obrigada a lembrar, caso ele tivesse esquecido. — Você disse que eu era um suplemento colorido.

— Não quis dizer isso. Eu só não sabia o que pensar de você.

Ela ouviu o barulho de algo sendo esmagado. Ele estava comendo uma maçã?

— Aquele lugar Los Delfines — ele disse. Por um momento preocupante Olivia temeu que ele estivesse prestes a sugerir que se encontrassem e fizessem sexo na vila de lua de mel de Charlie e Simon. — Preciso contar a Stepford que é onde Waterhouse está. Surgiu uma coisa.

— O quê? De jeito nenhum, Chris. Se você contar eu... — disse, mas não conseguiu pensar em nada com que ameaçá-lo. — O que

surgiu?

Mais esmagamento.

— Você me deixa contar a Stepford e eu conto o que apareceu.

— Não! Você *não* vai arruinar a lua de mel de Charlie contando a Sam onde eles estão para que possa arrastar Simon para casa. Estou enjoada só de pensar nisso.

— Ele não precisará vir para casa; Stepford quer ter uma conversa rápida com ele, só isso. Vou dar a ele o número do zelador no site: Domino's Pizza, ou seja lá qual for o nome. Stepford vai ligar e tudo terminará em cinco minutos; Waterhouse poderá voltar para sua cadeira de praia.

Olivia fez uma expressão apavorada para o telefone.

— Exatamente quão importante é? — perguntou, não resistindo a acrescentar: — Vilas luxuosas têm espreguiçadeiras, não cadeiras de praia.

— Pode haver um assassinato envolvido.

— Ah, bosta. Bosta, bosta, bosta. *Por que* eu lhe disse onde eles estavam?

— Você realmente não quer que eu diga nada?

— Como você pode, se alguém foi assassinado?

— Seja lá quem for, ainda estará morto em duas semanas, quando Waterhouse voltar — disse Gibbs.

Olivia podia ouvir na voz dele o dar de ombros.

— Que tipo de postura é essa? — cortou. — Está tentando me impressionar bancando o descontrolado? Caso positivo, não é assim que funciona. Não ligar para a morte aleatória de civis inocentes é simplesmente inaceitável.

— Não tenho sequer certeza se alguém foi morto. Você está fodendo com meu plano.

— Como é?

— Você deveria me implorar para não dizer nada — explicou Gibbs. — Eu acabaria concordando, com a condição de que você concordasse em se encontrar comigo.

— Claro que sim — disse Olivia. — Se você não tivesse um buquê de flores para dar, sempre restaria a chantagem.

Silêncio.

Ela esperava não tê-lo ofendido, embora não houvesse dúvida de que ele merecia ficar muito ofendido. Ele finalmente falou.

— Falar com você é diferente de falar com as outras pessoas. Com os outros eu digo o que penso, eles dizem o que pensam. Com você é como... Não sei se estou sendo um filho da puta, fingindo ser um filho da puta ou lendo algumas falas de uma peça que eu não entendo.

— Chama-se provocação pré-sexo.

— Certo — ele disse, depois fazendo uma pausa. — Então vou me assegurar de não chamar de cadeira de praia.

Olivia suspirou. Era a segunda piada que ele tinha feito — provavelmente na vida toda. Como poderia dizer não?

— Você vem para Londres. Eu pago o hotel. Dessa forma estaremos ambos... contribuindo com algo.

Tendo a escolha de gastar energia e gastar dinheiro, Olivia sempre escolhia o último.

— Estou partindo a... — disse Gibbs, encerrando a ligação antes de terminar de dizer “agora”.

Olivia olhou para seu impossível nome de casada em sua agenda, todas as diferentes versões. Xingou em voz baixa ao se dar conta do que tinha feito: deixara de fora seu próprio sobrenome, depois de toda a confusão que arrumara sobre adotar o nome de Dom, sua insistência em que tinha de ser Zailer-Lund em vez de simplesmente Lund porque... Ela não conseguia se lembrar da razão que dera a ele.

Será que estava menos de cem por cento segura de se comprometer com Dom?

Se ia se casar com algum outro — não necessariamente Chris Gibbs, mas... Bem, ela poderia muito bem usá-lo como um exemplo qualquer, embora a ideia fosse totalmente absurda, eles não tinham nada em comum, ele obviamente era uma pessoa cadeira de praia — se sentiria de outra forma?

Olivia disse a si mesma firmemente que não. Mas sua agenda parecia pensar de outro modo.

Assunto: Bentley Grove, 11, CB2 9AW
De: Ian Grint (iadgrint@cambs.police.uk)
Enviado: 19 de julho de 2010 00:10:53
Para: Sam Kombothekra (s.kombothekra@culvervalley.police.uk)

Sam,

Continuo a ligar e continuam a me dizer que você está na cantina. E seu celular cai direto na caixa postal. Pode tirar o focinho do cocho e me ligar? Logo seria bom.

Saudações,

Ian (Grint)

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB133345/432/22IG

Importante: Você precisará disto para receber o seguro.
Por favor, mantenha em lugar seguro.



Wheel Women

*Wayman Court, Newmarket Road,
Cambridge, CB5 9TL*

Data de emissão: 08/11/2009

Este certificado é prova de que você está seguro de acordo com a lei. Não é válido caso modificado de qualquer forma. Para todos os detalhes de sua cobertura de seguro, ver também o Cronograma de Seguro de Veículo e o Manual da Apólice.

Certificado de seguro de veículo

Número de certificado e apólice: 26615881

Registro do veículo: MM02 OXY

Nome da segurada: Elise Gilpatrick

Início do seguro: 06/11/2009, 00:00 hora

Fim do seguro: 06/11/2010, 00:00 hora

Pessoa(s) autorizada(s) a dirigir: Elise Gilpatrick, Donal Gilpatrick

(desde que o condutor do veículo tenha ou tenha tido carteira de motorista e não esteja impedido de ter ou obter tal documento)

A segurada, Elise Gilpatrick, também pode dirigir com autorização do proprietário um veículo motorizado que

não o seu e que não seja adquirido por ou alugado a ela sob um contrato de aluguel ou leasing.

Limites de utilização: Com função social, doméstica ou de lazer

Por esta certifico que a apólice à qual este certificado se refere satisfaz as exigências da lei relevante aplicável em Grã-Bretanha, Irlanda do Norte, Ilha de Man, Ilha de Jersey, Ilha de Guernsey e Ilha de Alderney.

Rosemary Vincent
Rosemary Vincent, signatária autorizada

9

Segunda-feira, 19 de julho de 2010

Começo a contar a Sam Kombothekra sobre a primeira briga que Kit e eu tivemos. Foi sobre Cambridge. Estávamos juntos havia quase um mês.

Kit não queria começar uma briga. Tecnicamente, é provável que tenha sido eu a começar a discussão, embora na época não parecesse assim. Estávamos caminhando de volta de Thorrold House para o apartamento alugado de dois quartos de Kit em Rawndesley: havíamos almoçado com meus pais. Era a quinta ou sexta vez que Kit encontrava minha família. Ele demorou nove anos para reunir a coragem de perguntar se às vezes poderia ser dispensado das várias visitas semanais que, podia ver, eram exigidas de mim.

Meu pai, querendo impressionar Kit, sugerira abrir uma determinada garrafa de vinho que lhe fora presenteada dois anos antes por um grato cliente da Monk & Sons. Não entendo nada de vinho, nem papai, mas o cliente o levava a crer que havia algo especial naquela garrafa — era muito velha, muito valiosa ou ambas. Meus pais não conseguiam se lembrar dos detalhes exatos, mas o que o cliente lhes dissera fora suficiente para garantir-lhes que seria tolice abrir o vinho e bebê-lo, de modo que foi colocado em um lugar seguro — tão seguro que quando papai decidiu que a chegada à sua mesa de jantar de um bem-falante genro em potencial educado em Oxbridge era uma oportunidade que justificava a libertação dos poderes mágicos do antigo vinho, nem ele nem mamãe conseguiam se lembrar de onde o haviam colocado. Kit tentou lhes dizer que não importava, que preferiria água ou suco de maçã, já que estava dirigindo, mas papai insistiu em que a garrafa especial tinha de ser encontrada, o que significava que mamãe tinha

de deixar sua comida esfriar enquanto vasculhava primeiramente a adega, depois a casa toda. O resto de nós seguiu a liderança de papai e continuou a comer.

— Se vocês não comerem enquanto estiver pelando, Val fará suspensórios com suas tripas — papai disse a Kit, que se sentia desconfortável de começar sem mamãe.

Fran, Anton e eu estávamos acostumados a isso. Papai sempre resolve que precisa que mamãe pegue algo no momento em que ela está prestes a se sentar para comer. Acho que ele olha para a comida no prato dela, fica levemente em pânico com quanto tempo irá se passar até que esteja novamente disponível para cuidar dele e decide que é melhor antecipar seus pedidos mais urgentes.

Enquanto comíamos, ouvimos arquejos altos e uma série de pequenos gemidos vindo de além da cozinha; mamãe queria que soubéssemos exatamente o quanto estava custando-lhe buscar o vinagre sagrado. Eu podia ver que Kit estava tenso, se sentindo responsável, embora não fosse. Então mamãe gritou:

— Ah, Deus do céu! Cérebro de lã ataca novamente. Sei onde coloquei.

Ouvimos enquanto uma porta rangia ao ser aberta. Era um rangido que Fran e eu conhecíamos tão bem quanto conhecíamos uma à outra; era parte da trilha sonora de Thorrold House desde que éramos crianças. Papai riu e disse a Kit:

— A cristaleira sob a escada: não sei por que ela não procurou ali imediatamente. Era por onde eu teria começado. É o lugar óbvio.

— Pena que não tenha partilhado a ideia com mamãe — disse Fran com precisão. — Teria poupado a ela meia hora de vida; sua *única* vida.

Lembro-me de ter especulado se ela estaria com raiva por papai estar bajulando Kit e ignorando Anton, que não era educado em Oxbridge, cujos parentes moravam em um trailer estático na periferia de Combingham.

Alguns segundos depois houve um baque e um grito abafado. Não fora apenas o vinho especial o que mamãe encontrara na cristaleira sob a escada. Todos corremos para a sala. Ela estava de quatro, curvada sobre uma caixa de papelão dentro da qual havia uma

massa negra encaroçada, parte sólida, mas basicamente líquida. O cheiro era opressivo; me fez engasgar.

— O que se passa por aqui? — perguntou papai, se curvando para pegar a venerada garrafa, que mamãe deixara cair com o choque.

— Acho que deve ter sido um repolho — ela disse. — Lembro-me de ter colocado um repolho aqui há muito tempo, em uma caixa...

— Bem, não é mais um repolho — disse papai, dando uma cotovelada em Kit como se dizendo: “Outro hilariante episódio da vida da família Monk!”

— Eu me livro disso para você, Val — disse Anton. Ele empurrou minha mãe de lado como um especialista em desativação de bombas se preparando para tornar o lugar seguro.

— Anton sai em resgate — disse papai para ajudar Kit, como se Kit pudesse não entender o que estava acontecendo; lendas podiam ser necessárias. — Não há ninguém melhor em uma crise.

— É — murmurou Fran. — No que diz respeito a eliminar vegetais apodrecidos, ninguém chega aos seus pés.

Olhei para Kit, temendo o desgosto que tinha certeza de que veria em seu rosto. Ele sorriu para mim e arregalou os olhos em um sinal secreto, como se dizendo: “Falaremos sobre isso depois.” Sorri para ele, grata por me fazer sentir como uma colega de fora, não parte da loucura de Thorrold House. Nada envolvida.

Todos acompanhamos enquanto Anton abria a porta da frente e levava para fora a caixa contendo o ex-repolho.

— Certo — disse papai, juntando as mãos. — De volta ao que importa: comida e vinho.

Comemos nossa lasanha fria — que papai continuava a insistir que ainda estava “pelando” —, bebemos o vinho, que era legal, mas nada espetacular, depois tomamos um vinho vagabundo quando a coisa louvada demais acabou. Papai reclamou de mamãe por deixar a garrafa cair no carpete, independente do repolho podre, porque “poderia ter facilmente quebrado”, embora não tivesse. Kit tentou não deixar papai encher sua taça repetidamente, papai entediou a mim e a Fran e chocou Kit com suas impressões sobre beber e dirigir:

— No que me diz respeito, se você não consegue dirigir com responsabilidade depois de ter tomado algumas, então não é capaz de dirigir nunca. Um bom motorista é um bom motorista, alto ou sóbrio.

Depois, do nada, mamãe caiu em lágrimas e saiu dali. Chocados, escutamos seu choro enquanto subia as escadas correndo. Papai se virou para Fran.

— Qual o problema com ela? Acha que foi vinho demais?

— Não sei — disse Fran. — Por que você não a coloca para subir e descer a A1 por algumas horas? Se ela bater, está puta. Se não, não está. Ou é o oposto segundo você?

— Vá ver como ela está — disse papai. — Uma de vocês. Connie?

Baixei os olhos para meu prato, resolutamente o ignorando. Fran suspirou e foi procurar mamãe.

Papai falou:

— Vamos tomar uma bela xícara de chá em um minuto, com pudim: maçã e ruibarbo, creio ser.

Ele quis dizer que teríamos ambos quando mamãe descesse. Eu reprimi a ânsia de dizer a Kit: “Meu pai pode bajular você, empurrar seu melhor vinho pela sua garganta abaixo, mas nunca, jamais, fará uma xícara de chá, não importa quanto anos você passe sentado à mesa da cozinha, não importa quanta sede você tenha.”

Naquele momento me chocou como sendo uma forma de crueldade: conhecer e supostamente amar alguém — a própria filha —, e ainda assim nunca ter lhe oferecido uma xícara de chá ou café em trinta e quatro anos, a não ser tendo a certeza de que alguma outra pessoa o faria.

Fran reapareceu, parecendo aborrecida.

— Ela diz que descerá em um minuto. Está chateada por causa do repolho.

— Por quê, por Deus? — perguntou papai, impaciente.

Fran deu de ombros.

— Não consegui arrancar muito dela. Se quiser mais informações, pergunte você mesmo.

Alguns minutos depois, mamãe entrou na cozinha com a maquiagem retocada e começou a falar com alegria maníaca sobre

crumble e creme. O repolho podre não voltou a ser mencionado.

Duas horas depois, após pudim e chá, conseguimos escapar. O mais diplomaticamente possível, Kit recusou a insistência de papai de que deveria ir para casa de carro, a despeito de ter tomado quatro grandes taças de vinho. Ele deixou o carro em frente a Thorrold House — concordava plenamente com papai sobre beber e dirigir, claro que sim, mas tinha de levar em conta a polícia de trânsito antiquada —, e andamos de volta a Rawndesley, o que levou uma hora e meia. Mal percebemos; estávamos ocupados discutindo sobre minha família.

— Fran continuava a atacar seu pai, e ele não reagiu nunca — disse Kit, animado e cheio de vida, agora que estávamos livres. — Ele nem sequer notou. Foi hilariante. Ela é como uma Dorothy Parker de Culver Valley. Se eu falasse com meu pai assim, uma única vez, ele me cortaria do testamento.

Na época, Kit ainda estava razoavelmente bem com os pais.

— Quem é Dorothy Parker? — perguntei.

Kit riu; obviamente supôs que eu estivesse brincando.

— Na verdade não — falei. — Quem é ela?

— Uma pessoa engraçada famosa — Kit respondeu. — “No que diz respeito a eliminar vegetais apodrecidos, ninguém chega aos seus pés.” Imagino que essas sejam exatamente as palavras que Dorothy Parker teria usado. Seu pai não sacou nada; que Fran estava puta com ele por elogiar Anton como se fosse uma condenação: “Não há ninguém melhor em uma crise.” Verdade, desde que tudo que seja necessário para resolver a crise seja alguém levar comida em decomposição para a lixeira. Foi o único momento em toda a tarde que seu pai reconheceu a existência de Anton, tão ocupado estava se dedicando a mim. Não espanta que Fran ficasse puta.

— Desculpas pelo repolho fedorento — eu disse solenemente, e ambos caímos na gargalhada. Era um dia frio de fevereiro — quase noite — e começara a chover, o que nos fez rir ainda mais: graças a papai e seu vinho especial, iríamos ficar encharcados.

— É óbvio por que sua mãe ficou tão aborrecida pelo artista anteriormente conhecido como repolho — disse Kit, tentando manter uma expressão séria.

— Ela não suporta qualquer espécie de desperdício — disse a ele.
— São vinte pence que poderia ter poupado ano passado.

— Ela ficou mortificada por isso ter acontecido na minha frente. Se pelo menos tivesse dito isso, eu poderia tê-la tranquilizado que não dava a mínima. Longe de mim pensar mal de alguém que mantém vegetais liquefeitos rançosos em uma...

Ele não conseguiu dizer mais nada; estava rindo demais.

Quando nos recompusemos, eu disse:

— Não é isso, o que você disse. Sim, ela ficou constrangida, mas não foi por isso que desmoronou daquele jeito bizarro. As aparências são importantes para mamãe, mas controle é o seu Deus. Ela se esforça muito para estar no controle de todos os aspectos de sua vida e seu mundo, e a maior parte do tempo, consegue. O tempo se detém por ela, o mundo encolhe até o tamanho da cozinha de Thorrold House, o fluxo de energia do universo para nos trilhos. Ele sabe que é melhor não discutir com Val Monk. E então ela descobre um repolho que passou ali meses, quando não anos. Ficou ali, ignorado, se tornando macio, fedorento e negro, e ela não tinha ideia disso. E então faz uma aparição não programada em uma tarde em que tem convidados. Ela tenta seguir em frente e fingir que isso não a incomodou, mas não consegue superar. O repolho é uma evidência que não pode ignorar, evidência de que não está no comando. As forças da morte e da dissolução estão em marcha, são elas que comandam o espetáculo. Elas estão no prédio, e nem mesmo minha sensata mãe organizada, com seu caderno de "receitas da semana" e seu calendário de aniversários meticulosamente preenchido, pode mantê-las a distância.

Kit estava olhando para mim. Não falava mais.

— Desculpe — eu disse. — Quando bebo demais, falo demais.

— Poderia escutá-la pelo resto de minha vida — retrucou.

— Mesmo? Nesse caso você também está errado sobre Fran.

— Ela não é a resposta de Culver Valley a Dorothy Parker?

— Ela não estava provocando papai, embora provavelmente fosse fingir que sim, caso eu perguntasse sobre isso. Era *ela* quem estava criticando Anton com um elogio. Ela o ama, não me entenda mal,

mas acho que algumas vezes desejaria que ele... não sei, fosse um pouco mais.

— Por que você não foi para a universidade? — Kit me perguntou. A repentina mudança de assunto me surpreendeu.

— Eu lhe disse: nenhum dos meus amigos ia, e mamãe e papai me ofereceram um emprego bem remunerado na loja.

— Você é inacreditavelmente brilhante e perspicaz, Connie. Poderia ser muito mais que a contadora dos seus pais, se quisesse. Poderia ir longe; realmente longe. Mais longe que Little Holling, Silsford.

Ele parou de andar, e me fez parar também. Pareceu maravilhosamente romântico ele nos colocar parados na chuva de modo a me dizer que eu era brilhante e cheia de potencial.

— Meus professores na escola quase ficaram de joelhos e suplicaram que eu pensasse em universidade, mas acho que eu desconfiava disso. Ainda desconfio. Por que passar três anos sendo obrigada a ler certos livros por pessoas que acham saber mais que você, quando pode escolher sozinha o que quer ler e se educar sem a ajuda de ninguém; e sem ter de pagar por isso?

Kit limpou uma gota de chuva de meu rosto.

— Exatamente o tipo de raciocínio ignorante que eu esperaria de alguém cuja educação foi prematuramente interrompida aos dezoito anos.

— Dezesseis — contei. — Também não fiz o curso avançado.

— Maldição — ele disse. — Agora você vai me dizer que foi criada por lobos.

— Sabe quantos livros li ano passado? Cento e dois. Anoto todos em um caderninho...

— Você deveria ir para a universidade — cortou Kit. — Agora, como estudante amadurecida. Connie, você iria adorar, sei que sim. Cambridge foi a melhor coisa que me aconteceu; sem sombra de dúvida, os três melhores anos da minha vida. Eu... — falou, e se interrompeu.

— O quê? Kit?

Notei que ele não estava mais olhando para mim. Olhava através de mim, ou para além de mim, vendo outro tempo e outro lugar.

Desviou os olhos de mim, como se não quisesse que minha presença interferisse em sua recordação. Depois deve ter se dado conta do que tinha feito, pois fez um claro esforço de retornar. Eu vi aquele olhar nos olhos dele, o mesmo olhar de dez anos antes, em janeiro, quando perguntei a ele por que Bentley Grove, 11 fora programado em seu GPS como o endereço de casa: culpa, medo, vergonha. Ele fora flagrado. Tentou fazer uma piada com isso.

— A segunda melhor coisa que me aconteceu — disse rapidamente, corando.— Você é a melhor coisa, Con.

— Quem era ela? — perguntei.

— Ninguém. Não foi... Ninguém.

— Você não teve namoradas na universidade?

— Tive muitas, mas nenhuma importante.

Na semana anterior eu lhe perguntara quantas vezes amara antes de mim, e ele evitara a pergunta dizendo coisas como: "O que quer dizer com *amar*?" e "De que tipo de amor estamos falando?", enquanto seus olhos disparavam pelo lugar, se recusando a pousar nos meus.

— Kit, eu vi sua expressão quando você disse que Cambridge foram os três melhores anos de sua vida. Você estava se lembrando de amar.

— Não estava, não.

Eu sabia que ele estava mentindo, ou achava que sabia. Algo dentro de mim escureceu e azedou; eu decidi ser a escrota que posso ser sem esforço quando estou me sentindo infeliz.

— Então você estava pensando em palestras e orientação com aquela expressão lasciva no rosto? Sonhando com notas de ensaios acadêmicos?

— Connie, você está sendo ridícula.

— Era sua professora? A esposa de seu professor? Esposa do catedrático?

Kit negou repetidamente. Sustentei minha inquisição por todo o caminho até o apartamento dele: era um homem? Era alguém menor de idade: a filha de menos de dezesseis anos do catedrático da faculdade? Eu me recusei a ficar na cama com Kit naquela noite, tive um chique completamente indigno, ameacei encerrar a relação

se não me contasse a verdade. Então, vendo que ele não faria isso, recuei da ameaça: ele não precisava me contar a verdade, mas tinha de admitir que havia algo que não queria me contar, para me tranquilizar que eu não estava maluca e não tinha imaginado o fervor que vira em seus olhos, ou a culpa. Ele finalmente admitiu que poderia ter parecido um pouco constrangido, mas era apenas irritação consigo mesmo por ter sido idiota a ponto de me dar a impressão — equivocada, garantiu — de que considerava sua educação universitária mais importante que eu.

Eu queria acreditar nele. E decidi acreditar nele.

O tema Cambridge voltou a surgir entre nós em 2003, três anos depois. Então eu tinha me mudado para o apartamento de Kit, e mamãe passara a guinchar “Olá, estranha” quando aparecia para trabalhar toda manhã. Eu a ignorava, e deixava minha defesa a cargo de Fran:

— Por Deus, mãe! Rawndesley fica a vinte e cinco minutos de carro. Você vê Connie *todo dia*.

Por toda a minha vida eu supusera que minha família fosse incapacitada por uma doença que não afetava mais ninguém, cujo principal sintoma eram horizontes extremamente limitados. Então, certo dia Kit e eu estávamos a caminho de uma refeição e nos deparamos com vizinhos, um casal que morava no apartamento ao lado, Guy e Melanie. Na época Kit trabalhava com Guy na Deloitte; fora Guy quem lhe dissera que havia um apartamento duplex vazio em seu prédio, com uma ótima vista do rio. Enquanto os homens conversavam, Melanie me olhou de cima a baixo e me interrogou: o que fazia, se meus cabelos eram naturalmente tão escuros, de onde eu era. Quando disse Little Holling, em Silsford, ela assentiu como se fosse a confirmação.

— Pela sua voz, eu podia dizer que você não era daqui — comentou.

Mais tarde, no Isola Bella, o melhor dos dois restaurantes italianos de Rawndesley, eu contei a Kit como a observação de Melanie me deprimira.

— Como Silsford pode não ser considerado “daqui” quando você está em Rawndesley? — reclamei. — As pessoas de Culver Valley

são muito provincianas. Achei que fossem apenas meus pais, mas não. Mesmo em Rawndesley, que deveria ser uma cidade...

— É uma cidade — observou Kit.

— Não de verdade. Não é cosmopolita e movimentada, como Londres. Não tem... clima. A maioria das pessoas que mora aqui não escolheu isso. Ou nasceram aqui e não são imaginativas o suficiente para partir, ou são como eu: nascidas e criadas em Spilling ou Silsford, e tão protegidas e isoladas que a perspectiva de se mudar cinquenta quilômetros à frente para a metrópole que é Rawndesley é tão excitante quanto se mudar para Manhattan ou algo assim; até você chegar aqui, claro. Ou as pessoas se mudam para cá por não ter escolha, porque arrumam empregos que...

— Você quer dizer, como eu? — interrompeu Kit, sorrindo.

Estranhamente, eu não pensara nele.

— Por que você *veio* para cá? — perguntei a ele. — De *Cambridge*, de todos os lugares; aposto que é uma cidade agitada, vibrante.

Era a primeira vez que Cambridge era mencionada por um de nós desde a grande briga.

— É — disse Kit. — Também é uma cidade bonita, diferentemente de Rawndesley.

— Então por que sair de lá e se mudar para o opressivo Culver Valley?

— Se não tivesse saído, não conheceria você. Connie, há algo que preciso lhe perguntar. Por isso sugeri jantar fora.

Eu me empertiguei.

— Se eu me caso com você? É isso?

Devo ter parecido excitada.

— Não é, não, mas já que você puxou o assunto... Você casa?

— Deixe-me pensar nisso. Certo, já pensei. Sim.

— Excelente — disse Kit, cenho franzido.

— Você parece preocupado. Deveria parecer alegremente apaixonado.

— Estou alegremente apaixonado — disse, sorrindo, mas havia uma sombra atrás dos seus olhos. — Também estou preocupado. É

uma enorme coincidência, mas preciso conversar com você sobre meu emprego e... bem, sobre Cambridge.

Prendi a respiração, achando que ele iria confiar a mim a história que se recusara a me contar três anos antes. Em vez disso, começou a falar sobre a Deloitte, contando que surgira a possibilidade de comandar uma nova equipe na filial de Cambridge, fazendo um trabalho novo e excitante, e como seriam boas as perspectivas de promoção caso aceitasse. Meu coração começou a acelerar. As palavras de Kit saíam cada vez mais rapidamente; eu não conseguia entender os detalhes, e parte do que dizia não fazia sentido para mim — frases como “ver o cliente” e “capilaridade” —, mas peguei o espírito. A empresa de Kit queria que ele se transferisse para Cambridge, o que significava que eu, sendo a pessoa que acabara de concordar em casar com ele, apesar de eu mesma ter praticamente feito o pedido, tinha uma chance de escapar da minha família e de Culver Valley.

— Você tem de dizer sim — sussurrei para ele quando o garçom chegava com nossos tiramisus. — Temos de escapar daqui. Quando eles convidaram?

— Há dois dias.

— Dois dias? Você deveria ter me contado imediatamente. E se mudaram de ideia?

Kit cobriu minha mão com a dele.

— Eles não mudariam de ideia, Con.

— Como você sabe? — cobreí, em pânico.

— Eles são uma das maiores empresas de contabilidade do Reino Unido, não um bando de adolescentes histéricos. Eles fizeram a oferta, uma oferta extremamente generosa, e agora estão esperando a minha resposta.

— Ligue para eles agora mesmo — ordenei.

— Agora? São nove e quinze.

— E daí, eles estarão dormindo? Claro que não estarão! Se eu fosse uma das principais empresas de contabilidade com capilaridade e que encaram o cliente do Reino Unido, ficaria acordada até nove e meia para ver *Newsnight*.

— Con, desacelere — disse Kit, atônito com meu desespero. — Não quer pensar sobre isso primeiro? Esperar um tempo, refletir?

— Não. Por quê, você quer?

E se Kit não quiser se mudar? Ele já morou em vários lugares diferentes: nasceu em Birmingham, depois se mudou para Swindon aos dez anos, Bracknell aos quinze. Depois Cambridge para a universidade, e Rawndesley. Ele não estava preso do modo como eu estava; não iria necessariamente partilhar minha urgência em escapar.

— O emprego é um avanço, sem dúvida. E você está certa, Cambridge é uma grande cidade. E Rawndesley... não é. Mas... você tem certeza, Con? Quase não me preocupei em mencionar. Ontem estive prestes a recusar sem sequer consultar você. Não achei que estaria disposta a deixar sua família, vocês são tão...

— Insalubrememente codependentes? — sugeri.

— E quanto ao seu trabalho? — Kit perguntou.

— Eu consigo outro. Farei qualquer coisa: cortar grama, limpar escritórios. Pergunte à Deloitte se eles precisam de faxineira.

Quando saímos do restaurante, Rawndesley já parecia um lugar onde tínhamos morado. Éramos fantasmas, assombrando nossa antiga vida, vivendo a esperança de uma nova.

Contei para mamãe, papai, Fran e Anton no dia seguinte. Tinha medo de que eles encontrassem um modo de me deter, embora Kit tivesse feito de tudo para me garantir que isso não era possível, que eu era livre.

Um longo silêncio se seguiu ao meu anúncio. Observei os rostos de meus pais se reorganizando em função do choque, sentindo como se eu tivesse acabado de descarregar sete toneladas de entulho psicológico invisível no meio da sala e tirado o fôlego de todos os presentes.

Fran foi a primeira a reagir.

— Cambridge? Você nunca sequer esteve lá. Pode odiar.

— É o plano mais idiota que já ouvi — descartou papai, afastando minhas palavras com um movimento do jornal. — Pense em quanto terá de dirigir para o trabalho toda manhã. Duas horas em cada sentido, pelo menos.

Expliquei que iria deixar a Monk & Sons, que Kit e eu planejávamos nos casar, que a Deloitte fizera a ele uma oferta que seria loucura recusar. Mamãe pareceu chocada.

— Mas Kit tem um emprego *aqui* — disse, a voz incerta. De repente, como estávamos propondo nos mudar para Cambridge, Rawndesley se tornara “aqui”, e não “lá”. — *Você* tem um emprego aqui. Caso se mude para Cambridge, ficará desempregada.

— Encontrarei alguma coisa — disse a ela.

— O quê? O que exatamente você encontrará?

— Não sei, mãe. Não tenho como ver o futuro. Talvez eu faça... um curso na universidade.

Não ousei usar a palavra “diploma”.

— Um curso é muito bom, mas não é um emprego — retrucou mamãe. — Não paga as contas.

Fran, Anton e papai a observavam, esperando para ver como ia desviar a calamidade iminente.

— Bem — disse, finalmente, dando as costas. — Imagino que seja uma boa notícia para Kit, pelo menos; uma promoção. Nossa perda é ganho para ele.

Na dramatização pessoal de mamãe para a situação, Kit era o vencedor, ela, papai e Fran eram os perdedores e eu não estava em lugar algum.

— Parabéns pelo casamento — disse Anton.

— Pensei que você achasse o casamento antiquado e trabalhoso demais — cortou Fran. Ela não me deu parabéns. Nem mamãe ou papai.

Bem cedo na manhã seguinte, saltei da cama e corri ao banheiro para vomitar. Kit me perguntou se poderia estar grávida, mas eu sabia que não estava.

— É puramente psicológico — disse a ele. — É a reação do meu corpo à reação de minha família à nossa mudança. Não se preocupe. Vai passar.

Não passou. Kit e eu desenvolvemos uma rotina de ir a Cambridge todo sábado para ver casas. Ambos queríamos comprar em vez de alugar — Kit, porque aluguel era dinheiro jogado fora; e eu para me unir legalmente a um lugar que não fosse Little Holling, para tornar menos provável que um dia voltasse. Sempre que íamos caçar casas, Kit tinha de parar o carro pelo menos uma vez para que eu pudesse vomitar no acostamento.

— Não estou certo quanto a isto, Con — ele continuava a dizer. — Você estava bem antes de decidirmos mudar. Não podemos morar em Cambridge se você é alérgica à desaprovação dos seus pais — falou, e tentou brincar. — Não quero que você se transforme em uma neurótica vitoriana presa ao leito, com camisolas brancas de renda e cheirando sais.

— Eu vou superar — disse a ele com firmeza. — É só uma fase. Vou ficar bem.

Meu cabelo começara a cair, mas isso ainda não era evidente. Eu estava tentando esconder de Kit.

Encontramos uma bela casa: Pardoner Lane, 17 — uma casa vitoriana de três andares e pé-direito alto, com lareiras originais em todas as salas e em todos os quartos, grades externas pretas, degraus levando à porta da frente e uma varanda no terraço com vista panorâmica da cidade. Por dentro era belamente decorada, reluzente, cozinha e banheiros novos. Kit adorou no momento em que colocou os olhos nela.

— É esta — murmurou para mim sem que o corretor de imóveis escutasse.

Era a casa mais cara que tínhamos visto, de longe, e a maior.

— Como podemos arcar com ela? — perguntei a ele, desconfiada. Parecia bom demais para ser verdade.

— Não tem jardim e é colada a uma escola em um dos lados — ele respondeu.

Eu me lembrei da placa que tínhamos visto no prédio ao lado.

— O Beth Dutton Centre é uma escola?

— Não exatamente. Eu verifiquei. É a última série de uma escola particular que recebe no máximo catorze alunos por turma, então nunca haverá mais de vinte e oito garotos em algum momento.

Talvez eles prendam suas bicicletas em nossa grade, mas tenho certeza de que serão civilizados. A maioria das coisas em Cambridge é civilizada.

— E quanto à campainha? — perguntei. — Não irá tocar depois de cada período? Isso poderia ser irritante; poderíamos ouvir através da parede.

Kit ergueu as sobrancelhas.

— Achei que você quisesse a agitação urbana vibrante. Podemos nos mudar para Little Holling, ao lado do seu pessoal, caso você só queira ouvir flores crescendo e eventuais guinchos de alguém polindo um fogão Aga.

— Não, você está certo. Eu adoro a casa.

— Pense em todo o espaço. Você poderia ter um quarto de doente vitoriana especial só para você.

— Imagino que poderemos pedir ao pessoal da Beth Dutton para baixar o volume da campainha, se isso for um problema.

— A campainha não será um problema — disse Kit, suspirando. — Seu medo é o único problema.

Eu sabia que ele estava certo e que só havia um modo de resolver isso: precisava fazer o que estava com medo de fazer e provar a mim mesma que o mundo não iria acabar. Meus pais aceitariam com o tempo; eu poderia visitá-los regularmente. Eles irem nos visitar em Cambridge era menos factível. Três anos antes mamãe fora a Guildford visitar uma amiga. Teve um ataque de pânico no segundo dia lá e papai foi convocado para levá-la para casa. Desde então, o centro de Silsford era o lugar mais distante para o qual ela viajara.

— E então, o que vamos fazer? — Kit perguntou. Estávamos sentados no carro dele em frente aos escritórios da Cambridge Property Shop em Hills Road. — Vamos comprar a casa ou não?

— Certamente — respondi.

Cancelamos o resto das visitas que tínhamos marcado naquele dia. Kit fez uma oferta para Pardoner Lane, 17 e a corretora disse que o procuraria assim que tivesse oportunidade de falar com o vendedor.

Na manhã seguinte eu acordei e descobri que não conseguia mexer um lado do rosto. O olho direito não fechava — o máximo

que consegui fazer foi puxar a pálpebra para baixo como uma cortina e deixá-la repousando lá — e quando coloquei a língua para fora, ela foi para a esquerda em vez de em linha reta. Kit temeu que eu tivesse tido um derrame, mas garanti que não era isso.

— Foi o que você disse ontem — falei. — Estresse. Medo. Simplesmente ignore; é o que planejo fazer.

Felizmente não era imediatamente evidente para quem via meu rosto. Kit estava muito mais preocupado com isso do que eu. Prometi a ele que assim que tivéssemos nos mudado e instalado no que ambos já chamávamos de “nossa” casa, meus sintomas desapareceriam.

— Você não me entende tanto quanto eu — continuava dizendo. — Essa é a última tentativa desesperada do meu subconsciente com lavagem cerebral de garantir que eu passe o resto da minha vida idolatrando o Deus Medo. Tenho de resistir. Não me importo se minhas pernas caírem, se ficar cega, se me transformar em um besouro rola-bosta; vamos comprar aquela casa.

A corretora demorou um pouco para ligar para Kit. Quando finalmente o fez, após evitar seus telefonemas e ignorar suas mensagens por quatro dias, disse que havia outro comprador interessado em Pardoner Lane, 17 e que oferecera mais dinheiro que nós, mais até que o preço pedido.

— Podemos subir — Kit me disse, andando de um lado para outro na sala de nosso apartamento em Rawndesley. — O que não podemos é subir e ainda comer fora, sair de férias...

— Então não vamos comprar — falei. Depois da decepção inicial, eu senti um nó se desfazendo dentro de mim.

— Estou disposto a fazer sacrifícios e apertar os cintos, se você estiver — disse Kit. — Nós comemos muito fora, e metade do tempo a comida é decepcionante.

— Porque os restaurantes a que vamos são em Rawndesley. Em Cambridge, a comida será melhor. Tudo será melhor.

— Então podemos sair a cada dois meses em vez de uma vez por semana. Quaisquer sacrifícios que tenhamos de fazer valerão a pena, Con. Não iremos nos apaixonar por outra casa, não do mesmo jeito. Vou ligar e oferecer mais cinco mil.

Ele queria dizer cinco mil a mais do que a outra parte interessada oferecera, correspondendo a vinte mil extras acima de nossa oferta original.

— Não — eu disse, interceptando-o a caminho do telefone. — Não quero que essa mudança seja mais assustadora do que já é. Vamos procurar uma casa mais barata, uma que certamente possamos pagar.

— Do que está falando? — reagiu Kit, com raiva. — Desistiu de Pardon Lane, 17 assim tão fácil? Achei que tivesse adorado.

— Eu adoro, mas... — comecei, parando quando Kit apontou para mim.

— Seu rosto. Ele voltou ao normal.

Ele estava certo. Eu nem sequer notara. Insegura, toquei minha sobrancelha, depois a bochecha. Coloquei a língua para fora.

— Perfeitamente reta — disse Kit. — Fosse o que fosse, passou. Dois segundos com você pensando que tinha acabado, e passou — disse, balançando a cabeça. — Inacreditável.

— Não pode ser isso — protestei. — Mesmo se não comprarmos aquela casa, ainda vamos nos mudar para Cambridge.

— Teoricamente — acrescentou Kit. — Você consegue lidar com a teoria. A realidade, fazer uma oferta, ter essa oferta aceita para que a mudança ocorra de fato, isso a deixou paralisada de terror, literalmente.

Não senti nada além de desprezo pela mulher que ele estava descrevendo. A ideia de que ela era eu me deixou com tanta raiva que quis arrancar meus próprios olhos.

— Ligue para a corretora. Ofereça dez mil a mais e, juro, vou ficar bem; absolutamente bem. Não vou ter enjoo matinal, meu rosto não vai congelar...

— Como você sabe? — Kit perguntou.

— Porque decidi. Tudo isso acabou. Estou farta de ser... defeituosa. A partir de agora minha vontade é de aço reforçado, e ela irá passar cada minuto de cada dia eliminando a merda de meu alter ego de criança medrosa. Confie em mim; ficarei bem.

Kit me encarou por um longo tempo. Depois falou.

— Tudo bem. Mas não vou subir a oferta em dez mil não sendo necessário. Pelo que sabemos, cinco mil podem resolver.

Ele ligou para a corretora, que disse que telefonaria.

No dia seguinte eu estava no escritório da Monk & Sons quando Kit apareceu inesperadamente.

— Por que não está trabalhando? — perguntei, depois engasguei.

— Conseguimos? Conseguimos a casa?

Eu não tinha consciência de nenhum medo dessa vez; não havia “mas” em minha cabeça; eu queria Pardon Lane, 17, pura e simplesmente. Estava excitada, mais excitada que nunca.

— O vendedor aceitou nossa oferta — Kit disse. Tentei jogar os braços sobre seu pescoço, mas ele me impediu. — E então eu a retirei.

— Retirou o quê? — perguntei. Não estava entendendo.

— A oferta. Não vamos nos mudar, Con. Desculpe, mas não podemos.

— Por que não? — perguntei, lágrimas ardendo nos olhos. Não. *Isto não pode acontecer, não agora.* — A Deloitte...

— Não tem nada a ver com a Deloitte. Estou preocupado que se formos em frente com isso, você... não sei, tenha algum tipo de colapso.

— Kit, estou absolutamente...

— Você *não* está bem, Con. Noite passada você gritou durante o sono.

— Não gritei, não. O que eu estava dizendo?

Ele evitou me encarar.

— Seu cabelo está caindo e você tenta esconder. E, sabendo como seus pais se sentem em relação à nossa mudança, acho que não iremos gostar. É difícil viver sabendo que você tornou alguém infeliz, especialmente quando são sua mãe e seu pai.

— Que babaquice! — sibilei para ele, me esticando para bater a porta do escritório de modo que nenhum cliente escutasse. — *Eu* não os estaria deixando infelizes; eles estariam se fazendo infelizes por serem *idiotas* demais para compreender que ter uma filha se mudando para 240 quilômetros de distância não é uma tragédia

terrível! Eu preferia que eles ficassem felizes com isso, claro que sim, mas não há como me responsabilizar por eles não estarem!

— Eu concordo, você não deveria — disse Kit. — Também sei que iria. Você se sentiria mal. Isso arruinaria as coisas. Sempre teríamos essa sombra pairando sobre nós.

A essa altura eu estava soluçando, horrorizada com o que ouvia, mas com medo de que fosse verdade. Se me mudasse, sempre haveria uma voz em minha cabeça sussurrando que eu abandonara minha família?

— Estive pensando — disse Kit. — Há formas de conseguir o que queremos que não envolvem mudança.

Fiquei achando que ele tinha perdido a cabeça. Mudar era o que queríamos, não era? Era a única coisa que queríamos: viver em Cambridge. Como poderíamos conseguir isso de nosso apartamento em Rawndesley?

— Poderíamos comprar uma casa em vez de alugar; não na feia Rawndesley, mas em Spilling, Hamblesford, ou...

— *Spilling?* — reagi. Eu queria arrancar a cabeça dele do pescoço e chutá-la pela sala. Alguém abriu o crânio dele durante a noite e roubou o cérebro? — Velhas que jogam bridge e são sócias do Rotary Club moram em Spilling! Eu sou jovem, Kit; quero ter uma vida de verdade em algum lugar onde algo aconteça. Não acredito que você esteja dizendo isso!

Os olhos de Kit endureceram.

— Todo tipo de gente mora em toda parte, Connie. Você não pode generalizar. Acha que não há senhoras jogando bridge em Cambridge?

— Sim, talvez haja, em meio à massa de estudantes e outras pessoas excitantes — retruquei. Eu sabia que soava como uma caipira ingênua; era exatamente o problema que estava tentando resolver com a mudança. — Em Cambridge, os velhos chatos podem fazer o pior e ainda assim não conseguiriam engessar o lugar com seu tédio, porque há um influxo constante de pessoas novas e interessantes por causa da universidade. Achei que você quisesse que eu me formasse.

Kit ficou calado, se virou. Após alguns segundos, falou em voz baixa:

— Eu *adoraria* que você se formasse, mas... Deus, isso é tão difícil.

— Mas o quê? Acha que não sou suficientemente inteligente? Acha que a Universidade de Cambridge não irá me querer?

Ele girou.

— Você acha que é isso? Con, eles a aceitariam em um piscar de olhos. Eu me mudaria para Cambridge com você em um piscar de olhos se achasse que você daria conta, mas... — disse, e balançou a cabeça.

— O que eu falei na noite passada? — perguntei.

— O quê?

— Noite passada; você disse que eu gritei no sono. Foi o que o levou a mudar de ideia, não foi? Ontem estávamos bem, íamos comprar Pardoner Lane, 17 a qualquer preço, derrotando o outro comprador mesmo que isso significasse comer apenas mingau por dois anos. Lembra? O que eu gritei dormindo noite passada que o levou a querer esquecer tudo isso e desistir? Kit?

Ele esfregou a base do nariz com indicador e polegar.

— Você disse “Não me obrigue a ir” — disse, enfatizando o “obrigue”. Eu entendi por quê, e isso foi ênfase dele, não minha. Ele achava que no fundo eu queria ficar, e se nos mudássemos e eu fosse infeliz iria considerá-lo culpado, pois tinha iniciado a coisa toda com sua oferta de emprego irrecusável da Deloitte. — Você ficou repetindo isso. Você estava me suplicando, Connie. Seus olhos estavam abertos, mas você não respondeu quando eu... Não se lembra?

Eu balancei a cabeça. Algo dentro de mim havia desligado. Kit e meu subconsciente estavam conspirando contra mim. Não havia nada a fazer diante desse tipo de oposição.

— E quanto à Deloitte? Sua promoção.

— Vou sair da Deloitte — Kit disse, e sorriu. — Eu lhe disse: estive pensando, reformulando. Ambos precisamos sair da rotina; precisamos de algo que nos excite, mesmo que essa coisa não seja Cambridge. Então vamos abrir nossa própria empresa. Você ainda

pode trabalhar em meio expediente para seus pais, caso queira, mas iria trabalhar principalmente comigo. Você precisa ficar mais independente da sua família; passar cinco horas por dia, cinco dias por semana aqui é demais. Seus pais precisam ver que você é capaz de fazer algo que não era originalmente ideia deles, ou ideia do pai do pai do seu pai. Isso os ajudará a vê-la como você é: uma mulher brilhante, capaz, independente.

Abri a boca para dizer que ele não podia decidir tudo isso sem me consultar, mas ele foi rápido demais, e já estava descrevendo o elemento seguinte do seu plano.

— Vamos encontrar uma casa que amemos, *realmente* amemos, ainda mais que Pardoner Lane, 17. Isso não será difícil. Essa é uma coisa que lugares como Spilling e Silsford têm melhor que Cambridge: mais casas incomuns, mais variedade. Em Cambridge, quase tudo tem um terraço de tijolos.

— Eu amo Pardoner Lane, 17 — disse, inutilmente. Agora, pela primeira vez e com chocante clareza, percebi que era a casa perfeita, a única casa que desejava, agora que estava ouvindo que não poderia tê-la.

— Você amará a casa que comprarmos em Culver Valley, prometo. Caso contrário, não compraremos. Mas você irá amar. E então, assim que nosso negócio for um enorme sucesso e tivermos baldes de dinheiro, e você tiver mostrado a seus pais que pode se virar sozinha sem o salário quase inexistente que eles lhe pagam...

— Achei que ainda iria trabalhar para eles em meio expediente — disse. Deixar a Monk & Sons inteiramente incomodaria mamãe tanto quanto a mudança para Cambridge.

— De início você vai querer — disse Kit, concordando. — Mas assim que nossa empresa realmente decolar, assim que estivermos ganhando tanto com ela que realmente se torne ridículo você ainda receber setecentas libras por mês ou sei lá quanto como contadora em meio expediente da Monk & Sons, então você só terá de dizer a seus pais que tem coisas melhores a fazer; dizer “Lamento, papai, mas se eu quisesse fazer trabalho voluntário, entraria para a Cruz Vermelha”.

Não pude deixar de rir.

— Então qual será essa nossa empresa enormemente rentável? — perguntei.

— Não faço ideia — disse Kit alegremente, aliviado por eu estar parecendo mais feliz. —, mas vou pensar em algo, e será bom, seja lá o que for. E em cinco anos poderemos conversar novamente sobre mudar para Cambridge, talvez, ou algum outro lugar, Londres, Oxford, Brighton, e você descobrirá que não sente a metade do medo que sente agora, porque já estará a caminho de se desenredar — disse, imitando arrancar algo de algum lugar.

— Por isso Melrose Cottage é tão bonita — eu digo a Sam Kombothekra, cujos olhos parecem vítreos de me escutar por tanto tempo. Ele provavelmente está chegando à conclusão agora de que nenhuma pessoa sã faria tanto melodrama com um plano simples de se mudar para outra parte do país. *Portanto eu só posso ser insana, e provavelmente delirar com mulheres mortas em poças de sangue na tela do meu computador.* — Melrose Cottage é o nome de nossa casa em Little Holling — acrescento, para o caso de ele não ter notado a placa na porta.

— Certamente é perfeita — ele concorda.

— Tinha de ser. Para compensar tudo.

Sete anos se passaram desde que Kit e eu tivemos aquela conversa no escritório da Monk & Sons. Ele não mencionara novamente a possibilidade de mudar para Cambridge, Londres ou Brighton, nem uma única vez. Londres certamente estaria fora de cogitação; agora que trabalhava lá vários dias por semana, começara a levar para casa histórias de como é infernal: cheia de lixo, barulhenta, cinza. O tipo de coisa que minha mãe, que nunca viu Londres, diz, mas me deprime mais por vir de Kit, que supostamente é meu aliado na luta pela liberdade.

No Natal seguinte à nossa mudança para Melrose Cottage, Kit me comprou a gravura da King's College Chapel "4/100". "Achei que deveríamos ter uma imagem para nos lembrar de Cambridge, já que não vamos morar lá", ele disse. Eu não consegui ver aquilo como nada além de um símbolo de minha derrota; arruinou meu Natal. A mulher rindo nos degraus da capela parecia estar rindo de mim.

— Em janeiro, quando encontrei aquele endereço no GPS de Kit, comecei a pensar sobre... bem, sobre a repentina mudança de ideia dele — digo a Sam. — Ele disse que foi por estar preocupado com meu grau de estresse, mas e se não tivesse sido nada disso? E se o motivo pelo qual ele inicialmente queria mudar para Cambridge fosse ter uma namorada lá?

Selina Gane.

— E depois eles romperam, tiveram uma grande briga, ela o deixou, e por isso ele mudou de ideia. E então, em algum momento depois, um deles entrou em contato com o outro e voltaram, mas nessa oportunidade, em vez de me sugerir mudar, Kit teve uma ideia melhor: morar com ela em Bentley Grove, 11 e me manter em Little Holling, seguramente fora do caminho. Ele adora Melrose Cottage; fez exatamente o que se propôs em 2003: encontrou uma casa que amava ainda mais que Pardoner Lane, 17. Nunca iria desistir dela se não precisasse. Há duas semanas ele encomendou a um artista da cidade um retrato dela, como se fosse uma pessoa ou algo assim.

Também não é o que você sente por ela?

Não ousou admitir que estou prestes a começar a odiar minha própria casa, embora seja adorável e não tenha feito nada de errado.

— Kit quer ambas, como muitos homens — digo com raiva. — Duas vidas. Eu e Melrose Cottage em um compartimento, Selina Gane e Cambridge no outro. E não liga para o que eu quero. Ainda gostaria de me mudar. Ele nem sequer me pergunta mais. Supõe que eu esteja feliz com as coisas como são, mas por que estaria? — desabafo com Sam, que, como Melrose Cottage, não fez nada de errado.

— Você não sabe se Kit está envolvido com Selina Gane — ele diz.

— Você não sabe que ele não está.

E agora não há nada mais que você possa dizer, há? Nada mais a ser dito, nada que você possa fazer, nenhuma forma de saber. Bem-vindo ao meu mundo.

— Você contou tudo isso a Simon Waterhouse?

Falar com Simon foi mais fácil do que falar com Sam, muito mais. Eu me senti menos esquisita. Simon não foi repellido pela estranheza

de minha história. Sam foi, embora esteja fazendo de tudo para esconder seu desconforto. De algum modo tive a impressão, ao conversar com Simon, de que a estranheza era o elemento dele. Concordou com coisas ditas por mim que teriam provocado incredulidade na maioria das pessoas, e pareceu intrigado com os detalhes mais banais, fazendo perguntas que não tinham ligação evidente com nada. Continuou me perguntando sobre os pais de Kit, quando e por que rompera com eles.

Não contei tudo a Simon. Não querendo admitir nada que pudesse ser ilegal, não mencionei ficar à espreita, minhas sextas de Cambridge. Não contei a ele que algumas vezes segui Selina Gane até o trabalho, caminhando atrás dela, ou que ela uma vez se virara para mim na recepção do hospital e me perguntara se já me vira em algum lugar antes.

“Não”, respondi rapidamente, mortificada. “Acho que não.”

“Você mora em Bentley Grove?”, perguntara. Devia ter me visto lá, talvez mais de uma vez.

Eu mentira novamente, fingira ter amigos morando lá.

Não contara a Simon que quinze dias depois do incidente no hospital eu me deparara novamente com Selina — por acaso, na cidade. Havia decidido que nada aconteceria em Bentley Grove, 11 naquele dia, então caminhara até a cidade para comer algo. Estava prestes a escolher o Brown’s da Trumpington Street quando a vi caminhando à minha frente. Sabia que era ela; tinha estacionado meu carro no final sem saída da Bentley Grove e a vira sair de casa naquela manhã, e ela vestia as mesmas roupas: jaqueta de brim verde, calças pretas, botas de saltos altos. Era ela, e não tinha me visto. Eu me senti irracionalmente aborrecida por ela não estar em Addenbrooke’s, para onde estava certa de que iria naquela manhã, onde passaria o dia inteiro.

Eu a segui ao longo da King’s Parade e até a Trinity Street. Quando entrou em uma loja de roupas, eu fiquei do lado de fora. Passou séculos lá dentro — tanto tempo que comecei a temer que meus olhos tivessem me enganado. Talvez a tivesse perdido e estivesse de pé diante da loja errada enquanto ela se apressava para algum outro lugar, me deixando para trás.

Após ter esperado quase uma hora, minha frustração me levou a fazer algo tão idiota que ainda tenho dificuldade em acreditar. Entrei na loja. Estava certa de que não a encontraria lá, mas lá estava. Ela e a mulher atrás do caixa me encararam com a mesma expressão raivosa e triunfante nos olhos; soube sem ninguém dizer que eram amigas. “O que está acontecendo”, cobrou Selina Gane. “Quem é você, e por que está me seguindo? Nem pense em negar, ou chamarei a polícia.”

Minhas pernas quase fraquejaram. Olhei perturbada para ela, sem saber o que dizer. Notei que não usava aliança, o que fez com que me sentisse melhor por nada.

“Tranque a porta”, ela disse à amiga. Depois se voltou para mim. “Vou arrancar uma resposta sua; não importa o que tenha de fazer.”

Antes que a amiga tivesse a chance de sair de detrás do caixa, eu corri para a porta, saí e disparei pela Trinity Street como um animal cansado tentando salvar a vida. Corri pelo que pareceram quilômetros. Quando finalmente ousei parar e me virar, vi que não havia ninguém lá, ou pelo menos ninguém com qualquer interesse em mim, e caí em lágrimas de alívio. Tinha escapado. Ela não sabia quem eu era. Apenas no dia seguinte me ocorreu que poderia ter dito calmamente: “Meu nome é Connie Bowskill. Sou esposa de Kit Bowskill.” Como ela teria reagido? Total incompreensão ou choque? Será que ela conhecia Kit? Sabia que ele era casado?

Também não descobri o nome dela naquele dia. Só descobri esta manhã, quando Sam Kombothekra me contou.

— Connie?

— Ahn?

— Você contou a Simon Waterhouse?

— Sim. Contei a ele tudo o que lhe contei.

— O que ele disse? — pergunta Sam.

10

19/07/2010

— Eu perguntei se havia alguma possibilidade de que ela mesma tivesse programado o endereço no GPS do marido — Simon disse a Charlie.

Estavam sentados à grande mesa de madeira em um dos lados da piscina — Simon sob um guarda-sol e Charlie sob o brilho pleno do sol. Ela sabia que fazia mal, mas adorava: o modo com que o sol queimava em sua pele a fazia se sentir como se o cérebro se dissolvesse, assim, não tinha escolha a não ser se jogar na piscina.

Quanto ao almoço, o inimaginável acontecia: Simon descascava camarões e os dava a ela, um a um; mostrando como o fizera se sentir culpado. Não estava mais com fome, mas queria que continuasse a descascar. Ele não parecia se incomodar, o que a irritava um pouco, mas até o momento ele só concluíra oito camarões, e ela avaliava ser capaz de comer uns cinquenta, mesmo que isso a deixasse doente depois. Tinha confiança de que estaria furioso e xingando antes que ela estivesse pronta a liberá-lo.

— Por que ela mesma programaria o endereço e depois acusaria o marido de fazê-lo? — perguntou a Simon.

— Porque verdadeiramente acredita que ele o fez. Se apagou a lembrança de fazer *ela* mesma, e então o descobre lá; bem, ele deve ter feito isso, não é? E quer saber por quê. Por que ele está colocando um endereço desconhecido em Cambridge em seu GPS como sendo “casa”?

— Besteira — disse Charlie. — Os cérebros das pessoas não apagam lembranças. Além disso, por que o endereço? Sua hipótese de eliminação de memória por pós-trauma faria mais sentido se o endereço que ela encontrou no GPS fosse Pardoner Lane, 17.

— A não ser que Bentley Grove, 11 tenha igual significado para ela — sugeriu Simon. — O que é possível. Se ela está suficientemente traumatizada para colocá-lo no GPS, quem pode dizer que não apagaria *todas* as lembranças relacionadas a casa? De modo que, ao ver o endereço, ele não signifique nada para ela.

Charlie grunhiu.

— Eis o que aconteceu: o marido, Kit, programou o endereço. A solução mais simples e tudo mais.

Simon ergueu um camarão descascado e olhou para ele.

— Navalha de Occam? Isso é um mito. Se você repassar os últimos anos de nossa vida profissional...

— Connie Bowskill não é trabalho, então não finja que é — disse Charlie. — Ela é seu último passatempo bizarro. E não existe *nossa* vida profissional. Eu deixei a divisão de detetives há anos. Tenho minha própria função remunerada trabalhando para a polícia, além de ser sua fornecedora de choque de realidade não remunerada.

— Então tudo bem, *minha* vida profissional — disse Simon, impaciente. — Nada com que tive de lidar foi direto. Nada nunca é o que parece, nada é previsível — disse, e suspirou antes de completar. — Talvez a solução mais simples aconteça sempre que não estou por perto, mas nunca funcionou comigo.

— É o marido que foi estudante em Cambridge — disse Charlie. — Foi ele quem sugeriu mudar para lá em 2003, e o endereço foi programado no GPS *dele*, no carro *dele*. Eu pensaria exatamente o mesmo que Connie Bowskill pensou: que ele deve ter outra esposa e família em Bentley Grove, 11...

— Ele não tem — cortou Simon. — Eu fui a Cambridge, fiz perguntas sobre a casa. A dona é uma mulher chamada Selina Gane, médica. Quarenta e tantos, sem filhos, mora sozinha. Perguntei se conhecia um Kit Bowskill. Ela disse que o nome não significava nada. Não usava aliança, então...

— Quando foi isso? — perguntou Charlie, arrancando o camarão da mão dele. — Quando você *fez perguntas* sobre Bentley Grove, 11?

— Há quatro semanas. Tirei dois dias de folga.

— Você me disse que ia comprar terno e sapatos novos para o casamento.

— Também fiz isso.

— Em Cambridge?

Ele soube que tinha sido apanhado.

— Você me disse que tinha comprado tudo no Remmick's, em Spilling.

— Só porque não queria lhe contar que havia estado em Cambridge. Você teria perguntado por quê. Tudo teria sido revelado, e eu não queria lhe contar na época. Eu queria lhe contar agora.

— Não estou mais com fome — disse Charlie quando ele tentou lhe dar mais um camarão. — Você esperou para me contar em nossa lua de mel?

— Planejei a coisa toda; escrever o endereço em algum lugar que você encontrasse, negar ter escrito... A coisa toda — disse. Por uns dois segundos ele tentou parecer constrangido. Quando viu Charlie se esforçando para não rir, ele sorriu e ela notou que ele ainda estava satisfeito por encenar aquela reconstituição com tal sucesso. — Nunca antes passamos duas semanas sozinhos. Temi que ficássemos sem coisas sobre o que falar.

— Confie em mim, isso nunca acontecerá. Então, ela é atraente?

— Quem? Connie Bowskill ou Selina Gane?

— Ambas.

— Não sei. Você sempre me pergunta isso.

— Não pergunto, não — reagiu Charlie automaticamente.

— Você perguntou isso até sobre o rosto na montanha. Olhe — disse, apontando. — Você certamente consegue ver daqui.

Charlie ficou imaginando se aquele seria outros dos jogos intrincados do marido. Talvez Connie Bowskill não fosse a única donzela em apuros que ele tinha na mira no momento. Talvez houvesse alguma outra mulher cujo marido alegara ver em uma montanha um rosto que ela não conseguia ver, por mais que se esforçasse. Talvez ela terminasse afogando-o em uma piscina espanhola.

— Selina Gane é o que a maioria dos homens acharia atraente, imagino. Cabelos louros brilhantes, rosto decente, figura roliça.

— *Roliça?*

— Você sabe — respondeu Simon, traçando um contorno com as mãos.

Charlie apertou os olhos para ele.

— Mais conhecido como “ampulheta”. Ela tem quarenta e tantos, é isso?

— Por aí. E também é rica.

— Qual a idade de Connie Bowskill?

— Trinta e quatro.

— Atraente? Por Deus, Simon, não há nada de constrangedor em dizer se alguém é atraente ou não!

— Magra, morena. Você diria que ela é muito bonita.

— Ah, eu diria isso, não é? Como você sabe que Selina Gane é rica?

— A aparência. Suas roupas, tudo. Muito, eu diria.

— Então, se Kit Bowskill está envolvido com Connie e Selina, ele conseguiu de tudo, não é? Uma morena, outra loura; uma magrela, outra roliça; uma mais velha, uma mais jovem; uma rica, outra não tão rica. Talvez ele seja como Sellers; desde que seja mulher, é seu tipo.

— Ele não está envolvido com as duas — retrucou Simon. — Falei com alguns dos vizinhos enquanto estive em Bentley Grove, perguntei sobre qualquer um que tivessem visto indo e vindo do número 11...

— Imagino que você tenha perguntado em sua posição oficial, embora estar lá não tivesse nada a ver com trabalho — disse Charlie com malícia, sabendo que Simon não teria permitido que preocupações éticas se metessem no caminho. Sua própria avaliação do que era certo ou errado era tudo com o que se preocupava; o consenso geral era irrelevante. Ele e Charlie tinham isso em comum; no seu lugar, ela teria abusado do poder exatamente da mesma forma.

— Verifiquei no registro de imóveis. Bentley Grove, 11 está registrado apenas no nome de Selina Gane; nenhuma referência a Kit Bowskill. Também mostrei aos vizinhos dos dois lados uma fotografia de Bowskill que consegui com Connie. A vizinha disse que

não parecia familiar, nunca o tinha visto antes. Disse que só vira várias mulheres e um casal idoso visitando o número 11. O outro vizinho, um sujeito curvado que parecia ter duzentos anos e o nome mais longo que já ouvi, professor sir Basil Lambert-Wall, disse o mesmo sobre visitantes: muitas mulheres, um casal que descreveu como sendo de meia-idade, mas avalio que eles e o casal idoso da outra vizinha sejam as mesmas pessoas; provavelmente os pais de Selina Gane. Lambert-Wall deu uma olhada na foto de Kit Bowskill e disse: “Claro que o reconheço. Ele instalou meu novo alarme de invasão”.

— Alzheimer? — perguntou Charlie.

— Não acho isso. Mentalmente ele me pareceu tão afiado quanto alguém de vinte anos, embora se apoiasse em uma bengala duas vezes mais larga que seu corpo. Não queria descartar o que ele me disse apenas por ser uma antiguidade, então fui à Safesound Alarms em Trumpington...

— Onde eles nunca tinham visto Kit Bowskill antes, nem ouvido falar dele — Charlie resumiu.

— Exatamente.

— Então o velho cometeu um erro.

— Ele pareceu seguro — disse Simon, teimoso. Suspirou. — Você está certa. A despeito de seu nome espetacular, ele deve ter se enganado. O que Kit Bowskill estaria fazendo instalando alarmes contra ladrões?

— Se eu fosse tão maluca quanto você, poderia dizer que se ele tem duas vidas se desenvolvendo concomitantemente, com uma esposa e uma casa em cada, então poderia ter um emprego em cada: blá-blá-blá de sistema de dados em Silsford, instalador de alarmes contra ladrões em Cambridge. Talvez a Safesound Alarms tenha uma forte cultura antipolicial, então eles automaticamente negam tudo quando a polícia aparece — disse. Vendo o preocupado cenho franzido de Simon, Charlie deu um tapa no seu braço. — Estou brincando. Espero que tenha dito a Connie Bowskill que o marido está limpo.

— Ainda não. Não quero dar esperança a ela. Só porque nenhum dos vizinhos o viu na casa, não significa que ele não esteve lá.

Talvez ele e Selina Gane sejam cuidadosos. Não — disse. Simon fazia isso quando em modo obsessivo; discordava de si mesmo em voz alta. — Eles não estão envolvidos romanticamente. Não podem estar. Então o que ele está fazendo programando o endereço dela em seu GPS como sendo “casa”?

— Por que não podem estar envolvidos romanticamente? — Charlie perguntou.

Ela observou enquanto Simon se dava conta do que havia dito, que soara um pouco seguro demais. Ele parecia preso numa armadilha.

— Desculpe, não quer me contar a história toda agora? Está guardando o final para daqui a uma ou duas semanas?

— Algo estranho aconteceu enquanto eu conversava com Selina Gane — admitiu ele.

— Ainda mais estranho, você quer dizer. A coisa toda é estranha.

— Eu mostrei a ela a foto, e não arranquei nenhuma expressão especial. Ela não mente bem, descobri isso dez segundos depois, então estou bastante certo de que sua falta de reação à foto foi genuína. O rosto de Kit Bowskill não significou nada para ela. Depois guardei a foto e perguntei se ela conhecia o nome. Ela disse: “Não. Quem é ela? Nunca ouvi o nome dela.”

— Nada demais — disse Charlie, bocejando. — Kit poderia muito bem ser mulher ou homem.

O calor estava provocando um efeito sedativo nela. Como alguém conseguia trabalhar naquele clima? Se vivesse na Espanha teria de ser um gato, ela pensou.

— Quando disse a Selina Gane que Kit Bowskill era um homem, algo aconteceu ao rosto dela — contou Simon.

Charlie não conseguiu resistir.

— Viu uma montanha nele?

— Ela ficou surpresa, até mesmo chocada. Houve um... não sei como descrever, uma explosão em seus olhos de “Não, isso não pode ser verdade”. Eu a observei ajustando suas suposições. Quando perguntei sobre isso, ela se fechou, mas não poderia deixar mais óbvio que estava mentindo, se tentasse.

— Isso é estranho — concordou Charlie. — Então...

Por um segundo ela não conseguiu fazer sua cabeça funcionar. Ninguém deveria ter de pensar tanto nas férias.

— Ela não conhecia o rosto dele, e não conhecia seu nome. Então... — tentou. Finalmente seu cérebro exaurido pelo sol formulou a pergunta que procurava. — Então por que ela estava tão certa de que Kit Bowskill era uma mulher?

Quando Sam retornou à sala dos detetives não havia sinal de Sellers ou Gibbs. Proust também não estava no escritório.

Sam verificou os e-mails. Tinha sete novos, cinco dos quais seguramente pareciam poder ser ignorados; os outros dois eram do ID Ian Grint e de Olivia Zailer, irmã de Charlie. Sam abriu primeiro o de Grint, que estivera tentando entrar em contato com ele sem conseguir. Sam não estava certo se tinha energia para ligar de volta após sua exaustiva sessão com Connie Bowskill; sentia-se como um analista não remunerado — outra reunião como aquela e ele mesmo iria precisar de um analista. Grint provavelmente ligara com o atual número de telefone dos Beater, o casal que fora dono de Bentley Grove, 11 antes de Selina Gane; Sam o pedira em algum momento, achando que poderia perguntar a eles sobre a mancha da árvore de Natal em seu carpete. Ele sorriu consigo mesmo. Grint provavelmente o achara maluco; Sam não o teria culpado caso achasse.

O e-mail de Olivia continha uma sequência de instruções confusas, duplas negativas e veladas acusações difusas — “não estou dizendo que você deva ou não...”, “por favor, não, ou melhor, apenas caso sinta que precisa...”, “após ter ruminado sobre isso, decidi que não posso não lhe dar o número...”, “claramente ninguém mais iria lhe dizer...” — e deu a Sam um meio de entrar em contato com Simon, o que o colocava em uma posição que ele teria dado tudo para não estar. Imperdoável perturbar alguém em sua lua de mel, mesmo com um telefonema rápido. O que, Sam tinha de admitir, não seria especialmente rápido. Havia tanto que desejava perguntar a Simon, e lhe contar, que não estava certo se sabia por onde começar; a lua

de mel teria acabado quando tivesse transmitido tudo, e Charlie estaria marchando na direção da sala dos detetives para deixar Sam inconsciente com uma mala pesada.

O telefone em sua escrivaninha começou a tocar. Sam rezou para que fosse Simon: entediado, passando o tempo enquanto Charlie tirava um cochilo, ligando com a esperança de um papo rápido.

Era Ian Grint. Ele começou sem preâmbulo:

— Parece que sua dama está dizendo a verdade. Esta manhã apareceu uma mulher, viu exatamente a mesma coisa. Você acredita em sincronicidade? Eu nunca acreditei, mas talvez comece agora.

— Isso é...

O que isso era? Sam não sabia. Não estava certo do que esperava que acontecesse, mas certamente não isso.

— A mesma descrição — disse Grint. — Da mulher e da sala. Mapa emoldurado, mesinha de centro, a disposição. Mulher magra, pequena, vestido com estampa verde e lilás, cabelos escuros emaranhados abertos em leque ao redor da cabeça, grande poça de sangue, mais escura ao redor da barriga. Os horários também batem. Elas devem ter apertado o botão do passeio virtual com diferença de segundos. Provavelmente as únicas duas pessoas no país a fazer isso, já que era mais de uma hora da manhã.

— Talvez não — retrucou Sam. — Talvez outras pessoas estejam indo para aí; ou não, já que não estão certas de como provar que viram isso.

— Desapareceu do site quase imediatamente depois das duas visitas conhecidas, não há dúvida quanto a isso — disse Grint. — Jackie Napier, a dama aqui, diz que fechou o passeio, depois recomeçou e o corpo não estava lá. Exatamente o que aconteceu com a sua sra. Bowskill, certo?

— Isso — concordou Sam.

— Quão rápido você e ela podem vir para cá? — Grint perguntou.

— Eu e... eu e Connie Bowskill?

Ele se livrara da histeria mal controlada de Connie havia menos de cinco minutos, e não tinha nenhum desejo de procurá-la no futuro próximo. Ela chamara um táxi, já que o marido levava o carro e a deixara sem condução. Provavelmente partira havia muito. Quanto a

largar tudo e ir para Cambridge, Sam podia imaginar a reação de Proust.

— Não tenho certeza se posso fazer isso.

— Ah, você pode, acredite em mim — disse Grint, e o risinho deixou claro que não estava se divertindo. Sam ouviu a seriedade subjacente, a insinuação de ameaça. — Tem mais coisa acontecendo, e não posso falar ao telefone; você precisa ouvir você mesmo. Estamos com uma confusão nas mãos, de um tipo que você nunca viu antes. Eu sei que não vi. Preciso dos dois aqui, você e ela.

Alguns segundos depois Sam seguia em disparada pelo corredor, para o caso de Connie Bowskill ainda estar no estacionamento da delegacia, esperando um táxi que ainda não havia chegado.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/23IG

Queridos Elise, Donal, Riordan e Tilly

Apenas um bilhete rápido, muito atrasado, para dizer MUITO obrigado por aquele fim de semana fabuloso! Exatamente do que precisávamos depois de alguns meses infernalmente estressantes — realmente revigorante! Cambridge é tão bonita quanto vocês descreveram, e mal podemos esperar para ir e ficar novamente! A caminho de casa perguntamos às crianças qual tinha sido a melhor parte do fim de semana e eles disseram “Todo ele” — o que em grande medida resume como todos nos sentimos. O passeio de barco rio abaixo foi sublime; os belos prédios das faculdades, o sol... Ah, por falar nisso, acho que podemos ter solucionado o mistério daquele barco no qual batemos debaixo da ponte: “Step to Heaven”. Um colega nosso aqui foi aluno do Trinity College, e diz que eles têm seus próprios barcos e cada um é batizado em homenagem a algo que é um de três — há uma canção chamada “Three Steps to Heaven”, não é? Gene Vincent, ou seria Eddie Cochrane? Seja como for, estamos tentando descobrir como devem ser chamados os outros barcos do Trinity: Mosqueteiro? Rato Cego? Rei Mago? Avise se vir um deles no Cam (ou no Granta, aliás!).

Sua casa é fantástica — morremos de inveja. Ela já parece um lar, ou ainda se sentem brincando de casinha? Lembro que você também disse isso sobre a casa anterior, e deu a impressão de que alguém poderia tomá-la de você quando não estivesse olhando! Relaxe, é sua! Enquanto isso, desejaria que alguém tivesse tomado nosso barraco dilapidado — e preferivelmente arrumasse o telhado pingando, já que estavam aqui. Seja como for, obrigado novamente por nos fazer sentir bem-vindos!

Leigh, Jules, Hamish e Ava

P.S. Jules insiste em que um dos barcos do Trinity deve se chamar "Lion on a Shirt", mas acho que isso provavelmente é forçar demais!

11

Segunda-feira, 19 de julho de 2010

Eu saio para o calor e paro quando a tontura se instala. Fecho os olhos e apoio na parede da delegacia, me segurando para ter certeza de que não acabarei no chão. Um carro buzina. Não sei a que distância está. Provavelmente é meu táxi. Eu deveria olhar, mas sei que não devo arriscar quando minha mente está se partindo em bolos de pelo cinza. Não vou abrir os olhos até estar certa de que o mundo parecerá normal novamente. A pior coisa nesses ataques é a distorção visual. Manter os olhos abertos é aterrorizante — como cair cada vez mais para trás dentro da minha cabeça, ser arrastada por uma corrente interna para longe dos olhos, que permanecem fixos onde estavam enquanto eu recuo para as profundezas.

— Connie!

O carro buzina de novo. Reconheço a voz, mas não consigo identificar. Ainda estou apoiada na parede com os olhos fechados quando sinto a mão em meu braço.

— Connie, você está bem?

Minha irmã. Fran.

— Só um pouco tonta — consigo dizer. — Ficarei bem em um minuto. O que está fazendo aqui? Como soube...

— Liguei para Kit quando seu telefone ficou caindo direto na caixa postal. Ele me disse que você precisava de carona.

Porque o deixei com raiva e ele me deixouilhada.

— Mas ainda não vou levar você para casa. Entre no carro.

Não vai me levar para casa? *Então para onde?* Eu abro os olhos. O Range Rover de Fran está estacionado em parte da vaga para deficientes mais perto do prédio. As portas de motorista e passageiro estão abertas. Isso me faz pensar em um filme que vi

quando pequena sobre um carro mágico que podia voar; as portas eram suas asas.

Fran está vestindo os jeans desbotados e a camisa de rúgbi listrada laranja e branca que penso ser seu uniforme de não trabalho. Algumas vezes, quando vou à casa dela e os vejo secando no varal, penso em roubá-los e jogá-los fora, embora não haja nada particularmente errado com eles.

— Eu pedi um táxi — digo. — Tenho de esperar.

— Esqueça o táxi. Chamei Diane para me cobrir em seu dia de folga porque preciso conversar com você; agora. Goste ou não, você vem comigo.

— Para onde?

— O salão de chá do Silsford Castle. Vamos tomar um chá e conversar.

Fran soa muito determinada. Nada em seu tom de voz indica que isso será divertido.

Permito que me empurre para o carro. Cheira a uma mistura de batata frita e lenços de bebê com perfume de aloe, que ela ainda usa o tempo todo, embora Benji tenha cinco anos e não haja nenhum bebê em seu ramo da família. Estou consciente de que não tenho direito de achar isso irritante. Fran entra do lado do motorista, joga a bolsa no meu colo e parte sem se dar ao trabalho de colocar o cinto de segurança.

— Por que o Silsford Castle? Por que não algo no caminho de casa?

— Casa? Onde é isso, então? — retruca Fran, se virando para mim para confirmar que suas palavras me chocaram tanto quanto era a intenção.

— O quê? — reajo. Uma pontada de medo revira minhas entranhas. — O que quer dizer?

Ela balança a cabeça como quem diz “esqueça”.

— Seu telefone ainda está desligado? — pergunta.

— Não. Eu liguei quando...

— Desligue. Não pergunte por quê, apenas desligue. Não quero interrupções.

Obedeço a ordem, consciente de que provavelmente deveria protestar; essa seria a reação da maioria das pessoas. Será que depõe contra mim eu achar tranquilizador receber ordens de o que fazer, para não ter de pensar eu mesma?

Por que Fran me perguntou onde era minha casa?

— Você precisa voltar ao médico — diz, quando deixamos para trás o centro de Spilling.

— Qual o sentido? Ele não consegue encontrar nada de errado em mim.

— Ele não deve estar procurando direito — ela murmura.

Seguimos o resto do caminho em silêncio. Enquanto Fran estaciona em uma das cinco vagas de deficientes no piso de paralelepípedos diante de Silsford Castle, não consigo evitar dizer:

— Você não pode estacionar aqui.

— Não me interessa se posso. E estou bem com isso eticamente porque tenho você comigo. Se caminhar para fora da delegacia e quase desmaiar sem motivo não é considerado deficiência, então não sei o que é.

Eu a odeio por dizer isso, por me deixar em pânico sobre o que acontecerá quando sair do Range Rover. Será que a tonteira começará de novo? E se não tiver tempo suficiente para encontrar um lugar no qual me apoiar?

Fran não me perguntou como foi com a polícia. Deve saber por que eu estava lá.

Estou bem quando saio do carro para a tarde ensolarada. Portanto, não pode ser passar de dentro para fora o que me perturba, e não pode ser levantar após passar um tempo sentada. Tudo o que consegui definir, após meses vigiando a mim mesma, é que posso ter um ataque de tontura a qualquer momento, em quaisquer circunstâncias — não há como prever. *Ou evitar.*

Os salões de chá do Silsford Castle cheiram a canela, biscoitos de gengibre e rosas, como é desde que eu era criança. Os aventais das garçonetes também não mudaram — ainda são azul-claros, com babados e com pequenas rosas rosadas salpicadas. Sem me perguntar o que quero, Fran pede duas xícaras de Lavender Earl Grey, depois segue para a mesa redonda no canto junto à janela, a

mesma mesa para a qual mamãe sempre ia em linha reta quando nos levava lá quando crianças para o que chamava de nosso “regalo de fim de semana”, depois de nossas excursões de manhã de sábado à biblioteca.

Então certo, meninas, vamos pegar nossos livros da biblioteca e ler um enquanto comemos nosso bolo de chocolate?

— Por que estou aqui? — pergunto a Fran.

Ela aperta os olhos, me encarando.

— É Benji? — pergunta. — Tem de ser.

— Benji o quê?

— O motivo pelo qual você está puta comigo.

— Eu não estou puta com você.

— Se você não quer ficar de babá toda noite de terça-feira, não precisa; é só dizer. Vou lhe dizer a verdade, Anton e eu não gostamos disso mais do que você. É como se você tivesse uma cota de tempo do nosso filho. Com frequência queremos fazer coisas como uma família numa terça-feira e não podemos; está gravado em pedra que você precisa ficar com Benji, ou pelo menos é como parece às vezes — diz Fran, e depois suspira. — Muitas vezes eu quase liguei para você e perguntei se tudo bem se ficássemos com ele só uma vez, e tive medo de você se sentir ofendida. O que é ridículo. Por que deveria ter medo de ser honesta com você? Não costumava ter.

Não estou certa se é dela que ela está com raiva ou de mim.

Uma cota de tempo do nosso filho. Ela não se saiu com essa frase hoje. Ela e Anton devem ter falado mal de mim e de Kit — provavelmente o mesmo tanto que nós temos falado mal deles.

Foi mamãe quem disse, depois da primeira vez em que fiquei de babá para Benji: “Talvez isso pudesse ser algo regular. Você e Kit poderiam ficar com ele toda terça à noite; dar uma folga a Fran e Anton e a vocês uma chance de conhecê-lo melhor, para não falar em um pouco de prática para quando tiverem o seu.” Não importava o que Fran ou eu pensávamos; mamãe queria que isso acontecesse, então aconteceu.

Não pode ser para isso que Fran me trouxe aqui, para conversar sobre ficar de babá.

— Eu não ligo — digo a ela. — Fico feliz de ter Benji toda terça, algumas terças, nenhuma terça, como você quiser. Você e Anton decidem.

Fran balança a cabeça, como se houvesse uma coisa certa a dizer e o que acabei de dizer não fosse isso. Algumas vezes sinto que cada vez mais falo uma linguagem diferente daquela do resto da família; a tradução nos dois sentidos adiciona uma dose de provocação, uma camada de agressão que não estava presente no original.

— Aquela casa em Cambridge, Bentley Grove, 11, vocês não vão comprar, vão?

Por que ela soa triunfante, como se tivesse me apanhado? Eu abro a boca para lembrar a ela que não posso dar conta de uma casa de 1,2 milhão de libras, mas ela fala antes.

— Vocês estão *vendendo*.

— O quê?

— Vamos lá, Connie, sem babaquice comigo. A casa é sua. Você é dona, você e Kit. Foram vocês que a colocaram à venda.

Essa deve ser uma das coisas mais absurdas que já me foi dita em toda a minha vida. Quase me alegra. Eu começo a rir, depois paro quando vejo a garçonete vindo na nossa direção com um carrinho. Enquanto ela coloca pires, xícaras, colheres, peneira de chá, jarro de leite e açúcar, posso sentir a impaciência de Fran irradiando pela mesa; ela quer uma resposta.

— Bem? — ela diz assim que a garçonete se retira.

— Essa é a coisa mais maluca que já ouvi. De onde tirou essa ideia?

— Não minta para mim, Con. Não sei como a mulher morta caída de barriga em uma poça de sangue se encaixa na história; não estou convencida de que você não inventou, embora não consiga pensar em por que iria...

— Pode calar a boca e escutar? — interrompo. — Não inventei nada; vi o que lhe disse que vi. Acha que é minha ideia de diversão passar a manhã inteira na delegacia sem motivo? Não me interessa se você acredita em mim ou não; é a verdade. Não sou a dona de

Bentley Grove, 11. Uma médica chamada Selina Gane é. Pergunte à polícia se não acredita em mim.

— Então por que estava olhando para ela em Roundthehouses no meio da noite se você já não era a dona e não tem como comprar?

— Fran pergunta. — Não finja que estava apenas navegando. Há uma ligação entre aquela casa, você e Kit.

— Como você pode saber disso?

Maldição. Será que acabei de admitir que ela está certa? Ela parece achar que sim, se o brilho de triunfo em seu olhar serve de indício. Por que não minto melhor?

— De repente você está interessada em Bentley Grove, 11 — digo, amarga. É mais fácil sentir raiva de Fran que de mim mesma. — No sábado você se lixou. Perguntei se você achava que eu tinha imaginado o que vi; e lembra o que você disse? “Não sei. Não necessariamente. Talvez.” Foi isso; a soma final de sua resposta, antes de voltar sua atenção novamente para a refeição de Benji.

Fran serve chá para nós duas. Espero que se defenda, mas ela apenas dá de ombros.

— O que eu deveria dizer? Não sabia o que pensar; como poderia saber se você viu uma mulher morta em Roundthehouses ou não? Mamãe e papai estavam reagindo cada um de seu jeito; achei que você já tivesse o bastante com que lidar com eles, então fiquei no banco de trás — diz, pousando o bule e olhando para mim. — Assim que coloquei Benji para dormir naquela noite, entrei no Roundthehouses. Enquanto você bufava sobre minha falta de interesse e certamente me criticava com Kit, eu estava olhando as fotos de Bentley Grove, 11. Só fiz isso naquela noite, embora as imagens não mudassem. Para você ver como estava interessada.

Algo a levou a relacionar a casa a mim e a Kit. Vale o esforço de engolir o chá.

— O que você viu? — pergunto, minha voz falhando. — Diga.

Por que eu não vi, seja lá o que for? Passei horas olhando.

— Você é patética, Connie — constata Fran, ignorando minha pergunta. — Você se senta aqui pensando o pior de todos, ruminando seus rancores e ressentimentos secretos, transformando coisas idiotas em problemas enormes e mergulhando neles

eternamente, se assegurando de nunca dizer uma palavra sobre o que a incomoda de modo que ninguém tenha a chance de explicar que não é tão ruim quanto você decidiu que é.

— O que você viu, Fran?

— Você se encolhe toda vez que mamãe abre a boca, como se ela fosse o diabo em luvas de cozinha. Sim, ela pode ser irritante, mas você deveria fazer o que faço: mandá-la se controlar, e seguir em frente, esquecer isso. A mesma coisa com papai. Mande todos nós pastar, se quiser, mas seja clara sobre isso, por Deus.

Ela é inteligente, a Fran. Faz tudo soar muito administrável e normal. Escutando eu poderia quase acreditar que a família Monk era uma organização totalmente inofensiva, que seus membros estavam livres para deixar Little Holling quando e como quisessem, sem sofrer qualquer efeito adverso caso escolhessem exercer essa liberdade.

— Diga-me o que você viu — peço novamente.

— Você me diz primeiro — retruca Fran, se inclinando sobre a mesa na minha direção. — Tudo. Bentley Grove, 11; qual é a jogada? Cacete, Con, somos irmãs ou estranhas? Deixe-me saber, porque eu posso ser qualquer das duas. A escolha é sua.

— Sim. É mesmo, não é? — digo.

Ela espera que eu me recuse. Vou surpreendê-la. Ela pediu para saber tudo, então tudo é o que lhe darei: não apenas os fatos objetivos, mas todas as pequenas permutações de possibilidades, todos os modos pelos quais mudei de ideia e depois mudei novamente, em alguns casos dez ou doze vezes por dia. Enquanto falo, começo a gostar de mim. Sei pela minha própria experiência dos últimos seis meses infelizes que a história que estou contando não oferece nenhuma satisfação narrativa, apenas uma série de problemas insolúveis. Que Fran fique tão confusa quanto eu; que seja arrastada para o pesadelo que não tem fim. Fico pensando se ela pode ouvir o prazer sádico em minha voz quando me preocupo em não poupá-la de um único detalhe.

Quando termino, finalmente, ela não parece tão confusa quanto esperava que estivesse. Não parece surpresa, ou chocada.

— Então você ligou para ele?

— Quem?

— Stephen Gilligan; o SG com quem Kit supostamente teve uma reunião em 13 de maio. Você ligou para a secretária dele, Joanne Algumacoisa?

— Joanne Biss. Não. Ia fazer isso no táxi a caminho de casa, mas então você apareceu e eu...

Fran não está escutando. Sacou o celular e já está pedindo o número do escritório da London Allied Capital em Canary Wharf. Fecho os olhos e espero, pensando no que Alice tinha dito: que não quero realmente saber a verdade sobre Kit. Será que está certa? Será que teria ligado para Stephen Gilligan por conta própria? Por isso tive um ataque de tontura assim que saí da delegacia, para poder evitar dar o telefonema?

— Joanne Biss, por favor? — diz Fran. — Tudo bem. Posso esperar.

— Eu teria ligado — digo a ela. — Quando chegasse em casa.

Ela me lança um olhar cético. Posso imaginar exatamente o que está pensando.

— Por que deveria desperdiçar dinheiro com um detetive particular quando posso vigiar o apartamento de Kit em Limehouse eu mesma, de graça? — digo, na defensiva.

— Fez isso? — Fran pergunta.

— Eu fui lá de carro de noite duas ou três vezes, fiquei do lado de fora no escuro. Kit nunca fecha as cortinas da sala, e o apartamento é no térreo. Ligo para ele do estacionamento em frente fingindo ligar de casa. Eu o vejo através da janela, tomando vinho tinto enquanto conversa comigo — o mesmo que bebe em casa. Nunca ninguém mais esteve com ele lá.

E quando ele sorri é o mesmo sorriso afetuoso que vejo no seu rosto quando sabe que estou vendo. Não consigo partilhar isso com minha irmã; é importante para mim, e não confio dar isso a ela.

— Duas ou três vezes não prova nada — ela diz, descartando.

— Passei horas em meu carro em Bentley Grove esperando que ele saísse do número 11. Nunca saiu.

Por que estou tentando convencer Fran de que está tudo OK quando sei que não está?

Ela ergue a mão para me silenciar e aperta o telefone na orelha. Escuto enquanto ela se apresenta a Joanne Biss como uma nova integrante da equipe da Nulli e pergunta sobre uma reunião entre Kit e Stephen Gilligan na quinta-feira, 13 de maio — tudo aconteceu como programado ou foi cancelada? Ela não diz por que quer saber, mas sua voz transpira a confiança e o poder de alguém que não sente necessidade de se explicar. Eu nunca conseguiria transmitir esse tom específico; teria soado nervosa e fraudulenta, e teria sido questionada sobre por que precisava de informações sobre uma reunião de dois meses antes. Alguns segundos depois Fran agradece a Joanne Biss e se despede.

— Kit estava dizendo a verdade — conta, pousando o telefone na mesa. Soa desapontada. — Ele e Stephen Gilligan se reuniram em 13 de maio, quinta-feira, às 15 horas.

É como se uma nuvem negra tivesse se erguido.

— Kit poderia ter ligado para Joanne Biss e explicado o que deveria dizer — destaca Fran. — Ele teve muito tempo. Mesmo que não, mesmo que o SG em sua agenda *seja* Stephen Gilligan, isso não significa que ele não esteja tendo um caso com a tal Selina Gane.

— Significa que ele pode não estar tendo — digo, me sentindo mais otimista do que em muito tempo. — Não há nada que o ligue a ela, absolutamente nada, além de seu endereço no GPS como sendo “casa”. E talvez não tenha sido ele quem o colocou lá.

Vamos lá. Diga.

— Você poderia ter colocado. Ou Anton.

É difícil afastar a desconfiança depois que ela se instalou dentro de você; é muito mais fácil mudar o foco do que eliminar totalmente.

— Não vou perder meu tempo respondendo — diz Fran, impaciente. — Eu ou Anton — murmura. — Por que faríamos isso?

Porque vocês sentem inveja. Porque temos mais dinheiro; porque Kit tem sucesso e Anton não.

— Por que você é tão rápida em pensar o pior de Kit? — pergunto, continuando com meu ataque, antes que ocorra a Fran apontar

minha hipocrisia. — Por que você não me conta o que tem para me contar?

Por que ainda não me contou se era algo real? Será que é suficientemente inteligente e fingida para conceber um plano para arruinar meu casamento e destruir minha sanidade, um plano tão intrincado e manipulador que nem sequer começo a imaginar o que poderia ser?

Cacete, Connie — ela é sua irmã. Você a conhece a vida toda. Acalme-se.

Fran não poderia ter feito o corpo de uma mulher morta aparecer na tela do meu computador. Ela não pode ter qualquer ligação com Bentley Grove, 11. Ela nunca foi a Cambridge; nunca vai a lugar algum além da Monk & Sons, da escola de Benji, do supermercado e da casa de nossos pais.

— Você não pode ter olhado para as fotos de Bentley Grove mais atentamente do que eu — digo, trêmula. — Não há sinal de Kit naquelas fotos, e nada que o ligue a Selina Gane. Nada. Nem mesmo é o tipo de casa que ele curte. Kit nunca chamaria aquele lugar de “lar”; uma caixa moderna e banal cercada por clones dela mesma, outras caixas modernas banais...

— Cresça, Connie, por favor — corta Fran. — Se ele tem tesão pela mulher *da* casa, vai se lixar para a falta de sancas e rosetas no teto. Já se esqueceu de como é se apaixonar? — pergunta, rindo consigo mesma. — Eu quase, mas ainda não. Posso lhe dizer agora: se ficasse caída por alguém, teria morado em qualquer lugar com ele. Viveria em um antigo apartamento da prefeitura em Brixton, ou em algum outro lugar igualmente soturno; aqueles arranha-céus hediondos — diz, torcendo o nariz de desgosto.

Eu quase rio. A maioria das pessoas de Brixton se consideraria infeliz se tivesse de passar sequer meia hora em Little Holling. Em um quarto desse tempo já teriam provado tudo o que tinha a oferecer e estariam pensando por que os habitantes não estavam fugindo de seu mortal silêncio verde e procurando a cidade barulhenta mais próxima a cento e cinquenta por hora.

— *Qualquer um* poderia ter programado aquele endereço no GPS de Kit — digo a Fran. — Alguém na loja, como ele disse.

Eu acredito no que estou dizendo ou desisti de tudo além do desejo de ser a vencedora aqui? Se Fran estivesse defendendo Kit, eu estaria insistindo em que ele era um traidor e mentiroso?

— A não ser que possa me provar que ele tem mentido para mim...

— Não posso — Fran corta. — Veja, acho que vi algo no site da Roundthehouses, só isso. Talvez esteja errada, não sei. Não posso deixar de notar que você não tem pressa de descobrir o que é.

— Isso não é negação, Fran. Estou apenas recuperando o juízo; tentando salvar meu casamento, que passei os últimos seis meses destruindo com acusações e dúvidas — digo, contendo as lágrimas. — Eu tenho torturado Kit; e isso não é exagero, acredite em mim. Interrogando constantemente, fugindo dele na cama... Ele tem sido muito paciente e compreensivo; qualquer outro já teria me largado. Sabe o que fiz outro dia? Cheguei em casa da loja e ele estava no banheiro com a porta trancada. Ele nunca tranca a porta. Eu o forcei a abrir. De início ele se recusou, disse que estava no banho, mas eu sabia que não estava. Eu o tinha ouvido andar. Insisti. Disse que o largaria se não me deixasse entrar imediatamente. Achei que poderia ter entrado lá para ligar para ela: Selina Gane, embora na ocasião não soubesse seu nome. Quando ele destrancou a porta e a abriu, eu esperava vê-lo segurando o celular e parecendo culpado, ou tentando jogar o aparelho no vaso e dar descarga. Pensei: é isso, finalmente; vou agarrar o telefone, descobrir o nome e o número dela, e então terei minha prova. Eu tinha olhado o telefone dele antes e não encontrara nada, mas achei que dessa vez talvez...

Eu paro. É difícil descrever um estado mental que hoje parece tão estranho. É como se estivesse descrevendo o comportamento de alguém, um lunático.

— Meu coração batia tão rápido que achei que fosse explodir. Então vi as palavras "Feliz Aniversário" em um rolo de papel de presente junto aos pés de Kit, uma sacola da Chongololo. Tesoura e durex... — conto, e cubro o rosto com as mãos. — O pobre coitado estava tentando embrulhar meu presente de aniversário, sem nenhum celular por perto. Estava fazendo algo legal para mim, e eu estraguei a surpresa. Minha desconfiança fodeu tudo, como vem

acontecendo. Eu teria ficado furiosa se alguém fizesse isso comigo, mas Kit não ficou. Ele tentou fazer com que me sentisse melhor; insistiu que eu não tinha estragado nada, que meu presente continuaria sendo surpresa. “Tudo o que você sabe é que é da Chongololo, e não sabe nem isso”, ele disse. “A sacola pode ser um disfarce. Você não sabe se há roupas nela.”

— Por Deus, pare de se punir — diz Fran. — Deixe-me lhe mostrar o que vi em Roundthehouses. Assim que tiver visto, se quiser confiar em Kit é problema seu. Vamos lá — disse, se levantando.

Eu fiz a mesma coisa automaticamente.

— Aonde vamos?

— Aqui do lado, à biblioteca. Podemos entrar na internet de lá.

Isso é bom, digo a mim mesma enquanto descemos a escadaria de pedra em espiral e saímos do castelo. Isto é um teste e eu vou passar. Deixe Fran usar seu trunfo, qualquer que seja. Sei que não há nada nas fotografias de Bentley Grove, 11 em Roundthehouses que implique Kit, então não tenho nada a temer.

Não consigo acreditar que Fran esteja tão disposta a pensar o pior dele. Como ousa?

De volta à nossa casa de vidro com nosso grande saco de pedras, é isso?

— Por falar em Chongololo, onde está o seu casaco rosa? — ela pergunta enquanto cruzamos as pedras até a biblioteca.

— Casaco? Está quente, caso não tenha notado.

— Onde ele está?

— Não tenho ideia. Em meu guarda-roupa, provavelmente.

— É rosa brilhante, Con. Se estivesse em seu guarda-roupa você o veria todo dia; ele pularia em você.

— Talvez esteja pendurado nos ganchos perto da porta dos fundos. Por quê?

— Quero pegar emprestado — ela responde.

— Em julho?

— Você não o usa há séculos — ela insiste, sem olhar para mim.

— Talvez o tenha jogado fora.

— Não, eu não teria... Ah, sei onde está: no carro de Kit, atrás do banco traseiro, enfiado entre os encostos de cabeça. Está lá há uns

dois anos. Vou pegar se você realmente quiser. Achei que odiasse rosa.

Há uma expressão dura no rosto de Fran ao entrarmos na biblioteca. Quero fazer mais perguntas, mas ela está ocupada tentando chamar a atenção de uma bibliotecária. À direita das portas principais, quatro mesas retangulares cinza foram unidas para produzir um grande quadrado. Ao redor dele, umas vinte mulheres de meia-idade e idosas e um homem jovem com a menor barba que já vi tomam um chá laranja brilhante em copos de isopor e interrompem uns aos outros. Deve ser o encontro de um grupo de leitura; a mesa está coberta de exemplares de capa plastificada de um livro chamado *Se ninguém falar de coisas interessantes*.

Eu adoraria entrar para um grupo de leitura, mas não em Silsford. Brixton, talvez.

A seção infantil está cheia de mães suplicando calma a seus filhos que riem e gritam. Quando mamãe trazia a mim e a Fran aqui, ficávamos em silêncio do momento em que entrávamos até o momento em que saíamos. Nós nos comunicávamos apontando e balançando a cabeça, aterrorizadas que as bibliotecárias nos jogassem na rua se abrissemos a boca. Mamãe deve ter nos dito que fariam isso. Lembro-me de ouvir outras crianças sussurrando comentários entusiasmadas sobre quais livros de Enid Blyton já tinham lido e quais não; sempre fiquei pensando por que elas não eram tão intimidadas quanto eu.

Fran me chama. Sabendo que estou prestes a ver Bentley Grove, 11, tenho de me obrigar a ir na direção do monitor. Por um momento insano, imagino que Selina Gane aparecerá detrás de uma estante e me flagrará no ato de espionar virtualmente: *Por que ainda está olhando para a minha casa? Por que não pode me deixar em paz?*

Fico de pé atrás de Fran, me preparando, esperando que ela clique no botão do passeio virtual. Em vez disso, ela vai até o botão ao lado: Vista da rua. Clica novamente para ampliar a foto da rua quando aparece, para que encha a tela. Está ligeiramente borrada, como se a fotografia houvesse sido tirada de um veículo em movimento.

— Este não é o número 11 — digo. — É o outro lado, e mais abaixo; número 20 ou algo assim.

Há linhas brancas e símbolos de setas superpostos à imagem, para subir e descer a rua. Estão cobrindo o número da casa, mas estou bastante certa de que é o 20. Por mais conformistas e clonadas que sejam, as casas de Bentley Grove só pareceriam idênticas a alguém que não tivesse passado quase todas as sextas-feiras dos últimos seis meses em sua companhia; conheço o tecido de cada cortina, a decoração com contas de cada persiana.

— Então vamos virar e encontrar o número 11 — diz Fran, girando o mouse. Eu observo enquanto a Bentley Grove começa a girar.

Uma rua girando, uma sala de estar girando. Uma mulher morta girando em uma poça de sangue.

Agarro o encosto da cadeira de Fran para não me sentir tonta, não agora. Para minha surpresa e alívio, funciona.

Agora estamos viradas para o lado certo.

— Um pouco mais para a esquerda — digo a Fran, embora ela não precise de minhas orientações. Devia ter ensaiado aquilo em casa. Clica em uma seta branca e somos transportadas para o número 9. A porta da frente está aberta. Há um borrão de cabelos brancos desgrenhados e um roupão atoalhado vermelho no umbral: o pequeno velho curvado que mora lá. Está segurando sua bengala. Não acho que consiga dar mais de dois passos sem ela. Eu o vi com frequência em carne e osso; ou o que sobrou dele, considerando que parece ter cento e cinquenta anos. Está sempre mancando dessa porta para suas várias latas de reciclagem, que ficam em um círculo como Stonehenge no meio do seu jardim dianteiro. Sem exceção, todos os outros moradores de Bentley Grove mantêm suas latas nas garagens.

Espero que Fran aperte a seta novamente, para nos fazer avançar, mas não o faz. Ela se vira e olha para mim.

— Este é o número 9 — digo. — Não o número 11.

— Esqueça a casa. Olhe o carro saindo do meio-fio. A placa está borrada, irritantemente, mas ainda assim...

Um gosto amargo toma minha boca. Quero dizer a Fran que ela está sendo ridícula, mas não consigo falar; preciso de toda a minha

energia para afastar o pânico e o horror que me assolam. *Não. Ela está errada.*

— Assim que vi, pensei: “Eles foram ver aquela casa. Aposto que fizeram uma oferta.” Depois me lembrei de você prometendo solenemente para mamãe e papai que não iam comprar, e pensei se era porque já eram os donos. Estavam vendendo; por isso você estava tão interessada nesta casa específica. Admito que fui arrastada. Decidi que você e Kit eram milionários em segredo havia anos e escondiam isso do resto de nós — diz Fran, e seu tom é leve e frívolo. Ela está se divertindo com aquilo? — Claro, se fosse sua casa, você teria estacionado na rampa, não no meio-fio. Não sei por que não me ocorreu. As casas de Bentley Grove têm grandes rampas de carro. Kit poderia ter estacionado diante da porta da frente do número 11, mas não faria isso, não é?

Diga a ela. Diga que está falando besteiras, que você não quer mais ouvir.

— Não se ele não devesse estar lá — continua Fran, disparando palavras sobre mim com extrema rapidez. — Não iria querer que ninguém estabelecesse a relação entre ele e Selina Gane. Já se estacionasse na rua, diante da casa seguinte...

— Não há relação — consigo dizer antes que o borrão mental se instale, curvando os cantos de meus pensamentos para dentro. Fecho os olhos, dou boas-vindas ao mergulho no vazio. *Faça sumir, tudo isso.* À medida que o cinza-sujo se espalha sobre mim e me puxa para baixo, me dou conta de que isso não é bom; não funcionou. Levei comigo a coisa que mais queria deixar para trás: uma imagem do carro de Kit se afastando do meio-fio, com meu casaco rosa Chongololo claramente visível pelo vidro traseiro, enfiado entre os apoios de cabeça dos bancos de trás.

12

19/07/2010

Charlie não podia acreditar. Ali estava Domingo, cruzando a grama apressadamente na sua direção, levando o punho cerrado à orelha em um gesto que só podia significar uma coisa. Exatamente como ela imaginara, embora em seu pior cenário possível teria sido de dia, não de noite. Ela nunca deveria ter contado a Liv para onde iriam e confiado em que manteria o segredo. Ainda assim, melhor que acontecesse agora, enquanto Charlie estava só. Simon fora dar uma caminhada. Ela poderia lidar com aquilo antes que ele voltasse, deixar claro para Sam, Proust ou fosse quem fosse, que Simon não estava disponível, não importava o que tivesse acontecido — por mais urgente, imprevisto ou incomum. *Mesmo que o último habitante de Spilling tivesse sido chacinado em sua cama.* Charlie saboreou o horror da possibilidade.

Ela não contaria a Simon sobre o telefonema, e convenceria Domingo a também não mencionar o ocorrido. Aquela era sua lua de mel, por Deus, mesmo que seu esposo recém-adquirido tivesse insistido em sair sozinho naquela noite, deixando-a solitária para chorar e fumar um cigarro atrás do outro no terraço, olhando ressentida para um calombo escuro de montanha onde poderia ou não haver um rosto. *Uma caminhada.* Quem iria caminhar às dez da noite, sem ter em mente um destino específico? Quem diria à esposa na lua de mel: “Não leve a mal, mas eu preferiria que não fosse comigo”? Com que tipo de homem Charlie tinha se casado? Ela desconfiava que passaria o resto da noite lutando para responder a essa pergunta.

— Simon, é você? — gritou Domingo do outro lado da piscina. Charlie desligara as luzes do terraço, não querendo ser iluminada

com lágrimas correndo pelas faces mesmo não havendo ninguém por perto para ver.

— Sou eu — respondeu em voz baixa, meio esperando que não ouvisse. Pensou no que o zelador diria se ela se oferecesse para dar uma chupada nele, e riu do absurdo da ideia.

— Telefone. Inglaterra — disse Domingo, apontando para sua cabana de madeira. — Você liga da minha casa. Eu tenho o número.

Será que a mãe de Simon poderia ter apagado? Improvável; Charlie tinha um forte palpite de que Kathleen continuaria exercitando suas neuroses pelos próximos trinta anos, ainda sugando a vida de todos aqueles próximos, a seu modo frágil único. Charlie sempre criticara palpites — os seus e os de outras pessoas, especialmente os de Simon —, mas, à luz de sua premonição de telefonema da Inglaterra ter se materializado de forma tão confiável, decidiu que talvez fosse hora de começar a acreditar em seus instintos.

Apagou o cigarro, limpou o rosto com as mãos e se levantou. Tinha descido metade dos degraus quando mudou de ideia.

— Foda-se — murmurou baixo. Por que deveria ter todo o trabalho? Estava farta de tentar colocar as coisas na forma certa à força; era a vez de alguém garantir que as coisas não desmoronassem. — Simon não está aqui, ele saiu — gritou para o outro lado.

Era tudo o que precisava dizer. Se Domingo quisesse voltar em uma hora e dar a Simon um recado ou um número para o qual ligar, era com ele. Se Simon quisesse passar o resto da lua de mel ao telefone com Sam Kombothekra ou o Homem de Neve, se quisesse pegar o primeiro voo para casa e voltar ao trabalho em vez de ficar na Espanha em uma bela vila com Charlie... bem, felizmente alguém inventou uma coisa maravilhosa chamada divórcio.

— Você telefona, não Simon — disse Domingo. — Irmã Olivia. Você vem agora, liga da minha casa. Ela muito chateada, chorando.

Charlie já tinha começado a correr. Todos os seus pensamentos — divórcio de Simon, amá-lo, odiá-lo — ficaram pelo caminho, deixando em sua cabeça uma única palavra: câncer. Olivia sobrevivera à doença anos antes, mas Charlie sempre temera em

segredo que pudesse voltar, não importando quantas vezes a irmã a tivesse assegurado de que não era assim que funcionava. “Se não voltar em cinco anos, então ele oficialmente não pode voltar”, Liv insistira. “Se eu tiver o azar de ter câncer novamente, será um câncer novo; não o antigo de volta.”

Liv não ligaria a não ser que fosse sério, não depois de ter ouvido Charlie descrever o que faria com alguém tolo o bastante de se meter na privacidade dela e de Simon. *Não diga a ninguém onde estamos — ninguém —, a não ser em caso de vida ou morte. Ou alguém determinado a nos dar uma grande quantia em dinheiro.*

Vida ou morte. Será que tinha feito isso acontecer ao usar as palavras?

De algum modo, chegou à cabana de madeira de Domingo. Ele teve de teclar o número e colocar o telefone em sua mão. Tocou rapidamente em seu ombro antes de deixá-la só, fechando a porta atrás de si. Não havia dúvida na cabeça dele de que as notícias seriam ruins; nem na de Charlie.

— Liv? É você? — perguntou. Só conseguia ouvir soluços.

— Char?

— Calma. Conte.

— Acho que eu baguncei minha vida.

— O que há de errado? O que aconteceu?

— Vou ter de largar Dom. Dormi com outra pessoa. Mais de uma vez. Não fique com raiva de mim por ter ligado. Eu *tinha* de falar com você. Acho que vou enlouquecer. Acha que vou?

Charlie esfregou os olhos inchados e se jogou na cadeira mais próxima — uma coisa redonda de vime, como uma grande cesta de piquenique inclinada com pernas, coberta com uma manta xadrez de lã azul e vermelha. Esperou até seus batimentos chegarem ao mesmo ritmo do cérebro. O terror ainda tomava conta dela — um monstro que precisava ser domado. *Um monstro que você mesma criou, do nada. Desnecessariamente.* Será que tinha feito a mesma coisa com a caminhada de Simon? Ele fizera de tudo para convencê-la de que não tinha nada a ver com não ficar com ela. “Não estou acostumado a nunca ficar só”, dissera. “Só preciso de meia hora, talvez uma hora, e então voltarei.” Isso não era razoável?

“Provavelmente sentirei sua falta enquanto estiver fora”, acrescentara de má vontade, como se a admissão houvesse sido arrancada dele à força.

— O acordo é o seguinte — disse Charlie, quando ficou suficientemente calma para falar. — Vou conversar com você por cinco minutos; só porque estou aliviada. Achei que fosse me dizer que mamãe e papai tinham caído mortos no campo de golfe.

Achei que você estava morrendo. Achei que meu casamento tinha acabado.

— Você nunca gostou de Dom. Deve estar duplamente aliviada.

— Quer desperdiçar seus cinco minutos em uma briga?

Silêncio.

— Como está a lua de mel? — Liv finalmente perguntou.

— Boa, até você ligar. Bem, boazinha.

— Por que “zinha”?

Charlie baixou a voz.

— Fizemos sexo o total grandioso de uma vez.

— Isso é tão ruim? É apenas segunda-feira.

Charlie pensara a mesma coisa. Se acontecesse novamente naquela noite não seria tão ruim. Caso contrário, seriam duas noites consecutivas sem — como isso podia ser algo que não um desastre? Se Simon não tomasse a iniciativa quando fossem para cama mais tarde, Charlie não achava que pudesse manter uma expressão estoica como na noite anterior, quando ele lhe dera as costas e dormira em segundos. Por isso estava tão sobressaltada, tão pronta para esperar o pior? Hoje havia mais pressão do que uma segunda-feira comum devia suportar.

— É como se ele achasse que não deveríamos fazer — disse, chorosa. — Ele me evita depois, como se tivéssemos feito algo vergonhoso. Está deitado ao meu lado, mas me evitando — diz Charlie, suspirando. — É difícil de explicar.

— Simon é esquisito em todas as áreas, não apenas no sexo — disse Liv, como se isso de algum modo melhorasse as coisas. Ela soava muito menos perturbada do que um minuto antes. Charlie não descartaria a irmã simular uma vida arruinada quando tudo o que realmente queria era fofocar. — Vocês estavam dormindo juntos por

algum tempo, vivendo juntos por mais tempo ainda; isso muda as coisas. Eu *nunca* mais quero fazer sexo com Dom. Eu tenho esse pequeno truque...

— Por favor, não me conte — cortou Charlie.

— O quê? Não, não é uma coisa sexual, é psicológica. Quando Dom começa a se insinuar, se eu não quero só um pouco, eu faço questão de deixar. Assim, quando não quero *de jeito nenhum*, quando fico desesperada para terminar o livro que estou lendo e realmente isso não pode esperar, quando quero me livrar dessa situação difícil, eu posso dizer não com a consciência limpa, sabendo que não há como ele me acusar de nunca dizer sim.

Charlie ficou encarando o telefone. Teria alguma coisa a ver com o fato de ser uma ligação internacional? Será que entenderia a irmã melhor se estivessem no mesmo país? Ela tentou não imaginar Dom se insinuando.

— ... não que não o ache atraente, eu acho. Mas... não sei, já fizemos isso muitas vezes.

E agora você também está fazendo isso com outra pessoa.

— Simon piorou depois do casamento? — Liv quis saber. — A taxa de transa está em declínio? Imagino que seja cedo demais para dizer.

Charlie suspirou. *Bem colocado.*

— Olhe, eu realmente não quero conversar sobre isso, e, especialmente, não quero sussurrar sobre isso na cabana de um zelador espanhol. Fale sobre largar Dom.

— Eu *não posso* largar Dom.

— Quem é seu novo homem?

— Não posso deixar Dom, Charlie. Isso iria destruí-lo. Ele não tem ideia de que iria, mas iria. E se eu o deixar por essa... outra pessoa; não que ele tenha me pedido isso, não que tenhamos *algo* em comum; eu logo ficarei entediada de fazer sexo com *ele*, não? Mesmo que no momento não pareça assim. Posso muito bem ficar com Dom e traí-lo discretamente até meu caso se tornar tão tedioso quanto minha relação principal. Não que o próprio Dom seja tedioso; apenas o sexo. O que não é dizer que seja *ruim*.

Charlie não conseguiu sequer tentar uma resposta.

— O que você acha? — perguntou Liv, ansiosa.

— Você não quer saber.

— Eu tendo a me cansar do Novo Homem do Sexo assim que a novidade passa. Não acha?

— Estou cansada de falar sobre ele, se isso ajuda — disse Charlie. *Novo Homem do Sexo*. Provavelmente é um jornalista de cultura vegano magricelo ou algum escritor pomposo que o jornal de Olivia a mandou entrevistar.

— É inevitável — disse Liv, fungando. Charlie a ouviu assoar o nariz. — É uma lei da natureza. Toda grande paixão afunda no tédio com o tempo.

— Quão animador — disse Charlie. — Por falar em tempo, o seu acabou.

— Espere. Há mais uma coisa que eu queria perguntar, rapidamente. Simon não ficará chateado por eu ter ligado, ficará?

— Ele não saberá — disse Charlie. — Ele saiu para uma caminhada.

— Sozinho? — reagiu Olivia, e sua indignação podia ser ouvida desde Londres. — Por que não a levou junto?

— Qual a sua pergunta, Liv?

— Eu já fiz: Simon ficará chateado por eu ter ligado? Acho que não. Você ficaria chateada se ele tivesse uma conversa telefônica muito rápida com alguém, qualquer um? De casa ou... do trabalho?

Charlie engoliu o grito que se formava em sua garganta.

— Sam quer falar com Simon, é isso?

— Não fique com raiva. Não contei onde vocês estão, mas... será que Simon não poderia ligar para ele? Não sei os detalhes, mas acho que alguém pode ter sido assassinado.

— E? Isso é como interromper a lua de mel de um carteiro porque alguém quer mandar um pacote para a avó. Você pode dizer a Sam por mim que ele é um cretino frouxo de usar você para repassar mensagens.

— Não seja má com Sam; ele é um doce. E não me pediu para passar nada; não falo com ele há meses. Olhe, quem quer que tenha sido assassinado, acho que talvez seja alguém que Simon conhece. Ou conhecia. Ah, não sei!

Alguém que Simon conhecia? Charlie imediatamente pensou em Alice Fancourt. *Não ela, qualquer um, menos ela.* Charlie não sabia se Simon pensava naqueles dias — o assunto, como muitos outros, era decididamente embargado —, mas sabia com tanta certeza quanto sabia o próprio nome que se Alice tivesse sido assassinada, Simon voltaria a ficar obcecado com ela.

Charlie podia sentir seu cérebro se esforçando para combater o calor intenso e o vinho tinto. Algo não batia. Algo bastante óbvio, quando você pensava.

— Se não falou com Sam, como você...

Ela parou, incapaz de encontrar as palavras que faltavam à medida que a resposta a atingia como uma bola de chumbo no peito. Quantos homens Liv tivera tempo de conhecer desde sexta-feira?

— Novo Homem do Sexo — ela disse, da forma mais neutra possível. — Quem é ele, Liv?

— Não fique com raiva — reagiu Liv, soando aterrorizada.

— É Chris Gibbs, não é?

— Não planejei isso. Eu não pretendia...

— Acabe com isso.

— Ah, Deus, não *diga* isso! Você não tem ideia de como...

— Acabe. Com isso. Não é uma sugestão, é a porra de uma ordem. *Cretina* idiota!

Charlie largou o telefone na mesa, saiu correndo para a noite quente e colidiu com Domingo. Ela se esquecerera completamente dele. Poderia se esquecer dele novamente, um dia, mas nunca se esqueceria de sua cabana de madeira, seu telefone, a cadeira de cesta de piquenique lascada com a manta vermelha e azul. Pensaria em todas essas coisas sempre que pensasse em traição a partir de então. E ela pensava muito em traição.

— Irmã bem? — perguntou Domingo.

— Não, não está — Charlie respondeu. — Ela é uma vagabunda idiota.

13

Terça-feira, 20 de julho de 2010

— Conte a eles — digo a Kit. — Esqueça meus sentimentos, esqueça sobre tentar não me ferir, diga o que realmente pensa. Como pode suportar ficar sentado lá e me escutar contar mentiras sobre você, se é o que estou fazendo?

Estamos na delegacia de Parkside, Cambridge, em uma sala com paredes amarelas, piso de linóleo azul e uma grande janela quadrada coberta com algum tipo de tela de galinheiro. *Para que ninguém possa se jogar para fora.* Sam Kombothekra está sentado do nosso lado da mesa, entre Kit e eu. Isso me surpreendeu; achei que se sentaria do outro lado, com o ID Grint. Um detetive de Spilling ainda é detetive quando está em Cambridge? Sam tem algum poder nessa sala, ou está aqui hoje apenas como nosso motorista, nosso acompanhante silencioso?

Kit olha para Grint.

— Nunca estive em Bentley Grove, nunca caminhei por lá, nunca dirigi lá, nunca estacionei lá — diz. — O que mais posso dizer? Muitas pessoas dirigem sedãs pretos.

Há duas marcas vermelhas no seu pescoço, onde ele se cortou esta manhã ao se barbear, e sombras azuladas sob os olhos; nenhum de nós dormiu noite passada, sabendo que teríamos de passar por essa provação no dia seguinte. Nenhum de nós penteou os cabelos antes de partir para Cambridge. O que Grint deve pensar de nós? Ele fez de tudo para não reagir quando expliquei sobre meus hematomas e o galo acima da cabeça, mas vejo que me acha repulsiva, e não tem muito respeito por Kit. Que tipo de idiota se casaria com uma mulher que desmaia e bate a cabeça em mesas de

biblioteca? Eu me sinto na defensiva por nós dois; quero dizer a Grint que somos pessoas melhores do que ele pensa.

Quero que isso seja verdade.

Você não se lembra de bater com a cabeça na mesa. Do que mais não se lembra?

— O borrão rosa no carro preto na vista da rua não é o mesmo rosa do casaco de Connie — diz Kit. — É mais forte; mais para o vermelho.

— Connie diz que é o mesmo rosa — retruca Grint.

Kit anui. Ele me ouviu dizer isso.

— Por que está concordando? — brigo com ele. — Você não acha que é o mesmo rosa. Por que não discute?

— Qual o sentido? — pergunta, mantendo os olhos em Grint. — Não há coisas que vocês possam fazer à visão da rua para limpar a placa do carro? É a única forma de provar se é meu carro ou não. Talvez pudessem ver quem estava dirigindo.

— Ele quer dizer eu — falo.

— Tempo é dinheiro — diz Grint. — Se você fosse suspeito de um crime grave, se precisássemos provar que seu carro esteve estacionado na Bentley Grove, iríamos ampliar a imagem. Um crime foi cometido, sr. Bowskill? De que tenha conhecimento?

— Não... Não — diz Kit, baixando os olhos.

Eu não aguento mais isto.

— Ele ia dizer “Não por mim”. Não é? Não sei por que não admite! Sei no que está pensando.

— Sr. Bowskill? A sra. Bowskill parece crer que o senhor tem algo a nos contar.

Kit aperta os dedos sobre os olhos. Eu me dou conta de que nunca o vi chorar, nem uma só vez desde que nos conhecemos. Isso é incomum? A maioria dos homens chora?

— Só porque passou pela minha cabeça não significa que acredite! Eu *não* acredito.

— Ele acha que eu posso ter assassinado uma mulher — traduzo para Grint e Sam. — Na sala de estar de Bentley Grove, 11.

— Ela está certa? — Grint pergunta a Kit. — É o que o senhor acha?

— Algo mudou, é tudo o que sei — diz Kit, baixando os olhos para as mãos. — Na manhã de ontem, o detetive Kombothekra nos disse que não havia razão para nos preocuparmos com nada. Então de repente somos convocados até aqui. De repente vocês estão interessados em nós; na cor do casaco de Connie, em onde eu estaciono meu carro ou não... Não é preciso ser um gênio para deduzir o que está acontecendo.

— A qual conclusão esse gênio chegou? — pergunta Grint, esfregando o indicador ao longo de seu prendedor de gravata de prata. Ele é alto e magro, com feias cicatrizes antigas de acne no queixo. A voz não combina com ele. É pesada e grave demais, o som errado a ser feito por um homem magrelo.

— Vocês acreditam na mulher morta de Connie — diz Kit. — Algo aconteceu que os fez acreditar que é real. Não perderiam todo esse tempo conosco se não fosse assim.

— E como isso muda as coisas para você? Se for real?

— Como minha esposa sabia que estava morta? — Kit pergunta a Grint com raiva, como se tudo isso fosse culpa dele. — Não havia corpo naquele passeio virtual, eu lhes garanto isso. Olhei para ele segundos depois de Connie, e não havia nada: uma sala comum, nada de mais, nada de menos. Nada de mulher morta, nada de sangue. Na hora pensei que Con devia estar vendo coisas; estava cansada, estressada...

— Estava estressada como resultado de ter encontrado Bentley Grove, 11 programado em seu GPS como seu endereço de casa? Correto?

— Foi o que pensei na época, sim.

Grint se inclina sobre a mesa.

— E agora o senhor pensa?

Kit grunhe.

— Não sei por que está me perguntando. Eu não *sei* de nada.

— Mas suspeita.

— Ele suspeita de que sou uma assassina — digo, para ajudar.

— Connie poderia ter programado ela mesma o endereço — diz Kit, se recusando a olhar para mim. Deve estar grato por Sam estar sentado entre nós, embora o próprio Sam pareça tudo menos

contente de estar onde está. Quem pode culpá-lo? Fico pensando se o nosso é o pior casamento que ele já viu em ação.

— Eu não programei — diz Kit. — Connie deve ter feito. Tenho me enganado pensando que poderia ter sido mais alguém; alguém na loja que me vendeu o GPS — diz, e ri amargamente. — Imagino que acreditamos no que queremos, não é?

Alguns de nós sim. Outros fracassam, por mais que nos esforcemos.

— Connie está um caco. Há meses — Kit murmura.

Continue. Não pare agora. De certa forma é um alívio ouvi-lo dizer. Pelo menos então terei algo concreto contra o que lutar.

— Não havia mulher morta no site de Roundthehouses. Talvez Connie a tenha visto ao vivo. Naquela casa, na sala de estar. Connie poderia ter estacionado meu carro em Bentley Grove. Ela dirige meu carro com frequência, está em Cambridge o tempo todo...

— Nunca fui para lá no seu carro — digo a ele. — Nenhuma vez.

— Pergunte a ela — Kit estimula Grint. — Faça com que diga a verdade; ela não vai me dizer.

Pergunte, ID Grint. Quantas perguntas quiser, e não lhe direi mentiras.

— Por que acha que Connie vai a Cambridge? — perguntou Grint, ainda se concentrando em Kit.

— Ela lhe disse por quê. Não escutou? Por que não nos diz o que aconteceu, o que sabe sobre essa mulher morta? Há uma mulher morta?

— Por que Connie vai a Cambridge com tanta frequência? Ela não mora lá, não trabalha lá...

Kit afunda na cadeira.

— Como disse antes; ela procura por mim.

— *Ela* disse isso, sim, mas o que *o senhor* diz? Ela alega que está tentando flagrá-lo em uma relação adúltera. Alega ter encontrado Bentley Grove, 11 como o endereço de casa em seu GPS, diz que o senhor o programou. Caso tivesse programado, como sugere, então certamente saberia que o senhor *não* o fez. Por que, então, ficaria esperando em Bentley Grove que o senhor saísse de braços dados com sua pulada de cerca? Isso faz algum sentido, sr. Bowskill?

Kit fica calado.

— Ou ela colocou o endereço em seu GPS *porque* suspeitava que o senhor estivesse tendo um caso com a mulher que morava lá? Era a forma de ela dizer “O jogo acabou”?

— Kit? — Sam o incita.

— Não sei. Não sei por quê! Não sei de nada — diz Kit, a seguir fazendo um som de engasgo e cobrindo a mão com o punho. — Vejam, Connie não é má, ela... Eu a amo.

Não consigo evitar dar um pulinho, como se a palavra “má” nos unisse na sala. *Como uma rajada de ar frio.*

— Posso assumir? — pergunto secamente, tentando parecer o mais imparcial possível. A única forma de passar por isso é ser objetiva. Grint precisa saber o que Kit e eu pensamos. Depois talvez possamos fazer algum progresso. — Kit acha que assassinei uma mulher. Ou talvez não tenha assassinado; talvez ela tenha sido morta por acidente ou em defesa pessoal, já que não sou má. Seja como for, estou tão culpada e traumatizada que tento bloquear isso. Tenho sucesso em banir Bentley Grove, 11 e a mulher morta de minha mente consciente, mas meu subconsciente não é tão submisso. A culpa brota e me causa problemas. Como Kit diz, estou um caco; isso certamente é verdade, é a única coisa em que concordamos. Eu programo o endereço da casa onde o assassinato se deu no GPS dele. Talvez, no fundo, eu queira ser apanhada e punida.

— Connie, pare — murmura Sam, se ajeitando na cadeira. Ele realmente não deveria trabalhar na polícia se não consegue lidar com situações tensas e desagradáveis.

Eu o ignoro e continuo com minha história.

— Quando a casa é colocada à venda, a parte de mim que conhece a verdade fica apavorada com a possibilidade de que quem a compre descubra evidências do meu crime. Por isso fico acordada a noite toda olhando para ela em Roundthehouses, olhando para fotografias de todos os cômodos. A mulher morta e o sangue já sumiram há muito tempo, eu teria me preocupado de eliminar todos os vestígios, mas sou paranoica, e em meu pânico imagino conseguir ver a cena do crime exatamente como era: o corpo, o sangue...

— Espere um segundo — interrompe Grint. — Se você está olhando a casa para garantir que não há traços do assassinato que cometeu, então não reprimiu a lembrança, não é? Você sabe o que fez.

— Não, não sei — digo, impaciente por ele não estar vendo o importante, que é tão evidente. — Só sei disso subliminarmente. Eu bloqueei tudo: o assassinato, colocar o endereço no GPS, tudo. No que me diz respeito, Kit deve ter programado o endereço. Mas ele nega, então, compreensivelmente, eu desconfio. Começo a ir a Cambridge quase toda sexta-feira, tentando pegá-lo com as mãos sujas — digo, e me encolho quando uma imagem de mãos sujas de sangue surge em minha cabeça. *Listrada de vermelho para além dos punhos, descendo para os cotovelos.*

— Você está bem? — pergunta Sam. — Gostaria de um pouco de água?

— Não, estou bem — minto. — Um dia, na última sexta-feira, vejo que brotou uma placa de “À venda” no jardim de Bentley Grove, 11. Naquela noite estou determinada a dar uma espiada nas fotos em um site imobiliário para descobrir se consigo identificar algo que pertença a Kit em algum dos apartamentos. Não encontro nada; nem um fragmento de prova. Estou quase indo para cama me sentindo tranquilizada: tudo está sob controle. Até esse momento eu tinha conseguido com sucesso reprimir meu conhecimento do que tinha feito, mas ter as fotografias da casa ali na tela diante de mim é demais; a lembrança brota, e eu vejo a... — faço uma pausa e engulo antes de continuar. — Vejo a cena da morte, clara como se estivesse no site. Não me dou conta de que é uma projeção mental; acredito que a vi no computador.

Kit chora claramente agora.

— Só estou dizendo o que sei que você pensa — digo a ele.

— Deixe-me ver se entendi bem — diz Grint. — Você mata uma mulher e consegue esconder a lembrança de si mesma, de modo que na maior parte do tempo não tem ideia de que fez isso. Só há duas oportunidades em que seu subconsciente culpado chega à superfície: uma vez quando programa o endereço no GPS, e depois

quando vê um corpo morto que não está lá no site da Roundthehouses.

— Sim, é isso o que Kit pensa.

Grint afasta a cadeira da mesa, recosta. Bate o calcanhar de um sapato contra a ponta do outro.

— Então quando você olha Bentley Grove, 11 em Roundthehouses, em um plano superficial está procurando evidências da presença de seu marido na casa. Simultaneamente, sem se permitir reconhecer isso, na verdade está procurando evidências que possa ter deixado que a liguem ao assassinato que cometeu.

Eu forço um sorriso.

— Absurdo, não?

— Então quem é ela, essa dama morta? Por que a matou?

— Não matei. Kit acha que matei. Espero que diga a ele que o quadro que acabei de descrever é a maior baboseira que você já ouviu.

Grint tamborila com os dedos no braço da cadeira.

— Perda de memória por estresse pós-traumático é um instrumento ficcional útil, mas nunca me deparei com isso na vida real — ele diz depois de uma breve pausa. — Embora tenha encontrado um bom número de pilantras fingindo sofrer disso.

— O que você acha? — pergunto a Sam.

— Você continua dizendo que isso é no que Kit acredita...

— Ah, ele acredita nisso; olhe para ele! Você o ouviu negar? Ou melhor, é no que quer que todos nós *achemos* que ele acredita. Acima de tudo quer que *eu* ache que ele acredita nisso; não é? Você quer que eu fique aterrorizada de ter perdido o controle de minha própria mente; que possa ter matado alguém e enterrado a lembrança tão fundo que desconheço ter feito isso!

Kit cobre o rosto com as mãos.

— Alguém pode fazer com que isso pare? — pede, murmurando.

— Acho que deveríamos... — começa Sam, tentando ir em socorro de Kit, mas Grint ergue um dedo para silenciá-lo. Então somos Grint e eu contra Sam e Kit, é isso? Dois de nós querem ouvir o pior; os outros dois, não.

— Claro, Kit dirá a vocês que tenho um subconsciente poderoso — digo, com falso brilho. Da forma mais concisa possível, mas não omitindo nenhum detalhe horrendo, conto a Grint sobre minha perda de cabelo, os vômitos e a paralisia facial; como meus diversos sintomas sabotaram nossa fuga para Cambridge em 2003. — Desde então lamento não termos mudado. Fiquei cismada sobre Cambridge. Criei em minha cabeça que este é um... belo paraíso civilizado, inalcançável para gente como eu. Mesmo aqui, em uma delegacia policial; não posso dizer que esteja gostando, mas é melhor ser suspeita de assassinato aqui do que em qualquer outro lugar.

Em silêncio, eu me parabenizo por um belo desempenho; a pessoa que estou fingindo ser me protege da dor que, do contrário, estaria sentindo. Se Grint for um detetive competente, deverá ser capaz de fazer a distinção entre insanidade, excentricidade e senso de humor.

— Vou considerar isso um cumprimento — ele diz.

— Cambridge, para mim, é como aquele que escapou, se isso faz sentido. Kit a chama de minha “terra da satisfação perdida”. É uma citação de um poema.

— A. E. Housman — diz Grint, sorrindo. — “Em meu coração um ar que mata/De seu interior distante sopra:/Quais são aquelas colinas azuis lembradas,/Quais espiras, quais fazendas são aquelas?/É a terra da satisfação perdida/Eu vejo sua planície brilhante/As estradas felizes por onde vim/E não posso vir novamente.”

Eu começo a rir. Não consigo evitar.

— Connie — diz Sam, colocando a mão em meu braço.

— O que é engraçado? — pergunta Grint.

— Só em Cambridge os policiais citam poesia para você. Está reforçando todas as minhas ideias preconcebidas.

— Pode calar a boca? — Kit me diz, me olhando pela primeira vez desde que chegamos aqui. — Você está se constrangendo.

Eu me viro para ele.

— Você quer dizer que eu o estou assustando. Eu vi através de você, e você me odeia por isso. Olhe para si mesmo; mal consegue dar conta de continuar sustentando o fingimento! Contou tantas mentiras que sua energia acabou. Pequenas inconsistências estão se

revelando; se dirigi para Bentley Grove em seu carro, então é meu casaco rosa que está no vidro de trás, não é? Por que dizer que é um rosa diferente?

— Sra. Bowskill — Grint tenta interromper.

Eu elevo a voz para impedi-lo, querendo apenas ferir Kit, infligir a maior ferida que conseguir.

— Você honestamente acha que pode me fazer acreditar que estou sofrendo de algum tipo de distúrbio de múltipla personalidade, que o Eu Subconsciente pode ter cometido um crime sobre o qual o Eu Consciente nada sabe? É uma porra de um delírio! O quão idiota você acha que sou exatamente? É *você* quem deveria estar constrangido! Mesmo em seus próprios termos, isso não funciona. Se eu estivesse reprimindo a lembrança de ter matado uma mulher, ela retornaria justamente agora, quando estamos todos discutindo a possibilidade detalhadamente?

Grint se levanta.

— Que tal lhes dizer por que estão aqui? — indaga.

Ouçoo um grande suspiro. Não estou certa se vem de Kit ou Sam.

— Estou com uma mulher chamada Jackie Napier em uma sala de entrevistas um andar abaixo. O nome significa algo para algum de vocês?

— Não — respondo.

Kit balança a cabeça. Talvez fazer com que ele me odeie seja o caminho pela frente; quando não se importar mais com a possibilidade de me destruir, talvez me conte a verdade.

— Jackie entrou no site da Roundthehouses quase que exatamente no mesmo momento em que você, madrugada de sábado — Grint diz e me observa, esperando uma reação. Tento acompanhar, processar o que diz. Pelo que sei, só há quatro pessoas em meu pesadelo: eu, Kit, Selina Gane e a mulher morta. Não há uma Jackie. — Ela acessou a página de Bentley Grove, 11 — continua Grint. — Como você, clicou no botão de passeio virtual. Adivinhe o que viu?

Bile vem à minha garganta. Fecho a boca com força, com medo de enjoar.

— Ela viu o que você viu, Connie — diz Sam. Ele soa aliviado, como se já estivesse esperando há muito tempo para me contar isso.

— A descrição dela corresponde à sua — diz Grint. — Um enorme volume de sangue no carpete, mulher morena em vestido estampado, barriga para baixo, cabelos abertos em leque ao redor da cabeça, como se tivesse caído. Mas sabe o que mais me impressionou? Ela disse, assim como você, pelo que Sam aqui me diz, que o sangue era mais escuro perto da barriga da mulher.

Fecho os olhos e vejo tudo novamente.

— Deveria ter nos dito imediatamente — consigo dizer.

— Acha mesmo? — retruca Grint. — Discordo. Se lhes contasse assim que entraram aqui, teria contado a estranhos.

O que isso deveria significar?

— Jackie não suportou olhar, disse. Fechou o passeio, foi se servir um gim-tônica grande. Pensou em ligar para a melhor amiga, mas não quis acordá-la. Dez minutos depois, quando tinha se acalmado um pouco, foi olhar novamente. Na segunda vez não havia corpo algum.

— Então — disse Kit, se empertigando. — Se essa tal Jackie viu o que Connie viu...

— Há mais — disse Grint, caminhando até a janela e colocando os dedos na cerca de arame. — Falei com alguém em Roundthehouses. O passeio virtual por Bentley Grove, 11 não tem nada a ver com eles; é o corretor responsável pela venda do imóvel que fornece todo o material; fotos, passeios, dimensões dos aposentos, tudo.

— Lorraine Turner — digo, lembrando o nome da história de Sam sobre os donos anteriores e sua árvore de Natal, a mancha no carpete.

— Certo — diz Grint, sorrindo. Ele parece inadequadamente feliz. Espero que só esteja desfrutando de seu poder sobre nós, não da perspectiva de uma mulher morta por um ferimento na barriga. — Lorraine Turner é a corretora responsável por Bentley Grove, 11, mas ela não tem nada a ver com o lado TI das coisas. O quanto vocês sabem sobre invasão de computadores?

— Não há nada sobre computadores que Kit não saiba — digo.

— Não sou um hacker.

— Mas sabe como isso funciona — ele retrucou. Nem tanto uma pergunta retórica, mas uma afirmação factual. Depois se virou para mim. — E você?

— Nenhuma ideia.

— Então vou ignorar o lado técnico e simplificar. Um dos caras de TI da corretora de imóveis me ligou cerca de meia hora antes de vocês chegarem. Alguém invadiu o site deles pouco antes de 1 hora da manhã de sábado. Parece que substituiu um passeio virtual por outro; a versão oficial por aquela com a mulher morta.

— Isso não faz sentido — diz Kit, o rosto cinza. — Quando olhei não havia corpo morto, nenhum sangue.

— O hacker fez a coisa dele de novo à 1:23 — diz Grint. — Ou a coisa *dela*, acho que deveria dizer, embora possa ter sido um dos dois. O passeio original foi devolvido.

— Não era tão tarde quanto 1:23 quando olhei — diz Kit. — Lembro de ter visto a hora no computador, pensando: “Que porra estou fazendo acordado tão tarde?” Era exatamente 1:20. E não apertei no botão do passeio virtual; vi o passeio de Connie, o que ela começara. Estava em repetir. Por que não vi o que ela viu?

Os olhos de Kit disparam pela sala, sem pousar em nada nem ninguém.

— É óbvio, não? — digo. — Na versão do hacker, ele arrumou para que a imagem da mulher morta só aparecesse uma vez a cada vinte repetições, ou uma a cada cinquenta.

Já não expliquei isso? Por que Kit escolheu esquecer?

— Seria isso possível? — Grint pergunta a ele.

Porque Kit é o especialista em computadores, ou porque Grint acha que foi ele que mexeu no passeio virtual?

— Tudo é possível — diz Kit, dando de ombros. Ele dá um longo e lento suspiro. — Acho que isso me deixa de fora. Pense nisso, Connie. Onde eu estava pouco antes de 1 hora? Na cama, ao seu lado. Eu estava lendo; você estava dormindo. Fingindo estar dormindo — emenda, se corrigindo. — Onde eu estava à 1:23? Novamente na cama; acordado e desejando não estar. Pensando se

suportava seus delírios paranoicos por mais seis meses ou se fazia as malas e sumia assim que amanhecesse.

Ele está certo. Vejo Grint registrar a expressão de derrota em meu rosto. Ele deve achar que quero que meu marido seja culpado de invasão de computador, ou bigamia.

Ou assassinato.

O que eu quero — tudo o que quero — é entender. *Saber*. Neste exato instante não me interessa qual seja a explicação, desde que haja uma. Se Kit não invadiu o site da corretora de imóveis...

— O que vocês estão fazendo em relação a isso? — pergunto a Grint. — Colocaram peritos examinando o carpete? Ouviram Selina Gane?

Ele ignora minhas perguntas, aponta o dedo para mim, depois para Kit. Com o polegar erguido, ele parece imitar uma arma.

— Não vão a lugar algum. Sam e eu vamos falar com Jackie Napier, depois voltaremos.

Sam dá um pulo, na dica. Acho que ele não se dera conta de que sua presença seria necessária, mas não vai fazer objeções; vai seguir o líder.

Assim que partem, eu me levanto e vou na direção da porta.

— Con, espere... — Kit diz, esticando a mão.

— Não. Não vou esperar. Já esperei demais.

Do lado de fora da delegacia, eu corro. Minha cabeça lateja, com sangue demais, enquanto viro uma esquina, depois outra, e outra. O piso se inclina. Eu pisco, respiro o máximo de ar que consigo. Minhas pernas parecem instáveis, desligadas do resto de mim. Desmorono em uma pilha na calçada, me apoio em uma parede. Uma mulher passa andando, seguida por dois garotos pequenos, ambos em triciclos de empurrar que parecem estranhos, cachorros angulosos. Um deles diz: "Mamãe, por que aquela senhora está sentada na rua?" Devo estar parecendo alucinada, agarrando a bolsa contra o peito — como se temesse que alguém fosse me roubar.

Quando você sabe que há uma ameaça, mas não sabe de onde ela vem, faz sentido sentir medo de tudo. Não acho que a mãe elegante dos garotos tenha algum dia se preocupado em explicar isso a eles.

Assim que recupero o fôlego, pego o telefone, chamo informações e peço os nomes de hotéis em Cambridge começando com “D” ou “Du”. Sam tinha dito ontem que Selina Gane estava hospedada em um hotel; havia uma boa chance de ainda estar. Ela antes quisera conversar comigo, e eu fugira. Caso contrário, talvez tivesse descoberto a verdade muito mais cedo.

— Há o hotel Doubletree by Hilton Garden House, em Granta Place. É o que você quer?

Poderia ser.

— É o único hotel listado em Cambridge que começa com “D”.

— Transfira para lá — digo. *Ela não estará lá. Estará no trabalho.* Fico na linha. Mesmo que esteja fora, quero descobrir se é o hotel certo.

Por quê? Está planejando fazer uma visita?

Escuto as instruções da voz automatizada: 1 para reuniões e eventos, 2 para reservas de grupos, 3 para preços de quartos e reservas individuais, 4 para endereço e outras perguntas. Tecló 4 e chego a um ser humano, uma mulher. Ela soa francesa. Pergunto se há uma dra. Selina Gane hospedada no hotel, e aguardo uma resposta de uma palavra: sim ou não.

— Vou transferir agora — diz a recepcionista. Meu coração começa a acelerar. Eu me forço a não desmaiar novamente. A única coisa que me impede de teclar encerrar é minha certeza de que Selina Gane não estará em seu quarto às duas e meia de uma tarde de terça-feira. Talvez tenha gravado sua própria saudação no correio de voz; alguns hotéis em que estive permitem que você faça isso. Espero, pensando se estou prestes a ouvir sua voz. Pensando no que poderia dizer.

Por favor, deixe uma mensagem depois do sinal, e sim, estou tendo um caso com seu marido.

— Alô?

Ah, Deus, bosta, bosta, bosta. O que faço agora?

Você quer falar com ela, não?

— É Selina Gane?

— Ela falando.

Não consigo fazer isso. Não consigo. *Tenho de.*

— Sou eu. Connie Bowskill. Sou aquela que tem estado... — começo, e me interrompo. O que tenho feito exatamente? — Sou a mulher que...

— Eu sei quem você é — ela me corta. — Como descobriu onde estou hospedada? Como conseguiu uma chave da minha casa?

— Eu não consegui...

— Me deixe em paz! Você é doente! Não sei o que há de errado com você, qual é sua jogada, e não quero saber. Estou chamando a polícia.

Há um estalo e a linha fica muda.

Começo a tremer, de repente com um gelo na boca do estômago. Quando tento controlar, o tremor fica pior. Meu primeiro impulso é ligar para Sam, falar com a polícia antes de Selina Gane, e dizer que não é verdade — eu não tenho uma chave da casa dela, não sei do que está falando. Não consigo pensar direito. Se a mulher morta era real, estou prestes a ser acusada do seu assassinato? Como pode ser assim quando não fiz nada, quando não sei de nada? Talvez Selina Gane não esteja mentindo deliberadamente; talvez seja um equívoco. Eu preciso explicar...

Não. Pense, Connie. Se você ligar para Sam, ele a convencerá a voltar à delegacia, voltar a Grint. E Grint não a levará aonde você quer ir.

Eu preciso entrar naquela casa. É o único caminho. Olhei aquelas fotos repetidamente, e ainda não consigo trazer à mente o detalhe que falta, a sombra que sai de vista sempre que tento me concentrar nela. Preciso estar lá em pessoa — de pé naquela sala de estar eu mesma, por mais que não queira, por mais nauseada que me sinta com a perspectiva. Talvez então a peça que falta se encaixe.

Gostaria de ter uma chave de Bentley Grove, 11. Se tivesse, não precisaria dar o telefonema que estou prestes a dar. Reviro minha bolsa, tiro um velho recibo da Sainsbury. Há um número de telefone

escrito no verso: 0843 315 6792. Eu o vi na tela de computador de Grint há mais ou menos uma hora e meia, e pensei na razão de ainda não tê-lo notado antes em Roundthehouses: o número para o qual telefonar para marcar uma visita a Bentley Grove, 11 ou pedir mais informações. Enquanto Grint, Sam e Kit estavam ocupados, olhando para o carro preto borrado, eu pedi licença para ir ao banheiro e anotei.

Teclo o número e pressiono discar.

— Connie!

Kit está correndo na minha direção. Não há tempo para correr para longe dele. Eu me enrolo, passo o braço sobre os joelhos e aumento a pressão no telefone. Ele não vai me impedir de fazer isso.

— Graças a Deus. Achei que você...

— Quietos.

— Para quem está ligando?

— Eu *disse* pra ficar quieto.

Atenda. Atenda.

— Pra quem você está ligando, Connie?

— Lorraine Turner — respondo, a voz dura. — Ela tem uma casa pra vender. Vou marcar uma visita.

Kit sussurra uma obscenidade em voz baixa, balança a cabeça. Tento ouvir o toque, preferindo isso ao som revoltado de meu marido. *Atenda. Por favor.*

— Acha que estão marcando visitas? Uma mulher foi assassinada lá e a polícia não pensa em dizer à corretora para suspender as visitas? Que porra há de errado com você? Veja só, agachada na calçada como uma... Você tem alguma ideia do que está fazendo?

Ele está certo. Eu não pensei. Claro que Grint teria dito a eles para não mostrar Bentley Grove, 11. Deve estar cheia de policiais.

— Você não sabe de nada — digo, mantendo o telefone grudado na orelha. Não vou desistir, não enquanto Kit estiver me observando.

Para de tocar. Alguém atende. Uma voz de mulher diz:

— Otto Casas.

Não consigo falar. Minha respiração parou na garganta, transformou-se em concreto.

— Otto Casas — ela repete, dessa vez mais alto. Cantarolado. Como se me provocasse.

Você tem alguma ideia do que está fazendo?

Outra casa. Outra casa. Outra casa.

Eu grito, jogo meu telefone na rua. Não o quero perto de mim.

— Con, o que há de errado? — pergunta Kit, se agachando ao meu lado. — O que aconteceu?

— Ela disse... — começo, balançando a cabeça. Não pode ser verdade. *Deve ser*. Eu ouvi, duas vezes. — Ela disse “Outra Casa”, a mulher que atendeu ao telefone. Por que me diria isso?

Vejo minha confusão refletida nos olhos de Kit: completa incompreensão. Ele respira fundo e seu rosto muda.

— Ela não disse “Outra casa”, Connie. Ela disse “Otto Casas”; é o nome da corretora.

Eu me abraço, balançando para frente e para trás para expulsar aquilo.

— Ela disse “Outra casa”. Eu sei o que ouvi.

— Connie... Connie! Otto Casas é a imobiliária que está vendendo Bentley Grove, 11. A imobiliária para a qual Lorraine Turner trabalha: Otto Casas.

Outra casa. Otto Casas. Não tenho certeza de quantas vezes Kit diz o nome antes que eu me permita ouvir.

— Como você sabe? Como você sabe o nome da imobiliária?

Ele fecha os olhos, espera alguns segundos antes de responder.

— Não consigo acreditar que você *não* sabe. Está no logotipo na página da Roundthehouses. Logo acima de onde diz “Bentley Grove, 11, Cambridge”. Não consegue ver? Você acabou de passar meia hora olhando para ele com Grint e Sam. Todo em caixa alta, o C pendurado no O. Eu notei porque não é um nome comum. E pensei: “Deve ser novo; não havia Otto Casas em 2003 quando estávamos procurando casas.”

O C pendurado no O. Sim: letras azul-marinho. Não registrei o nome porque não estava interessada em qual corretora estava vendendo Bentley Grove, 11; estava ocupada demais procurando meu marido nas fotografias.

— Você... você tem certeza? — pergunto a Kit. Como eu poderia não conhecer o nome? Eu telefonei para a corretora antes; sexta passada, quando vi pela primeira vez a placa de “À venda” no jardim, perguntei se havia alguém disponível imediatamente para uma visita. Não havia.

— Ligue novamente — diz Kit, olhando para meu telefone caído em pedaços na rua, e depois tentando me dar o dele. — Não aceite a palavra de alguém em quem não confia.

— Não, eu...

— Ligue para eles! — diz, acenando o celular diante do meu rosto. — Prove a si mesma. Talvez então você se dê conta de que precisa de ajuda; ajuda médica de verdade, não uma bosta de homeopata charlatona que reconhece uma idiota crédula quando encontra uma.

E quanto a você, Kit? Você reconhece uma idiota crédula quando encontra uma?

Encontro novamente o recibo da Sainsbury, teclo o número. Caem gotas de água na tela do telefone. Lágrimas. Eu as limpo.

Dessa vez alguém atende depois de um toque.

— Otto Casas.

É a mesma voz, a mesma mulher. *Mesmas palavras*. Como posso ter me confundido? Devolvo o telefone a Kit, que espera que eu admita o meu erro e peça desculpas.

Qual o sentido? Qual o sentido de Kit e eu dizermos coisas um ao outro quando nenhum de nós é confiável?

14

20/07/2010

— Foram apenas dois dias — disse Jackie Napier, respondendo à pergunta de Sam, de olho em Ian Grint. — Dois dias não é tempo demais. Eu vi no sábado e liguei para a polícia segunda-feira cedo. E lhe expliquei por quê.

— Poderia me explicar? — pediu Sam.

Jackie desviou os olhos de Grint e fez uma cara feia para ele. Tirara um de seus brincos para orelhas furadas e usava o pino para raspar sob as unhas pintadas de rosa. Um comportamento estranho para alguém tão bem arrumada, pensou Sam; a apresentação imaculada e a deselegante postura pública pareciam contradizer uma à outra. A maquiagem de Jackie parecia ter sido feita por um profissional e o corte dos cabelos escuros e curtos revelava precisão arquitetônica. Sam não via como era possível conseguir aquela aparência triangular rígida — pelo menos não sem andaimes e vigas de aço.

Ele não conseguia estabelecer a idade de Jackie, como era capaz de fazer com a maioria dos outros — ela poderia ter algo entre vinte e quarenta e cinco. Tinha um rosto redondo infantil, mas as pernas nuas eram cobertas por uma trama de veias azuis salientes, como uma mulher muito mais velha. Ou talvez não tivesse nada a ver com idade. Se Kate, a esposa de Sam, estivesse ali, diria: “As pernas podem não ser culpa dela, mas a saia é. Calças foram inventadas por uma razão.” Ou palavras nesse sentido. Coisas estranhas ofendiam Kate, coisas para as quais Sam não dava a mínima: pessoas vestindo roupas que não combinavam com elas, relógios em locais públicos que mostravam a hora errada, casas com molduras de janela marrons, secadores de cabelo de mão.

Sam tinha a impressão de que Jackie Napier esperara que Grint assumisse o comando, e se ressentia de o processo ter sido sequestrado por um recém-chegado que não era sequer local, mas Grint decidira que Sam deveria conduzir a entrevista e até o momento não contribuía com nada. Estava sentado no canto mais distante da sala, usando um aquecedor como apoio para os pés. Sam achava que a postura dele de aluno rebelde era inadequada, e preferiria que colocasse os pés no chão, mas não tinha ilusões sobre quem estava no comando. Aonde quer que eu vá, alguém está sempre no comando, pensou. Isso só o preocupava indiretamente: ele passava muito tempo refletindo sobre se deveria tentar se afirmar mais, e sempre acabava concluindo que preferia não ter poder sobre os outros, não se pudesse evitar. O que gostaria era que aqueles com poder se comportassem como ele faria no lugar deles.

— Não a estou criticando — disse a Jackie. — Você nos deu informações muito úteis e, como diz, dois dias não são muito tempo.

— Não, não são. O que deveria fazer, ligar para a polícia e dizer: “Desculpem, mas vi um corpo morto em um site imobiliário, só que agora ele desapareceu”? Como dizer que tinha estado lá? Ninguém teria acreditado em mim. Eu teria parecido uma idiota.

— Ainda assim, você se apresentou — destacou Sam.

— Bem, eu não poderia deixar pra lá, poderia? Quero dizer, talvez tenha imaginado, talvez nunca tenha havido nada, mas mesmo assim tinha de contar a alguém, não é? E se não tivesse imaginado? Eu me preocupei com isso até me sentir confusa, perguntei a todos os meus amigos; o que foi perda de tempo, todos deram conselhos diferentes. Alguns disseram “Não seja idiota, você não pode ter visto isso”; outros disseram “Você tem de contar a alguém”. Para ser honesta, a maioria simplesmente riu de mim. Não foi engraçado, sabe? — ela disse indignada, como se Sam tivesse dito que era. — Na manhã de segunda, acordei e pensei: isso vai ficar me atormentando se eu não tirar de cima de mim. Não devia ser responsabilidade minha, devia? Ninguém me paga para me preocupar com gente sendo assassinada. Então, liguei para a polícia.

A Sam, o sotaque dela parecia de Essex, mas talvez fosse de Cambridge. Especulou sobre se existiria tal coisa. Caso positivo, não

era um dos sotaques regionais, como o *brummie* de Birmingham ou o *scouse* de Liverpool.

— Você fez a coisa certa — disse.

Jackie assentiu.

— Juro a você agora: não imaginei isso. Eu não sou assim, não sou uma pessoa de imaginação. Entende o que quero dizer?

Sam entendia. Jackie Napier era tão diferente de Connie Bowskill quanto era possível. Elas eram extremos opostos da escala. *Com uma mulher morta caída em seu próprio sangue exatamente no meio do espaço entre elas.*

— Duas coisas sobre mim... — começou Jackie, contando nos dedos. — Uma: sou totalmente leal. Se estou do seu lado, estou do seu lado para sempre. Duas: vivo no mundo real, não na terra da fantasia. Eu não tenho ideias, não me engano sobre minha vida, não finjo ser melhor do que é: prefiro ver as coisas como realmente são.

Sam ficou pensando se ela quis dizer que não tinha ideias acima de sua posição. Ideias fantásticas, delirantes? Ou ideias, ponto final? Ela lhe dera uma: talvez ele pudesse embelezar suas deficiências com um toque de presunção invertida. Ele se imaginava dizendo a Proust: “Duas coisas sobre mim, senhor: evito confrontos sempre que possível, e permito que meus detetives me superem.” Isso cairia bem — quase tão bem quanto o fato de Sam ter se dedicado hoje a ajudar Ian Grint com seu assassinato talvez real, talvez não, como se não tivesse seus próprios casos para cuidar.

— Que hora era quando você viu o corpo da mulher em Roundthehouses? — perguntou a Jackie.

— Eu disse ao ID Grint: por volta de uma e quinze, uma e vinte.

E Grint poderia ter dito a Sam. Mas Sam estava contente que não o tivesse feito, agora que chegara a esse ponto, agora que Jackie finalmente olhava para ele e não fazia caretas para tudo que dizia. Quando, mais cedo, ele pedira para receber um resumo, Grint rira e dissera: “Esforço demais, tempo insuficiente.” Sam caminhara para a sala de entrevista sabendo apenas o nome de Jackie, e que ela alegava ter visto o que Connie Bowskill vira. Consequentemente, ele a estava conhecendo em primeira mão, sem ser influenciado por

quaisquer conclusões a que Grint tivesse chegado com base em seus encontros anteriores com ela.

Grint estava certo: essa era uma forma melhor de fazer isso. Sam não era enganado pela frivolidade exterior; Grint se preocupava com a mulher morta que desaparecera em Bentley Grove, 11. Quando você estava na presença de alguém que realmente se importava com algo — acima e além da consciência profissional — era possível sentir isso em tudo o que ela dizia e fazia. Na companhia de Grint, Sam tinha essa sensação — como se houvesse adrenalina no ar, nas paredes, nos móveis —, e ele sabia que não era quem gerava isso. Grint é como Simon Waterhouse, pensou. Ele apostaria que os dois detetives se odiariam.

— Você normalmente entra na internet tão tarde da noite? — perguntou a Jackie.

— Deus, não. Eu sou uma pessoa de ir para cama às nove horas, sabe? Estava com *jet lag*. Voltei de férias quinta-feira passada, e nunca fico bem por alguns dias depois de uma viagem longa.

— Para onde foi nas férias?

— Matakana, na Nova Zelândia. Você nunca ouviu falar, ouviu?

Sam tinha ouvido, mas fingiu que não, imaginando que Jackie gostaria de enriquecê-lo com aquela informação.

— Minha irmã mora lá. É um lugarzinho bonito. Ela dirige um café. Bem, na verdade é uma galeria de arte, mas eles fazem bolos, cafés e coisas assim. O negócio não sabe exatamente o que é; se soubesse, daria mais dinheiro do que dá. Sempre digo que Matakana é ótimo para férias, mas você não iria querer morar lá.

Sam ficou pensando com que frequência Jackie teria dito isso na presença da irmã enquanto desfrutava da sua hospitalidade.

— Importa-se se perguntar o que faz para viver?

Jackie virou a cabeça na direção de Grint.

— Ele não lhe contou nada?

— Para mim é mais útil ouvir de você.

— Sou corretora de imóveis. Trabalho para a Otto Casas. Somos nós que estamos vendendo a casa onde o corpo estava, Bentley Grove, 11. Por que acha que eu estava olhando o Roundthehouses?

— disse, franzindo o cenho. — Você é uma dessas pessoas que odeia corretores de imóveis?

— Não, eu... — disse Sam, parando ao ouvir um som raspado e se virando; Grint escolhera aquele momento para ajeitar a posição da cadeira. *Uma corretora de imóveis*. Era a última coisa que Sam esperava, como Grint bem sabia; isso explicava o esboço de um sorriso no rosto dele.

— Como não conseguia dormir na noite de sexta, pensei em dar uma olhada no que tinha entrado no mercado enquanto estava fora — disse Jackie. — Eu sabia que Bentley Grove, 11 estaria lá; sabia que ela estava vendendo, a médica que é proprietária do imóvel, a dra. Gane. Teria cuidado eu mesma da venda, mas ia para a Nova Zelândia, então a passei para Lorraine; minha colega, Lorraine Turner.

— Então... — disse Sam, se sentindo como se ficasse para trás. — Desculpe, talvez tenha de esclarecer uma coisa para mim: você disse que estava olhando em Roundthehouses para ver o que havia sido colocado à venda enquanto estava fora do país...

— Isso mesmo. Para ver também o que tinha sido vendido e o que estava em oferta. Ficar de olho na concorrência, verificar se não estão vendendo mais que nós. O mercado imobiliário é forte em Cambridge. A queda não nos afetou tanto quanto em outros lugares, e as coisas estão realmente melhorando agora. Qualquer casa ou apartamento no centro da cidade anunciado por menos de seiscentos mil é arrematado em poucos dias, a não ser que exija uma enorme reforma ou fique em uma rua movimentada. É uma oferta e...

— Desculpe, mas já é suficiente — disse Sam, sorrindo para compensar a interrupção. — Então, fundamentalmente, você estava tentando pegar o ritmo antes de voltar ao trabalho.

— É. Veja, a coisa comigo é que adoro meu trabalho; para mim é mais uma vocação do que uma carreira. Até sinto falta quando estou longe. Não há outro trabalho que gostasse de fazer, e essa, por Deus, é a verdade.

— Acho que isso talvez responda à pergunta que eu estava prestes a fazer.

A pergunta que teria feito há algum tempo se você não gostasse tanto do som da própria voz.

— Por que fez o passeio virtual por Bentley Grove, 11? Imagino que você precise ver o interior de uma casa para saber se o preço é justo — disse Sam, respondendo à própria pergunta, imaginando como se sentiria se vender casas fosse a paixão de sua vida.

— Você precisa — disse Jackie, anuindo entusiasmada. — Certamente precisa. Mas eu já tinha visto o interior da casa da dra. Gane, duas vezes. Fiz o passeio virtual porque estava curiosa para saber se ela já havia se mudado, como dissera que iria fazer. Na verdade, estava sendo apenas enxerida. Ela me disse que não conseguiria ficar lá depois do que tinha acontecido, disse que teria de ir para um hotel. E eu disse a ela: “Isso irá custar uma fortuna; ficar em um hotel até vender e comprar outra coisa.” Mas ela foi em frente e fez isso; dava para ver pelo passeio. Deixou a maior parte de suas coisas na casa, mas não havia escova de dente, pasta de dente nem papel higiênico no banheiro, nada de pilhas de livros ou copo d’água na mesinha de cabeceira — disse Jackie, dando um tapinha do lado do nariz. — Tenho um instinto no que diz respeito a casas; e às pessoas que moram nelas.

E às pessoas que morrem nelas?

— Lembro-me de pensar: “Ela fez isso; se mudou para um hotel, Deus sabe a que custo. Mulher boba!” E então apareceu a imagem da sala de estar e vi o corpo caído lá, todo aquele sangue — Jackie disse, e estremeceu. — Não quero ver nada como aquilo novamente, muito obrigada.

— Você disse “Depois do que tinha acontecido”. Temo que precise que comece do começo — disse Sam, podendo sentir Grint o observando.

Jackie riu, debochada.

— Esse é um senhor pedido. Como eu disse ao ID Grint, não sei que porra está acontecendo, então como posso saber quando começou?

Entediada com a limpeza das unhas, ela recolocou o brinco no buraco da orelha.

— Comece pelo telefonema de 30 de junho — Grint disse a ela.

Se Sam fosse um tipo de pessoa diferente — se ele fosse Giles Proust, por exemplo —, poderia ter se virado e dito: *ID Grint! Fico feliz que tenha se juntado a nós.*

Jackie deu um suspiro pesado.

— Eu estava no trabalho. Atendi o telefone — recitou, em uma entediada voz de “estava lá, fiz aquilo”. — Era uma mulher. Disse que seu nome era Selina Gane; *dra.* Selina Gane. Fez questão de dizer isso. Normalmente as pessoas não dizem, normalmente nós perguntamos. Então, tipo, você ligou para mim e disse que seu nome era Sam — disse Jackie, torcendo o nariz. — Qual é mesmo o seu nome?

— Kombothekra.

— Então você diria que seu nome era Sam Kombothekra, e nós diríamos: “É sr., doutor ou professor?” Não perguntamos sobre estado civil de mulheres, ordens de cima. Toda a coisa da imagem tradicional — Jackie disse, fazendo gesto de aspas. — Eu realmente tenho uma obsessão com isso, na verdade. Sou solteira; assim como a maioria das minhas colegas. Mas Cambridge é Cambridge; muitas pessoas aqui não se dão conta de que essa mudança acontecerá com elas, queiram ou não.

— Telefonema — falou Grint do fundo da sala. — 30 de junho.

— É, então recebi esse telefonema, *dra.* Selina Gane, ela disse que seu nome era. Queria colocar sua casa à venda, Bentley Grove, 11, então marquei um encontro com ela mais tarde no mesmo dia, na casa. Ela pareceu gentil; não havia nada nela que me deixasse desconfiada. Olhei ao redor, fiz medições, conversei sobre comissão, anúncios, concordamos com um preço inicial. Tirei algumas fotos para o folheto...

— Você tirou as fotos? — perguntou Sam. — Quando falei com Lorraine Turner, ela disse que tinha tirado.

— Sim, porque deletei as minhas — Jackie respondeu, como se isso devesse ser óbvio.

— Lorraine tirou as fotos que acabaram no folheto e no site — contribuiu Grint de seu assento lateral. — Mas não vamos nos precipitar. Continue, Jackie.

— A mulher, a que disse ser Selina Gane, me disse que iria aparecer no escritório no dia seguinte para ver a boneca do folheto, e assim foi. Fez algumas mudanças, e eu disse ótimo, obrigada, mandarei uma cópia do folheto quando estiver pronto. Ela disse que eu não me preocupasse, não precisava de uma. Ela me entregou uma chave extra, me disse que marcasse as visitas quando eu quisesse, que eu poderia entrar e sair. Ela estava indo embora, disse. Eu falei que ligaria para avisar quando estivesse indo, por educação, mas ela disse que não, não era necessário.

Sam estava com dificuldade para se concentrar. Sabia que havia algo a caminho que não seria capaz de prever mesmo em um milhão de anos. Será que Simon saberia como se desenrolaria a história de Jackie se estivesse ali? Já teria uma teoria? Sam lutava para prestar atenção a cada palavra, e sua consciência do esforço interferia com sua capacidade de escutar. A crescente presença de Grint ao fundo não ajudava.

— Quando os folhetos ficaram prontos eu já tinha telefonado para alguns dos compradores em nossa lista de prioridades — continuava Jackie. — Qualquer um que eu achasse que poderia estar interessado. Não pessoal da universidade; eles querem prédios históricos e características de períodos, e não há muito disso em Bentley Grove. Felizmente o pessoal do parque da ciência e de Addenbrooke não se importa; eles querem área, reluzente e nova, grandes jardins. Eu tinha uma família ansiosa para visitar, os Frenche; foram os primeiros para os quais telefonei, para ser honesta. Sabia que seriam perfeitos para Bentley Grove, 11.

Modo estranho de ver as coisas, Sam pensou. Uma casa precisava ser certa para os moradores, certamente, não o oposto.

— Quando apareci na casa com os Frenche, entrei e me deparei com uma mulher que nunca tinha visto antes. Só que tinha; eu vira uma foto dela, uma foto de passaporte. Ela parecia aterrorizada, como se achasse que iria atacá-la ou algo assim. Perguntou quem eu era e o que fazia em sua casa, como tinha uma chave. Ela ficou pálida, por Deus, achei que fosse desmaiar. Perguntei quem *ela* era. Respondeu que era Selina Gane, bem ela *era* Selina Gane, agora sei disso, mas não era a mulher que *eu* conhecia como sendo Selina

Gane — disse Jackie, dando um tapinha na nuca, como se para enfatizar a própria identidade. — Ela não tinha ideia do que eu estava fazendo. Alguma maldita mulher tinha aparecido e colocado sua casa à venda sem lhe contar.

Charlie estava tirando fotografias. O máximo que podia, do máximo que podia: da piscina de todos os ângulos, suas árvores e plantas preferidas no jardim, o quarto dela e de Simon. *Também conhecido como o local da única transa.* Ele colocara o braço ao redor dela na cama na noite anterior — do jeito dele, rígido de significado e desajeitado convite —, mas ela estava chateada demais com Liv e Gibbs, depois ainda mais chateada por Simon parecer não se importar por ela não querer.

Tirou uma foto de cada um dos quartos vazios que não tinham usado, algumas da sala de estar, cozinha, sala de jantar, dos vários terraços. Deus, ela adorava aquele lugar. Como era possível adorar um lugar quando você não foi nada além de infeliz nele? Da mesma forma como era possível adorar uma pessoa com a qual você era infeliz, imaginou.

De má vontade, ela incluiu na sequência a irritante montanha que teimosamente se recusava a mostrar sua face a todos menos Simon. Ela perguntara isso a Domingo naquela manhã; ele também não conseguira ver. A partir de sua evidente confusão, ela concluíra que nenhum outro hóspede jamais mencionara isso. Mas, novamente, Simon era especial. Charlie ainda não descartara a possibilidade de que ele estivesse fingindo ver algo que não estava lá: outra de suas pervertidas experiências de pensamento.

Iria tirar uma fotografia da cabana de madeira de Domingo? Sim, por que não? Pelo bem da completude, ela deveria ter uma. Se um dia voltasse a falar com a irmã, poderia mostrar a foto e dizer: “Era aqui que eu estava quando descobri que você estava transando com Chris Gibbs.”

Ao se aproximar, ela ouviu a voz de Simon. Estava conversando com Sam havia quase uma hora. Eles teriam de oferecer uma

compensação a Domingo por sua conta de telefone. Charlie escutou do lado de fora da porta aberta: algo a ver com Roundthehouses, o site imobiliário. E um assassinato, ou uma morte. Connie Bowskill estava envolvida. Simon mencionara seu nome duas vezes no começo da conversa, antes de Charlie desistir de tentar entender o que estava acontecendo e ir pegar sua câmera.

Ela fotografou a cabana de todos os ângulos. Inclinação dentro do cômodo escuro e abafado que cheirava a colônia pós-barba de Domingo, ela empurrou Simon para um lado para tirar uma foto da cadeira de vime através da porta aberta, a manta azul e vermelha jogada por cima.

Era onde eu estava sentada quando você arruinou minha lua de mel, sua vagabunda egoísta.

— Vou tentar encontrar Sam mais tarde — Simon estava dizendo.
— Tenho de ir a Puerto Banus, encontrar outro telefone do qual ligar. Eu me sinto pressionado aqui com o zelador esperando para conseguir seu barraco de volta. Não consigo realmente me concentrar. O quê? Não há outros quartos, apenas este e o banheiro. Enquanto eu estiver no telefone dele, ele tem de ficar do lado de fora.

Falar com Sam mais tarde? Charlie franziu o cenho. Sam era a pessoa para quem Simon dissera que iria telefonar. Será que ele tinha ligado para alguém depois? O Homem de Neve? Não; o ódio rígido estava ausente da voz, então não poderia ser Proust. Colin Sellers, então. Tinha de ser.

Simon rosou um até logo. Não pousou o telefone imediatamente. Charlie tirou uma foto dele batendo com o fone no queixo, falando sozinho — o que sempre era um sinal de que seus níveis de obsessão estavam se elevando, a caminho de sair do gráfico.

— Sorria, maluco — ela disse.

— Achei que você não iria tirar fotos até o último dia.

Ela riu.

— Você acha que este não é nosso último dia? Não se engane.

Simon tirou a câmera da mão dela.

— Do que está falando?

— Você quer ir para casa.

— Não, não quero.

— Você vai demorar algumas horas para admitir para si mesmo, mais algumas horas para reunir a coragem de me dizer que estamos indo.

— Besteira. Não vamos a lugar algum.

— Sellers acabou de contar a você algo sobre uma mulher morta. Você quer estar lá, onde está a ação. Ou melhor, onde está o *rigor mortis*.

— Eu quero estar aqui, com você.

Charlie não podia permitir que a garantia dele penetrasse sua muralha de ressentimento. Iria doer muito mais se acreditasse, e então ele voltasse atrás.

— Por que você não iria querer ir para casa? — perguntou, agressiva. — Sua amiga Connie testemunhou um assassinato e quer lhe contar tudo sobre ele. Que coincidência que ela tenha acabado de tropeçar no corpo. A mulher morta por acaso é a namorada do marido?

— Ninguém sabe de nada — disse Simon, suspirando. — Você menos ainda. Connie Bowskill viu um corpo morto caído de barriga em um tapete sujo de sangue no site do Roundthehouses. Em uma das imagens internas de Bentley Grove, 11, a casa que o marido tinha marcado como “casa” em seu GPS.

Charlie o encarou.

— Você está falando sério, não está? Está realmente falando sério.

— Noite de sábado, foi quando aconteceu; madrugada de domingo.

— Simon, Roundthehouses é um site imobiliário — Charlie disse, escandindo as palavras como se para uma criança ou um idiota. — Não há corpos mortos nele, apenas casas à venda. E para aluguel; não vamos esquecer esse lado da operação. Apartamentos, imóveis de dois andares... Nada de mulheres mortas. O Sellers... — começou Charlie, depois parou, sacudiu a cabeça. — É uma brincadeira, não é? Ele provavelmente passou meses planejando isso.

— Eu não falei com Sellers. Era Gibbs ao telefone.

Gibbs. Charlie sentiu como se uma mão invisível estivesse se fechando ao redor de sua garganta, apertando com força para não

deixar nada sair. Provavelmente era uma coisa boa; sensato o corpo humano ter um sistema para impedir uma pessoa de passar a lua de mel gritando.

Fora Gibbs quem, quatro anos antes, pronunciara as palavras que fizeram o mundo de Charlie parar. Ele, e apenas ele, vira a expressão em seu rosto enquanto ela se dava conta do que tinha feito, enquanto sua vida começava a desmoronar — em público, à luz do dia, na maldita delegacia, de todos os lugares. Talvez Gibbs não tivesse pensado nada daquilo, ignorando que testemunhava a destruição da coisa que Charlie mais prezava: a noção de si mesma como alguém que valia algo. Não fora culpa de Gibbs; tudo o que ele fizera fora dar a ela a informação que pedira e que ele encontrara. Logicamente ela sabia que ele não fizera nada de errado, mas tinha mágoa dele mesmo assim. Ele estivera na primeira fila, ao centro, espectador da cena de sua humilhação.

— Você disse que ia ligar para Sam.

— O telefone dele está desligado — disse Simon, se inclinando para frente para ver o rosto de Charlie. — O quê? Não me olhe assim. Eu não falei nada sobre Olivia. Você ouviu a conversa; era sobre Connie Bowskill. Gibbs e eu não temos conversas pessoais.

Todos e você não têm conversas pessoais.

— Você passou uma hora ao telefone com Gibbs conversando sobre corpos mortos inventados em sites imobiliários, e não pensou em mencionar que ele e minha irmã traidora fizeram de tudo para acabar com nosso casamento e nossa lua de mel?

Simon recolocou o telefone de Domingo na base.

— Eles não podem acabar com nada — disse. — Exceto com suas próprias relações, e isso é problema deles.

— Você mudou de ideia! Noite passada você disse que sempre pensaria no dia de nosso casamento como o dia em que...

— Não, *você* disse isso. E disse que eu sentiria a mesma coisa; desapontado, culpado.

— Bem, e não sente? Era o dia do *nosso* casamento. Eles não tinham o direito de transformá-lo em nada mais.

Simon passou por Charlie, para a luz do sol.

— Qualquer coisa que seja nossa, as únicas pessoas que podem foder com ela somos você e eu. Se você não quer que nossa lua de mel seja arruinada, pare de falar em voltar para casa mais cedo.

— Isso... Você está confundindo duas coisas que não têm nada a ver uma com a outra!

— Estou? — retrucou Simon, tirando uma árvore do caminho. Pétalas laranja caíram sobre Charlie; ela as tirou do rosto.

— Noite passada você disse que tinha perdido todo respeito por ambos — disse, correndo para alcançá-lo. — Isso era mentira? Já os perdoou?

— Não me cabe perdoar ou não. É, eu penso o pior deles. Gibbs é casado. Liv deveria estar se casando, não deveriam ter feito isso.

— Você não soou como se pensasse o pior de Gibbs há pouco, ao telefone. Soou igual a como sempre soa.

— Ele precisa saber o que eu penso? — disse Simon, se sentando nos degraus da piscina, colocando os pés nus na água até os tornozelos. — Isso não me impede de pensar.

Charlie fechou os olhos com força. Nada que ela dissesse faria diferença. Simon e Gibbs continuariam como se nada tivesse acontecido — conversando sobre trabalho, xingando Proust, bebendo juntos no Brown Cow. O que ela esperava, que Simon tomasse partido? Recusasse falar com Gibbs até ele se desculpar e deixar Liv em paz?

Como todos na delegacia de Spilling, Gibbs sabia o que tinha acontecido na festa de aniversário de quarenta anos de Sellers. Ele sabia que Simon e Charlie tinham ficado juntos em um quarto, que Simon mudara de ideia e saíra correndo, deixando a porta aberta e Charlie nua no chão. Stacey, a esposa de Sellers, estava no corredor do lado de fora com amigos; vira tudo. Charlie rira de todas as referências ao incidente no trabalho, e não mencionara a ninguém fora dali. Liv não sabia de nada sobre isso. *Ainda.*

— Não acredito em responsabilidade coletiva — disse Simon. — É Gibbs quem está traindo Debbie. Ele encontrou Liv muitas vezes antes. Quantas vezes eles estiveram no Brown Cow conosco, sem Debbie ou aquele cretino Dom Lund? Poderia ter acontecido a

qualquer momento; não era preciso que nos casássemos para que isso acontecesse.

— E se Debbie descobrir que sabemos e não contamos a ela?

Simon ergueu os olhos, protegendo-os do sol com a mão.

— Por que contaríamos a ela? Não é da nossa conta.

Era como explicar a um extraterrestre como funcionava o planeta Terra. Charlie respirou fundo.

— Liv é minha irmã. Se isso se espalhar, as pessoas vão supor que estou do lado dela.

— Então você dirá a elas o que me disse noite passada: que você nunca mais quer ver a cara daquela vagabunda gorda traiçoeira.

— Eu disse isso?

— Eu fiquei convencido — disse Simon. — Não imagino ninguém duvidando de você.

Charlie odiou ser lembrada de que dissera isso sobre a própria irmã. Mas a culpa era de quem? Quem a obrigara a dizer isso?

— Debbie é popular — ela se preocupou em voz alta. — Todas as suas amigas são mulheres de policiais: a esposa de Meakin, a de Zlosnik, a de Ed Butler; Debbie é uma parte central dessa... rede. Ela e Lizzie Proust estão na mesma turma de hidroginástica no Waterfront. Se fosse Stacey Sellers, eu não me preocuparia muito; todo mundo acha que ela é uma escrota. E *ela* não está fazendo fertilização *in vitro*, *ela* não teve um milhão de abortos trágicos. Viu aquele cartão de "Boa sorte" que estava circulando antes de Debbie fazer sua primeira... coisa de hormônio?

Simon balançou a cabeça afirmativamente.

— Não consegui enfiar minha assinatura, de tantas que havia.

Charlie passou os braços ao redor do corpo, se sentindo trêmula.

— Todos vão me odiar, Simon. Eu já passei por isso antes...

— A única pessoa que a odiou há quatro anos foi você.

— Acho que me lembro dos tabloides dando seu apoio — disse Charlie, amarga. — Não posso lidar com isso novamente, Simon; não dou conta de ser a pessoa má para quem todos estão apontando.

— Charlie, o *Sun* e o *Mail* estão se lixando sobre a fertilização *in vitro* de Debbie.

— E se Debbie descobrir, ela e Gibbs se separarem e Liv se tornar a nova sra. Gibbs? Sra. Zailer-Gibbs, com a porra de pretensão de nome duplo dela...

— Você está tendo um chique por nada.

— Eu saio do trabalho e lá está ela, esperando no estacionamento para pegá-lo depois do turno. Não haverá como fugir dela. Ela poderá se mudar para Spilling — disse Charlie, estremeando. — Acha que nada disso ocorreu a ela? Essa coisa com Gibbs, ela fez deliberadamente.

— Espero que sim — disse Simon. — Foder Gibbs por acaso seria traumático para qualquer um.

— Ela sempre preferiu meu mundo ao dela; ficando na periferia, esperando que eu a convidasse a entrar. Ela viu uma oportunidade e aproveitou; agora ela está *dentro*. Tudo que ela precisa fazer é eliminar Debbie. Não precisa mais de mim para ter acesso.

Sem comentários.

— Diga algo! — falou Charlie, irritada.

Simon estava olhando para a água.

Charlie pensou na última coisa dita por Simon. Ele nunca antes tinha usado a palavra “foder” em um contexto sexual. Nunca.

— Simon?

— Desculpe, o quê?

— Você não está me escutando.

— Eu sei o que estaria ouvindo caso estivesse: alguém que é viciada em sofrer. Que fará de tudo para criar oportunidades para se sentir mal, e para deixar outras pessoas se sentindo mal.

Charlie tentou empurrá-lo para dentro da piscina. Ele agarrou seus punhos para impedir. Ela desistiu; ele era muito mais forte. Alguns segundos depois era como se nunca tivesse acontecido. Ela se sentou nos degraus ao lado dele.

— Você não escuta porque está pensando na maluca da Connie Bowskill, com suas histórias idiotas sobre GPS e corpos mortos — ela comentou. — Você poderia muito bem estar em Spilling.

— Eu tenho uma teoria.

Charlie grunhiu.

— Não sobre Connie Bowskill; sobre você. É *você* quem quer voltar. Quer que Liv descubra por intermédio de seus pais que desistimos após quatro dias. Assim o simbolismo é claro: um dia ela telefona, no dia seguinte a lua de mel morreu; direto. Um sonho romântico em frangalhos, um gigantesco desastre...

— Ah, cale a boca!

— Uma vida de culpa para sua irmã.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — disse Charlie, a voz áspera.

— Por que se casou comigo se acha que eu sou tão escrota?

Simon pareceu surpreso.

— Eu não acho. Você é humana, apenas isso. Todos temos ideias de merda, todos fazemos merdas.

Charlie queria que ele dissesse que havia uma clara distinção entre as merdas dela e as de Liv, que as de Liv eram cem vezes piores. Por muitos anos de experiência, ela sabia que a coisa que você queria que Simon Waterhouse dissesse nunca era a coisa que ele dizia.

Os olhos dele se apertaram. Olhou fixo para Charlie, como se concentrando para memorizar seu rosto.

— Categorias de pessoas; é por onde começamos. Você coloca a imagem de um corpo morto em um site, ou você é o assassino...

— Não acredito nisso — murmurou Charlie. Desceu os degraus da piscina para a água e começou a nadar. O vestido colou no corpo. Suas sandálias eram tijolos amarrados aos pés.

Simon se levantou e caminhou pela lateral, acompanhando o ritmo dela.

— Se você não é o assassino ou um cúmplice, quem é você? A pessoa a quem pertence a casa? Claro, o dono poderia *ser* o assassino. O corretor de imóveis vendendo a casa? Não vejo como isso poderia funcionar, você vê? Ou talvez alguém interessado em comprar. Nada melhor para baixar o preço do que sangue e tripas espalhados pelo chão da sala de estar.

— Vá se foder, Simon, vá se foder, e três vá se foder.

— Se você é o assassino e coloca na internet uma imagem do corpo, está anunciando seu trabalho. Se você não é o assassino...

— Não há cadáver a não ser na mente de Connie Bowskill — gritou Charlie para ele.

— Eu não lhe contei? — reagiu Simon. — Mais alguém também viu, e procurou a polícia de Cambridge.

— *O quê?* — disse Charlie, parando de nadar. — Quem? A melhor amiga de Connie Bowskill? A mãe dela?

Tinha de ser mentira.

— Se você não é o assassino, estava lá quando aquilo aconteceu? Estava observando? Escondido? Sabia o que ia acontecer? Esperava com uma câmera? Ou só apareceu depois e encontrou o corpo?

Charlie saiu da piscina. Agora era contida pelo peso da água em suas roupas; andar rapidamente no calor era ainda mais difícil.

— Aonde está indo? — Simon perguntou.

— Aonde estou indo? — ela repetiu. — Aonde Charlie poderia estar indo?

Vamos deixar o especulador especular, pensou Charlie, apressando-se na direção da casa de madeira de Domingo. Ela estava indo telefonar para a companhia aérea para descobrir quão logo poderiam voar para casa.

Sam finalmente entendeu algo que Grint dissera de passagem mais cedo: que pedira a Lorraine Turner os nomes, endereços e telefones de todos que ela havia levado a Bentley Grove, 11 até então, bem como de qualquer um que tivesse perguntado, mesmo que depois não tivesse feito uma visita. Sam atribuíra isso à abrangência, um desejo de cobrir tudo, mas agora via que havia sido mais do que isso. A mulher que assumira a identidade de Selina Gane e colocara sua casa à venda sem sua permissão poderia ter decidido posar de possível compradora. A psicologia era coerente. Era alguém com um modo de conseguir acesso sob falso pretexto, alguém que sabidamente mentira sobre quem era. Sam percebia que poderia diverti-la enganar mais um funcionário da Otto Casas.

E então? Qual seria o próximo passo da mulher que não era Selina Gane? Faria uma oferta? Compraria a casa? Era esse o objetivo

desde o começo? Sam concluiu que isso era uma especulação inútil tendo tão poucos fatos sólidos.

— Eu não consegui entender, você conseguiria? — perguntou Jackie, agora conversando com ele como se fossem velhos amigos. — Lá estava eu de pé como um limão, e os pobres Frenche, que certamente teriam comprado a casa, mas tive de dizer a eles que na verdade não estava à venda, havia sido um erro. Constrangida, nem sequer consegui disfarçar! Os Frenche ficaram arrasados. Essa é a pior parte do meu trabalho, ter de lidar com o efeito emocional quando dá tudo errado. Deve ser a mesma coisa no seu trabalho.

Era uma pena que Jackie Napier não fosse mais inteligente; uma pessoa mais esperta saberia quais partes da história eram importantes e quais não eram. Sam tinha a medonha sensação de que logo estaria ouvindo tudo sobre como Jackie salvara o dia — a casa ainda melhor que encontrara para os Frenche, com o jardim mais ensolarado e a garagem melhor — se não desse passos concretos para evitar isso.

— Preciso esclarecer isso — ele disse. — Está dizendo que a mulher que encontrou em Bentley Grove, 11 na primeira vez em que foi lá não era Selina Gane? A mulher que lhe disse que queria vender a casa, aquela que revisou a prova do folheto e lhe deu uma chave?

— Ela não era nada parecida com a dra. Gane — disse Jackie, com raiva.

— Então a verdadeira Selina Gane era a que você encontrou quando apareceu lá com os Frenche alguns dias depois?

— Exatamente uma semana depois — disse Grint. — Quarta-feira, 7 de julho.

— Eu deveria ter sabido no instante em que vi aquela maldita foto de passaporte — disse Jackie, lábios apertados. — Selina Gane é loura e bonita. A outra mulher era morena e... meio que com uma aparência severa, mas você não pensa isso, não é? Alguém lhe mostra uma foto de passaporte e diz: "Eu costumava pintar o cabelo de louro", e você acredita nela, não é? Você não pensa: "Imagino se ela não está fingindo ser outra pessoa." Eu não tinha motivo para desconfiar dela. Ela tinha uma chave da casa, por Deus; ela estava *dentro* da casa quando fui lá encontrá-la. Claro que supus que fosse

o passaporte dela e a casa dela; quem não iria supor? Quem coloca à venda a casa de outra pessoa? Quero dizer, por que alguém faria isso?

Por que alguém colocaria uma fotografia de uma vítima de assassinato em um site imobiliário?

— Por que você viu o passaporte? — perguntou Sam, preferindo uma pergunta mais fácil.

— Temos de ver uma identificação de qualquer um cuja casa estivermos vendendo. Para sabermos que é quem diz ser.

Se Jackie estava consciente da ironia, escondia bem.

— Você diz que ela era morena, a mulher que não era Selina Gane. Como era a forma do corpo: baixa, alta, gorda, magra?

— Baixa e magra. *Petite*.

Sam sentiu algo se encaixar no lugar em sua cabeça antes de se dar conta do motivo. Depois descobriu: *petite*. Connie Bowskill usara a mesma palavra. Uma mulher *petite* de cabelos escuros...

Alguma maldita mulher tinha aparecido e colocado sua casa à venda sem contar a ela.

Alguma maldita mulher...

— Jackie, a mulher que você viu no passeio virtual, caída de barriga para baixo; poderia ser a mulher que a recebeu em Bentley Grove, 11 e fingiu ser Selina Gane?

Jackie franziu o cenho.

— Não. Acho que não. No caso da mulher morta, você podia ver a parte de trás das pernas. Tinha pele mais escura. A mulher que encontrei era pálida. E tinha uma aliança, mas muito fina; não mais grossa que o anel de abertura de uma lata. A mulher morta usava uma aliança grossa.

— Tem certeza? — Sam perguntou.

Jackie bateu o dedo em um dos brincos — o mesmo que usara para limpar as unhas.

— Eu sempre noto joias — disse, orgulhosa.

Mesmo quando há uma mulher chacinada na mesma fotografia disputando atenção?

Sam notou que a própria Jackie não usava aliança, e sentiu pena do homem infeliz que pudesse um dia colocar uma naquele dedo.

— A verdadeira Selina Gane não usa aliança — acrescentou Jackie.
— Ela não é casada. Acho que ela pode ser do outro lado; foi só uma sensação que tive.

Pele pálida. Aliança fina. Sam se virou para olhar Grint, viu que ele estava curvado e franzindo o cenho. Connie Bowskill era *petite*, com pele pálida e uma aliança muito fina. Sam estremeceu involuntariamente. Por que Connie Bowskill fingiria ser Selina Gane e colocaria Bentley Grove, 11 à venda? Por achar que Selina morava lá com Kit? Sam não gostava dessa explicação — a lógica era nebulosa demais. Dificilmente era a primeira coisa que você pensaria em fazer em tal situação. Se Connie era a mulher morena que Jackie encontrou em Bentley Grove, 11, como conseguiu uma chave?

Grint tinha se levantado e cruzava a sala, mancando.

— Pé dormente — disse. — Jackie, acha que reconheceria o rosto dela se a visse novamente, a mulher que se fez passar por Selina Gane?

— Decididamente. Sou boa com rostos.

Sam achou isso questionável, considerando que ela caíra no golpe da foto do passaporte. Quando ergueu os olhos a encontrou o encarando, o rosto congelado em uma expressão de desgosto. Isso o chocou; o que ele tinha feito de errado?

— Você acha que eu deveria ter sabido que não era ela, pelo passaporte. Não é? Como eu devo ser idiota para não me tocar que era uma foto de outra pessoa? Ela tinha pensado nisso: “Eu costumava pintar o cabelo de louro”, disse. “E combinava comigo. Eu admito, pareço melhor aí do que na vida real. As fotos de passaporte da maioria das pessoas fazem com que pareçam assassinos em série; a minha me faz parecer uma estrela de cinema. Infelizmente a realidade é bem diferente.”

— Foi o que ela disse?

— Não exatamente isso — disse Jackie. — Não me lembro das palavras exatas. Foi há mais de um mês. Mas ela me deu indiretas sobre não se parecer com a foto. Ela decididamente disse a coisa sobre assassino em série e estrela do cinema. Ah, ela era inteligente. Sabia que só precisava falar sobre as pessoas não se parecerem com elas mesmas nos passaportes. Caso me fizesse pensar em todas as

outras pessoas, não precisaria me convencer; eu mesma faria esse trabalho. É uma das coisas que todos dizem, não? “Ele não parece nada com a foto do passaporte, fico surpreso que o tenham deixado voltar ao país.”

Sam teve de admitir que fazia sentido.

— E se eu a apresentasse, aqui, agora, à mulher que se fez passar por Selina Gane? — Grint perguntou a Jackie.

— Eu perguntaria a ela que porra estava fazendo.

Grint anuiu.

— Eu perguntaria a mesma coisa. Aqui entre nós, poderemos conseguir uma explicação dela.

Sam não gostou do que estava ouvindo. Jackie ainda não tinha identificado Connie como a mulher que encontrara; por que Grint agia como se tivesse, dando apoio a ela? Era uma tática? Se ele planejava seriamente colocar Jackie e Connie juntas na mesma sala, Sam não queria estar ali também. Além disso, tinha mais uma coisa o incomodando, algo que não era nada das coisas que ele sabia que o incomodavam. De repente teve consciência de uma forte ansiedade sob a superfície de seus pensamentos. O que era? Não estava ali um momento antes.

— Eu gostaria de ouvir o final da história de Jackie — ele disse. — Lá estava você em Bentley Grove, 11, com os Frenche e uma dra. Gane assustada e confusa; o que aconteceu?

— Os Frenche saíram da casa correndo para ligar para meu chefe e reclamar — disse Jackie, revirando os olhos. — Desgraçados ingratos; nada de dar ao outro o benefício da dúvida, não é? Eles supuseram que eu tinha feito besteira. Não falei com eles desde então. Não falarei.

Então nada de garagem melhor nem jardins mais ensolarados para os Frenche, pensou Sam, não se dependesse de Jackie. Ela não se descrevera como leal no começo da entrevista? Na experiência de Sam, pessoas que exaltavam a própria lealdade com frequência buscavam impor reciprocidade, se necessário pela coerção. Quase sempre havia uma ameaça não explicitada: *mas se você me trair ou desapontar...*

— Eu fui deixada de pé ali como uma peça sobressalente, com Selina Gane ameaçando chamar a polícia. Eu consegui acalmá-la, pelo menos o suficiente para explicar o que havia acontecido. Ela ficou chocada; quem não ficaria? Eu também estava, para ser honesta. Quero dizer, não que tivesse acontecido algo ruim a mim, mas deixa você meio perturbada pensar em que foi enganada por uma pessoa esquisita e não saber sequer por quê. O que não entendo é qual o sentido de tudo isso, do ponto de vista da mulher de cabelos escuros? Ela deveria saber o que iria acontecer: eu apareceria para mostrar a casa a pessoas e encontraria a verdadeira dra. Gane. No final isso acabaria acontecendo, não é?

Sam ficou pensando se o objetivo não seria deixar Selina Gane morrendo de medo. Fazê-la pensar: “Se a mulher do meu amante é capaz disso, do que mais seria capaz?”

— Imagino que Selina Gane não tenha dito nada sobre quem poderia ser a mulher morena.

— Ela não estava encontrando muito sentido. De início, quando lhe perguntei quem faria uma coisa dessas, ela respondeu: “Eu sei quem fez.” Esperei que dissesse mais, mas ela começou a tagarelar sobre trocar as fechaduras. Apanhou as *Páginas Amarelas* e começou a procurar chaveiros, depois jogou o catálogo no chão, caiu em lágrimas e perguntou como poderia permanecer na casa depois daquilo. “Se ela foi capaz de conseguir uma cópia da chave da minha porta da frente uma vez, pode fazer isso novamente”, disse. Eu falei que deveria procurar a polícia.

— Ela seguiu o conselho — disse Grint, depois dirigindo o comentário seguinte a Sam. — Ela deu uma declaração na quinta-feira, 8 de julho. Nela, disse que sabia que uma mulher de cabelos escuros a tinha seguido; não tinha ideia de quem era, mas essa mulher aparecera, se comportando de modo estranho. Pela declaração, não havia como descobrirmos quem seria essa pessoa, mas então... — disse Grint, se virando para Jackie. — Houve novidades recentemente.

Grint não poderia saber dessa declaração na manhã anterior, pensou Sam, ou teria parecido muito mais interessado do que na

primeira vez em que Sam falara a ele sobre Bentley Grove, 11 e a mulher morta desaparecida de Connie Bowskill.

— Eu tive de perguntar — disse Jackie. — Queria saber quem ela achava que tinha feito. Ela falou: “Não sei quem é.” Mas alguns minutos antes tinha dito que *sabia* quem era. Não devia estar querendo falar sobre isso.

Grint e Sam trocaram um olhar. Grint falou:

— Acho que ela quis dizer que desconfiava que a mulher que a estava seguindo era responsável; sabia que alguém a espreitava, mas não conhecia a sua identidade.

— Certo — disse Jackie. — É, imagino que sim. Eu não pensei nisso.

— Então você jogou os folhetos no lixo, tirou Bentley Grove, 11 do site... — retomou Sam.

— Deletei as fotos que tinha tirado e expliquei ao meu chefe o que tinha acontecido — contou Jackie, soando amarga. — Tomei uma bronca por não verificar o passaporte devidamente — falou e lançou a Sam um olhar que dizia *Eu sei do lado de quem você está* —, e então, pouco depois de ir para a Nova Zelândia, recebi um telefonema da dra. Gane; a verdadeira dra. Gane. Eu conferi.

Sam ficou pensando em quão rigoroso teria sido o processo de verificação pelo telefone. *Dessa vez é realmente Selina Gane? Sim. Ah, certo, ótimo.*

— Eu reconheci a voz dela — Jackie mandou para Sam.

— Bastante justo — Sam disse, sereno.

— Ela me ligou dizendo que eu havia sido gentil e compreensiva naquele dia com os Frenche — Jackie disse, e havia um inconfundível “*aí está*” no rosto dela, como se Sam tivesse questionado sua bondade essencial. — Ela queria vender a casa, queria que eu cuidasse disso. Disse que a casa não parecia mais dela. Eu podia entender o que ela estava dizendo; sentiria a mesma coisa estando no seu lugar, para ser honesta. Falou: “Se aquela mulher entrou uma vez, pode ter entrado cem vezes. Não posso viver aqui sabendo que ela violou o meu espaço. Pode ter dormido na minha cama, passado noites aqui enquanto eu estava fora.” Conte que não poderia cuidar daquilo, estava saindo de férias e que

pediria a Lorraine para ligar. Ela disse que tudo bem; contou que conhecia Lorraine de quando comprara a casa, fora Lorraine quem a vendera. Lorraine foi lá, tirou novas fotos...

— Espere — interrompeu Sam. — Quando falamos com Lorraine Turner ela não disse nada sobre alguém se fazendo passar por Selina Gane e colocando a casa à venda sem seu conhecimento.

— Eu não contei — disse Jackie. — A dra. Gane pediu que não o fizesse.

— Ela não queria que alguém soubesse o que havia acontecido não sendo necessário — disse Grint a Sam. — Achou perturbador e constrangedor, e não queria as pessoas perguntando sobre isso.

Sam continuava a pensar em Lorraine Turner, cuja relação com Bentley Grove, 11 remontava a antes de Selina, trabalhando para o sr. e sra. Beater. Ela também vendera a casa *para* os Beater quando foi construída, ou os próprios construtores fizeram isso?

— Disse a Lorraine que teria de encontrar a dra. Gane em Addenbrooke ou em seu hotel para pegar a chave — continuou Jackie. — Eu estava pensando: “Nem tente lhe pedir para encontrá-la em Bentley Grove; ela não vai chegar perto do lugar.” Ela tinha me dito que nunca mais voltaria àquela casa.

Grint estava indo na direção da porta da sala de entrevistas.

— Vamos encontrar a perseguidora de Selina Gane? — sugeriu.

Jackie se levantou. Uma pessoa mais sensível poderia ter ficado nervosa, Sam pensou; ele certamente estava. Tentou imaginar Connie Bowskill admitindo, e não conseguiu. Também não conseguiu imaginá-la negando — como poderia se Jackie apontasse o dedo peremptoriamente? Como a própria Connie tinha dito, era difícil manter um estado de negação quando o que você tentava negar estava exposto à sua frente e era forçado a encarar.

Se fosse negação. Ocorreu a Sam que Connie poderia ser mais ardilosa do que parecia. Quão boa atriz ela era? Seu ataque ao marido fora doloroso de ver e inconsistente, se arrastando de uma acusação a outra; na hora Sam atribuíra isso a pânico e confusão, mas no momento não estava tão certo. Inicialmente Connie parecera convencida de que Kit achava que era uma assassina, e aterrorizada de que pudesse estar certo. Quisera que Grint lhe dissesse que era

impossível para ela ter matado uma mulher e depois reprimido a lembrança — virtualmente colocara as palavras em sua boca. Depois mudara de posição: na verdade Kit não achava que tivesse matado ninguém, mas queria que achasse que era no que ele acreditava — queria plantar em sua mente o medo de que pudesse ter cometido um assassinato do qual não tinha lembrança.

Escutando, Sam ficara pensando em como poderia sustentar essas duas suspeitas simultaneamente. Concluía que tinha medo de não estar no controle do seu comportamento; preferia pensar que o marido era um monstro.

Depois de falar com Jackie Napier, Sam tinha uma diferente teoria. Não havia sido por acaso que ele fora deixado refletindo sobre qual das duas seria: Kit o mentiroso, Kit o assassino, bagunçando a cabeça da esposa na esperança de poder fazer com que aceitasse ser incriminada por um crime que não havia cometido — ou Connie a infeliz vítima de um colapso mental cuja desintegração psicológica era tão severa que não podia ser considerada responsável por seus atos. Não por acaso a escolha fora apresentada entre essas duas possibilidades e nenhuma outra. A atenção de Sam, e a de Grint, tinha sido habilidosamente desviada de uma terceira possibilidade: a de que Connie consciente e deliberadamente matara uma mulher. Que a persona angustiada limítrofe que ela apresentava ao mundo era uma mentira cuidadosamente construída.

Sam estava dividido. Parte dele teria querido chamar Grint de lado e perguntar o que estava acontecendo na frente forense, o que Selina Gane dissera quando Grint a entrevistara, como Sam supunha que devia ter feito. Teria gostado de saber se os antigos donos da casa, o sr. e a sra. Beater, tinham identificado a mancha no carpete como sendo a mesma feita por sua árvore de Natal, ou se Grint se contentara em aceitar a palavra de Lorraine Turner quanto a isso. Sam não teria ficado satisfeito; ele duas vezes abrira a boca para dizer isso a Grint, depois mudara de ideia. Não era sua jurisdição, não era seu problema.

Era hora de se livrar e retornar à sua própria carga de trabalho bem mais tediosa. Quanto mais discutia com Grint a mulher morta desaparecida de Bentley Grove, 11, mais fundo ele era arrastado.

Entrevistar Jackie Napier havia sido um passo além; ele deveria ter se recusado. *Então por que não fez isso?*, diria sua esposa Kate; a pergunta mais sem sentido já formulada, e uma que Kate fazia regularmente.

Não fiz porque não fiz.

Enquanto seguia Grint e Jackie subindo por um lance estreito de escada cinza, Sam admitiu para si mesmo que não tinha escolha a não ser colocar Grint em contato com Simon, que, no mínimo, seria capaz de confirmar que Connie dissera a verdade sobre as conversas que tivera com ele. Simon teria formado uma impressão de seu caráter, positiva ou negativa. Não sentiria medo de assumir uma posição, ou várias: confiável ou desonesta, maluca ou sã, vítima ou criadora de vítima. *Bem ou mal*. Simon lidava com conceitos mais amplos do que aqueles com os quais Sam se sentia à vontade, e confiava em seu próprio julgamento; ele era a ajuda de que Grint precisava. *Alguém que não se equivocasse constantemente*. Com frequência parecia a Sam que, enquanto a mente da maioria das pessoas era como manifestos, apresentando suas crenças e seus compromissos, a sua era mais como uma caixa de sugestões, com todos os lados de todas as discussões enfiados nela, todos clamando por atenção, cada um exigindo igual consideração; o único papel de Sam era escolher entre as alegações divergentes da forma mais imparcial possível. Talvez por isso ele se sentisse cansado o tempo todo.

Ele tinha de entrar em contato com Simon na Espanha e alertá-lo de que Grint o procuraria; era justo. *Grande*. De improviso, Sam não conseguia pensar em nada que quisesse menos fazer do que interromper uma lua de mel, especialmente não uma de Charlie Zailer. Charlie não era conhecida por ser capaz de perdoar.

Sam teve um choque quando Grint abriu a porta da sala de entrevista e ele viu os Bowskill. Ambos pareciam sem fôlego. Connie dava a impressão de ter chorado sem parar todo o tempo que passara sozinha com o marido. Havia em sua calça manchas cinza que não estavam lá antes. Que porra acontecera? Um desagradável cheiro azedo pairava no ar, um que Sam não conseguia descrever a si mesmo e não correspondia a nada que tivesse cheirado antes.

— Sam? — disse Connie, a voz densa. Seus olhos estavam em Jackie Napier, mas não havia nada sugerindo que a reconhecesse. — O que está acontecendo? É essa a mulher que viu o que eu vi?

Se ela está mentindo, Sam pensou, então a mentira agora é tão necessária à sua sobrevivência quanto seu coração e seus pulmões; ela irá se aferrar a ela independente de qualquer coisa, pois não consegue imaginar uma vida sem isso. A maioria dos mentirosos com quem o trabalho de Sam o colocava em contato preferia o tipo descartável — montavam uma história e a exibiam na esperança de que pudesse garantir a eles uma sentença mais leve, mas eles sabiam que estavam contando besteiras; era como definiam para si mesmos. Não eram emocionalmente ligados às suas tramas inventadas; quando você mostrava que podia provar que não estavam onde diziam que estavam em determinado momento, eles normalmente davam de ombros e falavam: “Não custava tentar, não é?”

Sam se preparou para o confronto. Sentira uma poderosa agressividade latente em Jackie Napier, sempre à procura de um alvo legítimo. Que ela iria se lançar sobre Connie Bowskill, verbalmente, se não fisicamente, parecia indubitável. Então por que a demora? Por que olhava para os Bowskill sem dizer nada?

Jackie se virou para Grint, a boca retorcida de impaciência.

— Quem é *essa*? — perguntou, apontando para Connie.

Grint levou um segundo ou dois para responder.

— Esta não é a mulher que lhe mostrou o passaporte de Selina Gane?

— Eu fiz o *quê*? — reagiu Connie.

— De que porra vocês estão falando? — perguntou Kit, se virando depois para Sam. — O que ele quer dizer?

— Não — disse Jackie Napier, irritada. — Não sei de onde você a tirou, mas pode devolver. Eu nunca a vi antes em minha vida.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/24IG

ESCOLA PRIMÁRIA CAVENDISH LODGE

Data: 13.07.06

Nome: Riordan Gilpatrick

Média de idade: 3 anos e 4 meses

Idade: 3 anos e 8 meses

COMUNICAÇÕES, LINGUAGEM, ALFABETIZAÇÃO

Riordan teve um grande progresso em linguagem este ano. Sempre claro e fluente em seu discurso, ele tem boa memória e gosta da hora das histórias. Reconhece todos os personagens da Terra das Letras e seus sons, e agora está criando palavras a partir dos sons individuais.

DESENVOLVIMENTO MATEMÁTICO

Riordan reconhece números até 9 e conta até 18. Consegue completar um quebra-cabeça de 6 peças, reconhece cores e formas geométricas, e faz seleção por cor e tamanho. Riordan gosta de jogos de números e de participar do canto.

CONHECIMENTO E COMPREENSÃO DO MUNDO

Riordan demonstra interesse pelo mundo que o cerca e gosta de participar das nossas discussões. Gosta de plantar sementes e bulbos, fazer assados, conferir o clima do dia em nosso mapa do tempo e aprender sobre temas como Fazendas, Ciclos da Vida e "Pessoas que nos ajudam".

DESENVOLVIMENTO FÍSICO

O controle motor fino de Riordan é excelente. Ele faz desenhos adoráveis e segura lápis e pincel com habilidade. Consegue fazer colares de contas e usar tesouras, e traça suas letras com cuidado. O controle motor grosso também é muito bom: ele corre e pula, gosta de empurrar os carrinhos e de participar de brincadeiras no playground.

DESENVOLVIMENTO CRIATIVO

Riordan adora se vestir e interpretar papéis no cantinho da casa com os amigos! Também gosta de usar a imaginação com os brinquedos do mundo pequenino. Está sempre ansioso para se sentar à mesa criativa e pintar, fazer adoráveis desenhos detalhados ou colagens.

DESENVOLVIMENTO PESSOAL, SOCIAL E EMOCIONAL

Riordan se adaptou bem em seu primeiro ano na escola e fez muitos amigos. Ele socializa bem e é carinhoso com os amigos. É um prazer tê-lo na turma: vamos sentir sua falta quando for para o jardim de infância ano que vem! Tenho certeza de que ele irá gostar do jardim. Parabéns, Riordan!

Professora da turma: Teresa Allsopp

15

Sexta-feira, 23 de julho de 2010

— Nada? — reage mamãe, olhando para papai com um apelo nos olhos, como se esperasse que ele entrasse em ação para corrigir a injustiça. — O que quer dizer com eles não vão fazer nada?

Kit e eu estamos preparados. Sabíamos a reação que receberíamos, antecipamos o engasgo horrorizado, o tremor de ultraje na voz. Também previmos a reação de papai, que ainda não tivemos, mas estamos totalmente cobertos nesse lado, pois profetizamos a demora. Mamãe é a reação instantânea dos dois, lançando seu pânico em rajadas de acusações ultrajadas. Irá demorar dez minutos — quinze, no máximo — antes que papai contribua com algo para a discussão. Até então ele ficará sentado com a cabeça curvada para frente e as mãos entrelaçadas, tentando aceitar mais uma indesejada evidência de que a vida nem sempre funciona do modo como Val e Geoff Monk acreditam que deveria.

Anton continuará deitado sobre meu tapete da sala de estar, apoiado sobre um braço, conversando principalmente com Benji sobre seu novo assunto predileto: uma coleção de alienígenas ficcionais com nomes como Enormossauro e Eco-Eco. Fran é multitarefas; enquanto garantia que Benji não demolisse Melrose Cottage, ela dirigia críticas meio ranzinzas, meio brincalhonas a papai e mamãe como forma de protegê-los das críticas mais devastadoras que merecem.

Na companhia de minha família, Kit e eu somos paranormais que nunca erramos. A previsibilidade dos Monk deveria ser um alívio bem-vindo depois de tudo pelo que temos passado. Previsivelmente, não é.

— Pelo que entendemos, há uma divergência interna — Kit diz a mamãe. Escutando, ninguém adivinharia como ele se sente infeliz e perdido. Sempre que meus pais estão por perto, ele desempenha o papel do genro brilhante, forte e capaz; uma vez me disse que gostava disso; é a pessoa que ele gostaria de ser. — Ian Grint não quer desistir, mas está sendo pressionado. Muito, ou pelo menos é a impressão que recebemos de Sam Kombothekra.

— Mas Connie viu aquela... aquela coisa terrível! Outra mulher também viu. Como a polícia pode seguir em frente como se nada tivesse acontecido? Tem de haver algo que eles possam fazer.

Qualquer um que escutasse e não fosse um especialista no modo como a mente de mamãe funciona poderia pensar que ela se esquecera de que inicialmente não acreditara em mim. É o que a maioria das pessoas faria: dizer uma coisa, depois, quando provado que estava errada, dizer outra e escolher esquecer que em certo momento estivera no lado errado. Não Val Monk. Nada de autoengano comum para preservar o ego. Ela explicou a mim e Kit na noite de terça, quando estávamos exaustos demais de nosso dia com Grint para brigar, que ela não tinha nada pelo que se censurar: estava certa de não acreditar em mim inicialmente porque ninguém sabia sobre Jackie Napier àquela altura, e sem sua corroboração o que eu dizia não podia ser verdade. Depois, quando estávamos sozinhos, Kit me disse: “Então, resumindo a posição de sua mãe: ela estava tão certa de não acreditar em você então quanto está certa de acreditar em você agora. Embora seja verdade agora, também tinha de ser verdade antes.” Rimos daquilo — realmente rimos —, e eu pensei em como era estranho que no meio de toda a infelicidade, a incerteza e o medo, depois de um dia sendo interrogados por detetives que não gostavam nem confiavam em nós, Kit e eu ainda pudéssemos extrair algum consolo de nosso velho passatempo preferido de fazer minha mãe em pedaços.

— A falta de evidências legais é o problema — Kit explicou a ela. — Eles reviraram cada centímetro de Bentley Grove, 11, tiraram os carpetes, as tábuas corridas; basicamente desmontaram a casa e enviaram as várias partes para análise, e não encontraram nada.

Bem, não, eles encontraram mais que nada — se corrige Kit. — Encontraram nada de um modo que significa algo.

— Vinte bilhões mais que nada, não é, papai? — Benji pergunta a Anton, batendo na perna dele com um alienígena cinza de brinquedo.

— Qualquer coisa mais que nada, parceiro.

Se as coisas estivessem normais entre Kit e eu, poderia olhar para ele agora e enviar uma mensagem silenciosa: *Será que essa é a coisa mais profunda que Anton já disse?*

— Sam nos disse que há dois tipos diferentes de não resultado, em termos legais — continua Kit. — O conclusivo e o inconclusivo.

Ainda conosco, Anton?

— O que isso significa? — pergunta mamãe, impaciente.

— Você pode não encontrar nada no local de um possível crime e ainda não saber se um crime foi cometido lá ou não. Ou, como neste caso, pode não encontrar evidências legais e dizer sem sombra de dúvida que um crime *não* foi cometido lá. Sam diz que não há como ter havido naquela casa o volume de sangue que Connie e Jackie Napier viram sem deixar para trás... resíduos para a perícia. Como não deixou... — diz Kit, dando de ombros. — A polícia não tem nada com que trabalhar. Do ponto de vista da perícia, eles têm de concluir que ninguém foi morto lá. Eles têm uma corretora de imóveis e dois antigos donos da casa jurando que o carpete que está agora na sala é o mesmo que está lá há anos, desde antes da atual dona ter se mudado. Eles conversaram com os vizinhos, que não lhes contaram muito, a não ser que Bentley Grove é uma adorável rua tranquila. Nenhuma pessoa desaparecida se encaixa na descrição que Connie e Jackie Napier deram, e não há corpo. O que eles podem fazer?

— Eles são a polícia — diz mamãe, de lábios apertados. — Deve haver algo; um ângulo no qual não pensaram, algo mais que possam investigar.

— Kit está tentando lhe explicar que não há — diz Fran a ela.

Fico pensando se a incomoda estar defendendo um homem que acredita ser um mentiroso com uma vida secreta. Ela não disse nada sobre a conversa que tivemos na segunda-feira — não a papai e mamãe, nem a Anton. Eles não sabem sobre o endereço no GPS de

Kit, nem o carro dele na visão da rua. Não pedi que não contasse a ninguém; é escolha dela que continuemos todos a brincar de Família Feliz. Ela está interpretando seu papel tão intencionalmente quanto Kit interpreta o dele.

E você, Connie? Por que não diz alguma coisa: por que não diz a todos que seu marido pode ser um assassino?

— Ian Grint não é idiota, Val — diz Kit, tentando aplacar mamãe. — Ele sabe que Connie e essa Jackie estão dizendo a verdade. Sam acha que os chefes dele também sabem, mas veja da perspectiva deles. Se um assassinato *foi* cometido, eles não têm corpo, não têm suspeitos, nenhuma evidência além das declarações de duas testemunhas, e nenhum modo de levar isso em frente. De mãos atadas, não é mesmo? Não é tão ruim para Grint, ele é só um detetive, a responsabilidade não fica com ele. É o superior dele que tem tudo a ganhar dizendo: “Isto não é um crime, pode ser apenas um trote; vamos pensar assim e esquecer de tudo.”

— *Um trote?* — reage mamãe, novamente apelando a papai. — Você ouviu isso, Geoff? Agora assassinar alguém é uma brincadeira, é isso? Deixar sangrando no carpete...

— Mamãe, por Deus — diz Fran, fazendo uma cara que sugere deficiência mental. — Kit está dizendo que a polícia acha que não *houve* assassinato; o trote seria alguém se deitar em um volume de tinta vermelha, ou ketchup...

— Eu sei a diferença entre sangue e tinta — digo.

— Que tipo de trote é esse? — cobra mamãe. — Não é muito engraçado, é? Qual mulher em seu estado normal arruinaria um vestido adorável se deitando na tinta?

— Sam e Grint acham a teoria do trote tão idiota quanto todos achamos — diz Kit. — Alguém mais alto na hierarquia policial de Cambridge sugeriu isso quando descobriram que quem invadiu o site da internet e mudou o passeio virtual desfez uma hora depois. Não entendo realmente por que isso é significativo, e não estou certo de que Sam e Grint entendam, mas não há muito que nenhum de nós possa fazer. A decisão foi tomada.

— E vocês vão simplesmente se sentar e não fazer nada? — pergunta mamãe, me olhando horrorizada. — Fingir que nunca

aconteceu? E sua responsabilidade para com aquela pobre mulher, seja lá quem for?

— O que Connie pode fazer? — pergunta Kit.

— Eu poderia me candidatar ao cargo de chefe de polícia de Cambridgeshire — sugiro.

— Onde está o bolo, papai? — Benji pergunta a Anton. — Quando vamos dar a Connie os presentes?

Não tenho ideia do que ele está falando. E então me lembro de que esta deveria ser minha festa de aniversário. Hoje é meu aniversário. Como todas as celebrações da família Monk, ela começa às 17:45, e termina às 19:15 para que Benji possa estar na cama às 20 horas.

— Amanhã bem cedo você liga para a polícia, Kit — diz papai. *Bem-vindo à conversa.* — Diz a eles que acha isto uma desgraça, que quer respostas, e quer agora. Você quer saber o que eles planejam fazer, e que é melhor estarem planejando algo.

— Isso mesmo — diz mamãe, apresentando seu apoio.

— Se eles o embromarem, você ameaça procurar a imprensa. Se ainda assim eles não fizerem nada, você faz o que ameaçou. No instante em que chegar aos jornais, no instante em que os residentes de Cambridge souberem disto e começarem a entrar em pânico, o ID Ian Grint e seus amiguinhos não terão onde se esconder.

— Papai, do *que* você está falando? — reage Fran, rindo. — Os residentes locais não irão começar a entrar em pânico. Você faz soar como se houvesse um maníaco em um surto assassino, percorrendo as ruas de Cambridge. Você entraria em pânico se ouvisse que alguém fora morto em Little Holling não tendo motivo para achar que *você* corria riscos?

— Isso nunca aconteceria — diz mamãe. — Por isso moramos em Little Holling, porque é seguro e ninguém provavelmente irá nos assassinar em casa.

— Cambridge não é exatamente Ruanda, e alguém parece ter sido assassinado lá — retruca Fran.

— Cambridge é uma cidade, com... pessoas de todos os lugares morando nela. Ninguém conhece ninguém em uma cidade, não há

noção de comunidade. Nada como o que Connie viu aconteceria aqui, e caso acontecesse, a polícia investigaria devidamente.

— Defina “aqui” — reage Fran, olhando para mim em busca de apoio. Eu desvio os olhos. Não posso me arriscar a entrar em uma discussão com mamãe, pelo risco de eu me empolgar e acidentalmente mencionar que se um dia um assassinato fosse cometido em Little Holling, muito provavelmente seria o dela, por mim. — Cambridge não é tão longe. Estou certa de que tem um índice de assassinatos bem baixo, porque as pessoas que moram lá em geral são bastante inteligentes e têm melhores coisas a fazer que matar umas às outras. Ao passo em que em Culver Valley...

— Culver Valley é um dos lugares mais seguros da Inglaterra — diz papai.

— Estão brincando? Anton, diga a eles! Vocês dois *leem* os jornais locais? Nos últimos anos em Spilling e Silsford houve... — diz Fran antes de se interromper. Benji está puxando o braço dela. — Sim, querido. O que é?

— O que é um assassinato? É quando alguém morre, quando tem cem?

— Veja o que você fez — protesta mamãe com Fran. — Pobrezinho do Benji. Não é nada com que você precise se preocupar, meu anjo. Todos vamos para o céu quando morremos, e é adorável no céu; não é vovô?

— *Meu anjo?* — reage Fran, parecendo prestes a atacar. Acho que nunca a vi com tanta raiva. — Estamos na terra no momento, mãe, não no céu, e o nome dele é Benji.

— Primeira coisa na manhã de segunda, Kit — diz papai, balançando o dedo. — Mande bem na testa desse ID Ian Grint.

Eu tenho de me afastar de todos eles. Murmuro algo sobre chá e bolo e me obrigo a sair da sala em um ritmo normal, em vez de correr, que é o que desejo fazer. Na cozinha, eu fecho a porta e me apoio nela. Por quanto tempo vou conseguir ficar ali? Para sempre?

O som de batidas interrompe minha fantasia. *Kit*. Deve ser — ainda posso ouvir mamãe, papai e Fran discutindo na sala de estar. Não quero deixá-lo entrar, mas, como sua cúmplice, não tenho escolha. Ele pode ter algo importante a dizer sobre a manutenção da

mentira que estamos apresentando à minha família esta tarde: nosso falso casamento feliz.

— Você está bem? — ele me pergunta.

— Não. Você?

— Apenas me sentindo sem rumo. Vamos lá com o chá e o bolo, e depois quem sabe conseguimos nos livrar deles mais cedo.

— Eles sairão precisamente às 19:15, façamos algo ou não — digo. Kit deveria saber que não se pode esperar que algo diferente aconteça. — Papai e Anton irão diretamente ao pub para sua cerveja de sexta à noite, e mamãe passará pelo menos meia hora ocupada ajudando Fran a colocar Benji para dormir. Eu o levarei de carro à estação às 19:25, de modo que possa estar de volta quando todos reaparecerem. Se algum deles se der ao trabalho de olhar, verá nossos carros e suporá que estamos ambos aqui.

Kit anui.

Encho a chaleira e ligo o fogo, pego o bolo de aniversário comprado na caixa de pão. Escolhi o mais caro do supermercado, como se isso pudesse compensar algo. Coloco xícaras, pires e colheres de chá em uma bandeja, encho a jarra de leite, raspo os grânulos descoloridos da superfície do açúcar para que mamãe não tenha um esgar quando olhar dentro do açucareiro. Finalmente, um copo com tampa cheio de suco de maçã para Benji, o único menino de cinco anos de idade no mundo que ainda bebe em um copo de bebê.

Kit está tirando da lava-louça pratos de sobremesa limpos.

— Passarei o dia de amanhã na casa de mamãe e papai — digo a ele, que me estende uma grande faca serrilhada. — Se estiver lá, nenhum deles virá aqui. Direi que você está trabalhando em casa.

— Isto é insano, Con. Por que não podemos contar a verdade a eles? Nosso atual projeto está chegando ao fim em Londres, sou necessário lá em tempo integral, então decidi ficar no apartamento pelo futuro próximo.

Tiro a faca dele.

— Essa não é a verdade, Kit.

— Você sabe o que quero dizer — ele reage, impaciente, como se eu estivesse sendo preciosista. — Não a *verdade* verdade, mas...

não podemos contar a eles algo mais perto dela, para não termos de fingir que estou morando aqui quando não estou?

Eu o vejo se preparando para dizer mais, e sei o que virá.

— Ou poderíamos tornar verdade nossa mentira: você poderia me deixar voltar.

— Não.

Digo, empurrando-o para longe, não ousando olhar nos olhos dele para o caso de ser evidente pelos meus como sinto sua falta. Ele se mudou na quarta-feira. Eu passei as duas últimas noites acordada chorando, incapaz de dormir, usando toda minha força de vontade para me impedir de ligar para ele e suplicar que voltasse. Eu me via como uma pessoa boa até tudo isto acontecer, mas agora entendo que não sou. Poderia facilmente perder a noção do que é certo, me virar para Kit e dizer: “Quer saber? Não ligo que você estava se encontrando com alguém pelas minhas costas. Não ligo se você é um mentiroso ou mesmo um assassino; vou amar você e ficar com você de qualquer modo, porque a alternativa é destrutiva e trabalhosa demais.”

— Vamos ter de fazer isso, não é? — pergunta Kit, fechando os olhos. — O espetáculo todo: cantar parabéns, abrir presentes, soprar velas. “Ela é uma boa camarada”, abraços e beijos generalizados...

Eu o vejo estremecer.

— Claro que vamos. Não é o que acontece todos os anos desde que você me conhece? Minha família não sabe que este ano é diferente.

— Connie, nós temos escolha — ele diz, indo na minha direção. Eu tenho de impedi-lo. — Podemos deixar tudo isso para trás, voltar ao que éramos. Imaginar que nenhum de nós teve um passado, imaginar que este é o primeiro dia de nossas vidas.

— Não estaríamos casados. Seríamos estranhos — digo. Se não me virar contra ele logo, poderei nunca ser capaz. — Eu concordo, isso seria preferível. No momento somos estranhos que *estão* casados.

— O que estão fazendo? — pergunta minha mãe, abrindo a porta da cozinha sem se preocupar em bater. — Sobre o que estão

conversando? Não ainda sobre a polícia, espero. Isto deveria ser uma celebração. Geoff está certo, Kit; você liga para esse tal Ian Grint na segunda-feira, e tudo será revolvido de um modo ou de outro.

— Tenho certeza de que sim — diz Kit, inexpressivo.

De um modo ou de outro. Fico pensando em quais dois modos ela tem em mente. Cientistas poderiam sequestrar minha mãe e substituí-la por um robô que se parecesse exatamente com ela, e ninguém notaria desde que eles se preocupassem em programar clichês suficientes no vocabulário da máquina: *de um modo ou de outro, veja o que você fez, o que isso deveria significar?*

Eu faço a única coisa que pode tornar o resto desta dita festa suportável: retorno à sala de estar e começo a conversar com Anton sobre forma física. Digo a ele que estou farta de ser magricela, pergunto o que poderia fazer para ganhar tônus muscular sem terminar parecendo uma boneca com braços inchados e duros. Não escuto a resposta, mas felizmente é longa e detalhada, e me poupa de ter de conversar com mais alguém. Papai e Fran discutem do outro lado da sala sobre por que alguém que se muda para uma cidade está indicando sua disposição de ser violentamente agredida diariamente, e Benji lança alienígenas de plástico no ar, tentando atingir o teto e com frequência conseguindo.

Mamãe e Kit arrumam meus presentes em uma pilha no tapete — outro ritual da família Monk realizado em todas as situações com presentes. Todos têm sua vez de pegar um presente na pilha e dar ao presenteado. A coleta deve ser feita por ordem de idade: Benji, Fran, eu, Anton, Kit, mamãe, papai, depois Benji novamente, caso haja mais pacotes a ser distribuídos. O sistema tem suas falhas: quando é meu aniversário e minha vez de pegar, eu obviamente sei que acabarei dando o presente que escolhi para mim mesma. Durante anos papai tem feito campanha por uma mudança: se a ocasião for um aniversário, em vez de Natal, a pessoa que faz aniversário deveria ser excluída da coleta. Mamãe se opõe violentamente a tal reforma, e até então teve sucesso em impedi-la.

Toda a pantomima faz com que eu queira dar um tiro na minha própria cabeça.

Este ano Benji comprou para mim uma bolsa lavanda em forma de coração. Eu dou um abraço de agradecimento e ele tenta se soltar.

— Quando as pessoas morrem, quando elas têm cem, os corações delas deixam de bater — ele diz. — Não é, papai?

Mamãe e papai me dão o que sempre dão — e a Fran, Kit, Anton — e fazem isso desde que temos nossas próprias casas, em aniversário, Natal e Páscoa: um voucher de 100 libras da Monk & Sons. Eu grudo um sorriso no rosto, beijo os dois, finjo gratidão.

Os pais de Kit costumavam ser bons com presentes. Imagino que ainda sejam, mesmo que não mais os comprem para nós. Sempre adorei as coisas que eles me davam: *vouchers* de um dia no spa, ingressos para a ópera, filiação a clubes de vinho e chocolate. Kit nunca ficava impressionado. “Qualquer um pode comprar essas coisas. São presentes de clientes empresariais, de pessoas com muito dinheiro que não se importam.” Mesmo antes de romper com os pais, ele não parecia gostar muito deles. Eu não conseguia entender. “Daria qualquer coisa para ter pais que fossem pessoas normais, interessantes”, disse a ele, impressionada com o modo como Nigel e Barbara Bowskill, que moravam em Bracknell, com frequência iam de carro a Londres para um teatro ou exposição de arte.

Quando Simon Waterhouse me perguntou por que Kit rompera com mãe e pai, eu lhe contei o que Kit me dissera: que em 2003, quando eu estava tendo meu pequeno colapso nervoso com a perspectiva de deixar Little Holling, quando meus cabelos caíam, meu rosto estava paralisado e eu vomitava o tempo todo, os pais de Kit disseram que ele estava por sua conta com seus problemas e não podia esperar ajuda ou apoio deles — estavam ocupados demais abrindo sua nova empresa.

Eu não podia imaginar Nigel ou Barbara sendo tão negligentes, mas quando disse isso a Kit ele retrucou que eu não estivera lá, ele sim, e tinha de aceitar suas palavras: seus pais não davam a mínima para mim, ou para ele, então por que ter o trabalho de manter qualquer relação com eles?

Achei ter dado a Simon uma resposta à pergunta, mas ele pareceu insatisfeito. Perguntou se havia algo mais que pudesse lhe dizer,

qualquer coisa, sobre o tema de Kit e seus pais. Disse que não. Era verdade, estritamente falando. Qual o sentido de dizer que eu sempre imaginara se Kit havia deliberadamente interpretado mal ou exagerado algo mais inócuo que Nigel e Barbara pudessem ter dito, querendo uma desculpa para tirá-los de sua vida? Decidi que provavelmente era injusto de minha parte desconfiar que ele os incriminasse assim, então não falei nada a Simon.

— Vamos lá, Connie; todos estão esperando — diz minha mãe, sua voz me arrastando de volta para a festa da qual eu preferiria não tomar parte.

Há no meu colo um pacote embrulhado em um papel de “Feliz Aniversário”: o presente de Kit. Apenas ele, Fran e eu sabemos que o vi antes, que contém uma sacola de compras da Chongololo. Nós três estamos pensando sobre eu quase estragar a cuidadosa surpresa de aniversário de Kit; ou pelo menos eu estou. *Eu no umbral, Kit com as tesouras e o durex, tentando parecer não estar ferido por minha falta de confiança.* Vejo como um *still* de um filme que não significa nada para mim; não sinto remorso, nenhuma culpa. A culpa fica tediosa depois de um tempo; você acaba decidindo que devia ser culpa de outra pessoa, não sua.

Não quero esse presente, qualquer que seja, mas preciso fingir que sim. Mamãe junta as mãos e diz:

— Ah, mal posso esperar para ver! Kit tem tanto bom gosto!

Simulo ruídos de entusiasmo enquanto rasgo o papel, pensando que em algum momento terei de contar a papai e mamãe que Kit saiu de casa, que eu poderia me poupar semanas ou meses de mentiras contando a eles agora. Por que não faço isso? Sou ingênua o bastante para esperar, a despeito de tudo, que o problema entre nós desapareça?

Como Kit disse? *Poderíamos tornar verdade nossa mentira.*

Jogo o papel de presente no chão, abro a sacola da Chongololo e tiro um vestido azul.

— Erga — diz mamãe. — Todos queremos ver, não é, Geoff?

— Papai não diferenciaria um vestido Chongololo de um regador, mamãe — diz Fran.

E ele nunca responde quando você faz uma pergunta direta. Ainda não notou em todos os anos que passou casada com ele? Só fala com você quando lhe interessa, não em resposta a qualquer necessidade sua.

Eu me levanto, tiro o vestido para que mamãe possa ver. Não é apenas azul, também tem rosa. Uma estampa. Linhas onduladas.

Linhas onduladas, mangas curtas bufantes...

Não, não, não, não.

A escuridão avança desde o limite de minha visão para o centro.

— Você está bem, Con? — ouço Fran dizer.

— O que está errado? — diz mamãe, a voz distorcendo ao vir na minha direção. Quando chegam a mim as palavras estão esticadas e retorcendo, como as linhas no vestido.

Tenho de fazer algo para afastar a tontura. Até o momento não tive um ataque na frente de mamãe, e não posso permitir que isso aconteça agora. Em 2003, em um momento de fraqueza, confessei a ela minha perda de cabelos e os vômitos, a paralisia facial. Nunca contei a ninguém, nem mesmo a Kit, mas achei assustador o modo como ela se aferrou ao meu novo status de inválida. Isso lhe deu uma história para contar a si mesma, uma de que gostava: eu me adoeci fingindo querer me mudar para Cambridge, quando no fundo não queria — só estava dizendo isso para satisfazer Kit. Agora sofria por causa de minha estupidez, e ela iria me curar. Moral da história? Ninguém da família Monk deveria pensar em deixar Little Holling.

— Connie?

Através da névoa eu ouvi Kit dizer meu nome, mas não há ligação entre meu cérebro e minha voz, então não posso responder.

Não se entregue ao cinza. Continue pensando. Agarre um pensamento e concentre toda energia nele, antes que se dissolva e a deixe flutuando na escuridão. Você não contou a Kit por que não queria admitir para si mesma, não é? Uma coisa é você reclamar de sua mãe ser uma controladora paranoica, outra diferente é dizer... Vamos lá, diga. É a verdade, não é? Você sabe que sim. Ela ficou contente de você estar doente; ela achava que você merecia.

Ela preferia você doente a livre.

As nuvens em meu coração começam a clarear. Quando minha visão retorna ao normal, vejo que Fran e Kit estão prontos a saltar das cadeiras e me segurar, mas não precisam se preocupar. A tontura passou, e não voltará. Nem minhas mentiras, nenhuma delas — não as que conto a mim mesma, nem as que conto a outras pessoas. Estou farta de me envenenar com desonestidade.

Eu jogo o vestido em Kit.

— Este é o vestido que a mulher morta estava usando — digo.

Mamãe, papai e Fran começam todos a protestar em voz alta. Eu ouço “azul e rosa... ridículo... resultado de toda essa polícia... não pode ser...”

— É o vestido que ela estava usando — repito, mantendo os olhos em Kit. — Você sabe que é. Por isso o comprou para mim; parte de seu plano para me destruir — digo, e mamãe faz o tipo de ruído que um cavalo sendo atacado poderia fazer. Eu a ignoro. Cuspo as palavras em Kit. — Eu deveria estar louca a esta altura, não é? Em pedaços? Porque você não poderia ter me comprado de aniversário o mesmo vestido que uma mulher assassinada vestia em uma imagem que vi em Roundthehouses, portanto eu devo ser insana, devo estar surtando; é isto?

— Por que tia Connie está chateada, papai? — Benji pergunta.

— Connie, pense no que está dizendo — diz Kit, o rosto pálido. Ele faz um gesto com os olhos para mamãe, como se dizendo: *Realmente quer fazer isso na frente dela?*

Não poderia ligar menos. Vou dizer o que tiver a dizer, quem quer que esteja ouvindo, seja mamãe, papai, o papa ou a rainha da Inglaterra.

— Você disse que o vestido que viu era verde e malva — disse Kit, os olhos em mim, mas as palavras não são para mim; ele quer que nossa plateia ouça que ele tem provas de minha incoerência e, portanto, de minha loucura. — Este vestido é azul e rosa.

— Você *realmente* disse verde e lilás, Con — diz Fran, ficando do lado dele.

Eu pego minha bolsa. Enquanto saio da sala, minha mãe me chama:

— Não sei o que você acha que irá ganhar fugindo!

Eu já ganhei. Fui embora.

— A estampa era exatamente a mesma — digo a Alice. — Deve haver uma versão verde e lilás e uma azul e rosa.

É minha segunda consulta de emergência em menos de uma semana. Da última vez eu estava preocupada que ela se incomodasse por estar me impondo. Hoje, quando apareci no momento em que ela estava prestes a encerrar o dia, não pedi desculpas ou lhe dei escolha. Disse que ela teria de me atender.

— A mulher que foi morta em Bentley Grove, 11 usava um vestido de uma pequena boutique independente que faz todas as suas roupas e tem apenas uma loja, em Silsford.

Paro para permitir que o significado disso penetre em Alice.

— Vamos nos afastar um pouco — ela diz, fazendo uma forma de câmara com as mãos, aproximando-a do corpo. — Deixando o vestido de lado por um momento...

— Até mesmo Fran acredita em Kit, e ela o acha um mentiroso — mando. — Ela me disse outro dia que qualquer médico que dissesse que não havia nada de errado comigo não deveria estar olhando com atenção.

— Esqueça Fran — diz Alice. — Quero falar sobre você e Kit. Ninguém mais é importante. Você diz que Kit está tentando fazer com que você duvide de sua própria sanidade. Por que faria isso?

Eu abro a boca, então descubro que não tenho nada a dizer, nenhuma resposta. Repasso tudo de cabeça: descobrir o endereço no GPS, Kit negando ter conhecimento; o passeio virtual por Bentley Grove, 11, o corpo da mulher, a polícia, Jackie Napier também vendo o corpo; Fran estudando a vista da rua e notando o carro de Kit; eu desembrulhando o presente de aniversário de Kit e encontrando o vestido.

Reconheço quase todos os personagens da história: o reservado e inteligente Simon Waterhouse; o gentil e modesto Sam Kombothekra; a prática e insensível Fran; Selina Gane, raivosa e amedrontada. Posso até encontrar adjetivos para Jackie Napier, que

vi por apenas cinco minutos: hipócrita, superior, sem graça. E a mulher morta no carpete: ela estava morta, exangue, imóvel. Aquelas eram suas características definidoras. Só há uma pessoa que não consigo colocar em foco, por mais que tente.

— Connie? — diz Alice, me estimulando.

— Não tenho ideia de quem ou o que Kit é — digo finalmente. — É como se ele não fosse uma pessoa, apenas uma... imagem, ou um holograma. Uma coleção de comportamentos.

— Você quer dizer que não confia nele.

— Não.

É difícil descrever algo que está faltando. Uma ausência só tem uma forma clara quando um dia foi uma presença, quando você sabe o que sumiu.

— Eu não confio nele, mas não é isso que estou dizendo. Quando estou com ele não sinto uma... uma pessoa lá, sob a pele — digo, dando de ombros. — Não sei explicar melhor que isso, mas... não é uma novidade. Não começou quando encontrei Bentley Grove no GPS dele. Sei disso há anos, apenas não me permiti admitir.

Alice espera que diga mais.

— Quando Kit estudava em Cambridge, ele se apaixonou por alguém. Meio que deixou isso escapar, mas, quando perguntei, ele se fechou e negou. Ele sempre foi ressentido com os pais, mas nunca me diz por quê. Fingiu que não, mas eu podia ver que sim; ouvia em sua voz sempre que falava com eles. Depois rompeu totalmente, e estou bastante certa de que mentiu sobre a verdadeira razão.

— E então veio o GPS, o carro na visão da rua, o corpo da mulher, o vestido — diz Alice, virando a cadeira na direção da janela. — Connie, eu normalmente não diria algo assim a um paciente, mas vou lhe dizer: acho que está certa em não confiar em Kit. Não tenho ideia do que ele fez, mas acho que precisa ficar longe dele.

— Não posso. Selina Gane não fala comigo e a polícia diz que não vai levar isso à frente. A única forma de descobrir o que está acontecendo é convencendo Kit a me contar a verdade. O quê?

Seria pena nos olhos dela?

— Você não acha que irei um dia descobrir, acha? Você acha que deveria desistir.

— Sei que não irá — diz, sorrindo para mim. — Eu também não desistiria, se fosse você.

— Antes que tudo isso acontecesse, eu era como Kit — digo a ela. — Também não era real. Agora tenho uma característica: sou a mulher que não irá desistir.

— Você não era real?

Não estou certa de que seja algo que possa explicar, mas tenho de tentar, por mais louco que possa parecer.

— Em 2003, quando Kit e eu estávamos visitando casas em Cambridge, eu me sentia... inexistente.

Alice espera que elabore.

— A maioria das pessoas tem um tipo de casa que prefere: no centro da cidade; cabana de pedra no meio do nada. Algumas pessoas sempre compram recém-construídas, outras só considerariam uma casa com mais de cem anos de idade. A casa que você escolhe diz algo sobre o tipo de pessoa que você é. Quando Kit me levou para ver uma cabana em uma aldeia chamada Lode, na periferia de Cambridge, pensei: "Sim, eu poderia ser o tipo de pessoa de uma cabana rural." Depois me levou a um apartamento de cobertura em uma rua movimentada no centro da cidade, e pensei: "Isto poderia ser eu; talvez no fundo eu seja urbana." Eu não me conhecia absolutamente, ou o que queria. Após três ou quatro visitas, comecei a entrar em pânico por não ter uma identidade. Eu era transparente; olhava através de mim mesma e não havia nada ali. Pensei: "Eu poderia viver em qualquer desses lugares. Não posso dizer sobre nenhum deles que são eu ou não eu. Talvez não tenha uma personalidade."

Alice recosta na cadeira. Ela range.

— Você tinha a mente aberta. Kit a levou para ver muitas belas casas, e você gostou de todas de formas diferentes. Perfeitamente compreensível, e nada com que se preocupar. Talvez cada casa apelasse a um aspecto diferente do seu caráter.

— Não — reajo, descartando suas palavras tranquilizadoras. — Sim, foi tolo de minha parte entrar em pânico por não saber que tipo

de casa queria, claro que foi, mas eu *entrei* em pânico; isso é preocupante. Cada vez que via uma casa e não ficava instantaneamente certa de se era “eu”, me sentia cada vez mais irreal. Como se qualquer *self* que pudesse ter tido um dia estivesse sendo drenado, gota a gota — disse, mordendo o polegar, com medo de estar admitindo demais e de algum modo acabar sofrendo por causa disso. — E então encontramos aquela casa impressionante, Pardoner Lane, 17, a melhor de todas, de longe, agora vejo isso, e estava em tal estado que não tinha ideia se adorava ou odiava. Kit adorou. Eu fingi adorar, mas não sei quão convincente fui. Sentia que estava desmoronando. Só queria ser capaz de dizer: “Sim, esta casa é absolutamente eu” e... saber o que isso *significava*.

Alice se curva, enfia a mão na maleta marrom sob a escrivaninha. É onde ela guarda seus remédios; o interior da maleta é dividido em pequenos compartimentos quadrados, cada um contendo uma pequena garrafa de vidro marrom.

— Você estava ansiosa e deprimida, esmagada pelas expectativas absurdas de sua família — ela diz, pegando uma garrafa, depois outra, lendo os rótulos. — Aquela sensação do seu eu diminuindo vinha de tentar reprimir suas próprias necessidades por causa de seus pais, porque eles as achavam inconvenientes. Não tinha nada a ver com ser flexível sobre que tipo de casa você queria comprar, eu garanto.

Ela encontrou o remédio que estava procurando. *Para pessoas extra, extramalucas*.

Quero falar mais sobre a casa pela qual eu deveria ter me apaixonado, mas era neurótica demais para ver claramente. Preciso confessar tudo: como comecei a arruinar as coisas, desgastei a convicção de Kit com a minha paranoia.

— Pardoner Lane, 17 era junto ao prédio de uma escola, o Beth Dutton Centre — digo a Alice. — Eu perdi o sono, noites inteiras, por causa da campainha. Quão ridículo é isso?

— A campainha?

— A campainha da escola. E se ela tocasse entre as aulas e fosse alta demais? O barulho poderia nos deixar loucos, e nunca

conseguiríamos vender e mudar porque teríamos de ser honestos com possíveis compradores; não poderíamos mentir sobre uma coisa dessas. Kit falou: “Se for alto demais pediremos a eles para baixar o volume.” Ele riu de mim por me preocupar com uma coisa tão idiota. Riu de novo quando fiquei novamente reticente alguns dias depois por uma razão igualmente ridícula: a casa não tinha nome.

— Vou lhe dar um remédio diferente desta vez — diz Alice. — Anhalonium. Por causa do que você disse sobre sentir como se fosse transparente e não tivesse uma personalidade.

— Eu nunca tinha morado em um lugar que não tinha nome — digo, sem escutá-la. — Ainda não morei. Primeiro morei em Thorrold House com mamãe e papai, depois me mudei para a casa de Kit. O apartamento dele em Rawndesley era o número dez, mas o prédio tinha nome: Martland Tower. De qualquer modo, era diferente. Nenhum de nós pensava no apartamento como um lar; era temporário, uma improvisação. Agora moro em Melrose Cottage, a casa de Fran e Anton é Thatchers... Em Little Holling todas as casas têm nomes. É com o que estou acostumada. Quando Kit ficou tão interessado por Pardoner Lane, 17 e tentei me imaginar morando em uma casa que era apenas um número, pareceu... de algum modo errado. Impessoal demais. Isso me assustou.

Alice está anuindo.

— Mudança é algo inacreditavelmente assustador — ela diz. Ela sempre me apoia. Não estou certa de que é o que preciso, não mais. Talvez me fizesse mais bem ouvi-la dizer: “Sim, Connie. Isso é realmente maluco. Você precisa parar de pensar desse modo louco.”

— Certa noite eu acordei Kit às quatro da manhã — conto a ela. — Ele estava dormindo, e fiquei sacudindo. Acho que devia estar histérica. Não tinha dormido a noite toda e estava em péssimo estado. Kit me olhou como se eu fosse maníaca; ainda me lembro de como ele pareceu chocado. Contei que não podíamos comprar Pardoner Lane, 17 a não ser que lhe déssemos um nome; eu não podia viver em uma casa sem nome. Queria que fôssemos procurar na internet, descobrir se era possível dar um nome a uma casa se ela não tivesse um. Oficialmente, sabe?

Alice sorri, como se houvesse algo compreensível ou afetuoso em minha insanidade.

— Kit viu que eu não iria me acalmar ou deixá-lo dormir até conseguir uma solução para o problema que eu tinha inventado, então disse: “Então vamos lá; vamos investigar.” Ele logo encontrou na internet o suficiente para me convencer de que não precisava me preocupar: poderíamos dar um nome ao número 17, se quiséssemos. É fácil; você só precisa escrever para os correios. Ele disse: “Que tal ‘O Hospício’?”

— Você deve ter ficado magoada — diz Alice.

— De modo algum. Comecei a rir; achei que era a melhor piada que já tinha ouvido. Estava muito aliviada porque tudo ficaria bem; Kit teria a casa que adorava e eu poderia fazer com que parecesse um lar dando um nome a ela. Claro que em certo nível eu devia saber que teria de inventar algum outro obstáculo — digo, balançando a cabeça de desgosto. — Fico pensando no que teria sido: que não gostava da maçaneta, ou da caixa de correio. Minha histeria teria se fixado em alguma outra coisa aleatória, tendo a menor chance, mas na época eu não via isso. Kit também estava aliviado. Estávamos quase... não sei, era como se estivéssemos celebrando. Não voltamos direto para cama; ficamos acordados olhando sites de nomes de casa na internet, rindo das sugestões ridículas: Costa Fortuna, Fim da Sanidade. Aparentemente nomes assim são muito populares; era o que o site dizia. Eu achei difícil de crer, mas Kit disse que podia imaginar alguns de seus colegas chamando suas casas de coisas assim. “É um mal comum, achar que você é engraçado, quando não é. Fim da Sanidade. Você poderia muito bem chamar sua casa de ‘Sou uma Besta’.” Perguntei a ele como queria chamar a nossa.

— O que ele disse?

— Ah, muitas coisas idiotas; coisas que ele sabia que eram idiotas, para me animar. Não acho que tenha se esforçado muito; sabia que não cabia a ele. O nome tinha de ser perfeito, e tinha de partir de mim; algo que dissesse “isto é um lar”, e acabasse com toda a minha ansiedade. Kit começou a falar besteiras. “Tive uma ideia. Vamos chamar de Death Button Centre. Acha que as pessoas do

Beth Dutton Centre ficariam putos? Ou o carteiro?” Disse para ele não ser ridículo. Deveria saber que isso só iria piorar.

A lembrança, ausente de minha cabeça por tantos anos, de repente se tornou mais vívida que a realidade. Eu posso me ver claramente, sentada à escrivaninha do apartamento de Martland Tower, Kit ajoelhado ao meu lado, ambos de pijamas. Na época, só tínhamos uma cadeira de computador. Eu uivava de rir, tão alto que mal podia ouvir a voz de Kit, lágrimas correndo pelo meu rosto.

— Ele fingia estar muito sério, e disse: “Está me empolgando mais quanto mais penso: Death Button Centre. Poderíamos fazer uma placa para a porta da frente. Não, já sei, ainda melhor; vamos chamar de Pardoner Lane, 17.”

As palavras evaporam em minha boca enquanto um novo medo percorre meu corpo. *O quê? O que é?*

Death Button Centre. Death Button Centre...

Eu me levanto, tropeço, me apoio na parede.

— Connie? O que há de errado?

Eu sei o que vi — o detalhe faltando que não conseguira recordar até agora. *Sim*. Estava lá. Decididamente estava lá, na imagem com a mulher morta e o sangue. Mas não na fotografia da sala de estar, aquela que veria caso fizesse o passeio por Bentley Grove, 11 agora. Naquela imagem ele está faltando.

— Tenho de ir — digo a Alice.

Agarro minha bolsa e corro, ignorando os apelos dela para que fique, deixando para trás a garrafa de remédio que ela preparou para mim e está de pé no canto da sua escrivaninha.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/25IG

VULCÃO

por Tilly Gilpatrick, 20 de abril de 2010

Viva lava quente
Um cobertor quente e molhado
Lavando o mundo
Com cinzas
Aviões não levam para casa
O chão coberto de lava!

Supertrabalho, Tilly! Imagens adoráveis!

Não, é um poema medonho,
mesmo para um menino de cinco anos.
Este é um bom poema:

Quando pela primeira vez o caminho da feira tomei
Algumas moedas na bolsa contadas
E por muito tempo eu olhei
Para coisas que não podiam ser compradas

Agora tudo mudou e consigo
Se quiser uma coisa comprar
Há as moedas, a feira e o artigo,
Mas onde o jovem perdido foi parar?

Pensar que dois e dois são quatro
E não três nem cinco
A dor no coração do homem é fato
E continuará a ser com afinco.

16

23/07/2010

Ian Grint chegara cedo. Simon achara que poderia ser assim; ele sentira a raiva do detetive segundos após conhecê-lo, a impaciência de um homem que precisa provar que as pessoas estão erradas, e rapidamente. Grint seguira para o bar, fazendo um gesto de erguer a caneca para Simon, que anuíra. Na verdade não precisara de tanto tempo quanto ele e Grint acharam que precisaria. Terminara de ler tudo havia meia hora, e fora dar uma caminhada. O pub que Grint escolhera, o Live and Let Live, ficava em uma área residencial, então Simon não vira nenhum dos prédios universitários históricos que Charlie recomendara que visse por serem muito bonitos, apenas casas e outro pequeno pub: o Six Bells.

Caminhando, Simon chegara à conclusão de que Cambridge era um lugar com mais imaginação do que Spilling. Também mais tolerante. As cores das portas da frente o surpreenderam: amarelo, laranja, lilás, rosa, turquesa brilhante. Evidentemente os habitantes de Cambridge acreditavam que todos os tons deviam ser considerados; em Spilling, a maioria das pessoas optava por algo sóbrio e digno: preto, vermelho-escuro, verde-escuro. Simon duvidava que houvesse uma única porta laranja em todo Culver Valley.

Os nomes dos pubs em Spilling eram solidamente tradicionais: Brown Cow, Star, Wheatsheaf, Crown. Nem em um milhão de anos um proprietário de Culver Valley escolheria chamar seu estabelecimento de Live and Let Live, Live and Carp About Anyone Who Doesn't Live The Way You Live, talvez Liv and Carp, para facilitar. Ou Liv and Chris Gibbs, pensou Simon surrealmente — esse era um pub no qual Charlie não colocaria os pés.

Ele tirou os papéis da mesa, os colocou na cadeira ao seu lado quando Grint se aproximou com suas cervejas.

— Espero que nenhum dos meus estimados colegas tenha estado aqui e espiado por sobre seu ombro — ele disse. — Por mais que eu adorasse ser demitido no momento, provavelmente devesse tentar evitar. Acho que minha esposa não iria apreciar isso.

A palavra “estimados” estava carregada de sarcasmo.

— Vou desapontá-lo — contou Simon. — Não encontrei muito. Nada que você possa colocar diante de seu chefe e dizer: “Este é um novo ângulo, uma forma de avançar com as coisas.”

— Mas você encontrou alguma coisa?

— Algo e nada. As declarações que Kit e Connie Bowskill assinaram; vocês as tomaram separadamente ou eles...

— Separadamente — disse Grint, tomando um gole de cerveja e limpando a boca com as costas da mão. — Nas declarações oficiais ambos estavam sozinhos comigo. Depois eu os coloquei juntos em uma sala e os fiz repassar tudo novamente, e também incluí Sam Kombo. Queria ver como eles mudavam na companhia um do outro, se é que mudavam.

— Mudaram?

— Não de algum modo que você pudesse prever. Ele pareceu mais desconfortável com ela ali, mas no lugar dele eu também estaria; ela o estava cobrindo de acusações. Ela foi um pouco mais inflamável diante dele do que sozinha, mas por muito pouco.

Simon folheou a pilha de papéis, procurando a declaração oficial de Kit Bowskill à polícia.

— Quando você os ouviu separadamente, identificou algo estranho?

Grint riu.

— Você quer dizer além de tudo neles?

— Contradições factuais.

— Por onde quer que comece? Ele está convencido de que ela deve ter programado o endereço no seu GPS, ela diz que ele o fez. Ele avalia que ela pode ser uma assassina psicopata, ela acha que ele é o psicopata. Ambos estão prontos para desconfiar do outro por assassinato com base em uma imagem e não muito mais; uma

imagem que ele nem sequer viu — diz Grint, balançando a cabeça.
— Bizarro não começa a dar noção.

— Há um pequeno ponto de discordância entre eles que pode ser significativo — disse Simon, passando as duas declarações para Grint. — A casa que eles quase compraram em Cambridge em 2003. Na declaração de Connie Bowskill, ela dá o endereço como sendo Pardoner Lane, 17. Na de Kit, é Pardoner Lane, 18.

Grint franziu o cenho. Olhou enquanto Simon apontava os parágrafos relevantes.

— Não acredito que deixei isso passar — disse finalmente. — Ainda assim, a uma distância de sete anos é um erro fácil para um deles cometer. Duvido que signifique algo.

Simon discordou.

— Ambos mencionam que a casa era junto a uma escola chamada Beth Dutton Centre. Ambos entram em detalhes sobre por que essa casa específica os atraiu: lareiras vitorianas originais, grades de ferro originais do lado de fora... — enumerou Simon, depois dando de ombros. — Qualquer um deles que tenha errado, não vejo como lembrariam de tudo isso e não do número da casa.

— Eu me esqueço de coisas banais o tempo todo — disse Grint. — Você não?

Simon nunca se esquecia de nada. Ele evitou a pergunta.

— O telefone de Connie Bowskill está caindo direto na caixa postal; devo ter tentado cinquenta vezes desde que voltei da Espanha. Nunca falei com o marido, então não tinha o telefone dele. Mas seus arquivos têm, então os usei — disse, e esperou que Grint o censurasse. Quando isso não aconteceu, ele forneceu mais informações. — Ele concordou em se encontrar comigo esta noite às 20 horas.

— Onde? — Grint perguntou.

Não é da sua conta. Simon disse a si mesmo para deixar de ser babaca. Grint tinha o direito de saber.

— Em um pub; o Maypole. Eu ia lhe perguntar como chegar lá. Grint fez som de desprezo.

— O Maypole — murmurou, como se até o nome o ofendesse. — Nesse caso não irei com você.

Eu não o convidei. Simon era melhor falando com uma pessoa sozinho do que era em grupo, mesmo um pequeno.

— Você pode me ligar depois, contar se arrancou dele algo de valor — disse Grint. — Do contrário terei de parar de fingir ser um super-herói. Vou deixar a chefia feliz seguindo ordens e fingindo que nada aconteceu; não há muito mais que possa fazer, há?

Simon se deu conta de que ele estava desapontado. Sam louvara os talentos de Simon, e Grint esperava que aparecesse com um plano de ação, visse nas fichas que lhe dera algo que não estava ali para ser visto. Era Simon quem se revelara não ser um super-herói.

— Segundo Kit Bowskill, o telefone de Connie está quebrado — contou. — Ela o jogou em uma rua movimentada.

— É, eu a vejo fazendo isso — disse Grint, conferindo o relógio. — Você tem uma hora para matar. Topa um curry? Você pode me contar suas teorias improváveis e eu lhe conto a minha. Sempre achei que são as ideias de merda que levam às boas.

Simon se sentia desconfortável comendo com pessoas que não conhecia bem. Ele e Grint não eram amigos. Por que precisavam fazer uma refeição juntos? Qual o sentido?

— Eu não estava pensando em comida — disse.

Ele estava pensando em Pardoner Lane, que não podia ser muito distante de onde ele estava no momento. Tinha tempo para encontrar, ver se o Beth Dutton Centre era ao lado do número 17 ou do 18. Uma pequena discrepância, verdade, mas não havia razão para pensar que ainda assim não seria importante.

Nem razão para mencionar a Ian Grint seus planos ou pensamentos.

— Lembra daquela noite no Brown Cow há dois anos quando você quase entrou em uma briga? — Olivia perguntou a Gibbs.

Eles estavam na cama, no hotel Malmaison, em Londres. Havia experimentado alguns hotéis naquela semana, mas aquele era o preferido de Olivia. As paredes e os pisos eram escuros — vermelhos, marrons, roxos, preto em certos lugares. Liv contara sua

teoria a Gibbs várias vezes: o hotel devia ter sido decorado tendo em mente paixão secreta.

— Eu quase entrei em muitas brigas.

— Essa foi com um homem que disse que você roubara a cadeira do amigo depois de ele ter dito que estava ocupada. Você contou que ele disse que *não* estava ocupada.

Gibbs balançou a cabeça.

— Não lembro.

— Você se lembra de me ver no Brown Cow?

Ele lançou um olhar estranho.

— O tempo todo.

— O que você pensava?

— Pensar?

— Quando me via.

— Não sei. “Lá está a irmã de Charlie com a voz elegante e os peitos enormes.” O que você pensava quando me via?

— Não achei que isso fosse acontecer, nem em um milhão de anos. E você?

— Não.

— Não acha isso estranho?

— O quê?

— Que nenhum de nós tivesse nenhuma ideia de que acabaríamos... onde estamos.

— Na verdade não — retrucou Gibbs. — Como poderíamos saber o que iria acontecer antes de acontecer?

— Mas quero dizer, nós nem sequer pensamos que *queríamos* que isto acontecesse.

— E daí? Ainda iria acontecer.

— O que quer dizer? — reagiu Olivia, empurrando-o para longe. — Você acha que isso é verdade. Que *ia acontecer*, mesmo então, antes que tivéssemos uma ideia?

Gibbs pensou nisso.

— Aconteceu. Antes que acontecesse, ia acontecer.

— Acha que nós terminarmos aqui juntos era inevitável?

— Agora é — respondeu Gibbs.

— Sim, mas quero dizer... — falou Olivia, pensando em como melhor apresentar a questão. — Antes do casamento de Charlie e Simon, poderíamos ter ficado juntos ou não ficado juntos, ou a possibilidade de que não ficássemos juntos nunca existiu?

— A segunda.

— Mesmo? — reagiu Liv, tentando disfarçar a excitação na voz. — Nunca houve qualquer possibilidade de que não tivéssemos um caso; é o que você realmente pensa? Então acredita em destino? Acha que o livre-arbítrio é uma ilusão?

— Você está fazendo novamente.

— O quê?

— O que quer que eu diga, você transforma em algo que eu não entendo, depois me diz que foi o que eu disse. Não faz sentido eu dizer nada. Escreva minhas falas, eu não ligo.

— Sou *eu* que não entendo — grunhiu Liv. — Explique!

Gibbs olhou para o teto.

— Quando algo acontece você pode olhar para trás e dizer que sempre ia acontecer; porque aconteceu. Não há outra opção depois que aconteceu.

— Não consigo descobrir se você está dizendo algo romântico ou não.

Ele deu de ombros.

— Não deliberadamente. Apenas afirmando um fato.

— Certo, então; o que você pensa sobre o futuro?

— Cheio de sexo.

— Comigo? — perguntou Olivia.

— Não, com a porra da dupla Ant e Dec. Obviamente com você.

— Não acho que Debbie veja isso como sendo óbvio.

— Não fale sobre Debbie.

— Dom também não.

— Nem ele.

— O que há no futuro deles? De Dom e Debbie?

— Não nós.

— Eu costumava vir aqui o tempo todo quando era estudante — Kit Bowskill disse a Simon. — Adorava o lugar. Desde então tenho uma coisa com pubs escondidos em ruas laterais. Nunca em ruas principais. Um pub em uma rua principal é todo errado — disse, sorrindo, e tomou um gole de sua Guinness. — Desculpe, estou divagando.

— Eu poderia ter ido a Silsford — Simon disse a ele, sentindo seu nervosismo. — Ou Londres. Você tinha uma razão para querer me encontrar aqui?

— Como disse: eu adoro o Maypole.

Simon manteve os olhos nele. Bowskill finalmente corou e desviou os olhos, afrouxando o nó da gravata.

— Sou um péssimo mentiroso, como pode ver. Eu de qualquer maneira estava vindo a Cambridge esta noite. Para me encontrar com Connie.

— Ela está aqui?

— Não sei se está aqui agora, mas me disse para encontrar com ela às nove e meia.

— Onde?

Bowskill pareceu se desculpar.

— Eu disse que iria encontrar você, que estava tentando entrar em contato. Ela não quer falar com você.

— Por que não?

— Está com raiva de você por partir sem dizer nada. Ela pediu ajuda, e você não a ajudou.

Evidentemente Simon fracassou em esconder sua irritação, pois Bowskill disse:

— Eu não consideraria pessoal. Con está com raiva de todo mundo no momento; acha que o mundo inteiro a decepcionou.

Na mesa ao lado deles, três homens de meia-idade com vozes altas falavam sobre uma bolsa — alguém que não merecia recebera uma; alguém que merecia não a conseguira. Um dos homens estava com raiva disso; Simon tentou bloquear as palavras dele, se concentrar nas de Bowskill.

— A casa que você e Connie quase compraram em 2003 — disse.

— Pardoner Lane, 18?

— Era esse o endereço?

Bowskill anuiu.

— Connie acha que não.

— O que quer dizer?

— Ela disse a Sam e Ian Grint que era o número 17. Pardoner Lane, 17.

— Nesse caso, ela está lembrando errado — disse Bowskill. — Era número 18.

— Por que ela diria errado?

— Por que alguém diz algo errado? Se eu me sentar e relacionar todas as coisas em que Connie está errada nos últimos seis meses, ainda estaremos aqui na próxima terça-feira.

Simon anuiu.

— Você deve estar com bastante raiva dela.

— Não tenho esse direito, tenho? Eu gostaria de poder crer que ela deliberadamente arruinou as nossas vidas, então pelo menos poderia odiá-la. Do modo como estão as coisas, eu estou morando em uma caixa anônima em Londres, cercado por um monte de outros ternos em suas caixas anônimas, banido da casa que passei anos criando — quase que do nada. Melrose Cottage estava um lixo quando a compramos. Não foi Connie quem lixou os pisos, azulejou as lareiras, fez paisagismo no jardim; fui eu. E agora me deu um pontapé. É, eu adoraria estar com raiva, mas não é ela quem está fazendo tudo isto, é... não sei, algo que entrou nela, uma loucura. Ela não tem noção do que está fazendo de um minuto para outro. Ela não é mais Connie; isso é a pior coisa de tudo.

Bowskill piscou para afastar as lágrimas, sem dúvida esperando que Simon não tivesse notado.

— Acabei de vir da Pardoner Lane. A casa que vocês não compraram em 2003 é o número 18.

— Então acredita em mim?

Uma questão que Simon estava ansioso para não responder, especialmente quando Bowskill parecia mais confiante. Acreditar não tinha nada a ver com aquilo. Simon verificara os fatos ele mesmo. Sua confiança estava em suas próprias descobertas, não em Kit Bowskill. Ainda assim, ele tinha outras perguntas mais pessoais que

desejava fazer, e não faria mal algum ele seguir o máximo possível pelo caminho agradável.

— Pardoner Lane, 18 fica ao lado do Beth Dutton Centre, então não há discussão — afirmou. — Você está certo, e Connie, errada. Pelo menos quanto ao número da casa. Ela acertou todo o resto: as grades de ferro, a arquitetura vitoriana, as janelas deslizantes. O número 17 fica do outro lado da rua.

Seus donos, um casal amigável de meia-idade, convidaram Simon para um café e pareceram desapontados quando disse que não era necessário, só tinha uma pergunta rápida. Havia comprado a casa nova em folha em 2001, e desde então nunca fora colocada à venda. Sim, eles se lembravam de o número 18 ter sido colocado à venda em 2003. Contaram a Simon que tinha sido arrematada em semanas, e a mesma coisa acontecera ao ser colocada à venda novamente no ano anterior.

— Na verdade pensamos em comprá-la, nas duas vezes. É mais atraente que a nossa e tem cômodos maiores. Infelizmente isso se refletia no preço. E quando pensamos bem, nos pareceu maluquice mudar para o outro lado da rua; embora na verdade não fizesse sentido isso, não é? É como quando você vai comer fora, alguém pede a coisa que você quer, e você pensa: “Ah, bem, não posso pedir isso agora que ela pediu”, e acaba pedindo algo que não quer nem a metade!

Simon anuíra, perplexo. Ele tendia a evitar restaurantes, mas ainda assim deveria saber do que o dono de Pardoner Lane, 17 estava falando, e não sabia. Ele passava tempo demais anuindo para coisas que não faziam sentido para ele, por educação.

— Preciso lhe fazer uma pergunta pessoal — disse a Bowskill.

— Mande.

— Seus pais.

A reação foi inconfundível: ressentimento instantâneo. De Simon por ter perguntado ou do sr. e da sra. Bowskill seniores? Simon não podia dizer. Ele sabia um pouco sobre eles, graças a Connie. Seus nomes eram Nigel e Barbara, e moravam em Bracknell, Berkshire. Tinham seu próprio negócio: algo relacionado a lasers usados para impressões digitais.

Bowskill recuperara a compostura.

— Deixe-me adivinhar. Connie lhe contou que não tenho mais contato com eles. Imagino que tenha lhe dito por quê?

— Ela me disse que na verdade nunca entendeu o motivo.

— Isso é ba... — começou Bowskill, depois contendo a raiva. Um sorriso forçado substituiu a cara feia. — Isso simplesmente não é verdade. Connie sabe perfeitamente bem o que aconteceu.

— Importa-se de me contar? — pediu Simon.

— Não consigo entender seu interesse. O que isso tem a ver com tudo?

— Estou apenas interessado — disse Simon, tentando fazer parecer incidental. Nenhuma razão para dizer a Bowskill que era o principal motivo pelo qual tinha querido se encontrar com ele. — Sendo eu alguém cujos pais são irritantes...

— Mas se você estiver no buraco, eles darão apoio, não é? Em uma emergência, eles farão o que for necessário; cuidarão de você.

Simon nunca pensara nisso. Na juventude dele, durante a sua infância, a mãe o sufocara com sua criação, o tratara como se ele fosse feito de vidro e pudesse se partir caso fizesse algo temerário como ir à casa de um amigo. Agora era difícil imaginar Kathleen cuidando de alguém. Ela perdera seu ar de autoridade muito tempo antes. Embora tivesse apenas 61 anos de idade e nenhum problema de saúde, se movia e falava como se fosse uma velha relíquia frágil se arrastando para cada vez mais perto da aniquilação. Simon com frequência imaginava o que pensaria dela caso a encontrasse como uma estranha. Convidado a adivinhar sua idade e sua história, ele certamente teria dito oitenta, e que em algum momento devia ter sido assaltada por bandidos adolescentes armados de facas e perdido a vontade de viver.

Ele abriu a boca para dizer que na pior das emergências ele procuraria uma série de pessoas, incluindo completos estranhos, antes de envolver sua mãe, mas Bowskill não parara de falar.

— Que pais não ajudariam o filho? Eu não tenho irmãos, então não é que haja qualquer concorrência pela atenção deles. Não estava pedindo que doassem seus rins.

— O que aconteceu? — Simon perguntou.

— Connie estava desmoronando. Física e mentalmente; gritando no sono, pesadelos, os cabelos caíam. Eu estava adequadamente preocupado com ela. Eu achei... bem, ela não fez, então dizer não é provocar o destino: eu achei que ela poderia fazer algo idiota.

Simon anuiu. *Adequadamente preocupado com ela*. Em oposição a fingir estar preocupado com ela? Era o que Bowskill estava fazendo naquele momento?

— Mãe e pai deixaram claro que eu não poderia esperar ajuda deles.

— Você pediu ajuda?

— Ah, sim. Não houve nada ambíguo em relação a isso. Eu pedi, eles disseram não.

— O que exatamente você queria que fizessem?

— Connie lhe contou sobre os pais dela? — perguntou Bowskill. — Que eles fazem lavagem cerebral e a intimidam, aleijam seus processos de raciocínio para que não consiga pensar por conta própria?

Simon balançou a cabeça.

— Ela mencionou que eles eram difíceis. Sobre a mudança de vocês para Cambridge.

Bowskill riu.

— Minimizar as coisas não costuma ser o forte de Connie. Bom saber que ela está ampliando seu repertório.

— Então o que aconteceu? Com seus pais?

— Connie precisava se afastar da família dela, especialmente da mãe. Não sei por que estou falando no passado; ainda precisa. Eu esperava que mãe pudesse servir como uma figura materna temporariamente; você sabe, para aumentar a confiança dela, dizer que poderia ter a vida que quisesse, conseguir o que decidisse. Eu mesmo lhe disse isso até me cansar do som da minha própria voz, mas não teve efeito. Sou só uma pessoa, e não um pai, sou um igual. Não importava o que dissesse, não era o suficiente para substituir a família de Connie, por pior que fosse; e ela sabia muito bem o mal que lhe fazia, não era como se não conseguisse ver. Mas... tinha medo de ir contra a mãe, que não queria que se mudasse para Cambridge. Era inútil. Eu sabia que nunca conseguiria

arrancá-la daquela família a não ser que tivesse... bem, algo mais que eu mesmo para lhe oferecer. Ela e mamãe sempre se deram bem, mamãe e papai diziam amá-la como sua própria filha, mas... quando chegou a hora, quando eu pedi que ajudassem e *fossem* uma família para Connie, eles disseram: "Não, obrigado, preferimos não nos envolver."

— Acha que temiam encorajá-la a se voltar contra os pais? — perguntou Simon. — Não queriam interferir?

— Não — disse Bowskill, secamente. — Nada a ver com isso. Eles estavam se lixando para Val e Geoff Monk, só se preocupavam com eles mesmos. Não queriam mostrar as caras, simples assim. Começaram a tagarelar sobre a necessidade da pessoa se sustentar sozinha, sobre a dependência não ser bom para as pessoas... francamente, foi repulsivo; uma completa abnegação de responsabilidade. Eu nunca faria isso a meu filho caso tivesse um. Olhei para eles e pensei: "Quem são vocês? Por que estou me preocupando com vocês?" Foi isso; não falo com eles desde então.

— Parece duro — disse Simon.

Tentou produzir uma expressão séria que correspondesse à de Bowskill, esconder sua satisfação. Ele tinha uma teoria, e embora ainda não pudesse provar que era certa, tudo que Bowskill acabara de dizer indicava que logo poderia.

17

Sexta-feira, 23 de julho de 2010

— Connie.

Não pareça satisfeito de me ver. Você não estará, assim que ouvir o que eu tenho a dizer.

— Obrigada por vir.

Ele não é seu marido. É um estranho. Esta é uma reunião de negócios.

Tento passar o cardápio a Kit, mas ele o empurra de lado. Cheira a cerveja, estamos no restaurante do Doubletree by Hilton Garden House, o hotel de Selina Gane e agora também o meu. Eu me hospedei há uma hora.

— Sem fome? — pergunto. — Também não.

Isso parece uma vergonha. A comida provavelmente seria boa. O estofamento em veludo verde-limão e roxo parece caro. Ele me faz pensar no vestido da mulher morta; as cores são as mesmas.

Coloco os cardápios na mesa, sirvo água para nós dois.

— Não faça joguinhos — diz Kit. — Por que estamos aqui?

Ele ainda está de pé, pronto para fugir, nada disposto a se comprometer com uma conversa comigo sem saber qual será o tema.

— Estou hospedada aqui.

Eu não lhe digo que Selina Gane também está. Claro que ele pode já saber disso.

— Você...

A respiração dele acelera, como alguém correndo. Fico pensando se estará pensando em fugir. Quão duro será para ele ficar onde está?

— Você saiu de sua própria festa de aniversário sem qualquer explicação...

— A festa de aniversário *era* a explicação. Isso e o vestido que você me comprou.

— Eu juro por Deus, Con...

— Esqueça. Não ligo. Preciso conversar com você sobre algo. Sente-se. Sente.

Relutando, ele se acomoda em uma cadeira do outro lado da mesa. Parece a pessoa menos relaxada que já vi — ombros encolhidos, maxilar trincado, rosto vermelho.

— Temos de discutir trabalho — ele diz.

— Vá em frente.

Afinal, esta é uma reunião de trabalho. Você não pode convidar seu marido para uma reunião de trabalho e depois lhe dizer que ele não pode falar sobre trabalho.

— Você é a diretora de negócios e financeira da Nulli. Toda estratégia começa com você, todo o planejamento. É você quem garante que todos sejam pagos. Eu posso estar dando todo o duro, minha equipe pode estar fazendo o mesmo, mas estaremos perdendo tempo se você não fizer sua parte.

— Concordo — digo.

— Se você não ficar em cima das coisas, a Nulli desmorona.

— E você acha que não estou em cima das coisas?

— Você está?

— Não tenho estado — admito. — Não desde que vi o corpo daquela mulher morta em Roundthehouses. Mas isso foi há menos de uma semana. A companhia não vai virar poeira porque negligenciei a papelada por uma semana. De qualquer maneira, tudo isso é irrelevante. A esta altura, ano que vem a Nulli provavelmente não existirá.

O rosto de Kit perde toda a cor.

— Do que você está falando?

— Você é brilhante, é determinado — digo secamente, decidindo que devo oferecer a ele alguma compensação por perder a esposa e a empresa. — Você irá criar outra empresa sem mim. Tenho certeza de que ela se sairá muito bem.

A boca e os olhos de Kit começam a se mover — torções aleatórias, descoordenadas. Ele não acha que isso pode estar lhe acontecendo. Sei como se sente.

— Como você pode...

Lamento. Eu não o amo menos do que amava antes de tudo isto acontecer. Confio menos em você, gosto menos, estou mais disposta a lhe causar dor, mas o amor não mudou. Não teria achado isso possível — você teria, Kit?

Resisto à ânsia de explicar, sabendo que não ajudaria.

— Como você pode se sentar aí calmamente e anunciar a intenção de destruir tudo o que temos? — diz Kit em uma voz vazia, rouca. — Nosso casamento, nossa empresa...

— Preciso que leia uma coisa — digo, tirando a carta da bolsa e a empurrando para ele sobre a mesa. — Quero que a veja antes de Selina Gane. Assim que tiver aprovado, eu a passarei por sob a porta dela. Ela também está hospedada aqui. Sabia disso?

Kit balança a cabeça lentamente, olhos arregalados, fixos em minhas palavras manuscritas.

Esperara que fosse duro, mas foi a carta mais fácil que já escrevi. Supus, para os propósitos deste exercício, que Selina Gane fosse inocente, e expliquei tudo, ou pelo menos tudo o que podia explicar: encontrar seu endereço no GPS de Kit, minhas desconfianças e meus medos, como eles me levaram a esperar diante da casa dela e a seguir, como retrospectivamente eu gostaria de ter sido mais direta, falado pessoalmente. É o que ela irá querer caso esteja tão assustada e chocada quanto eu, pensei: uma carta objetiva de esclarecimento e desculpas, de uma pessoa inocente para outra.

Não perdi tempo me preocupando com o que incluir e o que deixar de fora; fui generosa com as informações, contando a ela muito mais do que precisava saber — até que estava hospedada no Garden House, embora em um quarto longe do dela. “Desculpe se isso a faz sentir que a estou espreitando novamente”, escrevi. “Realmente não estou. Escolhi este hotel porque o nome estava em minha cabeça, porque telefonei para você aqui. Em um mundo ideal, teria tido tato e escolhido outro hotel, mas estou exausta e meu volume de energia está no vermelho, então não fiz isso.”

Lendo trechos da carta de cabeça para baixo enquanto Kit a lê, decido que fiz um bom trabalho de me fazer parecer sã. Se fosse Selina Gane, concordaria em encontrar e conversar comigo.

Kit joga a carta na mesa. Levanta a cabeça lentamente, como se mal conseguisse arrastar os olhos até encontrar os meus.

— Bem? — pergunto.

— Você está se oferecendo para comprar a casa dela.

— Sim.

— Você ficou maluca? Ainda mais maluca? Está oferecendo o preço pedido; 1,2 milhão de libras. Você não pode pagar...

— Sua informação está desatualizada — digo a ele. — Hoje o preço pedido é de 1 milhão. Ela deve estar bastante desesperada para vender se está dando desconto depois de apenas uma semana, não acha?

Kit pousa a cabeça nas mãos.

— Então você está oferecendo mais dinheiro, quando ela está pedindo menos; todo o dinheiro que você não tem e não seria capaz de pegar emprestado. Não entendo, Connie. Dê uma ajuda com isso.

— Ou você poderia me ajudar — digo, equilibrada. — Tudo o que eu quero agora é saber a verdade. Não me importa qual seja. Falando sério. Por pior que seja, mesmo que seja pior do que eu poderia imaginar. Não me importo com nosso casamento...

— Muito obrigado.

— ... não me importo se você matou alguém; sozinho ou com a ajuda de Selina Gane. Eu nem sequer irei à polícia; para você ver como não me importo. Só me importo comigo mesma; *minha* necessidade de saber o que exatamente aconteceu com a *minha* vida.

— Pare.

— Desculpe se o estou aborrecendo — digo. — Só quero que você se dê conta de que isto pode ser fácil: você pode simplesmente me contar. Conte o que está acontecendo. Então eu não terei de enfiar esta carta por sob a porta de quarto de hotel de Selina Gane...

— Connie — ele diz, agarrando minhas mãos sobre a mesa.

— Conte!

Vejo algo mudar nos olhos dele: medo, consciência, cálculo. Principalmente medo, acho.

— Ah, Deus, Con... não sei como...

Eu espero, com medo de mover um músculo para que ele não mude de ideia. Irei ouvir a verdade, finalmente?

— Como posso convencer você? — ele diz com uma voz mais dura. — Eu não sei de nada. Não fiz nada.

Não. Você não imaginou isso. Havia uma chance, e agora ela passou. Você escolheu não aproveitar.

— Você não acredita em mim, não é? — pergunta.

— Não, não acredito — respondo. O peso que afunda dentro de mim é tão esmagador que por alguns segundos não consigo falar. O que você espera, uma confissão completa? — Então tudo bem — digo finalmente. — Se você não vai me contar a verdade, terei de descobrir eu mesma. Daí esta carta.

— *Daí?* — reage Kit, e seu riso me choca. Como um som tão curto pode conter tanta raiva? — Desculpe, você está insinuando uma conexão lógica? Como partilhar todos os detalhes de nossa infelicidade com uma estranha e se oferecer para comprar uma casa com que não é capaz de arcar pode levá-la mais perto da verdade?

— Talvez não leve.

— Então o que você consegue com isto? — pergunta, batendo na carta com as costas da mão.

— Provavelmente nada. Não estou fazendo isto por achar que é uma ideia brilhante que provavelmente funcionará — digo. Se não estivesse tão exausta, eu me esforçaria mais para fazê-lo ver para quão longe eu derivei nos últimos seis dias do reino das possibilidades vitoriosas e opções positivas. — Estou fazendo isto porque foi a única ideia que tive; a única forma em que consigo pensar de levar as coisas para frente agora que a polícia disse que não irá fazer nada.

Um garçom se aproxima. Kit ergue a mão para afastá-lo, como um homem com uma placa interrompendo o trânsito.

— Não queremos nada além de ser deixados sozinhos — ele corta. Alguns empresários em uma mesa próxima se viram para nos encarar. Um deles ergue as sobrancelhas.

— Eu tenho certeza de duas coisas — digo calmamente, me aferrando ao roteiro programado. — Bentley Grove, 11 estava no seu GPS como “casa”. Uma mulher foi assassinada lá, na sala de estar. Não consigo explicar essas duas coisas. Você diz que também não consegue. Então. Se eu quiser chegar à verdade, preciso descobrir muito mais sobre aquela casa do que sei no momento — digo, dando de ombros. — Comprar é o único plano que consegui criar. Não se preocupe em me dizer como é improvável que isso funcione; já sei disso. Também sei que quando você compra uma casa, descobre todo tipo de coisa sobre ela que não teria sabido de outra forma: há um cheiro de mofo no depósito de roupa lavada, um cofre sob as tábuas corridas do quarto.

— Connie, você não tem como comprar Bentley Grove, 11.

— Sim, eu tenho. Ou melhor, *nós* temos. Preciso de sua ajuda, e você irá me ajudar. Caso contrário, darei entrada no pedido de divórcio amanhã. Ou segunda-feira, assim que puder. Também abandonarei a Nulli sem olhar para trás e me recusarei a vender minha parte da empresa. Serei o seu pior pesadelo: um sócio igualitário que não contribui com nada. Sei exatamente como transformar sua vida em um inferno e arrasar com a Nulli. Não cometa o erro de pensar que não faria isso.

Nunca ouvi um silêncio tão alto. Outras pessoas no restaurante estão conversando — posso ver suas bocas se movendo —, mas o som é sufocado pelo enorme negror em minha cabeça, o horrorizado olhar sem palavras de Kit.

Dois ou três minutos se passam, nós dois paralisados. Então Kit diz:

— Em que você se transformou?

— Em uma pessoa que luta nas cordas — respondo. — Então, irá me ajudar?

— Como?

— Tudo o que você precisa fazer é assinar papéis como e quando eu disser.

— Não posso ouvir a engenharia financeira?

Que mal pode fazer contar a ele?

Tomo um gole de água, de repente nervosa, como se meu professor de matemática estivesse prestes a dar a nota em meu dever de casa.

— Como as coisas estão, você está certo; não podemos comprar Bentley Grove, 11. Não vendemos nossa casa, não está sequer à venda. Mesmo que a colocássemos amanhã, é improvável que encontremos um comprador a tempo. Agora que o preço de Bentley Grove, 11 caiu para um milhão, será vendida em dias. Está sendo anunciada como uma pechincha; preço reduzido para uma venda rápida. E é em uma das melhores áreas de Cambridge. Se tivesse de apostar, diria que um negócio terá sido fechado no final de segunda-feira.

— Posso injetar um pouco de realismo nessa fantasia? — pergunta Kit. — Mesmo se conseguíssemos conjurar um comprador, o máximo que receberíamos por Mellers são trezentos mil. Ainda não conseguiríamos dar conta.

— Com nossas rendas e os lucros de Nulli podemos conseguir uma hipoteca de algo entre oitocentos mil e novecentos mil, acho. Não de Halifax ou NatWest...

— Então de quem?

— Há muitos bancos privados que não piscariam em nos emprestar um caminhão de dinheiro em troca de transferirmos nossas contas empresarial e pessoais para eles. Somos exatamente o tipo de cliente que querem atrair. Pense nos lucros da Nulli nos dois últimos anos: dispararam. Precisarei fazer as projeções de lucros para este ano e o próximo em volume equivalente para que o banco veja os números e pense “ótimo, sem risco”, mas isso é bastante fácil de fazer. O banco ficará com Nulli e Bentley Grove, 11 como garantia; não vejo por que recusariam.

Kit não diz nada. Pelo menos está escutando. Não tinha certeza de que o faria. Achei que a esta altura eu poderia estar falando para uma cadeira verde-limão vazia.

— Você leu a carta — digo prontamente, seguindo meu discurso preparado. — Você viu que estou oferecendo a Selina Gane 1,2 milhão, o preço original. Fiz isso por duas razões. Um: ela não quer me ver nem falar comigo. Duzentos mil extras com os quais ela não

contava poderão ser o incentivo de que precisa. Dois: assim que começar a circular que Bentley Grove, 11 está sendo vendida por um milhão, irá atrair tanto interesse que provavelmente haverá pessoas dando lances. Assim que isso acontecer o preço começará a subir novamente. A não ser que Selina Gane seja uma idiota ingênua, saberá disso. Se eu quiser fazer uma oferta prévia de sucesso, preciso levar em conta que a demanda poderá provocar aumento do preço. Realisticamente, avalio que a oferta máxima nessa situação será de 1,1 milhão.

— Então por que não oferecer isso? — pergunta Kit, a voz pétrea. Digo a mim mesma que isso é um progresso: ele pelo menos está discutindo a possibilidade. Fazendo perguntas sensatas.

— Pensei nisso. Mas a combinação da antipatia de Selina Gane para comigo e a possibilidade de que ela acabe recebendo 1,2 milhão de qualquer maneira poderá deixá-la mais inclinada a me mandar pastar. E 1,2 milhão é uma oferta que ela teria de ser realmente louca para recusar; não vejo como poderia.

E ela sabe coisas sobre a casa que ninguém mais sabe — sobre o que está escondido lá e o que desapareceu, o que um dia esteve lá e foi levado embora. Um corpo de mulher, o botão da morte...

Eu poderia telefonar para a imobiliária e dar um nome falso, pedir a Lorraine Turner para me mostrar Bentley Grove, 11, mas qual o sentido? Mesmo uma corretora imobiliária bem informada saberia apenas uma parcela do que o dono sabe.

Oferecer a Selina Gane mais de um milhão de libras me parece uma boa forma de persuadi-la a conversar comigo.

— Você está se escutando? — sibila Kit, se curvando sobre a mesa como se uma maior proximidade de sua hostilidade tornasse mais provável que eu mudasse de ideia. — Uma oferta que ela teria de ser realmente louca para recusar? É uma oferta que você tem de ser realmente louca para fazer! Mesmo se conseguíssemos pegar novecentos mil emprestados com um banco privado...

— Como poderíamos fazer os pagamentos mensais? — corto. Eu antecipei todas as perguntas que ele pudesse fazer, todas as possíveis objeções. — Fiz alguns cálculos superficiais. Fazendo o empréstimo com base em juros, e se colocarmos noventa por cento

de nossos salários e toda nossa poupança pessoal, poderíamos fazer pagamentos por dois ou três anos, dependendo de certas variáveis. Depois disso, não sei. Talvez estejamos ricos com algum novo empreendimento, ou...

Não. Pare.

Prometi a mim mesma que não mentiria para tornar isto mais fácil, para Kit ou para mim.

Não haverá um novo empreendimento. Não há "nós", não mais.

— Quando não pudermos mais fazer os pagamentos, Bentley Grove, 11 será retomada — digo a Kit. — É inevitável, e isso não me preocupa. Se não tiver descoberto o que preciso saber em dois anos, as chances são de que nunca descubra. A essa altura terei de pensar em desistir.

— Você está sugerindo este plano *sabendo* que levará à falência?

— Não faz sentido ter dinheiro se você não está disposto a gastá-lo com as coisas que importam. Imagino que se eu não tivesse literalmente um vintém, o governo teria de me dar algum lugar para viver; um quarto em uma pensão, um apartamento municipal, benefícios. Eu não passaria fome.

— Seus números não batem — diz Kit, uma triunfante expressão de desprezo no rosto. Ele deveria saber. Quando meus números não bateram? A histeria fermenta dentro de mim. *Minha vida pode estar desmoronando, mas minhas habilidades contábeis sobreviveram intactas. Oba.* — Você está falando de pegar emprestados novecentos mil, mas esta carta oferece 1,2 milhão — diz Kit, batendo nela novamente com as costas da mão. — De onde virão os outros trezentos mil?

— Da venda de Melrose Cottage — conto. — Você falou sobre conjurar um comprador? Foi exatamente o que fiz. Um comprador sólido que não nos abandonará, para que possamos fechar um acordo com Selina Gane imediatamente, sabendo que não irá fracassar.

— Quem? Está falando besteira! Você não teve tempo de encontrar ninguém. A casa não está à venda! Sua mãe e seu pai não irão ajudá-la a falir, isso é certo; eles cairiam mortos de um ataque cardíaco conjunto se ouvissem o que acabei de ouvir. Fran e Anton

não têm dinheiro. Quem é seu comprador, Connie? Você está delirando, cacete!

— Vamos vender Melrose Cottage para nós mesmos. Para a Nulli. Nenhuma reação. Eu continuo.

— A Nulli tem cento e cinquenta mil na conta no momento, um pouco mais, um pouco menos. Legalmente é uma entidade distinta de você e eu, embora nós a possuamos. Ela pode fazer empréstimos por conta própria. É assim que funciona: a Nulli compra Melrose Cottage por trezentos mil. Não sei, talvez possa até mesmo pagar um pouco mais; trezentos e vinte, digamos, ou trezentos e cinquenta. Sim, pensando bem, acho que a Nulli poderia ficar tão impressionada com nosso interior refinado que não conseguiria resistir a oferecer cinquenta mil a mais para afastar a concorrência. O avaliador ouvirá que esse foi o preço com o qual vendedor e comprador concordaram, e não irá questionar; trezentos e cinquenta mil não é inimaginável com todo o trabalho que fizemos.

— O trabalho que *eu* fiz — murmura Kit.

Não vou discutir com ele. É justo.

— A Nulli dá cem mil por Melrose, pega emprestados duzentos e cinquenta. Os cinquenta mil que restam na conta da empresa cobrem o imposto de transmissão, os custos legais, tudo; pode até sobrar algo para os salários.

Você tem de rir, não é mesmo, Kit? Ou irá chorar.

— Assim que a Nulli for a dona de Melrose, a colocará à venda. Não deverá demorar muito a vender. Alguém com quem estudei a comprará, ou um dos amigos de mamãe e papai querendo reduzir o espaço agora que as crianças saíram de casa. Enquanto isso, teremos uma bela quantia da venda de nossa casa; teremos trezentos e cinquenta mil em espécie. Pagaremos trezentos e cinquenta mil por Bentley Grove, 11 e tomaremos emprestados novecentos. Não — eu me corrijo. — Desculpe. Pagaremos duzentos e noventa, tomaremos emprestado novecentos e dez. Os sessenta que não pagamos da venda de Melrose cobrem transmissão, que será colossal, e custos legais. Assim que Melrose for vendida para um comprador legítimo, a Nulli recebe duzentos e noventa mil de volta, e acaba com apenas sessenta mil a menos. E na verdade não

será absolutamente a menos, porque ela é nós, e nós somos ela; já teremos usado esses sessenta mil. Deixando tudo de lado, é uma forma brilhante de conseguir um enorme volume de dinheiro da empresa, sem impostos.

Kit não diz nada, nem sequer pisca. Talvez esteja morto; eu arranquei a vida dele.

— Inicialmente pensei que a Nulli poderia comprar Bentley Grove, 11, mas isso não funcionaria — digo. — Eu teria de me mudar para lá, morar lá; não descobriria nada não estando lá. Se a Nulli for dona da casa e eu morar lá, isso se torna uma espécie de benefício sujeito a imposto. Ademais, um banco particular não emprestaria à Nulli nem de longe tanto quanto emprestaria a nós, e cobraria o dobro de juros; os termos para empréstimos comerciais são muito mais duros que para hipotecas de pessoa física. Desta forma é perfeito. Nulli compra Melrose, onde não estaremos mais morando, portanto não será benefício sujeito a impostos, mas um investimento. Dizemos ao banco alguma besteira sobre estarmos alugando.

— Cale a boca! — berra Kit. — Não quero ouvir mais, apenas... pare.

Obediente, espero em silêncio até ele estar pronto a me fazer em pedaços. Ele não é uma pessoa impulsiva, o Kit. Ele irá querer ensaiar seu ataque antes.

Todos no restaurante estão nos observando, e tentando fingir que não. Penso em fazer uma declaração pública: *Não se preocupem com sutileza. Já superamos isso de nos preocupar com o que pensam de nós.*

De repente, desesperadamente, quero um Kir Royale. Este é um lugar de Kir Royale. Por que alguém iria querer beber outra coisa naquele salão de veludo limão e roxo com sua luz suave e vista do rio?

Não posso pedir um Kir Royale. Não seria certo. *Inadequado. Connie maluca.*

— Você tem alguma ideia de como isto é *fodido*? — diz Kit após alguns minutos. Ele baixou a voz para um sussurro; talvez se preocupe em causar uma boa impressão, mesmo agora. Lembro a mim mesma que não sei nada sobre ele, nada que importa. — Você

diz: “Já teremos usado esses sessenta mil”, como se tivéssemos um lucro nisso! É, teremos usado os sessenta mil; hurra. Teremos usado para comprar uma casa que iremos perder em dois ou cinco anos porque não podemos arcar com ela. E a Nulli, que levamos tanto tempo para construir e na qual colocamos tanto esforço e energia, a Nulli irá pelo ralo. Quando Melrose Cottage for vendida para um comprador legítimo, o que teremos? Dois, três meses sem poder pagar ninguém?

— Você está certo — digo, cortando. — A Nulli será uma baixa do plano, quase certamente. E perderemos as duas casas, Melrose Cottage e Bentley Grove, 11. Em compensação, se Bentley Grove for retomada, poderemos conseguir algo com ela, dependendo de por quanto o banco a vender. E quando a Nulli vender Melrose, mesmo que já esteja no processo de quebra, serão trezentos mil que voltarão para nós, menos os custos associados à falência.

— Ficaremos sem nada — diz Kit, a voz pesada de infelicidade. — É a única coisa que as pessoas que vão à falência têm em comum. Por favor, use o cérebro, cacete.

— Acho que você está sendo pessimista demais — digo a ele. — Sairemos disso com algo. Lembre-se, há duas casas a vender para gerar recursos.

Hora de ser generosa. Incentivá-lo.

— Você pode ficar com tudo. Tudo que nos restar ao final disso. Falei sério: não ligo se terminar pobre e sem-teto.

Uma voz em minha cabeça — provavelmente da minha mãe — diz: *Muito bom dizer que não liga. Você deveria ligar.*

Mas não ligo.

— Eu preciso saber a verdade — digo a Kit. — Posso nunca descobrir, mas, caso descubra, é assim que irá acontecer. Este plano é, provavelmente, o começo para conseguir algumas respostas para as minhas perguntas.

1,2 milhão de libras. A resposta mais cara na história do mundo.

— Se eu disser não você irá se divorciar de mim, certo? — pergunta Kit.

Eu anuo.

— O que acontece ao nosso casamento se disser sim?

— Isso depende. Se descobrir a verdade, e a verdade for que você não é um mentiroso, não é um assassino... — digo, e dou de ombros. — Talvez possamos encontrar um caminho de volta, mas...

Eu me interrompo. Não é justo oferecer a ele falsas esperanças, mesmo que isso facilite meu trabalho.

— Acho que nosso casamento provavelmente terminou de qualquer forma — digo.

— É o que o idiota típico das ruas chamaria de “nem é preciso pensar” — diz Kit, com um sorriso trêmulo. — Se minha escolha é entre decididamente perder a mulher que amo e apenas provavelmente perdê-la, vou ter de escolher o apenas provável — anuncia, se levantando. — Assinarei qualquer coisa que você queira. É só dizer. Você sabe onde me encontrar.

18

23/07/2010

— Preciso que faça uma coisa para mim.

— Alô para você também — diz Charlie, fazendo uma cara feia ao telefone. — Estou bem, obrigada por perguntar. Onde você está?

— Encontre Alice Fancourt, marque para se encontrar com ela assim que puder. Desculpe, Alice Bean; ela abandonou o Fancourt. Descubra quando viu Connie Bowskill pela última vez e o quê...

— Opa, espere um minuto.

Aquele era o tipo de conversa que exigia ser acompanhada de uma taça de vinho: gelado, branco, seco. Charlie apertou o botão de pause no controle remoto, levantou do sofá e fechou as cortinas da sala de estar, ou o mais fechado que ficavam. Elas não se encontravam no meio; ela fizera um trabalho vagabundo ao pendurá-las. Liv tinha dito: "Então tire e pendure novamente, do jeito certo", mas no que dizia respeito a Charlie, cortinas estavam na categoria das coisas que só tinham uma chance. Assim como irmãs.

Ela nunca admitiria isso a ninguém, mas ficara contente de estar em casa — novamente rainha de sua pequena casa mal decorada com varanda, não mais uma estranha no paraíso.

— Connie Bowskill conhece Alice? — perguntou, reprimindo um bocejo.

— Alice é a homeopata dela — disse Simon. — Preciso saber quando ela a viu pela última vez, o que Connie disse, se tem alguma ideia de onde Connie está agora.

— Correndo o risco de parecer egoísta, o que essa relação de necessidades tem a ver comigo? Eu estava vendo um DVD.

Até o momento era brilhante. *A órfã*. Tinha como protagonista uma adotada psicótica chamada Esther, que parecia pretender matar

todos os irmãos. Charlie se identificava muito com ela, embora suspeitasse que não fosse essa a reação que o diretor tinha esperado.

— Eu não posso falar com Alice, posso? — respondeu Simon, impaciente.

— Vocês dois tinham bocas e ouvidos da última vez que conferi. Quer dizer que não deseja falar com ela.

Charlie se serviu de uma taça de vinho, contente por ele não estar lá para ver seu sorriso. O sorriso murchou assim que lhe ocorreu que ele não querer falar com Alice poderia ser interpretado de uma série de modos: desgosto, constrangimento, aversão a revisitar o passado. Todos esses estariam bem, pensou Charlie, recolocando o vinho na geladeira. *Um grave amor não correspondido — do tipo que sabe que será ampliado a uma agonia maior quando confrontado com seu objeto.* Não. Ridículo. Estava claro pelo tom dele que Alice era um meio para um fim. Era em Connie Bowskill que ele estava interessado agora. E não, disse Charlie com firmeza — não nesse sentido.

— Não, não quero falar com Alice — disse Simon.

Nem Charlie, mas ela sabia o que aconteceria caso se recusasse: ele iria superar sua relutância e faria o que fosse necessário para conseguir a informação que desejava. Esta era sua oportunidade de impedir um encontro.

— Certo, eu faço. Onde você está?

— Ainda em Cambridge.

— Vai voltar para casa?

— Não. Vou a Bracknell conversar com os pais de Kit Bowskill.

— Agora? Será meia-noite quando chegar lá.

— Eles estão me esperando de manhã cedo. Vou acampar no carro diante da casa deles — disse e, antecipando a objeção, acrescentou: — Não faz sentido voltar só para passar algumas horas na cama. De qualquer maneira, eu não iria dormir.

Como se não houvesse nada a fazer na cama além de dormir.

— Então... — ela começou. Ele estava indo rápido demais para ela. — Kit Bowskill lhe deu o número de telefone dos pais?

Por que ele faria isso? Por que Simon pediria?

— O serviço de auxílio à lista me deu. Só havia um Bowskill em Bracknell: N de Nigel.

— Mas... Você se encontrou com Kit Bowskill?

— É. Perguntei a ele três vezes o que causou a ruptura entre ele e seu pessoal. Nas primeiras duas vezes, fugiu da pergunta. Foi a terceira resposta que me convenceu de que está escondendo algo importante. Ele me deu o que inicialmente pareceu uma resposta completa, mas não passava de psicologismo; usou muitas palavras para me distrair, para que não notasse que não estava me dizendo nada. Falou que sua mãe e seu pai não “apoiaram”, não foram uma família para Connie quando ela precisou. Isso poderia significar quase qualquer coisa.

— Será que decidiu que não era da sua conta? — Charlie perguntou. Ela podia compreender o desinteresse de Kit Bowskill em discutir uma relação rompida de forma traumática com um detetive seco que nunca tinha visto antes.

— Não. Estava com medo — Simon respondeu, depois fazendo uma pausa antes de acrescentar. — Ele é o cara mau. Não me peça para provar porque não posso. Ainda.

— Você nem sequer sabe se há um cara mau.

— Ele me disse que Connie não quer falar comigo; está com raiva de mim por partir sem contar a ela. Isso soa provável?

— Sim — Charlie respondeu. — Eu estava com raiva de você mais cedo, quando partiu para Cambridge sem me contar. Poderia ter ido com você.

— E se também a tiver matado, motivo pelo qual ela não está atendendo ao telefone?

— Pura invenção, Simon.

— Quantas pessoas você conhece que eliminam os pais de suas vidas?

— Você está obcecado com os malditos pais de Kit Bowskill — resmungou Charlie.

— A partir de agora, esse é o meu princípio orientador: sempre que tiver duas pessoas dizendo coisas diferentes e não souber em qual delas acreditar, se uma delas tiver afastado as duas pessoas que a trouxeram ao mundo, irei acreditar na outra.

— Isso é... realmente absurdo — disse Charlie, rindo e tomando um gole de bebida.

— Não é não.

— Uau; que argumento convincente.

— Todos os dias de minha vida eu penso em minha mãe morrendo; cada dia. Penso em quão livre me sentiria. E então me dou conta de que ela provavelmente viverá mais trinta anos.

Charlie esperou. Contou os segundos: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

— O ponto é, nunca irei dizer a ela: “Lamento, você está fora da minha vida.” Qualquer um que tenha coração sabe como um pai se sentiria ouvindo essas palavras, qualquer um com a capacidade de ter um *mínimo* de empatia... — disse, a respiração entre as palavras mais alta que as palavras. Simon não estaria disposto a ter essa conversa pessoalmente, imaginou Charlie; apenas a distância a tornou possível para ele. — Nenhum filho deveria jamais romper com os pais, não sem uma razão incontestável. Não a menos que seja um caso de vida ou morte.

Charlie não estava certa se concordava, mas fez um ruído que permitiria a Simon achar que sim.

— Se Kit Bowskill não quer lhe contar o que aconteceu, a chance é de que seus pais também não queiram.

— Um risco que tenho de correr.

Aceite, Zailer: ele não virá para casa.

Charlie levou seu vinho para a sala e se jogou no sofá. A órfã psicótica Esther, travada na posição, debochava dela desde a tela de TV.

— Mesmo que os pais lhe contem sobre o que foi a briga, e então? Como isso pode ter algo a ver com Connie ver uma mulher morta em um site imobiliário? Supondo que viu tal coisa. Ainda não estou convencida; e não ligo quantas testemunhas independentes apareçam.

A câmera estava pousada no braço do sofá ao seu lado. Pousou a bebida e a pegou. Desde que voltara da Espanha, ela a mantivera por perto o tempo todo — do seu lado da cama quando dormia, no

beiral da janela do banheiro quando no banho. Estava viciada em ver as fotos de Los Delfines.

— Independentes — disse Simon. — Escolha de palavras interessante.

— Desculpe? — disse Charlie, olhando para um pequeno Domingo suado apoiado no tronco do lírio invertido.

— Duas pessoas veem o corpo da mulher morta em Roundthehouses: Connie Bowskill e Jackie Napier. Ninguém mais. Parece provável a você que as únicas duas pessoas a ver esse corpo morto no site, pela breve meia hora que passou lá antes de ser substituído, tenham sido essas duas pessoas? Pense nas milhões que poderiam ter visto.

— Provável? — reagiu Charlie, fazendo um rosto de “grito silencioso”. — Simon, deixamos o provável para trás há vários anos-luz. Nada disto é provável. Ainda acho que é algum tipo de... brincadeira bizarra. Não há absolutamente nenhuma evidência; evidência de verdade, quero dizer, de que alguém tenha sido morto, ferido, nada. Ai, meu Deus!

— O quê? O que há de errado?

— É hediondo. É hediondo, cacete!

— O quê?

— O rosto. Na montanha. Agora é tão óbvio que eu consigo ver: olhos, nariz, boca — disse Charlie, apertando o botão de zoom da câmera. — Eu lhe perguntei se era atraente; por que você não me disse que era horrendo? Parece o Jabba the Hut de *Star Wars*.

— O que quer dizer com consegue ver? — perguntou Simon, soando irritado. — Você está em casa.

— Na minha câmera.

— Não há como uma fotografia...

— É aquela panorâmica, a que tirei do terraço de cima. Piscina, churrasqueira, jardins, montanha; com direito ao rosto feio.

— O rosto que vi não apareceria em uma fotografia — disse Simon.

— Simon, estou olhando para um rosto aqui. Quantos rostos uma montanha pode ter?

— Você não pode dizer nada por uma fotografia — insistiu Simon, seco.

— O rosto que você viu parecia Jabba the Hut de *Star Wars*?

Houve uma pausa. Depois Simon disse:

— Se você não o viu em primeira mão, então não pode alegar ter visto; não com base em uma fotinha.

— A quem eu poderia alegar isso? — retrucou Charlie, provocando. — Ao Diretório de Classificação de Rostos em Montanhas? O que importa se eu também vejo? Isso o torna menos especial?

— Não — respondeu, soando confuso com a pergunta. — Eu queria que você visse, mas você não viu. Ver em uma fotografia não é a mesma coisa.

— Não, é diferente. Mas ainda consigo ver.

— Não na montanha.

Charlie segurou o telefone a distância e fez um barulho com a língua; longo, alto. Quando o voltou ao ouvido, Simon falava tão rápido que ela não conseguia acompanhar o que dizia. Algo sobre alguém chamado Basil.

— Desacelere — disse a ele. — Eu perdi o começo disso. Começo novamente.

— Basil Lambert-Wall — ele disse, sem fôlego. — Professor sir, o que mora em Bentley Grove, o vizinho de lado de Selina Gane. Ele disse ter visto Kit Bowskill antes, lembra, quando mostrei a foto? Disse que Bowskill tinha instalado um alarme contra ladrões para ele.

Charlie lembrava.

— E depois você foi à companhia de alarmes, onde disseram não reconhecer Bowskill, que não trabalhava lá.

— Você me diz ter visto um rosto em uma montanha quando não viu; você o viu em uma fotografia — disse Simon, as palavras se chocando umas com as outras, como sempre acontecia quando estava excitado. — Por que você comete esse erro? Porque você associa a fotografia à montanha; é uma associação tão forte em sua mente que você confunde uma com a outra.

Charlie abriu a boca para protestar, mas estava claro que ele não iria parar.

— Basil Lambert-Wall estava errado sobre Bowskill ser o cara que instalou seu alarme contra ladrões; sabemos disso. Mas e se estava certo sobre vê-lo? E se em sua mente ver Kit Bowskill está fortemente associado ao dia em que recebeu um novo alarme contra ladrões? E se *mais* alguma coisa aconteceu no mesmo dia e o professor está confundindo as duas coisas? Pense nisso: tem de ser! Por que mais ele estaria tão certo de que Kit Bowskill instalou seu alarme quando ele não o fez?

Porque ele é velho, gagá e simplesmente errado? Charlie não se deu ao trabalho de dizer em voz alta. Quando Simon estava daquele jeito não adiantava conversar com ele.

Ela ouviu um clique e a linha ficou muda. *Dispensada*. Era a vez do professor sir Basil ter sua noite interrompida, pobre velho. Pareceu estranho a Charlie que ela soubesse o que estava prestes a lhe acontecer, e ele não tivesse ideia. Esperou que não estivesse dormindo.

Suspirando, apertou play no controle remoto e se esticou no sofá para ver o resto do filme. Alice Fancourt poderia esperar até o dia seguinte. Se Simon podia ter um princípio orientador, Charlie também podia: pessoas que encerravam telefonemas sem se despedir não mereciam ter seus pedidos atendidos imediatamente.

— Sam — disse Kate Kombothekra, tirando o telefone das mãos do marido e o colocando na mesinha de centro entre eles. Ela vestia pijama amarelo e segurava um rolo de filme plástico em uma das mãos. — Preciso de sua atenção por cinco segundos. Acha que consegue?

— Desculpe.

— Lembrou de conseguir papel para a impressora?

— Não. Desculpe. Pegarei amanhã.

— Ligou para o conselho?

— Eu deveria?

— Sim. Para perguntar sobre aluguel de caçamba, conseguir orçamentos...

— Ah, certo. Não. Desculpe.

Kate suspirou.

— Tudo bem. Só mais uma pergunta, e só porque estou desesperada para ouvir um “sim”: seria justo supor que você deixou de fazer todas as quatro coisas que tinha prometido fazer hoje?

— Era Connie Bowskill ao telefone — Sam contou. — Quer que eu peça a Grint o número de Jackie Napier.

Não era um pedido absurdo nas circunstâncias.

— Ah, não isso, novamente! — reagiu Kate, batendo o rolo de filme plástico ritmadamente sobre a palma da mão esquerda no que certamente seria um gesto ameaçador se a arma fosse menos inofensivamente doméstica. — Esqueça de Connie Bowskill. Venha e me ajude a deixar as coisas dos meninos prontas para amanhã. Quase terminei de embalar os lanches; se você pudesse pegar as grandes mochilas deles no sótão. As de camuflagem, sabe — disse Kate, fazendo mímica: uma pessoa sentada saltando de uma cadeira e começando a correr.

Sam não se moveu.

— Ela está no Garden House — disse. — O mesmo hotel de Selina Gane.

Não sabia bem por que a ideia das duas mulheres tão próximas o perturbava. Estava preocupado que Connie fizesse algo? Não. Ela não era violenta. Talvez desesperada. Muito da violência que Sam encontrara ao longo dos anos fora fruto de desespero.

Estava lutando contra a vontade de ligar para Grint e lhe dizer para ir ao hotel. E fazer o que quando chegasse lá? Era loucura. Assim como não querer que Connie conversasse com Jackie Napier. Sam não gostava de pensar em si mesmo como um obcecado por controle; o tipo de pessoa que toma decisões pelas outras e justifica isso com base em que foi para o bem delas. Poderia ter dito facilmente que Jackie trabalhava para a Otto Casas, que não precisava perturbar Grint; Connie poderia entrar em contato com Jackie pelo trabalho se quisesse falar com ela. Era natural que Connie quisesse ser colocada em contato com a única pessoa no

mundo que certamente acreditaria nela, a mulher que vira exatamente o que tinha visto. No seu lugar, Sam também iria querer comparar anotações, repassar detalhes. Então, por que seus instintos lhe diziam para fazer tudo o que pudesse para manter as duas mulheres afastadas?

Ele não conseguia deixar de pensar em algo que Jackie Napier dissera em sua entrevista, sobre a mulher que fingira ser Selina Gane e colocara Bentley Grove, 11 à venda. *Sabia que só precisava falar sobre as pessoas não se parecerem com elas mesmas nos passaportes. Caso me fizesse pensar em todas as outras pessoas, não precisaria me convencer; eu mesma faria esse trabalho. É uma das coisas que todos dizem, não? "Ele não parece nada com a foto do passaporte, fico surpreso que o tenham deixado voltar ao país."*

Será que Sam estava lembrando errado? Não, estava bastante certo de que fora o que dissera.

Ele abriu a boca para perguntar a Kate se ele estava imaginando problemas que não existiam. Mas ela já tinha saído.

— Escolha um número entre um e trinta e nove.

— Dezesesseis — disse Simon. O aniversário de casamento dele e Charlie.

O professor sir Basil Lambert-Wall arrastou o indicador ao longo dos livros na prateleira mais próxima dele, contando um a um. Ao chegar ao décimo sexto, o tirou da fila, pendurou a bengala no encosto da cadeira mais próxima e tentou segurar o grande volume capa dura com as duas mãos. Simon se adiantou para ajudar, lamentando que o sentimentalismo o tivesse levado a escolher o que sem dúvida era o livro mais pesado da prateleira — *Sussurros*, era o nome. O subtítulo era *A vida privada na Rússia de Stalin*.

— Fique onde está! — ordenou o professor. A voz era forte e poderosa para um homem tão pequeno. — Eu dou conta perfeitamente bem.

Ele fez uma série de sons arfados enquanto circum-navegava a cadeira e se sentava nela. Mais arfados enquanto ajeitava o livro no

colo.

Simon observou o esforço tentando não ter um esgar, esperando que os pequenos pulsos de Lambert-Wall não se partissem. Ele se censurou por não ter adivinhado o que o velho tinha em mente; caso tivesse, poderia ter escolhido o magro número quinze, *Máximas de La Rochefoucauld*. Não havia carência de livros entre os quais escolher: todas as paredes estavam cobertas deles. Havia prateleiras acima da porta, acima e abaixo das duas janelas — todas cheias. Entre as duas poltronas e o sofá havia três pilhas de revistas. Uma era encimada por um número de *The Economist*, a outra por algo chamado *PN Review*. A terceira sustentava duas canecas vazias. Simon não conseguia ver o nome do periódico abaixo delas; tinha uma foto da Estátua da Liberdade em um dos cantos.

— Você escolheu bem — disse o professor assim que recuperou o fôlego. — *Sussurros* é um livro atipicamente excelente. Agora escolha um número entre um e seiscentos e cinquenta e seis — falou, folheando as páginas.

— Tem certeza de que não o estou mantendo acordado? — perguntou Simon. Era o roupão atoalhado vermelho que o estava deixando culpado, o pijama listrado cinza, as canelas magras se projetando do chinelo marrom. Mas isso não necessariamente significava hora de dormir; Lambert-Wall vestia o mesmo traje na última vez em que Simon aparecera, ao meio-dia.

— Não são sequer dez horas — disse o idoso, fazendo Simon se sentir como um pai superprotetor preocupado com detalhes. — Eu durmo entre quatro e nove. E escrevo entre onze e quinze para as quatro, de modo que desde que tenhamos terminado às onze...

Ele olhou para o relógio digital no peitoril da janela, depois ergueu as sobrancelhas para Simon, que anuiu.

— Bom. E então, um número?

— Onze.

O professor riu.

— Página onze, aqui está. E agora... um número entre um e trinta e quatro, por favor.

— Vinte e dois — disse. O aniversário de Charlie.

— Excelente. E finalmente, um número entre um e... trinta e quatro.

— Doze.

O aniversário de Simon. Ele não via como suas escolhas poderiam revelar algo sobre ele que não quisesse que um estranho soubesse.

— Ah. Lamento — disse o professor, franzindo o cenho. — Você não pode ter a décima segunda palavra da vigésima segunda linha, temo. É “Trotski”. Nomes próprios não são permitidos.

— Então eu repito o onze — disse Simon, curioso demais para ficar impaciente. Qual o sentido daquele jogo?

— Você escolheu a palavra “vida” — disse Lambert-Wall, sorrindo. — Um resultado muito impressionante; o melhor em bastante tempo.

Ele fechou o livro com força e o colocou no carpete bege junto aos pés. Simon pensou sobre o carpete bege de Selina Gane ao lado, com a mancha de árvore de Natal em um canto. Será que os construtores tinham dotado todas as casas do mesmo carpete quando as ergueram? De fora, elas tinham uma aparência genérica: um projeto multiplicado por trinta e tantos. Simon se viu olhando para as três torres de revistas à sua frente. Imaginou deslocá-las para revelar três manchas escarlate redondas, cada uma a forma de uma cabeça humana. Disse a si mesmo para se controlar.

Basil Lambert-Wall se levantara da cadeira e oscilava, sem a ajuda da bengala, na direção de uma escrivaninha diante da janela, que tinha muitos pesos de papel, mas nenhum papel solto. Quando chegou ao seu destino, pegou uma caneta sem tampa e escreveu algo em um caderno aberto. De costas para Simon, ele disse:

— Você é um homem de discernimento e uma força para o bem no mundo. E tinha uma pergunta que desejava me fazer. Por favor, vá em frente.

Simon estava confuso. O professor tinha se esforçado para ir até a escrivaninha de modo a registrar o resultado daquele teste peculiar? Simon teria gostado de estudar detalhadamente o conteúdo do caderno. Como sempre quando alguém lhe fazia um cumprimento, ele se sentia tentado a discutir. “Vida” fora sua segunda escolha. Da primeira vez ele escolhera “Trotski” — um entusiasmado assassino

em série. O que isso dizia sobre ele? Com base no que nomes próprios eram descartados?

— No dia em que o senhor teve instalado o novo alarme de ladrões; terça-feira, 29 de junho.

— Como sabe que essa foi a data? — perguntou o professor.

— O senhor me disse da última vez em que falamos. A Safesound Alarms confirmou.

— Você me verificou?

— Eu verifico tudo — respondeu Simon. — Sempre.

— Se lhe dei uma data precisa isso significa que devo ter olhado em minha agenda.

— O senhor fez isso.

— Então não havia necessidade de verificar — disse Lambert-Wall, baixando para sua cadeira, depois se levantando para ajustar o roupão.

Simon esperou até que tivesse se acomodado.

— Não se preocupe com a data. Eu queria que pensasse novamente naquele dia. Seu novo alarme foi instalado. Estava acontecendo mais alguma coisa de que se lembre, qualquer coisa que tenha acontecido mais ou menos na mesma hora?

— Sim — disse o homem, piscando várias vezes em sequência. Era desconcertante de observar, como se alguém estivesse brincando com os controles das pálpebras. — Li um livro excepcional: *People of the lie*, de M. Scott Peck. Oferece a melhor definição do mal humano que já encontrei.

Simon imaginou um texto de duas palavras, as duas sendo "Giles" e "Proust".

— Mais alguma coisa? — perguntou.

— Sim, eu almocei algo chamado "tian". Eu não tinha e ainda não tenho ideia de o que é tian, mas o gosto era delicioso. Era cilíndrico. Gostei da aparência na loja, então resolvi experimentar. Ah, eu fui à loja, claro; o supermercado.

— No dia em que seu alarme de ladrões foi instalado?

Lambert-Wall anuiu.

— Minha filha me levou de manhã ao Waitrose. Ela me leva toda terça de manhã. Gostaria que eu fizesse compras pela internet, mas

resisto.

Simon anuiu. Aquilo não estava levando a lugar algum.

— Então o senhor leu *People of the lie*, almoçou, foi às compras...

— Sim, mas não nessa ordem. Eu cochilei de tarde, como sempre faço, de uma às quatro horas. Ah, e um dos meus vizinhos foi rude comigo, o que estragou o que do contrário teria sido um dia bastante agradável.

— Qual vizinho?

O professor apontou para a janela.

— Um dos homens que moram na casa em frente. Ele normalmente é uma alma gentil, motivo pelo qual fiquei surpreso. Ele e a esposa tinham comprado cortinas novas, e as estavam levando para dentro da casa. Ela tivera de baixar os bancos de trás do carro para que coubessem. Saí para bater um papo, pretendendo fazer um comentário sobre a coincidência; novas cortinas, novo alarme de ladrões. Não é terrivelmente fascinante, admito, mas sem dúvida teria levado a assuntos de maior interesse. A reação dele foi totalmente injustificada.

— O que ele fez?

— Gritou comigo. “Não agora! Não vê que estamos ocupados?” Depois disse à esposa: “Livre-se dele, por favor?”, e entrou na casa carregando uma braçada de cortinas. Nada atraentes, também, pelo que pude ver através da embalagem plástica.

A pele de Simon começara a arrepiar. Tinha de ser isso: um homem normalmente educado, de repente grosseiro e agressivo. Kit Bowskill? Exceto que não fazia sentido. Supondo que existisse, a ligação ilícita de Kit Bowskill era com Bentley Grove, 11. Esse era o endereço que a esposa encontrara em seu GPS, a casa que ela estivera olhando em Roundthehouses quando vira o corpo morto. O número 11 da Bentley Grove ficava ao lado da casa de Basil Lambert-Wall, não em frente.

— A esposa dele estava terrivelmente constrangida — continuou o idoso. — Deve ter se desculpado vinte vezes. “Ignore-o”, ela disse. “Não é o senhor, são as duas horas que acabamos de passar na loja de cortinas. Nunca mais!” Você pensaria que depois de gastar todo

aquele tempo eles colocariam as novas cortinas, mas ainda não fizeram isso.

Simon tirou do bolso uma fotografia, a mesma que tinha mostrado a Lambert-Wall da vez anterior, de Kit Bowskill.

— Este rosto é familiar? — perguntou.

— Sim, é ele — respondeu o professor.

— O vizinho que foi grosseiro com o senhor?

— Sim.

— Da casa bem em frente? — disse Simon, caminhando até a janela e apontando, para evitar ambiguidade.

— Isso mesmo. Parece surpreso.

Kit Bowskill morava em Little Holling, Silsford. Kit Bowskill era vizinho do professor sir Basil Lambert-Wall em Cambridge. Como as duas afirmações podiam ser verdadeiras?

— Então... o homem na fotografia, ele não é da Safesound, que instalou seu alarme?

Lambert-Wall fez novamente o truque das piscadas múltiplas.

— Por que o sujeito do outro lado da rua instalaria meu alarme de ladrões?

Simon não teve coragem de lembrar a ele o que dissera da última vez em que conversaram.

— O senhor o descreveu como “um dos homens que moram na casa em frente”. Há outro?

— Sim. O Homem da Noite.

Simon tentou não demonstrar sua surpresa. Evidentemente fracassou, pois o professor riu.

— Eu deveria explicar: o homem que foi grosseiro comigo foi o Homem do Dia. Não são os nomes reais deles; esses já esqueci há muito, temo, se é que um dia soube.

— Conte sobre Homem do Dia e Homem da Noite — pediu Simon do modo mais neutro possível.

— O Homem da Noite é casado com a Mulher da Noite, e eles têm dois filhos, um menino e uma menina, mas nunca vejo nenhum deles de dia, apenas à noite. E o Homem do Dia é casado com a Mulher do Dia. Bem, eu digo “casado com”, mas quem sabe o que

isso significa atualmente? Talvez não sejam casados, mas certamente são um casal.

— Então os seis moram na casa: Homem da Noite, Mulher da Noite e os dois filhos, e Homem do Dia e Mulher do Dia?

— Não sei como conseguem — disse o professor. — Essas casas não são tão grandes quanto parecem vistas de fora; mal há espaço nesta para mim e minha grande família.

Outra surpresa.

— O senhor tem uma família morando aqui?

Lambert-Wall sorriu e fez um gesto ao redor da sala.

— Eu estava me referindo aos meus livros.

Simon fez a pergunta seguinte sem saber o que queria dizer com aquilo.

— O senhor já viu o sr. e a sra. Noite e o sr. e a sra. Dia juntos?

Ele não conseguia pensar ao mesmo tempo em que conversava com o idoso, não direito. Tinha de esperar que seus instintos o estivessem levando na direção certa.

— Agora que mencionou, não, não vi. Homem da Noite e Mulher da Noite estão aqui à noite, como disse...

— E nos fins de semana? — perguntou Simon.

— Eu passo os fins de semana na casa de minha filha em Horseheath. Ela me traz de volta às dez da noite de domingo, o que me dá tempo suficiente para desfazer a mala e estar em minha escrivaninha às onze.

Eles estavam de volta ao número onze.

— Há mais alguma coisa que lhe ocorra? — Simon perguntou.

— Sim. Todas as casas com uma população de mais de um têm hierarquias, e a casa em frente não é exceção. Eu diria que ela pertence ao Homem da Noite e à Mulher da Noite. Eles e os filhos têm precedência.

— Por que diria isso? — perguntou Simon. Ele não conhecia ninguém que comprasse cortinas para uma casa de propriedade de outra pessoa.

— A lógica de estacionamento — respondeu o professor, sorrindo.

— Homem da Noite e Mulher da Noite estacionam os carros na garagem. Homem do Dia e Mulher do Dia estacionam na rua. Não

podem estacionar na rampa porque isso bloquearia a entrada da garagem. Caso Homem da Noite e Mulher da Noite voltassem de dia, não poderiam entrar de carro. O tempo todo, de dia ou de noite, seu direito de estacionamento é protegido. Isso não sugere que eles são os moradores com prioridade e, portanto, provavelmente os proprietários?

— Ou isso ou... — começou Simon, depois se interrompendo. Seria pouco profissional dizer mais? Ele não via razão para, naquela noite, não fazer exatamente como preferisse. Aquilo não era trabalho; oficialmente ele ainda estava em lua de mel. — Ou Homem do Dia e Mulher do Dia não deveriam estar aqui.

— O que está insinuando? — disse o professor, se inclinando para a frente. Por um segundo Simon temeu que tivesse inclinado demais e estivesse prestes a cair da cadeira.

— E se a família da Noite não tem ideia de que está partilhando sua casa com o sr. e a sra. Dia?

Sr. e sra. Dia. Kit Bowskill e... quem?

— Quer dizer impostores? Invasores? — reagiu Lambert-Wall, pensando nisso em silêncio por alguns segundos. — Não, temo que esteja errado.

— O que o leva a dizer isso?

— O Homem do Dia tem uma chave da casa. A Mulher do Dia também. Eu os vi entrando, juntos e separados.

Simon anuiu. Ele pensou no tipo de pessoa que poderia ter uma chave de uma casa, e em Lorraine Turner, uma corretora de imóveis que ele nunca encontrara. Sam também não a vira, embora tivesse falado com ela pelo telefone.

— Ah — disse o professor, erguendo o dedo indicador da mão direita. — Lembrei de um nome. Não é peculiar que em um instante você ignore totalmente algo e no seguinte é como se uma cortina tivesse sido puxada e lá está: a informação que deveria estar ali o tempo todo?

— Um nome? — Simon estimulou.

— Sim. Mulher do Dia se chama Catriona. Embora tenha me dito que ninguém a chama assim, o que é uma vergonha. A abreviação de prenomes é uma forma de vandalismo, não acha?

Simon sabia, com uma sensação de náusea na boca do estômago, o que estava vindo. Ele também conhecia alguém cujo nome era Catriona.

— Todos que a conhecem a chamam de Connie — disse o idoso.

19

Sábado, 24 de julho de 2010

Selina Gane está de pé do lado de fora da porta da frente quando estaciono em meu carro. Um chaveiro balança em sua mão direita. De calças pretas e camisa de linho azul, ela poderia ser uma corretora de imóveis, pronta para se encontrar com uma possível compradora.

Não é isso o que sou?

Seus cabelos louros estão presos longe do rosto, que é sério. Fico pensando se adota a mesma expressão quando tem de dar más notícias a pacientes. Ou talvez não seja esse tipo de médica; talvez passe os dias em um laboratório examinando amostras de tecido, nunca entrando em contato com seus donos.

Pela postura, vejo que está tensa. Não anseia por isto.

Claro que não anseia por isto. Por que ansiaria?

Limpo o suor do lábio superior e saio do carro, lembrando a mim mesma que não há razão para ficar nervosa. Já lhe contei tudo em minha carta. Hoje é a vez de ela me contar o que sabe. Não posso acreditar que não sabe nada. Bentley Grove, 11 é seu lar.

Exceto que não é o que parece, enquanto subo o caminho margeado por lavanda na sua direção. Sua linguagem corporal isolada sugere que se descobriu de pé ali, diante de uma casa que não tem nada a ver com ela, e não está certa do motivo.

— Não queria entrar sozinha — diz, e ouço o quanto deseja que Bentley Grove, 11 não lhe pertencesse.

— Obrigada por concordar em se encontrar comigo — digo.

Destranca a porta da frente. Olhos baixos, indica que eu entre primeiro. Ela preferiria ficar ao sol e no ar fresco do lado de fora,

postergar ao máximo o momento de entrar. É quando tenho certeza: irá aceitar minha oferta.

Ela não quer nada com Bentley Grove, 11, e é um desejo violento, não uma leve preferência. Enquanto entramos juntas, ela deve se sentir como se invadindo uma parte isolada de seu passado.

Estou entrando em meu futuro, sem ter ideia do que pode conter.

Esperava uma atmosfera ruim, mas não há nada. O interior de Bentley Grove, 11 é leve e arejado. *Inofensivo*. Mas não são as casas que causam mal, são as pessoas que moram nelas. Olho ao redor, consciente da presença de Selina Gane atrás de mim. Sinto cheiro de lavanda. Ela não fechou a porta da frente. Espero que a deixe aberta enquanto estivermos do lado de dentro, não querendo ser trancada aqui.

Sem esperar ser convidada, vou na direção da sala de estar. Não consigo me lembrar de ter algum dia olhado a planta em Roundthehouses, mas devo ter, pois consigo vê-la em minha cabeça, e sei onde tudo fica. Sei que a sala onde a mulher morta está é atravessando esta porta à minha direita.

Não preciso entrar. Uma espiada me diz que não há sangue, não há corpo.

*Você realmente tinha a expectativa de que ele estivesse lá?
Esperando por você?*

Vejo uma área de carpete bege imaculado, a beirada da mesinha de centro, aquela com as flores presas sob o vidro. A lareira, o mapa acima dela... eu sabia que todas essas coisas eram reais, ainda assim é estranho vê-las diante de mim: como cair em um sonho.

— Não conheço seu marido — diz Selina Gane. — Nunca o vi e não estou tendo um caso com ele.

Então minha carta não deve ter feito muito sentido para ela.

A escada. Eu deveria ter olhado a escada primeiro, e me preocupa que não o tenha feito. Minha mente não está funcionando como deveria; estou esmagada demais por estar aqui. Por seis meses eu pensei nesta casa quase constantemente. Passei dias inteiros de pé diante dela. Agora que sua dona e a polícia a abandonaram, eu me atribuí a tarefa de desencavar sua história oculta.

Ninguém liga para Bentley Grove tanto quanto eu. É por isso que sinto como se já fosse minha?

Selina Gane preenche o silêncio dizendo:

— Sou médica. Passo a maioria das minhas horas desperta tentando salvar vidas. Nunca matei ninguém, e se fosse fazer isso, não o faria em minha sala de estar.

Eu anuo.

— Seu marido realmente tinha este endereço programado em seu GPS como seu endereço domiciliar? — ela pergunta.

— Sim — respondo, correndo a mão pelo corrimão. O alto da primeira coluna é de madeira escura; um cubo de beiradas curvas de marrom envernizado.

— Preciso lhe perguntar uma coisa — digo. *Preciso lhe perguntar sobre o botão da morte.* — Na imagem da...

Comece novamente.

— Algo nesta escada está diferente — começo. Melhor assim; mantenha vago. Não conte a ela; deixe que ela lhe conte. — Ela não foi sempre assim, foi? — pergunto, batendo no topo plano do cubo de madeira.

Ela parece confusa.

— Sim. Sempre foi exatamente assim. O que quer dizer?

— Em dado momento teve um elemento decorativo no alto que era branco. Meio que redondo, tipo... tipo um disco grosso. Preso no alto aqui, mas não tão largo — digo, batendo novamente na superfície plana.

— Não — respondeu, balançando a cabeça.

Sim. Eu vi.

Tento novamente.

— Como um grande botão. Aqui no meio. Branco, ou talvez creme.

— Um botão?

Observo enquanto ela estabelece uma ligação. Sabe do que estou falando. Por uma fração de segundo, quando abre a boca, imagino que irá sorrir e dizer: "Bem-vinda ao Death Button Centre". Meu coração falha, seu ritmo mudando a cada batida, demorando, depois dando uma pancada. Eu poderia correr se soubesse de quem ou do

que estaria correndo. O que disse a Alice uma vez para que sentisse pena de mim é verdade agora, mesmo que não fosse então: invejo todos aqueles que sabem o que os ameaça e podem nomear, mesmo que não possam escapar. Medo sem nada concreto a que se ligar é cem vezes pior que medo com uma causa sólida.

— Por que está perguntando sobre minha escada?

A chama de hostilidade na voz de Selina Gane é inconfundível. Isso me faz lembrar que ela não é obrigada a me contar nada, e tem todos os motivos para não confiar em mim.

— Desculpe. Eu deveria ter explicado — digo. — A última coisa de que qualquer de nós precisa é mais perguntas sem resposta.

— Não posso negar isso — diz.

— Eu a vi na fotografia, a mesma que tinha a mulher morta. No passeio virtual, quando a sala começou a girar...

— Girar?

— As imagens no passeio virtual não são imóveis — conto a ela. — Em cada aposento alguém deve ter dado um giro de 360 graus com a câmera na mão, filmando.

Quem filmou a sala deve ter ficado no limite do sangue, junto a onde ele parou. Ele ou ela deve ter andado ao redor, segurando a câmera, tomando cuidado de não pisar na vermelhidão molhada.

Afasto o pensamento da cabeça.

— Quando a imagem virou, o corredor e a base da escada eram visíveis através da porta aberta da sala de estar. Isto era visível — digo, agarrando a cabeça cúbica curva da primeira coluna com as duas mãos. — Tinha uma parte branca no alto; redonda e chata, não esférica. Eu decididamente vi. Inicialmente não lembrei, mas sabia que faltava algo, algo mais que tinha visto além da mulher e do sangue. E então ontem eu... estava conversando com alguém e disse a palavra "botão", e de repente a imagem surgiu totalmente clara em minha cabeça.

— Essa escada sempre foi como está agora — Selina Gane insiste. Ela está mentindo.

— Quando acordei Kit e ele assistiu ao passeio, o corpo da mulher tinha desaparecido, assim como a coisa branca daqui — digo, ainda me agarrando a ele, como se ao tocá-lo pudesse de alguma forma

atrair sua concretude para meu lado da discussão. — Passei o resto da noite abrindo o passeio virtual, vendo novamente, fechando, abrindo de novo. Devo ter feito isso duzentas vezes; abrir, olhar a sala de estar, fechar; mas não vi novamente o corpo da mulher ou o sangue.

Sentindo tonteira, eu me ordeno desacelerar, respirar. Inicialmente o ar resiste ao meu esforço e não entra em meus pulmões. Paro de tentar e em vez disso expiro, até o fundo do estômago. *Vazio*. Depois inspiro lentamente, de modo constante, e sinto o oxigênio correr para dentro — um serviço de emergência indo para o resgate.

— Também não vi novamente o tal disco — digo. — Estava na imagem da mulher morta, mas não na outra foto; não naquela que vi todas as vezes em que olhei desde aquela primeira.

Outra lembrança corre em minha direção: mamãe, Fran, Benji e eu no Bella Italia em Silsford. Fomos almoçar lá ano passado para festejar a chegada do primeiro dente definitivo de Benji. A garçonete deu a Benji os conjuntos de jogos que devem dar a todas as crianças: lápis de cor, ligue os pontos, caça-palavra, vários jogos para mantê-lo distraído. Havia um jogo que envolvia olhar para imagens quase idênticas de um cachorro sentado sob uma árvore e tentar descobrir as sete diferenças entre elas. As primeiras três ou quatro eram bastante óbvias, mesmo para Benji. Fran, mamãe e eu identificamos a quinta e a sexta diferenças, mas ninguém conseguiu localizar a sétima. Após quase meia hora nos atormentando, olhando interminavelmente para o pedaço de papel, reconhecemos a derrota e olhamos a resposta, que estava de cabeça para baixo na base do papel. A sétima diferença era tão pequena que nunca teríamos localizado, não importando quanto tempo perdêssemos procurando: uma linha extra na folha mais baixa da árvore na segunda imagem.

— Há um nome para o que você está descrevendo — disse Selina Gane. — É chamado botão de hipoteca.

— O quê?

Ela suspira.

— Preciso de uma bebida. Venha.

Eu a acompanho até a cozinha que vi tantas vezes na tela do meu laptop. Ela afasta um banco da ilha no centro do espaço — a ilha

obrigatória, como Kit a chamou — e indica que eu sente nele.

— Chá ou uísque? — ela pergunta.

— Chá, por favor.

— Acho que vou precisar de ambos — ela diz.

Espero em silêncio enquanto ela prepara as bebidas. As palavras “botão de hipoteca” giram em minha cabeça. Eu as examino de todos os ângulos, mas ainda não as entendo. Como pode existir algo chamado botão de hipoteca? Soa improvável demais.

Selina coloca leite no meu chá, nada de açúcar. É o que teria dito se ela me perguntasse.

Ela não senta, se apoiando na pia de costas para a janela, segurando o uísque com as duas mãos.

— É uma tradição americana — diz finalmente. — Quando você quitou sua hipoteca e é dono da casa, você compra um botão de hipoteca e o fixa no alto da primeira coluna, bem no centro; exatamente como você viu. Há baratos de plástico, de madeira, gravados, até mesmo feitos de marfim para aqueles que querem transmitir sua riqueza e seu sucesso para todos os visitantes — ela conta, e o tom sugere uma opinião ruim dessas pessoas. — Elas se parecem um pouco com peças de damas, você sabe, o jogo.

Mamãe e papai costumavam jogar damas quando eu era pequena, antes de finalmente terem cedido aos protestos de Fran e meus e comprado um televisor — algo que toda pessoa normal do país tinha feito vários anos antes.

— Era exatamente o que parecia: uma peça de damas exagerada.

— Então estou certa — diz Selina. — O que você viu foi um botão de hipoteca. Mas nunca houve um nesta casa.

Não consigo ouvir o menor sinal de sotaque americano.

— Mas você sabe o que ele é — digo, esperando que não soe muito como uma acusação.

— Minha amiga tem um — diz Selina, os olhos deslizando para longe de mim. — Ela é da Nova Inglaterra.

Sinto como se um holofote apontado para mim tivesse sido desligado; não sou mais o foco dos seus pensamentos. Ela morde o lado de dentro do lábio, olhando para a prateleira ao seu lado — uma caneca branca que parece porcelana de ossos, com uma

decoreção de penas vermelhas. Ela a pega, olha dentro e a recoloca na prateleira. Ouço um som de algo batendo. Seja o que for, ela queria conferir se ainda estava lá.

O botão branco? Tendo negado sua existência, ela seria tão óbvia?

— O que você não está me contando? — pergunto. A mesma pergunta que fiz a Sam Kombothekra há alguns dias, a pergunta que fiz a Kit mais de mil vezes desde janeiro. Eu deveria ter uma camiseta com essas palavras impressas.

— Nada. Desculpe — ela responde, ainda parecendo preocupada.

— Só estava pensando que tenho negligenciado minha amiga recentemente; todos os meus amigos. Ocupada demais com o trabalho.

Eu anuo, fingindo estar satisfeita.

— Por falar em hipotecas, você irá precisar de uma para comprar? Supondo que eu concorde em lhe vender a casa?

Digo a ela que sim, que posso resolver isso rapidamente. Espero que seja verdade.

— Você não receberá uma oferta melhor que a minha — digo.

— Você fala sério sobre isso?

— Muito.

— Não vou perguntar por que você quer — ela diz. — Se realmente viu o que diz ter visto...

Ela se interrompe, balança a cabeça.

— Disse que não vou perguntar, então não vou. Se você quer a casa, se esta não é a mais doentia das piadas doentias, pode ficar com ela. Quanto mais rápido me livrar e ela não tiver mais nada a ver comigo, melhor.

Não posso deixar de rir.

— Um argumento de venda atípico — digo. — Quando você diz que posso ficar com ela...

— Por 1,2 milhão — ela acrescenta rapidamente. — Foi o que você ofereceu.

— Só conferindo se não está sugerindo me dar de graça.

— Vou lhe dar os detalhes do meu advogado; peça ao seu para fazer uma oferta oficial assim que for possível — diz. Ela vira o copo e o coloca no balcão. — Quer que eu mostre a casa? Ou é perda de

tempo? Presumivelmente você não liga para o estado atual dos quartos. Quer comprar a casa porque acha que alguém pode ter sido assassinado aqui; mesma razão pela qual quero vender.

Não vou perder tempo me defendendo. Se ela quer pensar que estou fazendo isso por motivos mórbidos, que seja.

— Gostaria de dar uma olhada.

— Então vamos acabar com isto — ela diz bruscamente. — Preciso sair daqui.

Enquanto vamos de um cômodo ao outro no térreo, ela não diz nada. Nem uma palavra. Hesita alguns segundos junto a cada porta, como se temendo abrir e entrar. Há uma estufa que não estava nas fotos do site; plástico, não madeira. Kit iria odiar.

Ao pé das escadas, Selina diz:

— Se tiver alguma pergunta, pode fazer.

— Eu já fiz — digo a ela.

— Eu me referi a casa; o aquecimento central, o alarme contra ladrões...

— Não estou interessada em nada disso.

Eu a sigo escada acima. De pé em um quarto após o outro, eu olho ao redor, fingindo prestar atenção, sem realmente ver o que está à minha frente. Ainda estou pensando na caneca de porcelana com as penas vermelhas, a coisa dura do lado de dentro que fez ruído.

Quando Selina me conduz ao banheiro, eu digo:

— Ah, espere. Acho que ouvi meu telefone tocando na bolsa; vou lá pegar.

Sem esperar a reação, eu me viro e desço a escada correndo.

No limite da cozinha, fico imóvel. Mencionei na carta que meu telefone estava quebrado? Não, acho que não. Disse a ela para me ligar no quarto do hotel, mas não falei nada sobre não ter celular.

Vou na direção da caneca de pena. Minha mão treme quando a ergo da prateleira e olho dentro. Não há botão ou disco branco ali, apenas um conjunto de chaves preso em uma corrente plástica. O martelar do meu coração lateja em meus ouvidos. Há uma etiqueta na corrente, palavras escritas em uma caligrafia pequena. Eu a tiro

lentamente, para que as chaves não batam na lateral da caneca, e olho mais de perto.

Leio repetidamente, meus olhos disparando sobre as letras pequenas. Não pode significar o que acho que significa. *Tem de.* Por que mais Selina teria olhado na caneca no momento em que o fez, pegado para conferir se ainda estavam lá? Um rugido alto toma minha cabeça. Minha respiração acelera. Não consigo controlar; está fugindo de mim.

Ai, meu Deus.

Como eu pude não saber, esse tempo todo?

Penso no que disse a Alice, o que Kit dissera sobre batizar nossa casa de Cambridge: *Está me empolgando mais quanto mais penso: Death Button Centre. Poderíamos fazer uma placa para a porta da frente. Não, já sei, ainda melhor; vamos chamar de Pardoner Lane, 17.*

Como pude ter dito a Alice que ele falou isso e ainda assim não me dar conta?

— Connie?

Eu ouço os passos de Selina acima de mim.

— Estou indo — grito. Enfio as chaves no bolso, recoloco a caneca na prateleira e subo as escadas correndo.

— Tenho de ir — digo. — É só... — me interrompo, e nada conveniente me ocorre. — Surgiu algo.

É o melhor que posso fazer. Tenho de sair daqui antes que Selina se dê conta de que peguei as chaves.

Por que as pegou? O que está planejando fazer?

Ela franze o cenho.

— Mas você ainda vai comprar, certo?

Por um segundo tenho medo de rir na cara dela. O que diria se contasse que não preciso mais pagar acima do preço pela casa dela? *Lamento, mas vou ter de passar — consegui descobrir o que está acontecendo sem precisar falir. Não fica contente por mim, doutora?*

Tudo mudou. Não preciso mais comprar Bentley Grove, 11.

Mas ainda quero. *Por quê?*, pergunta minha Alice interna. *Porque é em Cambridge, digo a ela, e Cambridge é onde quero morar. É onde quero morar desde 2003. E esta casa está à venda, já me*

ofereci para comprar, e ninguém foi morto aqui — estava errada sobre isso. E... quando apertei "Casa" no GPS, este foi o endereço que apareceu: Bentley Grove, 11.

Não consigo decidir se minhas razões são compreensíveis ou insanas, e não ligo muito.

— Ainda vou comprar — digo a Selina Gane. — Não se preocupe, não irei decepcioná-la.

E então saio correndo.

20

24/07/2010

— Obrigada — disse Alice Bean sorrindo enquanto Charlie pegava sua carta. — Sam Kombothekra pareceu aterrorizado quando tentei entregá-la a ele.

— Homens são covardes — disse Charlie abrindo a bolsa e garantindo que Alice a visse colocando o envelope dentro em segurança. — Você daria a Sam um bilhete para o leiteiro e ele ficaria preocupado em ser envolvido em um escândalo.

— Meu objetivo não é criar confusão. O oposto. Eu me importo com Simon.

— Então aproveite esta oportunidade de ajudá-lo — disse Charlie, se lembrando de que estava ali para extrair informações. Seria fácil demais dizer: “É, bem, ele não quer nada com você; por que acha que estou aqui?”

Ela sugerira a Alice se encontrarem no Spillages Café, mas em vez disso Alice sugerira o parque. Na hora, isso irritara Charlie — ela odiava gente que falava sobre ficar “engaiolada” e se comportava como se fosse obrigatório ficar diretamente sob o sol sempre que fora de casa — mas no momento estava contente por ficar ao ar livre, seguindo por uma trilha estreita margeada por árvores ao redor do lago, escutando enquanto os pássaros acima travavam um debate vigoroso em uma linguagem que ela não compreendia. Caminhando ao lado de alguém você não precisava olhar para o rosto dela ou deixar que visse o seu. Sentar a uma mesa em frente a Alice teria sido muito mais difícil.

Difícil resistir à tentação de dizer: “Ah, por falar nisso; adivinhe quem se casou sexta-feira passada?” Charlie decidira antes de ligar para Alice que não mencionaria isso. Sabia que contar levaria a uma

hostilidade explícita entre elas, mesmo que não soubesse como exatamente isso iria acontecer. Provavelmente seria culpa sua. Em sua posição oficial de esposa de Simon, ela poderia se sentir obrigada a dizer “Pegue sua carta e a enfie na bunda”.

Esperava que depois ficasse contente — até mesmo orgulhosa — de ter escolhido o caminho maduro do não confronto. Certamente não estava gostando naquele momento, enquanto acontecia; a hostilidade, mesmo quando você a lamentava depois, era muito mais divertida a curto prazo.

— Ajudarei se puder — disse Alice —, mas antes posso lhe fazer uma pergunta?

— Mande.

— Acha que Simon irá me perdoar um dia?

Essa era uma que Charlie podia responder com honestidade.

— Não tenho ideia. Pode já ter perdoado. Ou pode guardar o rancor para sempre. A única coisa que posso garantir é que ele nunca discutiu isso com ninguém.

Especialmente não comigo.

Alice parara diante de um banco de madeira na beirada do lago, sob um salgueiro. Espanou as folhas dele e se curvou para ler a inscrição na placa de ouro.

— Nunca consigo passar por um destes sem ler — disse a Charlie.
— Sinto como se estivesse deixando alguém morrer sozinho. Veja esta: dois irmãos, ambos mortos em 29 de abril de 2005. Um tinha vinte e dois, o outro vinte e quatro anos. Que triste.

— Provavelmente acidente de carro — disse Charlie objetivamente. Não queria falar de coisas tristes com Alice. Com ninguém. Imaginou a si mesma e Liv morrendo no mesmo dia enquanto procurava cigarros na bolsa; colocar um na boca e acender de repente pareceu uma necessidade urgente. Tragou fundo. — Quando morrer, quero que minha placa no parque diga: “Ela sempre quis largar.”

Alice riu.

— Essa é boa.

— Simon está preocupado com Connie Bowskill.

Hora de parar de fingir que são amigas desfrutando de um belo dia livre. Com alguém como Alice Bean não havia algo como jogar conversa fora, aliás. Até então ela evocara perdão, morte solitária, tragédias familiares — qual tema viria em seguida, a tortura de animais pequenos?

— Também estou preocupada.

— Sabe onde Connie está? — Charlie perguntou.

— Não. Ela não atende no fixo nem no celular.

— Quando falou com ela pela última vez?

— Por mais que queira lhe dizer, não estou autorizada — disse Alice. — Confidencialidade do paciente.

Charlie anuiu.

— Compreendo que tenha de respeitar a privacidade de Connie. Também sei que não se opõe a estabelecer um novo conjunto de parâmetros éticos quando alguém pode estar em perigo. Fez isso por si mesma há sete anos. Não é correto relaxar sua integridade profissional para garantir a segurança de Connie?

— Fiz isso por minha filha há sete anos — corrigiu Alice, aparentemente sem ressentimento. — E não estou certa de que Connie corra perigo ou que Simon possa mantê-la em segurança, supondo que esteja.

— Mas acha que ela pode estar em perigo.

Você tem tentado se convencer do contrário, e fracassou.

— Fiquei muito chocada da última vez em que ela foi me ver — admitiu Alice. — Tendo sido uma eu mesma, reconheço uma pessoa ameaçada de extinção quando vejo. Há uma energia realmente perniciosa ao redor de Connie, tentando arrancar a vida dela. É inconfundível; estar em uma sala com ela nunca foi fácil, mas recentemente tem sido um verdadeiro desafio; apenas ficar lá, continuar me lembrando de que é alguém que precisa de minha ajuda. O que não posso dizer é se a ameaça tem origem externa e foi internalizada, ou se a energia malévola vem da própria Connie. Não é fácil distinguir as duas; quando as pessoas tentam nos destruir, com frequência reagimos nos tornando cúmplices, nos punindo em benefício delas.

— Alguma chance de colocar isso, ou parte disso, em termos leigos?

Alice parou de andar.

— Minha intuição me diz que Connie pode não sobreviver. Ou há alguém por aí tentando eliminá-la, ou ela está fazendo isso a si mesma.

— Em quem você apostaria?

Charlie não esperava uma resposta, e ficou surpresa quando Alice falou:

— No marido.

— Kit?

— Ontem foi aniversário de Connie. O presente dele foi um vestido: o mesmo que ela viu na mulher morta na imagem do passeio virtual; cores diferentes, mas a estampa era a mesma. Eu não deveria estar lhe contando nada disso.

— Então falou com ela ontem — disse Charlie. Por que tudo o que Connie Bowskill dizia, a Simon, Sam, Alice, exigia uma boa vontade gigantesca? *Porque a mulher é uma mentirosa patológica.* — Afora o vestido, sobre o que mais vocês duas conversaram?

— Os medos de Connie, sua infelicidade, suas desconfianças, o de sempre. Nossas sessões são sempre difíceis, mas... eu nunca antes sentira medo por ela, mas dessa vez ela me disse duas coisas que... não sei, essa coisa do vestido realmente me abalou. Tive um pesadelo noite passada; sei que foi um pesadelo, embora tudo nele realmente tenha acontecido. Sonhei com minha sessão com Connie, exatamente como foi: ela sentada em meu consultório me dizendo que aquele vestido era azul e rosa, o outro verde e malva — disse Alice, e estremeceu. — Algumas vezes todo mal parece estar nos menores detalhes.

Charlie sabia o que queria dizer, e gostaria que não.

— Não consigo parar de pensar em Kit; um homem que nunca conheci; levando dois vestidos ao caixa, um para cada uma de suas mulheres. Uma delas acaba morta em um carpete em algum lugar de Cambridge; o que vai acontecer com a outra?

Alice se virou para Charlie, colocou a mão no seu braço. Seu rosto estava pálido, em contraste com o batom vermelho brilhante.

— Onde ela está? Por que não atende a nenhum telefone?

— Você disse que foram duas coisas.

Charlie se deu conta de que tinha uma vantagem, sendo a pessoa que se importava menos. Também se sentia excluída. Simon estava preocupado com Connie Bowskill; Alice estava, se possível, ainda mais preocupada. Eles poderiam ficar juntos e fazer uma festa do pânico. Charlie estava tão convencida quanto sempre de que Connie Maluca falava absurdos; ela não seria convidada.

— O que mais Connie disse que a assustou? — perguntou a Alice.

— Não fará sentido fora de contexto: "Death Button Centre".

"Centro do Botão da Morte".

Charlie riu.

— O quê?

— Não fui a única a ficar assustada. Algo ocorreu a Connie quando disse isso; algo em que não tinha pensado antes. Vi aquilo baixando nela, o que quer que fosse. Como se ela tivesse um fantasma dentro da cabeça. Ela saiu correndo; literalmente saiu correndo.

— Death Button Centre?

— Connie e Kit quase se mudaram para Cambridge em 2003. A casa que iam comprar ficava ao lado do prédio de uma escola chamada Beth Dutton Centre. Connie estava estressada com a ideia de deixar a família para trás. Enfiou na cabeça que não poderia morar em uma casa que não tivesse um nome.

— Um nome?

— Você sabe. The Beeches, The Poplars, Summerfields.

— Certo, entendo — disse Charlie. Entendia? Na verdade não. Nem um pouco, na verdade. — Por que ela não conseguiria morar em uma casa sem um nome?

Muitas pessoas moravam; a maioria das pessoas.

— Era uma desculpa. Connie morou a vida toda em Little Holling, e todas as casas lá têm nome; era com o que estava acostumada. Tinha medo de se afastar demais do único lugar que conhecia, e envergonhada de admitir isso. Ela e Kit haviam encontrado essa casa; a casa perfeita, ou foi o que disse; e disse a ele que não iria comprar a não ser que pudessem dar um nome. Era colada ao Beth Dutton Centre de um lado, e Kit, de brincadeira, sugeriu chamar de

Death Button Centre. Perguntou se ela achava que isso incomodaria o pessoal do Beth Dutton Centre, e o carteiro.

Charlie se virou para esconder o sorriso. Alice e Connie poderiam achar aterrorizante se quisessem; ela se reservava o direito de achar divertido.

— Então você acha que Connie se deu conta de algo enquanto lhe contava isso? Alguma coisa que a assustou o suficiente para levá-la a fugir?

— Tenho certeza disso. Continuo a repassar a conversa na minha cabeça; não havia nada mais que poderia tê-la deixado em pânico. Essa foi a última coisa que disse antes de sair.

— O que exatamente ela disse, consegue se lembrar?

— Apenas o que já lhe contei: que Kit queria chamar a casa de Death Button Centre, ou pretendia querer, não ficou claro qual. Imagino que ele estivesse brincando. Ninguém realmente daria esse nome a uma casa, daria?

Charlie não achava que houvesse algo sobre o que você pudesse dizer com segurança “Ninguém faria isso”. Sempre havia algum lunático que se adiantaria para provar que você estava errado. Depois daquilo pelo que Alice passara, depois do que ela mesma fizera, Charlie ficava pensando em como podia ser tão ingênua.

— Ele disse que o nome o estava empolgando mais quanto mais pensava, sugerindo mandar fazer uma placa para a porta da frente — disse Alice, depois apertando os olhos enquanto forçava a memória. — Acho que foi a última coisa que Connie disse antes de... ah, não desculpe. Kit sugeriu outro nome para a casa, ainda mais tolo, Pardoner Lane, 17. Mas não foi isso o que provocou a reação de medo de Connie.

— Como sabe?

— É difícil explicar. Você provavelmente não acredita em vibrações energéticas...

— Provavelmente não — concordou Charlie.

Alice mudou de tática.

— Acredite em minha palavra: foi o Death Button Centre que assustou Connie; esse nome horrível. Você sonharia com um nome

tão perturbador para uma casa que eles adoravam e onde queriam morar? Mesmo como brincadeira você não faria isso.

De alguma forma Charlie sentiu o calafrio que passou pelo corpo de Alice. Como isso era possível?

Death Button Centre. *Aperte o botão e alguém morre.*

— Pardoner Lane, 17 era o endereço da casa perfeita que eles não compraram — explicou Alice.

— Então Kit queria ficar só com o endereço?

— Não, ele... — disse Alice, olhando para o céu, depois soando surpresa por ter se interrompido. — Ah. Talvez você esteja certa. Talvez o que ele tenha querido dizer foi: “Não vamos chamar a casa de nada bobo; vamos ser sensatos e chamá-la pelo seu endereço: Pardoner Lane, 17”. Embora eu tenha de dizer que não foi minha impressão pelo que Connie disse.

— Você me confunde — disse Charlie.

— Eu achei que ela queria dizer que Kit tinha passado do absurdo para o ainda mais absurdo e sugerido Pardoner Lane, 17 como um *nome* para a casa, um que por acaso também era seu endereço. Achei que a duplicidade era a piada — falou Alice e, vendo a expressão no rosto de Charlie, pareceu constrangida. — Eu sei; é loucura. Mas Death Button Centre também é. Connie com frequência descrevia Kit como sendo engraçado, esperto; talvez tivesse um senso de humor surreal.

— Então cartas seriam endereçadas a Pardoner Lane, 17, Pardoner Lane, 17, Cambridge? — falou Charlie, se vendo sorrir novamente. — A mim parece que ele a estava sacaneando.

Quanto mais Charlie pensava nisso, mais gostava da ideia: dar a uma casa seu próprio endereço como nome era como mostrar o dedo para todos que levavam a sério essa coisa de dar nomes a casas. Ela decidiu sugerir isso a Simon: Chamberlain Street, 21, Chamberlain Street, 21, Spilling. Eles poderiam imprimir uma marca. A mãe de Simon, que não tinha nenhum senso de humor, ficaria horrorizada e, embora nada pudesse ser dito em tantas palavras, Simon e Charlie seriam levados a compreender que o Senhor partilhava de seu horror. Não era nada menos que milagroso o modo

como Deus e Kathleen Waterhouse olhavam olhos nos olhos em todas as questões.

Liv acharia hilariante.

—Tenho de ir — disse Alice, conferindo o relógio. — Tenho de levar minha filha a uma festa de aniversário.

— Caso se lembre de algo mais, poderia me ligar? — pediu Charlie. Simon não iria gostar. Uma piada sobre chamar uma casa de Death Button Centre dificilmente seria a resposta para alguma coisa. Se Connie Bowskill estava em estado emocional frágil, em uma missão autodestrutiva, a palavra “morte” não seria suficiente para produzir um ataque de paranoia? Ela provavelmente juntara duas coisas que não tinham nenhuma ligação; uma piada idiota que o marido fizera anos antes e a mulher morta que vira na tela do seu computador, ou alegara ter visto.

Enquanto observava Alice indo embora, Charlie sentiu algo vibrar sobre seu estômago. *Vibrações de energia*. Que besteira. Tirou o celular da bolsa. Era Sam Kombothekra.

— O que está fazendo? — ele perguntou sem preâmbulos.

— Não muito — Charlie respondeu. — E você?

Em circunstâncias normais, ela teria dito a ele, mas não queria dizer o nome “Alice” em voz alta para o caso de Sam sentir sua culpa pelo telefone. Não que se sentisse culpada; simplesmente reconhecia que estava. Ou logo estaria. Nessa oportunidade sua culpabilidade não a incomodava. Enfiando o telefone sob o queixo, usou as duas mãos para pegar a carta de Alice na bolsa.

— Onde está? — Sam perguntou.

Charlie riu.

— Sua próxima pergunta será “Qual a cor da sua roupa de baixo”?

— Minha próxima pergunta é: onde está Simon? Tenho tentado ligar para ele.

— Está em Bracknell, conversando com os pais de Kit Bowskill — contou Charlie. Que ridículo ela se sentir orgulhosa: sabia onde Simon estava, e Sam, não.

— Pode me encontrar no Brown Cow em quinze minutos?

— Acho que sim. Qual o problema?

— Conto quando me encontrar com você.

— Chegarei mais rápido com uma dica que me acelere — disse Charlie. Seus dedos percorreram a aba fechada do envelope. Nada de bom sairia se o abrisse; Simon ignorava sua existência, e Charlie não queria o conteúdo em sua própria cabeça mais do que queria na dele. Rasgou o envelope em pequenos pedaços, depois em menores, os deixando cair aos seus pés.

— Jackie Napier — disse Sam. — O problema é Jackie Napier.

— Você tem de tratar isso como faria com um falecimento — disse Barbara Bowskill a Simon. — Você tinha um filho, mas não tem mais. Está na mesma posição de uma mãe cujo filho foi lutar no Iraque e acabou morto por uma bomba, ou alguém cujo filho morreu de câncer, ou foi assassinado por um pedófilo. Você diz a si mesma que não há nada que possa fazer; eles se foram; e você deixa de ter esperanças.

Ela parecia com a ideia que Simon tinha de como um conselheiro de luto deveria se parecer, embora na realidade eles raramente fossem assim: cabelos crespos pintados de castanho, grisalhos nas raízes; uma túnica bordada sobre jeans de boca larga, joias pesadas de madeira, sandálias de pano com salto de corda e cortiça. E nenhum conselheiro de luto de verdade recomendaria fingir que o filho de alguém fora assassinado por um pedófilo quando esse filho estava vivo e bem, morando em Silsford.

Não pela primeira vez desde que chegara, Simon tinha dúvidas sobre a mãe de Kit Bowskill. Não fora apenas a observação sobre o pedófilo. Ele achara seu sorriso perturbador, e estava contente de só tê-la visto duas vezes; uma quando abrisse a porta para deixá-lo entrar, e depois quando lhe dera uma caneca de chá e ele agradecera. Era um sorriso intrusivo, uma violação; sugeria empatia extrema, dor partilhada, ânsia e um forte desejo de devorar a alma de quem recebia. Havia enrugamento demais na pele ao redor dos olhos, esticamento demais dos lábios, quase como se estivesse prestes a soprar um beijo e começar a chorar simultaneamente.

Nigel Bowskill parecia pertencer a um mundo diferente daquele da esposa, em sua calça cinza de terno, camiseta verde e tênis branco.

— Do contrário é doloroso demais — ele explicou. — Não podemos esperar o resto de nossas vidas que Kit mude de ideia. Não mudou em sete anos. Provavelmente nunca mudará.

— Por que deveria ter esse poder sobre nós? — perguntou Barbara, soando defensiva, embora ninguém a tivesse criticado. Havia algo estranho no modo como aquele casal falava, pensou Simon, como se cada um discordasse violentamente do que o outro acabara de dizer, embora se você prestasse atenção apenas nas palavras, e não no tom, parecessem unânimes o tempo todo.

Até então Simon não gostara de estar na casa deles: uma vila moderna de tijolos bege em centro de terreno que, juntamente com a garagem anexa para dois carros, formava um L. Lembrou a si mesmo que isso não importava; aquilo era trabalho não remunerado, não diversão. Oitavo dia de sua lua de mel. Ele desejava ter trazido Charlie junto, mas sabia que se por algum milagre o tempo recuasse de volta a ontem, novamente escolheria fazer a viagem sozinho.

— Deve ser duro — comentou. — Importam-se de eu perguntar o que causou a ruptura?

— Kit não lhe contou? — reagiu Barbara, revirando os olhos por sua própria tolice. — Não, claro que não contou, porque não poderia, não sem revelar algo sobre si mesmo que não queria que você soubesse; que um dia ele tentou fazer algo e fracassou, que horror. O que você tem de entender sobre meu filho é que ele é a pessoa mais intensamente reservada que irá encontrar, bem como a mais orgulhosa. Como se recusa a aceitar sua própria falibilidade, seu orgulho é facilmente ferido; e daí a reserva, pela boa causa de se preservar. Não há na mente de Kit dúvida de que o mundo inteiro o observa, ansiosamente esperando sua derrota. Pode parecer superficialmente relaxado e falante, mas não se engane; é tudo administração de imagem.

— Ele passou a infância inteira se escondendo de nós — disse Nigel.

Simon automaticamente olhou ao redor da sala de estar em busca de possíveis esconderijos e não viu nenhum; não havia nada ali atrás do que se esconder, apenas dois sofás de couro em ângulo reto, cada um colado a uma parede. O saguão pelo qual Simon fora conduzido era igual, assim como a cozinha onde ficara de pé rapidamente enquanto Barbara preparava uma xícara de chá. Nunca vira uma casa menos atravancada. Não havia estantes, ornamentos, casacos em ganchos junto à porta da frente, nada de plantas, tigelas de frutas ou relógios, nem eventuais mesas. A casa era como um cenário de cinema, mas não totalmente instalado. Onde os pais de Kit mantinham todas as suas coisas? Simon perguntara se tinham acabado de mudar, e ouvira que viviam na casa havia vinte e seis anos.

— Não quis dizer se esconder fisicamente — dizia Barbara. — Sempre sabíamos onde ele estava. Ele nunca ficava fora e nos deixava preocupados, como alguns dos amigos faziam com os pais.

— Nós também achávamos saber *quem* ele era — disse Nigel, cujo rosto era o do filho com mais duas décadas e meia. — Um menino contente, educado e obediente, passou fácil pela escola, muitos colegas.

— Ele nos mostrava o que sabia que queríamos ver — soltou Barbara, como se temendo que o marido chegasse à frase fundamental antes, se ela não fosse rápida o bastante. — Durante toda a infância nosso filho foi seu próprio relações-públicas.

— O que estava tentando esconder? — perguntou Simon.

Até então as perguntas tinham sido apenas em uma direção. Se algum dos pais de Kit Bowskill estava pensando em por que um detetive se convidara até a casa deles para fazer perguntas sobre o filho, mantinha-se quieto. Se todos que Simon entrevistasse pudessem partilhar essa falta de curiosidade; ele odiava ter de se explicar, mesmo quando a explicação era boa.

— Nenhum segredo culpado — disse Nigel. — Apenas a si mesmo.

— Sua opinião ruim sobre si mesmo — corrigiu Barbara. — O que ele considerava sua fraqueza. Claro que só compreendemos isso retrospectivamente; fomos um pouco como detetives, pode-se dizer. Falamos com colegas de escola, descobrimos coisas de que não

tínhamos ideia na época porque Kit se preocupou em escondê-las de nós; a tortura que infligia a garotos que recebiam os prêmios que ele achava que deveria ganhar, os subornos que oferecia aos mesmos garotos assim que recuperava o juízo, para que não contassem nada aos pais ou professores sobre quem os machucara.

— Ele aterrorizou a vida de todos os que entraram em sua órbita — disse Nigel.

Barbara sorriu.

— Em sua ausência montamos um perfil psicológico dele, como vocês fazem com criminosos. Na época ele nos enganou totalmente. De modo deliberado ou não, trabalhou nossos egos. Nigel e eu éramos felizes, prósperos, tínhamos um negócio de sucesso. Claro que acreditamos que nosso filho era o garoto de ouro abençoado que nunca sofria um contratempo, nunca ficava chateado ou com raiva, nunca admitia ter um problema.

— Sua encenação era irrefutável — disse Nigel, e o lamento em sua voz era dotado de admiração, pensou Simon. — Não conseguia suportar que alguém visse que era um ser humano comum que algumas vezes fazia papel de tolo. Com altos e baixos, como o resto de nós. Kit tinha de parecer estar acima de tudo isso; sempre no controle, feliz o tempo todo.

— O que significava que ninguém podia saber o que importava para ele, ou que algumas vezes ficava aborrecido, que algumas vezes fracassava ou não era o melhor em algo — disse Barbara, e seu discurso frenético tornava difícil escutar. Sua ansiedade de falar a fazia parecer desequilibrada. Parecia achar insuportável quando era a vez do marido e tinha de esperar. — A vida toda Kit trabalhou uma imagem de perfeição. *Essa é a verdadeira razão pela qual não pode nos perdoar; por algumas horas em 2003 a máscara caiu e o vimos agitado e infeliz, tendo estragado algo que realmente importava para ele. É a si mesmo que não pode perdoar, por permitir que as coisas chegassem a um ponto em que precisava que o ajudássemos; nada a ver com não darmos a ele os cinquenta mil.*

— Cinquenta mil libras? — perguntou Simon. Era isso o que Kit quisera dizer quando falara que seus pais não tinham “dado apoio”?
Nigel anuiu.

— Ele precisava disso para comprar uma casa.

— Acho que ainda tenho o folheto em algum lugar — disse Barbara. — Kit o trouxe para nos mostrar. Quando não cooperamos, ele nos disse que não queria o folheto se não podia ter a casa. “Por que não o rasgam, ou queimam?”, disse. “Espero que tenham gostado disso.” Imagino que tenha achado que assim que víssemos as fotos e como era impressionante, daríamos o dinheiro. E *era* impressionante, mas... não valia o valor que o vendedor estava pedindo que Kit pagasse, e não achávamos que seria justo com as pessoas que achavam que iriam comprar se Kit e Connie puxassem o tapete de sob os pés deles de repente. Que tipo de comportamento de vigarista é esse?

— Não era jeito de tratá-los, e não era jeito de nos tratar — disse Nigel, lançando isso como um desafio, querendo que alguém ousasse discordar. Estava se preparando para ter a briga novamente, como se em vez de Simon fosse Kit sentado do outro lado. — Connie e Kit poderiam muito bem ter dado conta de uma casa em Cambridge que fosse mais que adequada às suas necessidades; havia muitos lugares que poderiam ter comprado. Por que precisavam ter aquela casa em particular, que efetivamente já estava vendida?

Porque Kit era orgulhoso demais para fazer uma concessão, determinado a querer o ideal?

— Kit não viu necessidade de nos dizer por quê — falou Barbara. — Ele se comportou como se fosse seu direito divino ter aquela casa, a qualquer custo.

— Ele teve muita coragem de nos dizer que queria desperdiçar cinquenta mil libras fazendo algo imoral e esperando que pagássemos a conta. Não pediu sequer um empréstimo, foi o que me incomodou. Não falou nada sobre devolver o dinheiro, apenas esperou que o déssemos. Quando dissemos não, ficou agressivo.

Simon queria perguntar a Nigel o que ele quisera dizer com a casa já estar vendida, mas não pretendia interromper. Poderia pegar os detalhes depois.

— Agressivo como? — perguntou.

— Ah, tudo transbordou. Barbara e eu não tínhamos padrões, não sabíamos a diferença entre uma coisa boa e uma ruim, não reconhecíamos uma casa bonita quando víamos uma, não entendíamos a importância da beleza, não notávamos quando ela nos encarava. Ah, e também não notávamos a feiura, e não dávamos os passos necessários para evitá-la. Só iríamos comprar casas feias.

Nigel tentou soar leve enquanto desenrolava a lista de insultos do filho, mas Simon podia ouvir a dor em sua voz.

— E claro que tínhamos feito Kit sofrer, pois ele tivera de morar naquelas casas feias conosco — contribuiu Barbara. — Disse que éramos como animais, não compreendíamos mirar alto e só aceitar o melhor. O que sabíamos sobre qualquer coisa? Tínhamos escolhido morar em três lugares medonhos e selvagens um depois do outro: primeiro Birmingham, depois Manchester e então Bracknell; todos eles lugares que deveriam ser varridos da face da Terra. Como podíamos ter obrigado Kit a morar neles? Como podíamos ter morado nós mesmos?

— Desde o momento em que Kit colocou os pés em Cambridge, nenhum outro lugar era bom o suficiente — disse Nigel. — Nós não éramos bons o bastante.

— Embora Kit fosse tão bom em esconder, não tínhamos ideia de que havíamos perdido sua estima; não até não lhe darmos o dinheiro que achava ser um direito seu e ele ficar com raiva suficiente para nos dizer que tudo o que tínhamos feito era errado.

— A lista de nossos crimes era interminável — começou Nigel, contando nos dedos. — Deveríamos ter nos mudado para Cambridge quando Kit entrou para a universidade; transferido nossa casa e nosso negócio; para que ele não tivesse de deixar a cidade nas férias e retornar a Bracknell...

— Que descreveu como “a morte da esperança”. Imagine, dizer isso sobre sua casa!

— Deveríamos tê-lo ajudado quando concluiu o curso e o único emprego que conseguiu foi em Rawndesley; deveríamos ter nos oferecido para apoiá-lo financeiramente para que não precisasse se mudar, não tivesse de deixar Cambridge.

— Na época, ele disse estar excitado com o novo emprego em Rawndesley e ansioso por uma mudança de cenário.

— A tática usual — disse Nigel. — Fingir que o que tinha acontecido era o que sempre quisera, para que pudesse parecer o vencedor.

— Foi muito convincente. Kit sempre foi convincente — disse Barbara, se levantando e perguntando a Simon: — Gostaria de ver o quarto dele? Eu o mantive exatamente como o deixou; o quarto de um filho morto, tudo exatamente igual, e eu a mãe sofredora, curadora do museu.

Ela deu uma gargalhada.

— Por que ele iria querer ver o quarto de Kit? — cortou Nigel. — Não sabemos sequer por que está aqui. Não é como se Kit estivesse sumido e ele procurasse pistas.

Simon, agora de pé, esperou para ser questionado sobre o motivo de sua visita.

— Ele pode estar desaparecido — Barbara disse ao marido. — Não sabemos, não é? Pode estar até morto. Se não estiver, então é de interesse para a polícia por alguma outra razão. Qualquer um que queira entender Kit precisa ver seu quarto.

— Teríamos sido informados caso ele estivesse morto — disse Nigel. — Eles teriam nos contado. Não é mesmo?

Simon anuiu.

— Eu gostaria de ver o quarto, caso não se importe de me mostrar — sugeriu.

— Com todo prazer — disse Barbara em tom de flerte. Esticou os braços, convidando uma multidão inexistente a se juntar a eles. — Mas tenho de avisar. Estou enferrujada. Não faço minha visita guiada há algum tempo.

Lá estava novamente o voraz sorriso lacrimoso; Simon tentou não se encolher.

Nigel suspirou.

— Não me juntarei a vocês.

— Ninguém o convidou — retrucou Barbara, jogando a resposta como um trunfo.

Simon a seguiu para fora da sala. Na metade da escada ela parou e se virou para ele.

— Você provavelmente está pensando por que não perguntamos — disse. — Pelo bem de nossa sobrevivência emocional, não podemos nos permitir a curiosidade. É muito mais fácil não ouvir notícias.

— Deve exigir muita disciplina — comentou Simon.

— Na verdade, não. Ninguém gosta de sofrer desnecessariamente, ou pelo menos eu não gosto, e Nigel não. Qualquer nova informação sobre nosso ex-filho eliminaria três dias de nossas vidas. Mesmo o detalhe mais insignificante; que Kit foi à loja e comprou um jornal esta manhã, que usou uma determinada camisa ontem. Mesmo que fosse tudo o que você me dissesse, eu estaria de cama amanhã, incapaz de fazer qualquer coisa. Não quero ter de pensar nele no presente; isso faz sentido?

Simon esperava que não, esperava que não fizesse o sentido que achou que fazia.

— Temos de acreditar que o tempo parou — ensinou Barbara, tão convencida da correção de sua posição quanto um ativista político.

— Por isso vou ao quarto dele todo dia. Nigel não consegue suportar. Nem eu, na verdade, mas se não entrar, não terei certeza de que não mudou. E alguém tem de mantê-lo limpo.

Ela subiu o resto da escada até o primeiro andar. Simon a seguiu. Havia quatro portas, todas fechadas. Uma tinha uma grande folha de papel presa na qual alguém desenhara um retângulo preto, os lados perfeitamente retos, e escrevera algo dentro em uma pequena caligrafia preta. De onde estava Simon não conseguia ler.

— Este é o quarto de Kit, com o aviso na porta — disse Barbara.

Simon imaginara isso. Ao se aproximar viu que o aviso era feito de algo mais grosso que papel; uma espécie de quadro de lona fina. E as palavras haviam sido pintadas, não escritas. Cuidadosamente; parecia quase arte. Kit Bowskill pretendia que o aviso em sua porta fosse mais que uma forma de transmitir informação.

Barbara, de pé atrás de Simon, recitou as palavras em voz alta enquanto ele lia. O efeito era perturbador, como se ela fosse a voz de seus pensamentos.

— Civilização é o progresso na direção de uma sociedade de privacidade. Toda a existência do selvagem é pública, governada pelas leis de sua tribo. Civilização é o processo de libertar o homem do homem.

Abaixo da citação havia um nome: "Ayn Rand". Autor de *A nascente*. Era um dos muitos romances que Simon desejava ter lido, mas nunca o fizera.

— Esta é uma forma intelectual de dizer "Quarto do Kit — Mantenha distância"? — ele perguntou a Barbara.

Ela anuiu.

— Nós fizemos isso. Religiosamente. Até Kit nos dizer que o tínhamos visto e ouvido pela última vez. Então pensei: "Dane-se; se estou perdendo meu filho, pelo menos posso ter de volta um quarto da minha casa." Estava tão lívida que poderia ter derrubado as paredes — disse. O tremor vibrante em sua voz sugeria que não estava com menos raiva naquele momento. — Entrei aqui com a intenção de deixá-lo vazio, mas não consegui; não depois de ver o que ele tinha feito. Como poderia destruir a obra de arte secreta de meu filho quando era tudo que restava dele? Nigel diz que não é arte, que Kit não é um artista, mas não consigo ver outro modo de descrever.

Simon estava mais perto da porta — dois passos. Poderia ter entrado e visto ele mesmo, o que quer fosse, em vez de ficar do lado de fora escutando Barbara descrever indiretamente, mas isso teria parecido inadequado; ele tinha de esperar sua permissão.

— Já teve seu coração atropelado por um grande caminhão? — perguntou, apertando as mãos sobre o peito. — Foi o que me aconteceu quando abri essa porta pela primeira vez em onze anos. Não consegui entender nada; para o que estava olhando? *Agora* faz sentido, agora que conheci Kit um pouco melhor em sua ausência.

Onze anos. *Novamente o número onze*. A despeito do calor, um arrepio correu pelas costas de Simon. Barbara deve ter visto a pergunta em seus olhos, pois disse:

— Nigel e eu fomos banidos quando Kit tinha dezoito anos. Ele veio para casa depois do primeiro ano na universidade e esta foi a primeira coisa que disse. Não éramos apenas nós, por sermos seus

pais; todos foram banidos. Ninguém colocou os pés em seu quarto depois; ele se assegurou disso. Não trazia amigos com frequência, mas quando o fazia, eles ficavam na sala de estar. Mesmo Connie, quando vinham visitar, nunca a levou para cima. Eles se sentavam na sala de estar, ou no escritório. Kit tinha seu próprio apartamento quando se conheceram; acho que Connie não sabia que ele tinha um quarto aqui, um que era mais importante do que aqueles nos quais realmente morava. Você não pensaria isso, pensaria? A maioria das pessoas, quando se muda, muda totalmente.

A não ser que tenham algo que queiram ou precisem esconder, pensou Simon. A maioria das pessoas não conseguiria dizer às namoradas com quem moravam: "Este quarto é meu; você não pode chegar perto." Pensando bem, a maioria das pessoas também não conseguiria dizer isso aos pais.

— Em onze anos você nunca se sentiu tentada a entrar e dar uma olhada?

— Eu provavelmente teria ficado, mas Kit colocara uma tranca — disse Barbara, apontando com a cabeça para a porta. — Esta é uma nova, sem tranca, para simbolizar a nova política de ingresso: o quarto do meu ex-filho está aberto ao público, 24 horas por dia, sete dias por semana. Mostrarei a qualquer um que queira ver — disse, desafiadora, depois riu. — Se Kit não gostar, que venha aqui e se queixe.

— Você retirou a velha porta, a que tinha tranca? — Simon perguntou.

— Nigel a derrubou com um chute — contou Barbara, orgulhosa. — Depois da "grande briga" — falou, imitando aspas com os dedos. — Era o único modo de entrarmos. Nigel disse: "Pelo menos está limpo", o que era subestimar; estava mais limpo do que eu um dia já consegui deixar um quarto, certamente. Kit comprou seu próprio aspirador, panos, cera, tudo. Costumava vir uma vez a cada quinze dias e passar duas horas aqui dentro, fazendo a manutenção; você conseguia ouvir o aspirador zumbindo. Não acho que Connie soubesse o que ele fazia; passava tanto de seu tempo livre com a mãe e o pai que Kit podia vir para cá nos fins de semana que ela nem saberia. Nigel e eu costumávamos sentir pena dela em sua

ignorância, barrada de algo que era tão importante para ele, como se nós tivéssemos sorte, conhecendo seus segredos, porque sabíamos sobre seu quarto mesmo não sabendo o que havia nele.

Barbara balançou a cabeça com o orgulho dando lugar à frustração.

— Éramos idiotas, deixando uma criança de dezoito anos nos trancar fora de um quarto em nossa própria casa. Se eu pudesse voltar no tempo, não deixaria Kit *fechar* uma porta na minha cara, muito menos trancá-la. Eu o vigiaria como um falcão, cada segundo de cada dia — disse, apontando o dedo para Simon como se para fixá-lo no lugar. — Sentaria ao lado de sua cama a noite toda e o observaria enquanto dormisse. Ficaria junto ao chuveiro enquanto se lavava, até mesmo ficaria junto a ele enquanto usasse o vaso. Não lhe permitiria nenhuma privacidade. Ele ficaria horrorizado se me ouvisse falar assim, e eu não ligo. Privacidade é o solo que alimenta todos os males que brotam, se quer saber.

— Podemos dar uma olhada no quarto? — perguntou Simon, achando-a repelente. Caso a tivesse conhecido antes do que chamou de a “grande briga”, provavelmente pensaria muito diferente. Ela teria sido uma pessoa diferente. Simon nunca admitiria isso a ninguém, mas com frequência sentia repulsa por pessoas a quem coisas excepcionalmente ruins tinham acontecido. Culpa dele, não delas. Imaginava que tinha algo a ver com um desejo de se distanciar da tragédia, qualquer que fosse. No mínimo fazia com que se esforçasse mais para ajudá-las, para compensar.

— Vá em frente — disse Barbara. — Eu o seguirei em um minuto. Não quero prejudicar sua primeira impressão.

Simon virou a maçaneta. À medida que a porta se abria o cheiro de polidor de móveis era inconfundível. Kit Bowskill podia não ter colocado os pés em seu santuário particular desde 2003, mas alguém o estava mantendo em seu alto padrão desde então. Barbara. Era o tipo de coisa que apenas uma mãe se preocuparia em fazer.

— Não tropece no aspirador — ela alertou. — Ao contrário dos outros aposentos nesta casa, o quarto de Kit tem coisas nele — falou, e riu. — Eu me livrei da maioria do que Nigel e eu tínhamos

uns seis meses depois de Kit ter nos dispensado. Se não tínhamos um filho, não fazia muito sentido ter qualquer coisa.

A porta parou na metade. Simon a empurrou até o fim e entrou. O quarto era cheio sem ser atravancado: cama, duas cadeiras, guarda-roupa, gaveteiro, estante em uma parede com um aspirador de pó Dyson ao lado. Entre a estante e a janela pequena demais havia uma fileira de produtos de limpeza — para vidro, para madeira, para carpetes — junto a um vaso plástico cinza do qual se projetavam seis espanadores de penas, uma caricatura de um vaso de flores.

Inicialmente Simon achou que as paredes fossem revestidas de papel, porque cada centímetro delas estava coberto, assim como o teto. Ele logo viu que não podia ser papel de parede; não havia uma estampa repetida. Nenhum designer, nem mesmo o mais radical, criaria algo tão intrincado e bizarro. *Fotografias*. Simon se deu conta de que estava olhando para centenas de fotografias, fundidas de tal forma que você não via as emendas. Talvez não houvesse nenhuma; Simon não conseguia ver linhas onde uma fotografia começava e outra terminava. Como Kit tinha feito aquilo? Havia tirado todas as fotos e de algum modo as transformado em papel de parede?

Eram todas de ruas e prédios, exceto aquelas no teto. Essas eram do céu: azul-claro limpo, azul listrado com nuvem branca, cinza marcado por rosa e vermelhos de ocaso; um azul-profundo com parte da lua em um canto, uma curva de branco brilhante irregular.

Simon chegou mais perto da parede; localizara uma rua que reconhecia. Sim, ali estava o pub Six Bells, aquele perto de Live and Let Live, onde ele se encontrara com Ian Grint.

— Isto é...

Virando em busca de Barbara, ele se viu olhando para os livros nas prateleiras. Estavam dispostos em fileiras arrumadas, as lombadas perfeitamente alinhadas. Pelos títulos, Simon viu que tinham um tema em comum.

— Bem-vindo a Cambridge em Bracknell — disse Barbara.

Histórias de Cambridge, livros sobre as origens da universidade, a corrida de barcos, a rivalidade entre Cambridge e Oxford; sobre pessoas famosas ligadas à cidade, Cambridge e seus artistas, Cambridge e os escritores que ela inspirou, sua arquitetura, suas

pontes, as gárgulas nos prédios universitários, *A Cambridge Childhood*, capelas universitárias de Cambridge, Cambridge e a ciência, espiões com uma ligação com Cambridge.

Simon viu as palavras "Pink Floyd": teria encontrado um livro que fugisse ao padrão? Não, era *The Pink Floyd Fan's Illustrated Guide to Cambridge*.

No final da prateleira havia uma cópia impecável do guia da cidade — antigo, se Kit não entrava naquele quarto desde 2003, mas parecia novo em folha. Na prateleira acima Simon viu uma fileira de *Páginas Amarelas* e catálogos telefônicos de Cambridge.

De repente teve consciência de Barbara de pé ao seu lado.

— Sabíamos que ele gostava do lugar — ela disse. — Não tínhamos ideia de que era uma obsessão tão absorvente.

Simon estava lendo as placas de trânsito nas fotografias: De Freville Avenue, Hills Road, Newton Road, Gough Way, Glisson Road, Grantchester Meadows, Alpha Road, St. Edward's Passage. Nada de Pardoner Lane, ou pelo menos nenhuma que Simon tivesse visto. Ergueu os olhos para as fotos do céu de Cambridge. Pense em Kit Bowskill aos dezoito anos não querendo dormir sob seu equivalente de Bracknell.

Connie estava errada. Dissera a Simon que Kit estivera apaixonado por alguém quando na universidade, alguém sobre quem não quisera contar, cuja existência negara peremptoriamente. Por motivos óbvios, ela suspeitara ser Selina Gane.

Não era. Não era ninguém. O amor que Kit Bowskill quisera esconder da esposa — tão forte que não conseguia colocar em palavras, ou não estava disposto — não era por qualquer morador isolado de Cambridge. Era pela própria cidade.

Barbara estava fazendo sua visita guiada, como prometera.

— Esta é a Fen Causeway; Nigel e eu costumávamos ir de carro por ela quando em visita. Você provavelmente identificou King's College Chapel. A Biblioteca Wren de Trinity. O ponto de ônibus de Drummer Street...

Simon tinha consciência de sua respiração e não muito mais. Como Kit Bowskill sete anos antes, ele só conseguia pensar em uma coisa.

— Está tudo bem? — Barbara perguntou. — Você parece um pouco preocupado.

Pardoner Lane, 18.

Kit Bowskill, que odiava fracassar, tinha encontrado sua casa perfeita em sua cidade perfeita. Seus parentes não iam lhe dar o dinheiro de que precisava, então ele não pudera comprá-la, mas alguém tinha comprado. Alguém tivera sucesso onde Kit fracassara.

Alguém que, na época, deve ter se sentido com sorte.

21

Sábado, 24 de julho de 2010

— Você tem um emprego? — perguntou a ID Alison Laskey, determinadamente calma diante de minha agitação. É uma mulher magra de meia-idade com cabelos castanhos curtos formais. Ela me lembra uma esposa de político de uns vinte anos antes; obediente e apagada.

— Tenho dois empregos — digo a ela. — Meu marido e eu temos nosso próprio negócio, e também trabalho para meus pais.

Estamos na mesma sala de entrevista em que Kit e eu estivemos na terça-feira, com a grade de galinheiro cobrindo a janela.

— Olhe, o que isso tem a ver com Ian Grint? Tudo o que desejo é...

— Imagine que você está de folga; pegando sol em uma praia, digamos, e alguém aparece em um de seus locais de trabalho pedindo o número do seu celular. Você iria querer que seu pai e sua mãe, ou as pessoas em sua empresa, dessem seu número para que a pessoa pudesse interromper sua folga?

— Não estou *pedindo* o número do celular de Ian Grint.

— Você estava quando eu cheguei aqui — diz a ID Laskey.

— Entendo por que você não pode dar. Só estou pedindo agora que ligue para o ID Grint e peça a ele para ligar para mim. Ou... encontrar comigo em algum lugar, para que possa falar com ele. Preciso falar com ele. Pode ligar para meu hotel. Posso estar de volta aqui em...

— Connie, pare. Seja ele interrompido por você ou por mim, ainda é uma interrupção, não é? — pergunta a ID Laskey, sorrindo. — E é a folga dele. Não há razão para incomodá-lo. Todo trabalho policial é feito em equipe. Você pode conversar comigo sobre o que a está

incomodando. Já estou familiarizada com sua... situação, então conheço o histórico. Li a declaração que prestou.

— Foi você quem decidiu que não houve assassinato em Bentley Grove, 11? Foi sua a decisão de abandonar, esquecer tudo sobre isso?

A boca de Laskey retorce.

— O que você queria contar a Ian? — ela pergunta.

— *Houve* um assassinato — digo a ela. — Venha comigo e lhe mostrarei.

— Você irá me *mostrar*? — reage, erguendo as sobrancelhas. — O que irá me mostrar, Connie? Uma mulher morta caída em uma poça de sangue?

— Sim — respondo. Que escolha tenho que não ser ousada? Mesmo que a mulher morta não esteja mais lá, o sangue tem de estar. Traços dele, pelo menos. — Virá comigo? — pergunto.

— Ficaria contente de ir, mas primeiro gostaria que me contasse para onde iremos, e por quê.

— Qual o sentido? Acha que estou delirando; não irá acreditar em nada que eu diga. Venha comigo e veja você mesma, e então lhe direi; quando você não tiver escolha a não ser me levar a sério.

Empurro a cadeira para trás, me levanto. As chaves que peguei na caneca da prateleira de Selina Gane pesam em meu bolso.

— Sente-se — diz Laskey. Ouço o peso do cansaço em sua voz. — Hoje é folga de Ian Grint, não minha, tenho trabalho a fazer neste prédio — diz, fazendo um gesto ao redor da sala, como se eu pudesse ter alguma dúvida de o que significa “neste prédio”. — Não posso abandonar o barco a não ser que me convença de que é necessário. Goste disso ou não, se quer que a acompanhe a algum lugar, terá de me dar uma explicação completa agora.

E então você decidirá se eu sou ainda mais louca do que acha que sou.

Caio de volta na cadeira. Poderia muito bem seguir com isso, se não tenho escolha. Viro o rosto para não vê-la, e começo a falar, imaginando me dirigir a um ouvinte mais simpático: Sam, ou Simon Waterhouse. Pensei em entrar em contato com eles em vez de Grint,

mas o que poderiam fazer? Estão a quilômetros de distância, em Spilling.

Conto tudo a Laskey. Ela deve estar pensando por que minha fala é tão lenta e espasmódica. Não consigo evitar; a coisa mais importante é testar cada frase antes que deixe minha boca, procurar erros. Meu raciocínio precisa convencê-la, ou não me ajudará. Uma voz em minha cabeça, uma que estou tentando ignorar, sussurra que não irá funcionar, por mais que tente, e irei me odiar depois por essa indigna tentativa de impressioná-la.

Quando termino, ela me olha por um longo tempo sem dizer nada.

— Você virá comigo? — pergunto.

Ela parece estar tentando chegar a uma conclusão sobre algo.

— Vou lhe dizer o que vou fazer. Vou pedir a alguém que lhe traga uma xícara de chá e um sanduíche, para que você possa fazer uma pausa, depois voltarei e...

— Eu não preciso de uma pausa — corto.

— Depois voltarei e gostaria que me contasse essa história, tudo o que acabou de me contar, novamente.

— Mas isso é perda de tempo! Por que quer ouvir novamente? Não estava escutando?

— Eu de fato escutei muito atentamente. Não acho que já tenha ouvido algo tão... incomum. Nós na polícia não ouvimos tantas histórias incomuns; muito menos do que você poderia pensar. Normalmente as histórias a respeito dos crimes com os quais lidamos são muito banais.

Sei aonde ela quer chegar.

— Você acha que inventei a coisa toda, não é? Quer ouvir a história de novo para poder checar se não cometo um deslize e mudo alguns dos detalhes.

— Tem alguma objeção a me contar novamente? — pergunta Laskey.

Sim. É uma perda de tempo. Eu me obrigo a conter minha raiva.

— Não — digo, e depois não resisto a acrescentar: — Desde que você tenha consciência da falha em sua lógica.

— Qual seria?

— Se eu lhe contar novamente e minha história não mudar, você não conseguiu nada. Posso estar dizendo a verdade, ou posso ser uma mentirosa com ótima memória.

Ela sorri.

— Seja lá o que for, você precisa comer algo. Seu estômago está roncando há quinze minutos. Espere aqui.

À porta, ela para, se vira.

— Roubar um chaveiro da casa de alguém é um crime, por falar nisso. Se está planejando mudar alguma parte de sua história, é melhor começar por essa.

Ainda sorrindo, sai da sala.

O que quer dizer? Está sugerindo que eu minta para evitar problemas? Ou me avisando que depois da comida que está me impingindo eu serei presa? Não me ocorreu não contar a ela que peguei as chaves da caneca na cozinha de Selina Gane. Como pode se importar com isso depois do que acabei de contar?

Porque ela não acredita em você sobre a mulher morta e nunca acreditará. Provavelmente também não acredita que você roubou as chaves, ou já a teria prendido.

Eu tinha de pegar aquelas chaves. Não tinha? E se estiver errada, se não pertencer à amiga americana de Selina Gane? E se o número na etiqueta não significar o que acho que significa? Talvez seja uma rua diferente. A etiqueta não diz Bentley Grove nem tem um nome, apenas o número da casa.

Não. Você não está errada.

Quando falou sobre a amiga americana, Selina Gane olhou diretamente para a caneca. As chaves são da casa da amiga — têm de ser. E o número sem nome da rua, tem de ser Bentley Grove — você só faria isso na sua própria rua.

E as casas em Bentley Grove são mais ou menos idênticas. As salas de estar são mais ou menos idênticas...

De repente, a ideia de permanecer ali mais um momento, ser paternalizada e sutilmente ameaçada, me deixa enjoada. Não preciso desse tipo de ajuda. Tive uma ideia melhor, uma que não envolve tentar cair nas graças de Alison Laskey.

Agarro minha bolsa e saio do prédio o mais rápido possível, depois caminho até encontrar uma cabine telefônica. Apertando os botões, penso se sempre irei lembrar do número do celular de Kit, mesmo em dez ou vinte anos.

Ele atende no segundo toque.

— Sou eu — digo a ele.

— Connie — diz. Ele parece contente de me ouvir. Sua voz é grossa, inflada. Teria chorado? Ele nunca chorava. Talvez faça isso o tempo todo agora que pegou o gosto. — Onde você está?

— Onde estou agora é irrelevante. O que importa é onde estarei em vinte minutos. Estarei em Bentley Grove, 11.

— O que você...

— Você sabe o que quero dizer, não é, Kit? — eu corto. — Bentley Grove, 11, não a casa de Selina Gane. É onde eu estarei. *Seu Bentley Grove, 11.*

Silêncio de Kit.

— Estou com um jogo de chaves em minha mão — digo. — Olhando para ele agora.

Baixo o telefone, saio da cabine, entro em pânico enquanto tento me lembrar de onde deixei o carro. Isso mesmo: o edifício-garagem junto à piscina de fachada de vidro com os escorregadores em tubo.

Eu me movo o mais rápido que posso, sabendo que Kit, onde quer que estivesse quando falei com ele, estará agora indo para a casa. Eu não podia explicar a alguém como Alison Laskey como sei disso, mas sei. Quando você passou tempo suficiente com alguém como passei com Kit, você pode prever muito do comportamento da pessoa.

Tenho de chegar lá antes dele. Preciso entrar e ver por mim mesma, seja lá o que for. Por pior que seja.

O que você irá fazer quando Kit aparecer? Matá-lo? Falar: "Eu disse"?

Não parece importar o que acontecer a seguir. Só o que importa é o que estou fazendo agora — tentando chegar a casa, para poder colocar a chave na fechadura e girar. Ver se funciona. É tudo o que quero com isto: o alívio de provar a mim mesma, finalmente, que não sou maluca ou paranoica. Não consigo pensar além disso.

Todos os sinais de trânsito estão vermelhos. Ignoro alguns e ultrapasso. Outros eu obedeco. Não há sistema por trás de minhas ações; estou dirigindo pior que nunca, todas as minhas decisões totalmente aleatórias. Muitos pensamentos desconexos piscam em minha mente: o vestido de ampuheta azul e rosa que Kit me comprou, a tapeçaria de mamãe de Melrose Cottage na parede de meu quarto em casa, o sorriso de lábios de minhoca de Alison Laskey, a planta de Bentley Grove, 11, o certificado de registro da Nulli em sua moldura com vidro partido, grades de ferro, Pardoner Lane, o Beth Dutton Centre, o repolho podre que mamãe encontrou na cristaleira sob a escada, o chaveiro amarelo em meu bolso, penas vermelhas na caneca da cozinha de Selina Gane, seu mapa de Cambridgeshire com o brasão vazio. *Síndrome do Brasão Vazio*, penso, e rio alto.

Estaciono na frente da casa e confiro o relógio no painel. A viagem desde o edifício-garagem até ali levou dez minutos. Pareceu mais como dez horas.

A chave funciona porque não perco tempo especulando se irá funcionar ou não. Claro que funciona. Essa é a parte que me esqueci de mencionar a Alison Laskey: tenho absoluta segurança de que estou certa.

Abro a porta da frente e entro. O cheiro me faz engasgar: restos humanos. E algo ainda pior abaixo dele, como um subtom. *Morte*. Nunca senti o cheiro antes, mas reconheço instantaneamente.

Isto é *real*.

Algo dentro de mim está gritando que eu deveria correr, sair, para o mais longe que puder. Posso ver várias coisas imediatamente: o botão branco grudado no alto da primeira coluna, um telefone em uma mesa no saguão junto à escada, muitos papéis salpicados de sangue espalhados sobre o piso sob a mesa, uma jaqueta de brim rosa caída logo depois da porta da frente. Estico a mão para pegar, sinto os bolsos. Um está vazio. O outro tem duas chaves dentro — uma está em um chaveiro da Otto Casas, o outro com uma etiqueta de papel presa, do tipo que você colocaria em um presente. Na etiqueta alguém escreveu "Selina, nº 11".

Minha mente gira enquanto me esforço para compreender isso. Então vejo que não há mistério; é lamentavelmente simples: você dá a alguém sua chave extra, ela lhe dá a dela. Se você se trancar do lado de fora, está garantido.

Ligue para a polícia. Pegue o telefone e teclé o número de emergência.

Concentrada em cada movimento de meu corpo, coloco um pé diante do outro e começo a cruzar o saguão, mantendo meus olhos fixos no objetivo final. Doze passos até aquele telefone, não mais que isso. Paro ao chegar a uma porta aberta, consciente de algo em minha visão periférica, algo grande e vermelho. Minha cabeça está muito pesada para virar e meu pescoço rígido demais. Lentamente reajusto o corpo todo para ficar voltada para a sala de estar.

Estou olhando para meu mar de sangue. Meu e de Jackie Napier, imagino que devesse dizer, já que ela e eu fomos as únicas que o viram. Está mais escuro agora, seco, como tinta ressecada. No centro, há uma mulher caída de frente com a cabeça para um lado, olhando para longe de mim. A posição da cabeça não é a única coisa diferente. Seu cabelo está mais arrumado que na fotografia que vi em Roundthehouses. Quase arrumado demais, como se alguém o tivesse escovado com ela caída ali. E ela não veste o vestido de ampulheta verde e lilás, veste uma camiseta rosa sem mangas, uma saia com estampa branca e rosa, sapatos rosa de cadarço. *A jaqueta rosa no saguão também deve ser dela.* Caída ao lado, como se tendo escorregado do ombro antes da queda, há uma colorida bolsa de lona com estampa de flores.

Nada de aliança na mão esquerda.

Arrepios de terror passam por mim. Não sei o que fazer. Ligar para a polícia? Verificar se ainda está viva?

Sair da casa.

Mas não posso. Não posso simplesmente deixá-la aqui.

Não sei quanto tempo fico de pé ali — poderia ter sido meio segundo, dez segundos, dez minutos. Finalmente me obrigo a entrar na sala. Se contornar a beirada do sangue na direção da janela, conseguirei ver o rosto. *Se contornar a beirada do sangue. Se*

contornar a beirada do sangue. Contornar. A beirada. É só repetindo isso para mim mesma que consigo fazer.

Quando vejo quem está caída lá tenho de apertar as mãos sobre a boca com tanta força que machuca. Meus braços tremem — eu toda tremo. É Jackie. Jackie Napier. Está morta. Olhos fitando, cheios de medo. Marcas ao redor da garganta. Estrangulada. *Ai, meu Deus, por favor, faça com que isto não esteja acontecendo.*

O rosto dela está torcido, especialmente a boca. A ponta da língua pode ser vista entre os lábios. Eu me ouço dizendo não, repetidamente.

Jackie Napier. A única outra pessoa que viu o que você viu.

Eu me arrasto na direção dela, o mais perto que suporto chegar. Curvando, toco sua perna. *Quente.*

Estremecendo, saio da sala. O telefone. *Ligar para a polícia.* É isso. É o que vou fazer agora: ligar para a polícia. Eu me concentro em meu destino, começo a cruzar o saguão. À medida que chego mais perto da mesa com o telefone, vejo algo que me faz parar: a caligrafia do meu marido, em um dos pedaços de papel salpicados de sangue no chão.

Caio de joelhos, incapaz de ficar de pé. Aquilo para que estou olhando não faz sentido. É um poema de alguém chamado Tilly Gilpatrick, sobre um vulcão. Há um comentário abaixo, elogiando o poema. Abaixo do elogio Kit escreveu que o poema é medonho, mesmo para um menino de cinco anos, e acrescentou um poema que acredita ser melhor: três estrofes rimadas. Tento ler, mas não consigo me concentrar.

Um a um, pego os outros pedaços de papel espalhados. Todos eles estão salpicados de vermelho. Há uma lista de compras — alguém que se chama “E” pedindo a “D” para comprar, entre outras coisas, alcachofra grelhada, não uma lata de alcachofras. O “não” está em maiúsculas. O que mais há? Um certificado de seguro de automóveis. Eu percebo o nome Gilpatrick novamente; os motoristas identificados são Elise e Donal Gilpatrick.

E e D.

Uma carta agradecendo a Elise, Donal, Riordan e Tilly por um fim de semana adorável; uma carta raivosa e de aparência antiga de

Elise para alguém chamada Caroline, datada de 1993; um poema de Riordan Gilpatrick sobre castanha; o boletim escolar do mesmo Riordan; uma descrição de filhotinhos por Tilly. Empurro tudo isso para o lado e me vejo olhando para um pequeno bilhete azul de Selina Gane para Elise, datado de 24 de julho. *Hoje*. Será que ela escreveu logo depois que saí? Não há sangue nesse. Enquanto leio, estou consciente de uma dormência atrás dos olhos. Tenho de parar de olhar.

Quem são essas pessoas, os Gilpatrick? O que eles têm a ver com Kit?

De algum modo consigo me levantar de novo. Pego o telefone, depois noto outro pedaço de papel ao lado dele, na mesa. Novamente a caligrafia de Kit, mas dessa vez apenas uma linha, repetida o tempo todo. A tinta está borrada nos pontos em que gotas de água parecem ter pousado, como se tivesse sido deixado na chuva.

Como se o autor estivesse chorando enquanto escrevia.

As palavras parecem familiares. Será um verso de um poema, aquele que Kit escreveu abaixo do poema de Tilly de cinco anos sobre o vulcão? Eu me curvo, procuro o pedaço de papel relevante. Aqui está ele. *Sim*. Mas por que Kit escolheu escrever esse verso específico treze vezes? O que significa? E quem escreveu o poema? Não Kit; ele não escreve poemas, embora os cite com frequência — sempre com rimas, de pessoas de quem nunca ouvi falar e que estão mortas há anos.

Pego o telefone novamente, tento levá-lo à orelha e descubro que não consigo mover o braço. Há uma mão ao redor de meu punho, puxando-o para trás. Largo o telefone quando o metal cintila em frente ao meu rosto, brilhando à luz do sol que penetra pela janela do saguão. *Uma faca*.

— Não me mate — digo automaticamente.

— Você diz isso como se eu quisesse. Não quero.

Uma voz que eu costumava amar; a voz do meu marido. A lâmina está de lado sobre minha garganta, esmagando minha traqueia.

— Por quê? — consigo perguntar. — Por que vai me matar?

— Porque você me conhece — Kit diz.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/26IG

24 de julho de 2010

Oi, Elise,

Acabei de perceber que não vejo você, mesmo de passagem, há semanas. Nem Donal e as crianças, por falar nisso. E (correndo o risco de parecer uma vizinha intrometida!) suas cortinas parecem estar fechadas há muito tempo, em cima e embaixo. Está tudo bem? Está passando o verão na América? Estou supondo que não, já que não me pediu para regar as plantas etc. (a não ser que tenha encontrado outra pessoa!).

Estou me sentindo culpada por negligenciar vocês por tanto tempo — não tem desculpa, mas o trabalho tem sido frenético e tenho tido dificuldades recentemente — conto quando vir você.

Seja como for, ligue para nós (no celular, não em casa) ou mande uma mensagem, e vamos nos ver logo.

Muito amor,

Selina xxx

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/27IG

Onde o jovem perdido foi parar?

22

24/07/2010

— Preciso que me ajude a invadir uma casa — disse Simon, como se fosse o pedido mais razoável do mundo.

Charlie quase perdeu o controle das três canecas de Lager que estava carregando; conseguiu de algum modo baixá-las para a mesa sem derramar uma gota. Ela, Simon e Sam Kombothekra estavam sentados do lado de fora do pub Granta em Cambridge, junto ao rio. Charlie esperava por Sam no Brown Cow de Spilling quando chegara a convocação de Simon por mensagem de texto. Tivera de abandonar sua bebida e dizer a Sam que ele também não tomaria uma, não até passar duas horas sentado em um carro.

— Em Bentley Grove — detalhou gentilmente Simon. — Não o número 11; a casa em frente à do professor sir Basil Lambert-Wall.

— Por quê? — Sam perguntou. — O que há lá?

Simon tomou um gole de sua bebida, franziu o cenho.

— Não sei — murmurou. — Talvez nada.

— Bem, esse é um incentivo irresistível como nunca ouvi — disse Charlie, sarcástica.

— Vou lhes dizer o que sei — falou Simon. — Será mais fácil. Quando saí da casa dos pais de Kit Bowskill, eu superei o limite de velocidade até Pardoner Lane, 18; não havia ninguém lá, então tentei o número 17. Os donos ficaram tão contentes em me ver quanto na última vez em que aparecera sem me anunciar, e hoje aceitei a oferta de um café. Imaginei que seriam as pessoas a quem perguntar sobre o número 18; moravam em Pardoner Lane desde 2001, e eram falantes. Especialmente ela.

Vendo a expressão confusa de Sam, Charlie explicou:

— Ele quer dizer que eram seres humanos sociais que falam e são amistosos com as pessoas.

Em claro contraste com Simon, que mantinha a cabeça baixa ao entrar e sair de casa e não conseguia imaginar nada pior do que conhecer todos os vizinhos e ter de conversar com eles quando os via. Charlie o pressionara sobre isso em diversas ocasiões. “Você conversa com seus colegas, sua mãe, seu pai e comigo”, apontara, consciente da imprecisão linguística. “Se eu falar com os vizinhos uma vez, isso criará um precedente”, ele dissera. “Sempre que passar pela porta da frente, terei de parar na rua e trocar gentilezas; não quero ter de fazer isso. Quando saio de casa, é porque tenho de ir a algum lugar. Quando estou indo para casa, quero chegar em casa, rapidamente.”

— O que a senhora Falante lhe disse? — perguntou Charlie.

— Quando ela e o marido se mudaram para Pardoner Lane, o número 18 era de propriedade do pessoal do Beth Dutton Centre; a escola ao lado.

Charlie pensou novamente sobre Connie Bowskill dando o endereço errado. Como podia se lembrar corretamente de todos os detalhes e não do número da casa, especialmente quando Kit tinha feito aquela piada sobre usar o endereço como nome para a casa?

Pardoner Lane, 17, Pardoner Lane, 17, Cambridge.

Mas certamente aquilo estava errado. Deveria ser Pardoner Lane, 18, Pardoner Lane, 18, Cambridge.

— A diretora morava no número 18 — dizia Simon. — Viagem rápida para o trabalho; bem ao lado. Então, em 2003, a escola teve problemas financeiros e vendeu o número 18 para levantar capital. A diretora agora mora em um apartamento alugado na rua seguinte.

— A sra. Falante lhe disse isso? — perguntou Charlie.

— Ela e a diretora pertencem ao mesmo grupo do livro. Perguntei se sabia para quem a casa tinha sido vendida. Sabia: uma família chamada Gilpatrick. Também sabia qual corretora de imóveis tinha vendido, tanto em 2003 quanto ano passado, quando foi novamente colocada à venda, porque ela e o marido quase fizeram uma oferta. Nas duas ocasiões, a casa foi vendida pela Cambridge Property Shop. Os escritórios da imobiliária ficam abertos aos sábados, então

essa foi minha escala seguinte — disse. Os olhos de Simon haviam ganhado aquele olhar vítreo e possuído que Charlie e Sam conheciam bem. — Adivinhem quem trabalhava para a Cambridge Property Shop em 2003? E em 2009; tendo se transferido para um novo emprego apenas em fevereiro deste ano?

— Lorraine Turner? — sugeriu Charlie.

— Não — falou Sam. Ele normalmente soava inseguro quando dava uma sugestão, mas não dessa vez. — Era Jackie Napier, não era?

— O que o leva a dizer isso? — Simon perguntou.

Charlie suspirou. Ela estava obviamente errada, já que ele pedia que Sam explicasse seu raciocínio, mas não a ela.

— Tive uma sensação ruim com ela — disse Sam, depois se virando para Charlie. — Por isso queria conversar com você hoje.

Ele pelo menos teve a gentileza de parecer com remorso.

— Desculpe, eu deveria ter lhe contado no carro.

Por toda a viagem de Spilling a Cambridge, Charlie tentara persuadi-lo a contar o que era tão importante que não podia esperar; Sam se recusara a esclarecer, alegando ter interpretado algo errado, que na verdade não era nada.

— Imaginei que Simon soubesse o que estava acontecendo e fosse nos dizer quando chegássemos aqui. Se não tivesse nada a ver com Jackie Napier, então meu palpite estaria errado; imagino que não queria falar mal dela. Não tinha prova de nada.

— Vamos ouvir o palpite — disse Simon.

Sam pareceu encurralado. Suspirou.

— Não gostei nada dela. Parecia... isso vai soar imperdoavelmente esnobe.

— Eu o perdoo — disse Charlie. — Abrace seu esnobe interior; fiz isso, há muito tempo.

— Ela pareceu idiota; ignorante, mas achando que sabia tudo; foi como se comportou pela maior parte da entrevista. O tipo de mulher que acha que está causando uma brilhante impressão quando na verdade todos que a escutam acham que é uma idiota preconceituosa. Ela se saiu com algumas frases cretinas clássicas: “Eu vivo no mundo real, não na terra da fantasia”; “Ninguém me

paga para me preocupar com assassinatos”, esse tipo de coisa. Também se citava muito: “eu sempre digo”, acompanhada por alguma pérola de não sabedoria.

Charlie riu.

— Por Deus, Sam, você é um escroto!

O rosto de Sam ruborizou.

— Não estou gostando disso — disse.

— Continue — pediu Sam.

— Ela tinha ideias fixas sobre si mesma, ficava me dizendo que tipo de pessoa era. “Duas coisas sobre mim”, falou, e depois as listou. A primeira foi lealdade; se estava do seu lado, então estava do seu lado para sempre.

— Que tedioso — disse Charlie. — As pessoas que se vangloriam de sua própria lealdade são sempre as primeiras a ficarem violentas se você lhes mandar um cartão de feliz aniversário atrasado.

— Ela me disse que não era “o tipo de pessoa imaginativa” — contou Sam. — E pareceu se orgulhar disso. Acabara de voltar de uma temporada com a irmã na Nova Zelândia. Pelo que disse, ficou evidente que passou seu tempo lá criticando as escolhas de vida da irmã e se vangloriando da superioridade de suas próprias; totalmente insensível. Mas havia momentos em que parecia saber exatamente o que eu estava pensando: sensível ao ponto de telepatia. Era incoerente.

— Algumas pessoas são — Charlie se sentiu obrigada a lembrar.

— Eu sei — falou Sam. — Foi o que disse a mim mesmo. Mas então ela disse mais uma coisa, sobre a foto do passaporte de Selina Gane, algo que me soou... errado. Intuição, antes mesmo que eu tivesse a oportunidade de pensar no assunto. Sabia que tinha ouvido algo perturbador assim que ela disse, mas não consegui descobrir o que era, não por muito tempo. Então noite passada me ocorreu. Ela estava falando sobre a pessoa que fingira ser Selina Gane e tentara colocar Bentley Grove, 11 à venda. “Ela foi esperta”, disse. “Sabia que só o que tinha de fazer era falar sobre as pessoas não parecerem com elas mesmas em seus passaportes. Se me fizesse pensar em todas aquelas outras pessoas, não teria de me convencer; eu mesma faria esse trabalho.”

— E então? Qual o problema com isso? — perguntou Charlie.

Simon estava anuindo, o sabe-tudo enfurecedor que era. Ele não podia entender o que Sam estava querendo dizer. Podia?

— Talvez nenhum problema — respondeu Sam, suspirando. — Por isso fiquei quieto.

— Qual poderia ou não ser o problema? — tentou Charlie, refazendo a pergunta e revirando os olhos para a irritante humildade dele. — Não estou pedindo que você se comprometa com a problemática; apenas me diga o que é.

— O que você acha que Jackie quis dizer quando ela disse que a mulher sabia que ela mesma faria o trabalho? — Sam perguntou.

— Ela sabia que Jackie iria imediatamente pensar em todas as fotos de passaporte de amigos que tinha visto e não pareciam com eles — respondeu Simon. — Em todas as vezes em que perguntou: “É realmente você?”

Sam anuía vigorosamente.

— O peso de sua experiência sempre parece uma prova sólida — disse Simon, dirigindo o comentário a Charlie. Será que achava que estava ficando para trás? — O subconsciente de Jackie lembra a ela de todos os casos com que se deparou pessoalmente em que, sem exceção, as fotografias implausíveis *eram* das pessoas em questão, por mais diferentes que parecessem.

— Exatamente isso — disse Sam, soando aliviado. — Fosse quem fosse, essa mulher não mentiu para Jackie, a convidou a mentir a si mesma: pensar além da questão específica da fotografia no passaporte de Selina Gane, para o que ela sabia ser a norma na situação em geral: que *ninguém* se parece muito com sua foto no passaporte, e ainda assim isso *nunca* significa que não seja uma foto dele. Significa apenas que parece pouco, é só.

Charlie achou que tinha entendido.

— Então está dizendo que essa mulher deliberadamente invocou uma das suposições mais arraigadas de Jackie...

— Uma de suas suposições *baseadas em experiência pessoal* mais arraigadas — emendou Simon. — Essas são sempre mais poderosas: uma vez conheci um homem gay que tinha uma voz aguda, então todos os homens com vozes agudas são gays. Um grupo de

adolescentes asiáticos uma vez roubou minha bolsa, portanto todos os adolescentes asiáticos com os quais me encontrar a partir de agora certamente são criminosos. Nossas mentes são tranquilizadas por padrões que se repetem: sempre que X é o caso, isso significa que Y também é o caso. Era o que Jackie Napier queria dizer: que a mulher estava apostando em que sua mente, por conta própria, iria encontrar a trilha conhecida e segui-la; nenhuma fotografia de passaporte se parece com os retratados, mas todas as fotografias de passaportes são, ainda assim, *de* seus retratados.

— Então Jackie estava certa — concluiu Charlie. — Mulher Mentirosa era esperta.

— Ela poderia ser ou não, mas não é isso o que importa — disse Sam, parecendo novamente preocupado. — É com a esperteza de Jackie que estou preocupado. Quando me disse de passagem que essa mulher sabia que ela iria fazer o trabalho sozinha, estava fazendo uma observação bastante profunda, bastante sutil; uma observação que acabamos de levar vários minutos para compreender, e somos três pessoas bastante inteligentes. Desculpem.

Sam corou ao se desculpar por ter feito a si mesmo um elogio que talvez não merecesse.

— Estava demonstrando que entendia e podia resumir, de forma muito mais sucinta que acabamos de fazer, exatamente porque o logro funcionou tão bem. Esse grau de compreensão instintiva de algo tão complexo estaria bem fora do alcance de muita gente. Estaria bem fora do alcance de alguém, e me desculpe, isso vai soar terrível, com o raciocínio banal e abaixo da média que parecia ter o resto do tempo.

Simon virou o resto de seu copo, bateu o copo na mesa.

— Não há dúvida de que Jackie Napier é esperta — disse. — Também é uma mentirosa refinada. Se você é brilhante, é quase impossível se apresentar como o oposto, muito mais difícil do que uma pessoa má se apresentar como sendo boa. Não são apenas as posturas que você expressa que são diferentes, são os padrões de fala, a estrutura das frases, vocabulário, tudo. Mas ela por muito

pouco não conseguiu. Se não tivesse dito essa coisa, você teria sido convencido.

Sam anuiu.

— Você teve um privilégio — Simon disse a ele. — Ela deve tê-lo tido em alta conta. Para você, usou todos os recursos e produziu a maior mentira que já contou ou irá contar. Ela lhe disse que não era o tipo de pessoa imaginativa. Errado; é exatamente isso o que é. É uma pessoa imaginativa, mas sem consciência, sem empatia, com muito pouco medo, dificilmente alguma consciência de seus próprios limites.

Charlie sentiu um arrepio percorrer seu corpo. A descrição era familiar demais; outros nomes surgiram em sua mente. *Nomes de monstros*.

— Jackie Napier é o tipo de pessoa que você gostaria que não tivesse imaginação alguma — disse Simon.

23

Sábado, 24 de julho de 2010

— Não consigo respirar — digo, engasgando. Kit está apertando a faca com força demais sobre minha garganta. — Você está me sufocando.

— Desculpe — sussurra.

Enfiou o rosto nos meus cabelos. Posso sentir suas lágrimas molhando meu pescoço. Afasta a faca, a segura em frente ao meu rosto. Ela treme em sua mão. O outro braço está ao redor de minha cintura, me segurando, prendendo meus braços ao lado do corpo. Não há como escapar dele; não sou forte o suficiente.

A lâmina serrilhada da faca tem um brilho prateado.

Imagens passam por minha cabeça: um bule de chá, bolo de chocolate, com copo plástico de criança com tampa, o vestido de ampulheta azul e rosa.

É nossa faca, de Melrose Cottage. Eu a vi pela última vez na bandeja de madeira, ao lado do bolo de aniversário.

Por que não pensei que Kit já poderia estar aqui? Como pude ser tão idiota? Novas lágrimas tocam meus cílios. Pisco, tento contê-las. Tento pensar. Não posso morrer agora, não posso deixar Kit me matar. Não posso deixar minha própria imprudência me transformar em manchete de jornal. As pessoas ouvirão a história do que me aconteceu e dirão: "Foi culpa da própria idiota."

— Não tenha medo — diz Kit. — Eu irei com você. Realmente acha que a obrigaria a ir sozinha?

Ir. Ele está falando em morrer.

— Iremos juntos, quando estivermos prontos — ele diz. — Pelo menos quando estivermos no lugar certo.

Quando estivermos prontos. Isso significa não ainda. Ele ainda não está pronto, ainda não está pronto para matar nós dois — eu me aferro a esse fiapo de esperança.

— Quem era a mulher morta que vi no passeio virtual? — pergunto, fazendo um juramento a mim mesma: posso não sobreviver a isto, mas não irei morrer até saber. Não irei morrer na ignorância.

— Jackie Napier — diz Kit.

Não. Isso não é certo. Jackie estava viva na terça-feira. Entrou na sala na qual Kit e eu estávamos. Disse a Grint: *Não sei de onde você a tirou, mas pode devolver. Eu nunca a vi antes em minha vida.*

— Não era Jackie... — começo a dizer.

— Era — diz Kit. — Não estava morta, mas era ela.

Não estava morta, mas era ela. Não estava morta, mas era ela. O horror espeta minha pele, como as pernas finas de mil pequenas aranhas sobre mim. Não consigo me fazer perguntar se o sangue era real. Não preciso. Sei a resposta.

Penso em mamãe perguntando qual mulher em seu estado normal arruinaria um vestido adorável se deitando em tinta vermelha. O estado de Jackie Napier deve ter ficado muito ruim.

— Estava caída em um sangue que não pertencia a ela — diz Kit.

Ainda está. Se você estrangula alguém até a morte ela não sangra.

— Sangue de quem? — pergunto, engasgando, bile subindo pela minha garganta. Posso sentir o cheiro do suor de Kit, seu desespero; um cheiro forte, apodrecido. Como se seu corpo tivesse aceitado que irá morrer logo e estivesse fazendo os preparativos.

— Você não tem ideia de o quanto eu a odeio — ele diz. — E me odeio por odiá-la.

Mas não por matá-la.

— Jackie? — pergunto.

— Ela teria feito qualquer coisa por mim...

O resto da frase se perde enquanto soluços altos sacodem o corpo.

Quando ele fica em silêncio, novamente pergunto:

— Então por que a matou?

— Porque eu. Tinha de fazer — fala, a respiração entrecortada. — Não havia felizes para sempre para ela e eu. Não há felizes para sempre para você e eu, não agora que tudo aconteceu do modo como aconteceu. Isso não nos deixou escapatória. Temos de ser corajosos, Con. Você disse que tudo o que queria era saber, e quero lhe contar. Estou farto da solidão de saber e não poder lhe contar.

O terror retorce meu coração. Não quero que ele me conte, não ainda, não se me matar é o que vem depois.

Encaro a faca que treme. Mesmo que pudesse me concentrar o bastante para fazer com que caísse da sua mão, ainda não conseguiria me libertar. Tento me fazer crer que a ID Laskey chegará a tempo. Dei a ela o endereço, disse que havia uma mulher morta aqui. Ela pode duvidar da minha história, mas virá mesmo assim. Irá querer conferir.

Uma mulher morta. Não duas. Por favor, não duas.

— Vou cuidar de você, Con — diz Kit. — Jackie disse que iria *cuidar* de você, mas ela não quis dizer tomar conta. Ela disse “cuidar” no outro sentido. Há algo errado com isso, você não acha? Que as mesmas palavras possam significar as duas coisas?

Palavras. Eu as ouço, mas elas não parecem funcionar. Não traduzem. O que ele está dizendo?

Posso sentir o cheiro de morte. Decadência, decomposição. Como isso é possível? Há quanto tempo Kit matou Jackie Napier? Quanto tempo para que um corpo comece a cheirar? Ela ainda estava quente...

— O que ela disse sobre mim? — pergunto.

— Ela ia matar você, Con — diz Kit, chorando nos meus cabelos.

— Eu não poderia tê-la impedido, não sem... fazer o que fiz.

Ele beija minha nuca. Aperto a boca para conter o berro que está soando em minha cabeça.

— Eu a matei para salvar você — diz Kit.

24

24/07/2010

Charlie tinha terminado sua cerveja e precisava de outra, mas sabia que se fosse ao bar perderia demais e teria dificuldade em acompanhar; essa era sua — como Simon tinha chamado isso? — sua suposição baseada em experiência pessoal mais arraigada. Os outros dois pareciam ter se esquecido de que havia corpos sedentos ligados a seus cérebros; Charlie tentou fazer o mesmo.

— Lembra do que você falou sobre soluções simples, na Espanha? — perguntou Simon. — “Quando há um desconhecido, um enigma, a resposta mais simples normalmente é a correta”?

— Você discordou de mim — lembrou Charlie. — Conseguimos incluir algumas discussões interessantes em nossa lua de mel de meia hora — ela disse a Sam.

— Jackie Napier estava apostando em Ian Grint defender seu raciocínio, não o meu — disse Simon. — Como muitas pessoas bastante imaginativas, ela supõe que a maioria das pessoas com as quais entra em contato tem mente mais objetiva e prosaica que a dela, e está certa. Grint descobre que alguém invadiu a rede de computadores da Otto Casas: quem é a não suspeita óbvia? Jack Napier. Por que ela precisaria invadir quando trabalha lá e pode acessar o sistema legalmente quando quiser? Se uma mulher pode ou não ter sido assassinada em Bentley Grove, 11, quem é a não suspeita óbvia? Novamente Jackie Napier; ela chamou a atenção da polícia para si dizendo ter visto o corpo, sustentando a história de Connie Bowskill, uma história com quem ninguém teria perdido cinco minutos caso Jackie não tivesse se apresentado; Connie teria sido descartada como uma neurótica delirante. Foi graças a Jackie que Grint avançou na possibilidade de assassinato, fez toda a perícia,

descobriu a invasão do computador. Suposição simplista? Que Jackie não poderia ser responsável por nada disso. A possibilidade de que poderia não teria ocorrido a Grint nem a ninguém; ninguém chama a atenção da polícia para seus próprios crimes, crimes pelos quais, do contrário, poderiam sair impunes.

— Mas... você está dizendo que Jackie fez isso? — perguntou Sam.

— Sim, acho que sim — Simon respondeu. — Mas não estou certo de por quê.

Ele parecia com raiva.

— Eu posso ser uma pessoa com imaginação, mas não chego aos pés dela.

— Você fala como se tivesse certeza de que Jackie é uma mentirosa — comentou Charlie.

— Eu tenho. Se você tivesse me acompanhado à Otto Casas e à Cambridge Property Shop hoje, também teria.

Charlie não lembrou que ele nem lhe dissera aonde estava indo nem a convidara a participar.

— Para começar, Jackie não esteve na Nova Zelândia em nenhum momento recentemente, e não tem uma irmã — explicou Simon. — A parte das férias foi verdade. Ela levou a mãe inválida a uma pensão em Weston-super-Mare. Aparentemente faz isso todo verão.

Weston-super-Mare. Nova Zelândia. A distância entre a mentira e a verdade era suficiente para fazer qualquer um sentir *jet lag*.

— Jackie vendeu Pardoner Lane, 18 à família Gilpatrick em 2003 — contou Simon. — Em 2009, eles decidiram se mudar novamente. Jackie, ainda trabalhando na Cambridge Property Shop, vendeu a eles outra casa: aquela em frente à do professor sir Basil Lambert-Wall. Ela mesma comprou a antiga casa deles.

— O quê? — reagiu Charlie, na dúvida de ter ouvido direito.

— Jackie Napier comprou Pardoner Lane, 18 em março do ano passado — disse Simon. — Ela era a corretora responsável pelo negócio, colocou a casa à venda e então a comprou ela mesma.

— Então... por que o trabalho de colocar à venda? — perguntou Sam.

— Ela teve de pagar comissão a si mesma? — perguntou Charlie.

— Não tenho ideia — respondeu Simon, desviando os olhos; ele odiava não saber. — Mas é onde Jackie mora agora; na casa que Kit Bowskill estava louco para comprar em 2003, a casa que ele queria tanto que permitiu que sua máscara de orgulho caísse para suplicar cinquenta mil aos pais.

Charlie olhou para Sam pedindo ajuda e viu sua confusão espelhada no rosto dele.

— Em fevereiro deste ano Jackie trocou de emprego, transferiu-se para a Otto Casas — Simon prosseguiu. — Eu conversei com Hugh Jepps, um dos sócios seniores da Cambridge Property Shop. Desde então, ele se sente culpado pela referência generosa que escreveu para ela, e estava muito disposto a permitir que eu ouvisse sua confissão. A referência só foi generosa porque estava ansioso para se livrar de Jackie; ele a teria demitido, mas então a história de o que estava fazendo seria conhecida. Jepps não estava certo de que a empresa pudesse suportar a publicidade ruim. Também não teria conseguido provar nada contra ela, embora soubesse exatamente o que estava acontecendo.

— Mais do que pode ser dito de mim e Sam — murmurou Charlie.

— Em toda casa que Jackie estava vendendo, assim que chegava uma oferta, havia uma contraoferta, um pouco mais alta — contou Simon. — Normalmente isso levava a um leilão, com cada lado oferecendo dois mil a mais a cada oportunidade, algumas vezes cinco ou dez mil, dependendo de quão desejável era a propriedade. Finalmente alguém desistia. Até então normal, disse Jepps; isso acontece o tempo todo em vendas de imóveis; exceto que nas casas que Jackie Napier vendia havia uma constante: Kit Bowskill. Era Bowskill quem fazia a segunda oferta, sempre, e dava início ao leilão. O engraçado é que nunca estava interessado em nenhuma das casas que outros estavam vendendo. Eram apenas as casas na carteira de Jackie que o inspiravam a fazer o preço subir, o máximo que conseguia. Invariavelmente a inspiração durava pouco; era sempre Bowskill que desistia, algumas vezes deixando o outro interessado com dezenas de milhares de libras a menos, mas encantado, achando que tinha vencido.

— Então... está dizendo que Kit Bowskill nunca teve intenção de comprar qualquer dessas casas? — perguntou Sam. — Ele queria inflar artificialmente os preços. Por quê?

— Para que Jackie Napier recebesse uma comissão maior — disse Charlie, segura. Ela achava que alguém deveria inventar uma palavra para descrever aquele tipo muito específico de momento eureka: quando a ficha cai e você se dá conta de que duas pessoas que não havia ligado antes estão tendo um caso. *Jackie Napier e Kit Bowskill. Olivia Zailer e Chris Gibbs.*

— A mesma coisa tem acontecido na Otto Casas desde que Jackie mudou de emprego — revelou Simon. — Ela não está lá há tempo suficiente para que alguém note, mas quando contei a Lorraine Turner o que Hugh Jepps dissera, ela ficou preocupada o suficiente para revirar a escrivaninha de Jackie. Encontrou duas cartas de Jackie para Kit Bowskill, confirmando suas ofertas em duas casas diferentes que estava vendendo, explicando que havia outro possível comprador interessado em cada uma e que tinha oferecido mais que ele, e perguntando se queria oferecer mais naquele estágio.

— Isso é ilegal — disse Sam. — É fraude.

— Sim, é — concordou Simon. — Uma fraude quase impossível de provar desde que Kit Bowskill se afeite à sua história: desde 2003 ele tem procurado um lugar em Cambridge. Tem feito ofertas em uma série de casas, entrado em leilões, começando por Pardoner Lane, 18, a única legítima, mas até então sempre desistira. Por quê? Ele é um perfeccionista; o que de fato é verdade, portanto fortalece a mentira efetivamente. Ninguém pode invadir sua cabeça e provar sua motivação: que nunca teve nenhuma intenção de comprar qualquer dessas casas, que é tudo um golpe. E se os colegas de Jackie fizerem perguntas, como Hugh Jepps fez diversas vezes, ela apela para o charme e diz: "Pobre sr. Bowskill; ele simplesmente não consegue se comprometer."

— Mas Hugh Jepps não acreditou nela — disse Charlie.

— Claro que não. A coincidência de Bowskill só se interessar por casas que Jackie estava vendendo não era plausível. Mas Jackie não se importou, foi insolente. Não era culpa dela, não tinha nada a ver com ela, disse. O sr. Bowskill era um estranho, e coincidências

acontecem. Jepps pensou em colocar um detetive particular em cima dela, ver se conseguia provar uma ligação entre ela e Bowskill. No final, decidiu que só queria se livrar dela e a mandou para ser problema de outra empresa. Disse que sua encenação de pobre coitada ingênua injustamente acusada fora assustadoramente convincente.

— Essa não foi a cena que vi — disse Sam. — Ela não foi ingênua comigo, foi mais... a mulher do mundo experiente e explorada que sabe uma coisa ou duas.

— Duvido que ela careça de personagens — disse Simon. — A mulher do número 17 a descreveu como sendo “uma garota calorosa e adorável”.

— Então, se Jackie mora em Pardoner Lane, 18, a sra. Falante do número 17 é sua vizinha — disse Charlie.

— Vizinha e boa amiga — acrescentou Simon. — Ah, e ela me disse que conhece Jackie há anos, muito antes de Jackie se mudar para Pardoner Lane. Também é amiga de Elise Gilpatrick, embora não a veja há algum tempo — disse, enfatizando isso como se achasse ser significativo. Charlie estava prestes a perguntar o que estava insinuando, quando ele acrescentou: — Jackie também é amiga íntima de Elise; costumava ir jantar na casa dos Gilpatrick o tempo todo. Foi onde a Mulher do Número 17 a conheceu. Motivo pelo qual não desconfiou quando viu Jackie e seu namorado entrando no número 18 nas tardes de dias úteis.

Jackie Napier e Elise Gilpatrick, amigas íntimas. Charlie franziu o cenho. Jackie tinha vendido Pardoner Lane, 18 para Elise Gilpatrick em 2003. Já eram amigas naquela época? Deviam ser. Ninguém se torna amigo do corretor de imóveis que lhe vende a sua casa.

— A Mulher do Número 17 cometeu o mesmo erro de Basil Lambert-Wall — continuou Simon. — Você vê alguém entrar com uma chave e supõe que isso é legítimo. Invasores não têm chaves: eles têm meias na cabeça e sacos marcados “Roubo” em suas mãos enluvadas. A Mulher do Número 17 nem sequer sacou quando Elise Gilpatrick confidenciou que não conseguia se livrar da sensação irracional de que Pardoner Lane, 18 de alguma forma não era dela. Disse que se sentia uma intrusa ou ocupante, embora ela e o marido

tivessem comprado o lugar legalmente. Tinha pesadelos sobre outra família aparecendo e lhes dizendo que teriam de partir. Um dia acabou em lágrimas e admitiu temer que a casa fosse assombrada, embora soubesse que não podia ser e não acreditasse em fantasmas. Ainda assim, a Mulher do Número 17 não estabeleceu a relação — disse Simon, uma mistura de descrença e desprezo endurecendo sua voz. — Mesmo enquanto me contava, apresentou os dois fatos como não estando ligados: a sensação de Elise Gilpatrick de que o número 18 não era realmente dela, e Jackie Napier e seu namorado aparecendo na casa de dia, quando não havia nenhum dos Gilpatrick. Mostrei a foto de Kit Bowskill que Connie me dera e ela confirmou que era aquele a quem se referia como o namorado de Jackie.

Sam parecia ter os olhos prestes a cair da cabeça.

— Pardoner Lane, 18 não era assombrada — disse Simon. — Era invadida. Eles são azarados, os Gilpatrick. A casa para a qual se mudaram em março do ano passado, em frente a Basil Lambert-Wall, também tem sido invadida.

— Homem do Dia e Mulher do Dia — disse Charlie, lembrando-se das poucas informações que Simon dera a Sam pelo telefone enquanto dirigiam. — Também são eles: Kit Bowskill e Jackie Napier. Simon anuiu.

— Embora Jackie tenha dito ao professor que seu nome era Connie, apelido de Catriona. Eu inicialmente fiquei pensando se a Mulher do Dia poderia ser Connie, mas isso não era possível. Na terça-feira, 29 de junho, quando a Mulher do Dia se desculpou com Basil Lambert-Wall pela grosseria do Homem do Dia, Connie Bowskill passou o dia inteiro na loja dos pais em Silsford; eu verifiquei.

— Jackie estava brincando de ser a esposa dele — disse Sam. — Eu saco essa parte, mas não a coisa dos Gilpatrick.

Ele ergueu os olhos, para Simon.

— Por que Bowskill e Jackie querem fazer sexo na casa deles, em duas das casas deles, enquanto estão fora? É uma espécie de obsessão sexual?

— Simon — começou Charlie, e a voz morreu na garganta, que estava terrivelmente seca. — Bosta. Achei que acabei...

— O quê? O quê?

Simon sempre exigia saber tudo antes que ela tivesse uma chance de organizar os pensamentos.

— A casa em frente à do professor... qual é o número dela?

Simon fez uma careta, tentando lembrar.

— É o número 12, não é?

— Isso é estranho. Pouco antes de você dizer, eu estava pensando em "12". Imagino que deva ser. Eu meio que me lembro de ver isso na porta.

— Acho que Alice entendeu mal o que Connie Bowskill disse a ela — disse Charlie, tropeçando nas palavras em um esforço de colocá-las para fora rapidamente. — Sobre a piada de Kit com o nome de Pardoner Lane, 18. Acho que a piada era chamar a casa de Pardoner Lane, 17 quando o endereço era Pardoner Lane, 18. Não era a duplicação que tornava engraçado; Pardoner Lane, 17, Pardoner Lane, 17, Cambridge; era a ideia de confundir o carteiro dando à casa, como nome, um endereço diferente na mesma rua. Não apenas aborrecer o carteiro, mas também as pessoas que moravam no número 17, o sr. e a sra. Falante.

A lembrança de Alice entrou em foco de repente.

— Irritar as pessoas estava na cabeça de Kit Bowskill enquanto ele dava suas sugestões idiotas — disse Charlie, agora certa de que chegava a algum lugar. — Ele perguntara a Connie se achava que irritaria o pessoal da Beth Dutton se chamassem sua casa de Death Button Centre.

— Pardoner Lane, 17, Pardoner Lane, 18, Cambridge — disse Sam lentamente.

— Você está certa. Funciona como piada. Talvez até uma piada melhor — Simon disse. Humor não era sua especialidade, e ele sabia. — Isso também explica por que Connie errou o endereço depois de tantos anos; se a piada pegou, se Pardoner Lane, 17 se tornou o apelido dela e de Bowskill para a casa...

Simon tirou o celular do bolso, apertou algumas teclas e depois o colocou no espaço entre Charlie e Sam para que ambos pudessem ver.

— Proust não é Proust em meu telefone. Ele é “Homem de Neve”. Apelidos, redutivos, eles grudam. Não é verdade, Stepford?

Sam se encolheu visivelmente com o apelido que Colin Sellers e Chris Gibbs tinham inventado para ele quando mal o conheciam e achavam frustrante sua educação inabalável.

— Pare de provocar Sam — falou Charlie, impaciente. — Não entende o que estou dizendo? Kit Bowskill fez novamente, repetiu o truque do apelido, tão orgulhoso estava de sua piada particular. Ele nunca teve qualquer ligação com Selina Gane ou com sua casa; não era a casa dela que tinha em mente quando colocou Bentley Grove em seu GPS como casa.

Os olhos de Simon estavam arregalados, distantes. Charlie podia ver que estava entendendo.

— Bentley Grove, 11 é o nome que ele dá a Bentley Grove, 12 — disse finalmente. — Seu nome particular para o seu...

— “Ninho de amor com Jackie” é o que você está procurando — disse Charlie secamente.

Simon estava mordendo o lado interno do lábio.

— Se ele se importa tanto com aquela casa para dar a ela um nome especial... não, não funciona. Se está obcecado com Bentley Grove, 12 agora é só porque os Gilpatrick a compraram. É uma casa muitíssimo menos atraente que Pardoner Lane, 18, e Kit Bowskill não estaria pronto para fazer concessões na estética. Significando que não é mais sobre a casa... — Simon disse, e os olhos apertaram. Ele tamborilou os dedos na mesa.

— Nós o perdemos — disse Charlie a Sam, que parecia preocupado.

— Você não pode descartar Bentley Grove, 11 como sendo irrelevante — disse a ela. — Foi onde Connie Bowskill viu o corpo da mulher.

— Por que eles compraram cortinas novas? — cobrou Simon, assustando Charlie e Sam com o volume de sua pergunta. — Ninguém compra cortinas para uma casa que não seja sua. Basil Lambert-Wall disse que as novas cortinas ainda não tinham sido colocadas, mas hoje, quando fui à casa e toquei a campainha, todas

as cortinas estavam puxadas, fechadas. Em um dia ensolarado como hoje, por que você não deixaria a luz entrar?

— Você foi a Bentley Grove, 12 hoje? — perguntou Charlie.

— Eu esperava falar com um ou todos os Gilpatrick — contou Simon. — Há sete anos eles conseguiram o que Kit Bowskill desejava. Queria verificar se tinham sobrevivido à vitória. Ninguém abriu a porta.

— Então você pensou em contar com nossa ajuda para derrubá-la — disse Sam com um estremecimento que tentou esconder, sem sucesso.

— A mulher em Pardoner Lane, 17 me contou onde Elise Gilpatrick trabalha — disse Simon. — A Judge Business School. Não consegui falar com eles pelo telefone; provavelmente fecham aos sábados. Caso tivesse conseguido, teria perguntado quando Elise apareceu para trabalhar pela última vez.

— Você não está se precipitando em conclusões muito radicais? — sugeriu Charlie.

— Quem era a mulher morta que Connie Bowskill viu em Roundthehouses? — Sam perguntou a ela. Pela pergunta, deduziu que ele partilhava a preocupação de Simon em relação ao bem-estar de Elise Gilpatrick.

— Você poderia enrolar um corpo em um par de cortinas — disse Simon em tom monocórdio. Parecia estar falando para um ponto além do ombro de Charlie. — O professor disse que o carro de Jackie Napier estava cheio delas, cortinas embrulhadas em plástico, tantas que ela tivera de rebater o banco de trás. Enrole um corpo morto em cortinas, cubra o pacote com plástico, torne impermeável com fita adesiva para que os vizinhos não sintam cheiro de nada...

Simon apertava botões em seu telefone. O mesmo botão, três vezes: o número nove. Emergência.

— Temos o suficiente. Não é mais necessário invadir ilegalmente.

Alguns segundos depois, Charlie e Sam o ouviram pedir para ser transferido para a polícia.

25

Sábado, 24 de julho de 2010

— Você ainda pode me salvar — digo a Kit, o mais calmamente que consigo. — Salvar não significa me matar. Você deve conseguir ver isso.

Ele está atrás de mim, o rosto pressionando meu crânio. Quando balança a cabeça, eu sinto.

— Você não entende nada — ele diz, as palavras indistintas, abafadas pelos meus cabelos. — Nada.

A faca se move sob meu queixo. Ergo a cabeça, tento levar o pescoço para trás.

— Escute, Kit. Você sempre me disse que sou inteligente. Lembra? Isso é o que tenho de fazer: tenho de falar. Não pode haver silêncio ou espaço para ele pensar. *Espaço para agir.*

— Você não é tão inteligente quanto Jackie — diz secamente.

Quero gritar com ele que sou mais inteligente que Jackie, que ela está caída sem vida no sangue coagulado de outra pessoa e eu ainda estou viva.

Sou inteligente o bastante para encontrar uma chave identificada “Nº 11” em uma caneca com decoração de pena vermelha e lembrar de Pardoner Lane, 17, Pardoner Lane, 18. *Bentley Grove, 11, Bentley Grove, 12.*

Se pelo menos tivesse sido inteligente o bastante para ficar longe — satisfeita por saber, em vez de ter de provar a mim mesma.

Como Jackie Napier poderia me querer morta? Não me conhecia.

— Por favor, escute — digo, contida. — Não há como escapar disso, você está certo, mas há como *aproveitarmos* isso. Se encararmos o que aconteceu, assumirmos a responsabilidade...

Kit ri.

— Sabia que não há prisões em Cambridge? Procurei no Google ontem. Há uma em March, uma em um lugar chamado Stradishall, perto de Newmarket. Código postal CB8; parece ser Cambridge, mas não é.

Abro a boca, mas as palavras não vêm. Não era o que esperava que dissesse. Ele procurou prisões em Cambridge. Na internet. *Por quê?*

— Fomos idiotas; não deveríamos ter perdido nosso tempo nas aldeias — ele grunhe. — Deveríamos ter nos limitado às cidades. Aqueles lugarzinhos provincianos, Horningsea, Harston, não são Cambridge, não são civilização. Poderíamos muito bem estagnar em Little Holling. Reach, Burwell, Chippenham; você poderia nem estar em Newmarket tendo chegado tão longe.

Meus dentes estão batendo. Ainda está quente lá fora? Não pode ser; estou congelando. O corpo de Kit também parece frio.

Congelando um ao outro até a morte.

— Desperdiçamos muito tempo — ele diz com tristeza. Está falando sobre 2003, nossa procura por casas.

Sete anos antes. Passado, encerrado. Não há passado e não há futuro, nenhum sentido em falar sobre ambos. Não há nada além do agora, o medo de morrer, o silêncio se acumulando ao redor de mim, sufocando, se espalhando como sangue.

Sangue que desapareceu quando Kit se sentou para olhar.

Respiro fundo. O conhecimento corre na minha direção antes que eu tenha tempo de duvidar. *O sangue não foi a única coisa que desapareceu.*

Tento afastar meu medo e pensar de uma forma ordenada, mas não consigo — tudo o que posso fazer é ver o que já não está diante de mim, um filme passando em minha cabeça: Kit sentado à minha escrivaninha, olhando para o laptop. Eu de pé atrás dele, com medo de ver a imagem horrenda de novo, embora ele esteja dizendo que não está lá; o certificado de registro da Nulli caído no chão em sua moldura quebrada.

— Sei o que você fez — digo. — Todos ficaram me perguntando por que você não conseguiu ver o corpo da mulher quando olhou o

mesmo passeio virtual que eu tinha olhado, o que eu iniciei. Continuei tendo de explicar o que achava que podia ter acontecido.

Kit faz um ruído, um leve sopro. De algum modo sei que está sorrindo.

Posso sentir a expressão no rosto dele sem vê-lo: isso significa que o conheço?

— Era uma boa teoria — ele diz. — Um passeio virtual com uma variável que aparece apenas uma vez em cada cem ou mil execuções.

— Mas eu estava errada, não é? Você estava olhando um passeio diferente. Quando entrou no quarto, eu fiquei do lado de fora.

Tremendo no corredor. Kit do outro lado da porta fechada, reclamando. *Ótimo. Sempre quis ver a lava-louça de um estranho no meio da noite.*

— Você fechou tudo — digo. — O passeio, a internet, tudo. Um clique e pronto. Você tinha no computador o outro passeio pronto, o original.

Você conseguiu com ela, com Jackie.

— Outro clique e começou a rodar. Lá estava a sala de estar, sem nenhum corpo de mulher.

Kit não diz nada. Acho que não está mais sorrindo.

— Quando voltei ao quarto não havia tela da Roundthehouses atrás da caixa do passeio virtual, só a tela do computador. Antes que o acordasse, quando estava vendo o passeio sozinha, a tela atrás era a tela de Roundthehouses. O endereço estava lá; Bentley Grove, 11; e o logotipo de Roundthehouses.

Por que minha memória demorou tanto para produzir esse detalhe?

Porque você não consegue ver tudo ao mesmo tempo. Você não consegue ver o rosto do seu marido quando está olhando para uma faca diante do seu.

— Quando você ficou com raiva de mim e voltou para a cama, eu me sentei ali e fiquei olhando por alguns minutos, apenas olhando. Vi um aposento depois do outro virando em câmera lenta. Sempre que a sala de estar aparecia, era a mesma coisa; nada de corpo de mulher. Então fechei o passeio; o seu passeio. Decidi começar do

zero, para o caso de fazer diferença. Eu só conseguia pensar em como a mulher morta poderia ter desaparecido. Eu não me perguntei por que tinha de entrar novamente na internet; mal tive consciência de estar fazendo aquilo.

— Você não me acordou — diz Kit em voz baixa.

Claro que não.

— Não. Você estava acordado. Dando uma impressão convincente de estar dormindo.

Aquelas longas respirações lentas, a imobilidade... os dois, você e Jackie, deitados imóveis, fingindo. Deitados.

— Você sabia que eu ia a Cambridge às sextas-feiras procurar você, procurar evidências de sua outra vida em Bentley Grove, 11. Você devia saber muito antes que eu contasse.

Eu me sinto desorientada enquanto tiro a história da escuridão peça a peça. Ainda não consigo compreender o que significa, ainda não consigo ver o quadro completo. É como se estivesse lançando luz sobre um fragmento de cada vez, tentando ligar cada nova parte às outras que consegui juntar.

— Você não ia toda sexta-feira — diz Kit. — Eu sempre sabia dizer. Em algumas noites de quinta você estava supernervosa; perguntava a que horas eu ia partir para Londres de manhã, a que horas voltaria no final do dia. Você queria saber quanto tempo tinha.

Fecho os olhos me lembrando de como era exaustivo; fingir ter um motivo, esconder outro. Não precisava ter me preocupado.

Não preciso me preocupar com mais nada, nunca mais.

Não. Continue falando. Continue contando a história antes que perca a chance. Kit passou tanto tempo e se esforçou tanto para tentar manter minha realidade separada da dele. Preciso derrubar a barreira. Vamos morrer aqui, juntos; primeiro, quero que nós vivamos, apenas por um breve tempo, no mesmo mundo.

— Jackie soube exatamente quando Bentley Grove foi colocada à venda. Ela trabalha para a Otto Casas. Trabalhava — eu me corrijo. — Ela sabia todos os detalhes. Ambos sabiam que quando eu fosse a Cambridge naquela sexta-feira veria a placa de “À venda” diante da casa pela primeira vez e ficaria desesperada para ver por dentro. Eu liguei para eles, você sabe.

— Quem? — Kit pergunta, levando a faca mais perto da minha garganta.

— *A outra casa* — digo e ouço um barulho, um riso maníaco, e me dou conta de que vem de mim. — Eu queria que alguém me mostrasse imediatamente. A mulher com quem falei disse que não havia ninguém disponível, era muito em cima da hora. Foi Jackie quem me disse isso?

Kit não diz nada, então sei que estou certa. Estremeço: penas frias em meu pescoço.

— Vocês sabiam que eu iria para casa e entraria direto na internet para ver as fotos. Por isso...

Eu paro, sentindo a presença de um obstáculo sem saber o que é. Então me ocorre.

— Como vocês sabiam que eu não iria a um cibercafé? Pensei nisso. Se soubesse onde havia um...

— Nós imaginamos que poderia — diz Kit. *Nós*. Ele e Jackie. — Não importava. Sabíamos que olharia novamente em casa, assim que pudesse. Você estava tão desconfiada e paranoica que uma vez não teria sido suficiente; teria de conferir para ver se não havia deixado passar alguma coisa.

— Você grudou em mim como cola quando cheguei em casa, a noite toda, até irmos para a cama. Lembro-me de pensar que era estranho não ter feito nenhuma das coisas que normalmente faz: ver as manchetes do Channel 4, tomar uma cerveja depois do jantar. Tudo o que parecia querer fazer era falar comigo. Não desconfiei; fiquei lisonjeada.

Depois de seis meses sem confiar em você, eu ainda o amava.

— Quando fomos para cama, você leu seu livro por uma eternidade; muito mais que de hábito. Você tinha combinado uma hora com Jackie antecipadamente?

Através de meus cabelos, sobre a parte de trás de minha cabeça, eu senti Kit concordar. Espero que ele diga algo. Tudo o que ouço é respiração irregular.

— Você precisava que fosse tarde da noite — digo, pensando em voz alta. — Precisava que o corpo e o sangue aparecessem e desaparecessem rapidamente; eu deveria ser a única a ver.

Minha mente trava em algo, mas eu afasto do caminho.

— Jackie invadiu o site e colocou o novo passeio pouco antes de 1 hora. Você a instruiu passo a passo sobre como fazer. Ela não teria precisado invadir, mas era preciso parecer que alguém de fora tinha feito isso. Quando deu 1 hora você fingiu dormir, sabendo exatamente o que eu faria e exatamente o que veria — digo, e a raiva queima dentro de mim, superando o medo. — Qual a sensação de saber tanto quando eu não sabia nada?

A faca balança diante de mim, belisca a pele do meu pescoço. Sinto algo escorrendo — fino, como uma lágrima.

Isso é o melhor que você pode fazer?

Se o que ele quer é me silenciar, terá de me matar.

— Ficou deitado na cama esperando meu grito?

Agora não lembro se gritei ou não. Espero que não, se era o que Kit estava esperando. Espero tê-lo desapontado.

— Você sabia que o acordaria assim que visse. Não iria querer ficar sozinha com *aquilo*, no meio da noite; claro que iria acordá-lo. Deve ter sido uma aposta bastante segura para você que eu não ia querer ficar perto do computador depois, que ia mandar você lá dentro para olhar, para não ter de ver aquilo de novo.

— Eu só sabia que você... que você só entraria quando lhe dissesse que não havia nada lá — sussurra Kit. Ele tropeça nas palavras, lutando com o que deveria parecer uma segunda linguagem para ele, não sua língua natal: a língua da racionalidade.

— Você entrou, fechou meu passeio, clicou no seu, na tela do computador, e começou a rodar — digo, anestesiada por dentro. — Você gritou para mim que estava olhando para a imagem da sala de estar e que não havia nenhuma mulher morta nela.

— Pare — diz Kit. Há um cansaço vazio em sua voz. — Nada disso é culpa minha. Ou sua, ou de Jackie.

Se eu tentasse me soltar, teria alguma chance? Não. Ainda não. O braço de Kit ainda está me prendendo contra ele. Talvez depois, quando tiver mantido a posição por mais tempo e seus músculos estiverem doendo. Se tentar agora e fracassar, poderei não ter outra chance — Kit poderia decidir acelerar as coisas.

Quanto tempo ele passou aqui com Jackie antes de matá-la?

— Por que manter o passeio original esperando no computador? Por que não simplesmente mandar uma mensagem de texto para Jackie mandando trocar de novo?

Estou perguntando a mim mesma, não a Kit. Estou perguntando à única pessoa em quem confio. Quando a resposta se apresenta, sinto como se tivesse sido enganada, e que devia ser a errada. Como posso saber se não sabia antes?

Ouçõ a voz de Alice em minha cabeça: *Normalmente o que buscamos vem até nós. É só uma questão de quanto tempo leva para chegar a nós.*

— Você *mandou* uma mensagem a Jackie — digo. — Você me ouviu gritar, ou ouviu o som de vidro quebrando quando derrubei o certificado da Nulli da parede; seja como for, você sabia que eu tinha visto o que deveria ver, e então mandou a mensagem para ela. Mas não podia apostar que ela fosse conseguir mudar o passeio de volta ao original rápido o bastante, podia? E não podia correr o risco de que eu visse o corpo da mulher mais de uma vez.

— Pare, Con.

Reconheço uma súplica quando ouço uma. Mas Kit não precisa suplicar. É ele aquele com o poder, aquele com a faca. Eu o ignoro.

— Qualquer coisa além de uma vez e não teria sido tão fácil fazer todos acreditarem que eu havia imaginado: uma ilusão visual de uma fração de segundo, desaparecida em um piscar de olhos. Era o que você queria que todos pensassem: a polícia, minha família, Alice. Queria que eu sentisse que o mundo inteiro estava contra mim, que ninguém acreditava em mim... mas...

Eu paro, consciente da falha no que estou dizendo.

— Jackie. Ela se apresentou. Disse que também tinha visto. Ian Grint só levou a sério minha história por causa dela.

Aquilo não fazia sentido. Se Kit e Jackie queriam que eu não fosse levada a sério...

— Pare! — grita Kit, encontrando energia.

Ele está se movendo, me arrastando com ele. Tento fazer barulho suficiente para imobilizá-lo enquanto ele me puxa na direção da escada, mas o terror rouba o som, e tudo o que resta é um longo gemido baixo. Será que achei que poderia mantê-lo a distância para

sempre? Que se continuasse falando conseguiria fazer o tempo parar? Estico a mão, fecho os dedos ao redor da primeira coluna, o botão da morte branco, mas Kit me puxa, me levando rudemente degraus acima, um de cada vez. Meus braços e pernas parecem soltos e descoordenados, como os de uma boneca de pano.

Ele tem um plano para o que acontece a seguir, ou seu plano se esgotou há muito tempo? Vai fazer em um dos quartos? Um líquido amargo enche minha garganta. Não tenho força de engolir; mal consigo respirar.

No patamar, o cheiro ruim fica mais forte. Kit começa a entrar em pânico. Posso sentir isso, como descargas elétricas pelo corpo dele, pulsando para o meu. *Ele não quer estar aqui em cima.* Não consegue ficar parado. A lâmina da faca continua tocando meu rosto; a cada vez, eu jogo a cabeça para longe. Kit murmura desculpas, uma depois da outra. *Desculpe, desculpe, desculpe.* Estou assustada demais para falar, incapaz de dizer a ele que nenhum volume de desculpas será suficiente.

— Não é culpa sua — ele diz. — Vou lhe mostrar de quem é a culpa.

Ele nos leva na direção da única porta fechada do andar; todas as outras estão ligeiramente entreabertas.

— Não — eu consigo dizer. — Por favor, eu não... não, não...

Este é o quarto. Ele vai me matar neste quarto.

Usando a ponta da faca, Kit empurra com força perto da maçaneta e a porta se abre com um clique. Ele aperta o braço em minha cintura. Tento me concentrar na ideia de respirar facilmente, sem restrições. Kit gane como um animal em uma armadilha enquanto me faz passar pelo umbral. *Ele não quer fazer isto. Ele odeia tudo o que está fazendo.* O fedor de putrefação no quarto me faz engasgar. Eu não percebo nada além do zumbido negro, a cama de casal diante de mim, e em cima da cama...

Não. Não. Não por favor não por favor não.

Quatro grandes pacotes plásticos, cada um com muitos centímetros de comprimento e fita adesiva marrom enrolada ao redor, lacrando as extremidades. Quatro casulos fedorentos com uma nuvem de moscas zumbindo ao redor — três deitados lado a

lado, e o quarto, o menor, aninhado em um sulco criado pelas laterais curvas dos dois maiores. Através do plástico transparente, eu vejo o material — uma padronagem de flores e folhas, uma padronagem de formas curvas...

— Tivemos de embrulhar como múmias — diz Kit. — Impedir de cheirar, impedir as moscas de entrar; foi o que Jackie disse. Viu quão bem funcionou? Essa é a ideia dela de moscas não entrando.

Agora. Agora é quando eu deveria correr, mas meu corpo está privado de ossos e flácido. Kit se curva, me levando com ele. Há um rolo de fita adesiva marrom no chão, junto à perna da cama.

— Pegue — ele diz, soltando um dos meus braços. — Feche sua boca, depois enrole a fita duas vezes na cabeça para que a boca fique bem coberta.

A lâmina da faca corta o ar diante dos meus olhos. Mais três centímetros e cortaria meu globo ocular ao meio.

Sinto algo escorrendo pelas minhas pernas. Tento negar a mim mesma o que deve ser, mas tenho plena consciência e não consigo evitar. Eu me molhei. Tento virar a cabeça para não ter de ver minha vergonha encharcar o carpete. Quem encontrar meu corpo saberá que morri aterrorizada e humilhada.

— Pegue a fita — Kit diz novamente, como se não conseguisse entender por que a coisa que ele quer que aconteça não está acontecendo. — Feche sua boca, depois enrole a fita duas vezes na cabeça.

Mas não consigo fazer nada, absolutamente nada. Não posso obedecer e não posso resistir.

— Simplesmente me mate — digo, soluçando. — Acabe com isso.

26

24/07/2010

Muitos alunos de Cambridge resolvem ficar depois de formados — disse Charlie. — Por que não Kit Bowskill, se estava tão apaixonado pelo lugar?

Ela estava sentada no banco de trás do carro de Simon, tendo deixado o dela na frente do pub Granta. O tráfego era pesado. Sam já havia sugerido uma vez saltar e andar. Charlie começava a achar que ele poderia ter razão. O carro ficara sob o sol o tempo todo que passaram no pub, e até o momento o ar-condicionado não surtira muito efeito. As costas da camisa de Charlie estavam molhadas de suor.

— Você está pensando nisso do modo errado — disse Simon. — Não veja Bowskill como um sujeito comum que decide conquistar algo, tem sucesso e depois se dá os parabéns pelo trabalho bem-feito. Pense nele como uma máquina de querer, programada para nada além de fortalecer suas habilidades de querer. Ele passou a vida inteira praticando. Pode querer mais, mais profundamente e por mais tempo agora do que podia há cinco anos. É tão bom em querer que nenhum volume de conseguir pode ser suficiente.

— Então ele evita as coisas que quer para poder querer mais? — perguntou Sam.

— Basicamente, sim — respondeu Simon. — Embora, se eu quisesse ser meticuloso, diria que não existe algo como “a coisa que quer”. Charlie está certa; se morar em Cambridge fosse o que ele queria, talvez tivesse permanecido lá após concluir o curso. Mas isso poderia implicar em pegar um emprego qualquer e morar em um buraco por algum tempo, o que para Bowskill não seria opção. Seria rebaixamento demais para ele após três anos como membro da elite

da cidade; acomodações em prédios universitários históricos, estudando em uma das melhores universidades do mundo. Não que ele tenha sido feliz durante seus anos de estudante. Ele não teria sido capaz de relaxar o suficiente para desfrutar de nada disso, sabendo que era temporário.

Charlie balançou a cabeça.

— Ainda não vejo como aceitar um emprego em Rawndesley o deixaria mais perto de seu...

— Eu vejo — cortou Simon. — Posso imaginar qual era a sua estratégia: conseguir um emprego em uma empresa respeitável, uma com boas perspectivas de promoção e filiais por todo o país, especificamente uma com filial em Cambridge, e esperar a oportunidade de transferência. Enquanto isso, poderia estar vivendo em Rawndesley, mas tinha um plano para voltar para onde queria estar. E podia começar a subir na empresa de modo que, quando *fosse* se transferir para Cambridge, pudesse ter uma casa decente lá. Pois enquanto se está morando em Rawndesley, é fácil aceitar que sua vida atual é uma concessão; Rawndesley é um lugar de concessão. O que Bowskill não estava disposto a fazer era ceder em Cambridge; para ele, Cambridge representa a perfeição, e só se dispõe a estar lá quando as condições forem perfeitas. No caso improvável de isso um dia acontecer, ele iria descobrir que se sentia pior que nunca; um grande choque para seu sistema. O dia em que Kit Bowskill é forçado a admitir que nenhum detalhe de sua vida poderia ser melhorado; esse é um dia perigoso para ele. Ele teria de reconhecer que o problema era interno; que *e/e* é o detalhe que precisa mudar. Provavelmente a essa altura, ele teria um colapso.

— Então, antes de se candidatar a um emprego em Deloitte Rawndesley, teria se candidatado a Deloitte Cambridge? — perguntou Charlie.

— É; e a todas as outras empresas que decidira ser dignas dele — afirmou Simon. — Provavelmente poderia ter lidado com um salário inicial baixo e um apartamento pequeno se tivesse um emprego do qual se orgulhasse e pudesse ver um caminho claro para o alto. Talvez não houvesse vagas, ou talvez ele tenha feito entrevistas e perdido para outras pessoas; seja como for, Deloitte Rawndesley foi

o melhor que conseguiu. Ele deve ter estabelecido um prazo: transferência para a filial de Cambridge em dois anos, cinco anos, algo assim.

— Ele claramente fracassou — disse Charlie.

— Não. Você ainda não entende como a cabeça dele funciona. Alguém como Bowskill nunca fracassa. Está sempre a caminho de realizar seu grande plano. Sucesso e vitória estão sempre muito perto.

Charlie fez uma careta para o encosto de cabeça de Simon. Se ela não estava totalmente familiarizada com todas as nuances da psique perturbada de Kit Bowskill, talvez fosse por nunca ter encontrado o homem. Simon só o vira uma vez, mas parecia ser especialista no tipo específico de insatisfação inextinguível de Bowskill. Ela ficou imaginando se aquilo era algo com o que deveria se preocupar.

— Qualquer que fosse o plano de Bowskill de transferência para Cambridge, ele o mudou ao conhecer Connie — disse Simon. — No instante em que a conheceu, mudar-se para Cambridge sem ela teria parecido um terrível fracasso.

— Você está dizendo que se apaixonou por ela? — perguntou Charlie, que gostava de tentar fazer Simon dizer a palavra “paixão”.

Ele a evitou cuidadosamente.

— Duvido que ele seja capaz de emoções normais. Tudo o que sente é modelado em termos de um desejo. Teria decidido que queria Connie tanto quanto queria Cambridge, mas ela tinha raízes fortes em Silsford; antes de se casar com Bowskill, era uma Monk, da Monk & Sons. Sua família morava em Little Holling havia gerações. Bowskill não teria demorado muito a se dar conta de que arrancar Connie de Culver Valley seria difícil. A própria Connie me disse: todo o ethos de ninguém jamais partir está entrelaçado no tecido da família. Mas havia um vislumbre de esperança para Bowskill; ele logo viu que os pais de Connie a enlouqueciam. Estava desesperada para se afastar deles. Inteligentemente, não a pressionou ou tentou convencer. Ele a estimulou a passar um tempo com os pais, dizendo como era ótimo a união da família; dizia isso o tempo todo, Connie me contou. Confiava que iria ficar tão farta dos Monk que *ela* acabaria sugerindo mudar. Ele provavelmente teve de

esperar mais do que inicialmente esperara, mas acabou acontecendo; certa noite eles saíram para jantar e Connie lhe disse como estava cansada de Culver Valley. Bowskill não perdeu tempo em dizer que havia recebido uma oferta da Deloitte Cambridge, uma promoção...

— Coincidência demais — cortou Charlie.

— Não coincidência; uma mentira — retrucou Simon. — Se eu ligar para a Deloitte Cambridge segunda-feira e perguntar, sei o que irão me dizer: não ofereceram nada a Bowskill. Ele os procurou assim que pôde, após descobrir que Connie queria se mudar, e lhes disse que tinham de permitir a transferência. Não necessariamente uma promoção; qualquer emprego, embora eu suponha que teria sido uma promoção. Estou certo de que àquela altura Bowskill havia passado anos se preocupando em impressionar todas as pessoas relevantes. A Deloitte deve ter concordado com a mudança, pois Bowskill e Connie começaram a procurar casas em Cambridge. Encontraram a casa perfeita.

— Pardoner Lane, 18 — disse Sam.

— Todos os “perfeitos” pareciam estar se reunindo — continuou Simon. — Cidade perfeita, mulher perfeita, casa perfeita, emprego perfeito. Alguém como Bowskill fica feliz ao máximo quando está fascinadamente perto de realizar seu sonho, antes de se tornar realidade, e no dia seguinte ele acorda e descobre que ainda é o mesmo merda triste que era antes. Cacete, esse trânsito não vai andar — reclamou, batendo no vidro raivosamente com o punho. — Não posso sequer ir pela calçada, não sem matar uns cinquenta turistas. Você conhece Cambridge melhor que eu, Char; devemos saltar e correr? Quão longe estamos de Bentley Grove a pé?

— Este é o pior trecho — Charlie disse a ele. — Vamos esperar. Assim que chegarmos àquele contorno à frente vai melhorar.

— Deve ter sido um grande golpe quando ele não conseguiu Pardoner Lane, 18 — comentou Sam.

— Teria conseguido se fosse menos arrogante — disse Simon. — Havia mais alguém interessado, mas quando Hugh Jepps deu a notícia a ele, Bowskill o acusou de mentir, disse não acreditar que o outro comprador existisse, que era um artifício para elevar o preço.

Foi embora, dizendo a Jepps para procurá-lo quando o outro idiota tivesse perdido o interesse. Você pode ver de onde veio a ideia para o golpe de falso leilão dele e de Jackie.

O carro virou de repente para a esquerda; a roda raspou no meio-fio.

— Simon, não — grunhiu Charlie. — A calçada não é uma opção; deixe para lá.

— Quando Bowskill descobriu que a história do outro comprador era verdadeira, o negócio havia sido fechado. As pessoas da Beth Dutton estavam vendendo para os Gilpatrick. Bowskill teria grande dificuldade para aceitar isso. É quando aparece Jackie Napier. Hugh Jepps havia dito a Bowskill que a casa tinha sido vendida, não havia nada que pudesse ser feito, mas Bowskill sentiu que Jackie era mais simpática à sua causa.

— O que seria, caso quisesse, loucamente trepar com ele — interrompeu Charlie muito animada.

— Ela queria — confirmou Simon, o tom solene cortando a frivolidade dela. — Ela telefonou para os vendedores e pediu que reconsiderassem; provavelmente disse o quão interessado Bowskill estava, que estaria disposto a pagar um valor superior ao que tinham acertado com os Gilpatrick. O pessoal da Beth Dutton ficou em dúvida; eles por princípio eram contra a exploração, mas viram uma oportunidade de colocar as mãos em mais dinheiro. Disseram a Jackie que, se Bowskill conseguisse colocar cinquenta mil acima do que os Gilpatrick iriam pagar, poderia ficar com a casa.

— Eles tinham *tantos* princípios que o limite de traição era muito mais alto — murmurou Charlie, com desprezo.

— Sabemos o que aconteceu depois — disse Simon. — Os pais de Bowskill se recusaram a lhe dar o dinheiro, e ele rompeu com ambos. Enquanto isso, Connie desmoronava silenciosamente. Por mais que quisesse se mudar, também estava entrando em pânico. Bowskill não podia lhe contar a verdade sobre Pardoner Lane, 18 e admitir que fracassara, então reescreveu a história. Em sua versão ficcional dos acontecimentos, ele recupera o poder; em vez de ficar à mercê dos acontecimentos, está no comando. Finge ter mudado de ideia por causa da saúde de Connie, e tenta empolgá-la com o

novo plano: seu próprio negócio, uma bela casa em Culver Valley, um novo sonho, um sonho falso.

— Mas se tornou realidade — destacou Sam. — Eu vi a casa deles em Little Holling. É bastante impressionante; a cabana rural idílica arquetípica. E eles *de fato* montaram seu próprio negócio; algo a ver com informações e bases de dados. Chama-se Nulli Secundus. Fiquei com a impressão de ser um sucesso.

— Ah, sim, Bowskill fez isso acontecer — confirmou Simon. — Mas nunca foi seu sonho; apenas um estágio na direção da verdadeira meta.

— Você não tem como saber isso — disse Charlie, irritada. O calor estava tendo efeito. Queria abrir uma janela, mas se o fizesse, Simon exigiria que a fechasse por causa do ar-condicionado fraco demais para fazer diferença. — Talvez o novo sonho fosse real.

— Você não diria isso se tivesse visto aquele quarto na casa dos pais dele — contou Simon. — Enquanto houver oxigênio naquele corpo, não há como Kit Bowskill aceitar viver em qualquer lugar que não Cambridge.

— Mas ele *aceitou* — ponderou Charlie. — Ou mudou de ideia; tinha fixação em Cambridge antes, mas então repensou e...

— Você não viu o que eu vi — interrompeu Simon. — Não era o quarto de alguém que planejava repensar; aceite minha palavra. A cabana em Little Holling era o ponto de partida. Começar sua própria empresa foi uma boa jogada: se você trabalha para você mesmo, pode transferir a sede quando quiser; não depende da Deloitte ou de qualquer outra empresa ter uma vaga no momento certo.

— Mas... Connie me disse que ele é obcecado pela casa de Little Holling — comentou Sam. — Disse que contratou um artista para pintar seu retrato.

— Irc — disse Charlie. Não era necessário dizer mais nada quando uma palavra resumia tudo.

— Obsessivos continuam obsessivos, mas algumas vezes mudam o objeto de sua obsessão, não é? — perguntou Sam.

— Não Bowskill — disse Simon, irritado. Ele odiava quando as perguntas inconvenientes de outras pessoas interferiam na sua

convicção. — Mudar de ideia sobre o melhor lugar onde morar pareceria um fracasso a alguém com esse tipo de lógica; envolveria admitir que passara anos errado. Ele sente a humilhação profunda e facilmente. Pense nele tirando todas aquelas fotos das paredes de seu quarto em Bracknell, pensando no tolo que as colocara lá.

Sam e Charlie trocaram um olhar. Nenhum deles queria destacar que nada daquilo poderia ser considerado certo.

— Enquanto ele e Connie procuravam sua casa em Little Holling e começavam seu negócio, Bowskill ruminava o que havia dado errado — continuou Simon. — Primeiro erro: se afastar de Pardoner Lane, 18 e esperar que ela voltasse para ele. Não acreditar nos Gilpatrick. Segundo erro: deixar Connie ver seu entusiasmo pela mudança depois de ter sugerido. Sua certeza e determinação a assustaram; ela assumiu o papel de quem entrava em pânico, e pisou no freio. Ele se tornou o adulto tranquilizador e ela, a criança assustada. Seus cabelos começaram a cair, estava doente dos nervos o tempo todo; tudo isso era errado; Bowskill não queria estar em Cambridge com uma esposa careca inválida que se sentia como tendo sido obrigada a se mudar e se ressentia disso. Descobrir que não havia como colocar as mãos em Pardoner Lane, 18 foi o que o convenceu: um a um seus “perfeitos” estavam desmoronando, e era melhor parar e esperar.

Sam e Charlie esperaram. O trânsito começou a se arrastar para frente.

Simon não se moveu, não até o carro de trás buzinar. Estava concentrado demais em seus pensamentos; o mundo exterior, com seu calor causticante e seus engarrafamentos, recuara.

— Da segunda vez, Bowskill planejou fazer diferente. Disse a Connie que mudara de ideia, não tinha vontade de se mudar para Cambridge; disse a ela para esquecer tudo, poderiam ser igualmente felizes em Silsford. Foi psicologia reversa clássica, e funcionou. Connie começou a ficar ressentida com ele por desistir do sonho de Cambridge. Pensando que o abandonara, ela o tornou seu. Enquanto isso, Bowskill estava esperando que Pardoner Lane, 18 fosse colocada à venda novamente; estava preparado para esperar o quanto fosse necessário. Quanto mais, melhor; sabia que Connie

ficaria progressivamente mais infeliz, presa na armadilha da família Monk. Quando a casa fosse novamente colocada à venda, Bowskill estaria pronto com sua oferta prévia; dinheiro suficiente para garantir que os Gilpatrick aceitassem, custasse o que custasse. Ele era então diretor de uma empresa de sucesso; não havia como precisar ter de implorar por doações. Assim que sua oferta fosse aceita, ele diria a Connie: “Ah, por falar nisso, um colega meu em Cambridge diz que nossa casa está novamente à venda; pena que sejamos tão felizes aqui.” Então se sentará e deixará seu entusiasmo pelo sonho inicial fazer o resto. Ajudado e aprovado pelo desespero dela de sair de Culver Valley e nunca mais voltar.

Simon disse essa última parte com sentimento, como se soubesse como ela se sentia. Charlie estava intrigada. Ele sempre dera a impressão de estar casado com Spilling até que a morte os separasse — morte dele, presumivelmente, já que Spilling estava tão morta quanto sempre seria, pelo menos até que o Sol fizesse o mundo explodir, ou fosse lá o que fosse que acabaria acontecendo para dar um fim a tudo; ciência nunca fora o forte de Charlie.

— Então, pela segunda vez, Connie no papel de força motriz entusiasmada? — perguntou Sam.

— É. E Bowskill como aquele com dúvidas, aquele a ser persuadido; pois ama tanto sua cabana em Little Holling, ou pelo menos foi o que levou Connie a crer; até mesmo encomendou um retrato dela.

— Irc — disse Charlie novamente.

— Desde o instante em que não conseguiu Pardoner Lane, 18 em 2003, Bowskill se lançou de corpo e alma no fingimento de amar todas as coisas de Silsford — disse Simon. — Precisava; para criar a necessária resistência em Connie. Enquanto isso, ele trabalha na outra parte de seu plano, aquela baseada em Cambridge.

— Jackie Napier — disse Sam.

— Jackie Napier — repetiu Simon. — Inteligente, inescrupulosa e ansiosa para ter Bowskill para si. Eis uma pergunta para vocês: se Bowskill odiava ser visto fracassando, como acabou se envolvendo com uma mulher que tinha de saber exatamente como estava arrasado de não ter a casa que queria? Ele teria precisado dizer a

Jackie que não conseguira levantar os cinquenta mil. Alguém tão orgulhoso quanto Bowskill acabar em um caso com uma mulher que testemunhara sua derrota daquele modo; como isso era possível para ele?

— É você quem o conhece tão bem — disse Charlie secamente. — Diga-nos.

— Tudo bem — falou. Nenhum problema para Simon, que, claro, sabia tudo. — Jackie foi inteligente o bastante para compreender cedo que Bowskill precisava se ver como um vencedor. Diz a ele: “Você não perdeu a casa, apenas *ainda* não a conseguiu. No fim você irá conseguir, mas temos de jogar um jogo mais longo.” Ela apresenta um plano. Primeiro passo? Faz cópias das chaves de Pardoner Lane, 18, antes de entregá-las aos Gilpatrick na conclusão do negócio. Usa seu falso charme, ao qual teria sido difícil resistir, para fazer amizade com Elise Gilpatrick e conseguir levantar o maior volume possível de informações, incluindo muito do interesse de Bowskill: os Gilpatrick têm um bebê e não planejam parar nesse. Pardoner Lane não tem jardim. Sam, você e Kate comprariam uma casa sem jardim?

— Não — respondeu Sam. — Com crianças, você precisa de um jardim.

— E Jackie Napier teria dito a Bowskill que os Gilpatrick se dariam conta disso, provavelmente mais cedo que mais tarde — continuou Simon. — Ela também descobriu que não ficava ninguém em casa durante a semana de dia; Elise e o sr. qualquer que seja o nome trabalhavam em tempo integral, e o bebê ficava na creche. Não seria engraçado, Jackie diz a Bowskill, se usássemos a casa deles como se já fosse nossa? Quase como reivindicá-la como os verdadeiros donos; aqueles que sabem o que está acontecendo, em contraste com os iludidos Gilpatrick, que apenas *acham* que estão no controle e não se dão conta de que a casa não é realmente deles. Agora entendem por que Jackie precisava se assegurar de fazer amizade com Elise Gilpatrick? Ela precisava ser vista com frequência na casa, com Elise, para que ninguém desconfiasse de nada quando a vissem ali durante o dia. Amigos têm as chaves uns dos outros, não?

— Também teria querido garantir que, se e quando os Gilpatrick decidissem se mudar para uma casa com jardim, pedissem a ela para cuidar da venda de Pardoner Lane em vez de procurar outro corretor — destacou Sam.

— Certo — concordou Simon. — O que devidamente fizeram ano passado. Foi quando o plano de Jackie começou a desmoronar. Quando conta a Bowskill que os Gilpatrick finalmente irão se mudar, ele não reage como o esperado. Ela está orgulhosa de si mesma, se vangloriando de como fora inteligente descobrindo a casa perfeita para sua amiga Elise. Em vez de dizer “Ótimo, bom trabalho” e comprar Pardoner Lane, 18, Bowskill começa a perguntar sobre a casa para a qual os Gilpatrick estarão se mudando. A essa altura, sua inveja dos Gilpatrick havia entranhado; vivera com ela por seis anos. O tempo todo ele passou lendo as cartas que deixavam largadas, vasculhando seus objetos pessoais; sabe o que há no armário do banheiro, provavelmente o que há na *cabeça* deles. Se estão felizes, ele sente sua felicidade. Isso o perturba. Enfurece. Mas não consegue parar, não consegue deixar de mergulhar na vida deles e invejá-la. Eles têm uma vida de verdade, e ele não; sente atração pelo que sabe que é incapaz de ser e... ter. Os Gilpatrick são os usurpadores, os vencedores que embolsaram o grande prêmio. Se de repente encontraram um lugar que consideram melhor, o que isso diz sobre Pardoner Lane, 18? Talvez não seja a casa perfeita, afinal, se os vencedores não querem mais morar lá. Sam, você mencionou uma transferência de obsessão; esse é o momento em que isso aconteceu, o momento da transferência: Bowskill decide que não é mais sobre a casa, é sobre triunfar sobre os Gilpatrick conseguindo aquilo que eles querem.

— Então Kit Bowskill é maluco? — pergunta Charlie. — Maluco de carteirinha.

— Essa é uma forma de ver as coisas — diz Simon. — Outra é vê-lo como sendo prático. Adaptável. Pense nisso: se não desviasse sua obsessão nesse momento e começasse a ficar obcecado por Bentley Grove, 12, o que faria? Comprar Pardoner Lane, 18? É com Connie que ele quer ficar, não com Jackie. Jackie faz bem para seu ego e funciona bem como um meio para alcançar um fim, mas Bowskill

conhece a diferença entre um produto de qualidade e uma coisa vagabunda; sabe que Connie é a primeira e Jackie é a segunda. Se ele e Connie comprarem Pardoner Lane, 18 e se mudarem, o que dirá a Jackie? “Desculpe, obrigado por toda a ajuda, mas agora minha esposa vai assumir”? Jackie não vai ficar quieta e aceitar isso, vai? Vai contar a Connie sobre o caso, fazer de tudo para destruir o casamento.

Charlie tentou não se incomodar por Simon ter descrito Connie Bowskill como um produto de qualidade.

— Então Bowskill transfere sua obsessão para Bentley Grove, 12...
— sugere Sam, inseguro.

— Persuade Jackie a comprar Pardoner Lane, 18 — diz Simon. — Diz que é um modo de terem as duas casas, diz para fazer cópias das chaves de Bentley Grove, 12 antes de entregá-las, e poderão recomeçar toda a aventura; invadir a nova casa dos Gilpatrick assim como invadiram a antiga. Jackie faz o que ele diz e criam uma nova rotina; encontros nos dias de semana em Bentley Grove, 12, talvez alguns eventuais em Pardoner Lane também, para ajudar Bowskill a acreditar em seu império de Cambridge. E um novo objetivo impossível centrado em perfeição, pois sempre tem de manter a fantasia de que está trabalhando para a vitória final. Ele pergunta a Jackie se achava que, teoricamente, poderia persuadir os Gilpatrick a mudar novamente. A essa altura, se tem bom senso além de cérebro, ela estará começando a duvidar dele. Passou tantos anos dizendo que queria morar com ela em Pardoner Lane, 18, e deve ter dito isso para prendê-la, e agora que tem a chance de fazer exatamente isso, não está aproveitando. Nem está largando Connie, como sem dúvida prometera fazer. Jackie continua com ele, mas não está feliz. Diferentemente de Bowskill, não é viciada na ideia de uma perfeição inatingível; quer o resultado que quer, assim que puder ter: ela e Bowskill morando juntos em Cambridge. Começa a pensar em modos de fazer isso acontecer.

— Ele não conseguia ver que não havia como resolver seu dilema?
— perguntou Charlie. — Mesmo se os Gilpatrick se mudassem de novo, isso não impediria Bowskill de decidir que Bentley Grove já

não era bom o suficiente e se fixar em qualquer outra casa para a qual estivessem se mudando?

— É exatamente isso o que teria feito — disse Simon. — Mas não teria se permitido refletir sobre isso; ou sobre a escolha que teria de fazer assim que se mudasse para qualquer casa em Cambridge: Connie ou Jackie. Se escolhe Connie, Jackie faz todo o seu mundo desmoronar. Se escolhe Jackie, fica com a mulher errada; fica faltando um dos seus “perfeitos”. No fundo, sabe que não pode conseguir a quadratura do círculo, de qualquer dos círculos, mas também não pode adotar uma postura mais realista. Toda a sua vida foi uma fuga da realidade. Caso se permita ver as coisas como realmente são, enfrentará aniquilação instantânea, ou pelo menos esse é seu medo.

— Então o que ele faz? — pergunta Sam. O anda e para do trânsito se tornou um fluxo; estão quase no contorno. Finalmente o ar-condicionado funciona.

— Ele desconta em Jackie — explicou Simon. — Perde a paciência com ela sempre que tenta mostrar que os Gilpatrick dificilmente se mudarão tão cedo, uma vez que encontraram a perfeita casa de família com jardim. Bowskill insiste em que podem decidir vender; que é o que espera e o que continuará esperando até que aconteça. Jackie não gosta de como isso soa, mas o que pode fazer? Se encerrar a relação, não terá o que quer: Bowskill.

— Então ela atura a maluquice dele porque o ama? — reagiu Charlie. Finalmente uma psicologia que ela consegue entender.

— Enquanto atura isso, acontece o inesperado — conta Simon. — Connie Bowskill descobre um endereço que não conhece, alegando ser “casa”. Em uma tentativa lamentável de fazer sua fantasia parecer mais real, Bowskill dera um apelido a Bentley Grove, 12; um que lembra a ele um tempo mais feliz, quando chegara muito perto de seu sonho. Pardoner Lane, 17, Pardoner Lane, 18; uma brincadeira que fizera anos antes, quando ainda acreditava que era possível conseguir a perfeição. Não está mais convencido, mas talvez repetindo a mesma piada consiga de volta a antiga sensação. Programa Bentley Grove, 11 em seu GPS só para ver como parece, pois é o que faria se a casa fosse sua.

— E Connie descobre — disse Charlie.

— Certo. Connie descobre e não acredita quando ele diz que não tem nada a ver com isso. De repente Bowskill tem um novo problema com o qual lidar; não apenas está lutando para lidar com as expectativas de Jackie e alimentar sua própria fantasia, agora também tenta lidar com uma esposa que não confia nele; que não acredita em uma palavra do que diz, não importa o esforço que faça em mentir para ela.

Eles estão na Trumpington Road, a minutos de Bentley Grove.

— Não me perguntem o que aconteceu depois, pois não sei — disse Simon, soando insatisfeito. — Posso especular, caso queiram.

Sem esperar estímulo, prosseguiu.

— Com Connie tão desconfiada, Bowskill e Jackie provavelmente ficaram longe de Bentley Grove, 12. Ou talvez só se encontrassem lá quando sabiam que Connie estava ocupada, mas como Bowskill poderia ter certeza de que não iria aparecer quando menos esperasse e flagrá-lo? Não podia. Jackie estaria aumentando a pressão, dizendo: “Esqueça Connie, esqueça Bentley Grove, 12; tudo está ficando difícil demais. Venha morar em Pardoner Lane, 18 comigo, felizes para sempre” — disse Simon, e suspirou antes de retomar. — Em algum momento, com tudo o sufocando, Bowskill chegou ao limite.

— E fez o quê? — perguntou Sam.

— Foi ao número 12 e matou os Gilpatrick — disse Simon. — Quem mais ele poderia culpar pela confusão em que se encontrava? Acho que estamos prestes a encontrar seus corpos, enrolados em material de cortina e plástico.

Sam fez um ruído estranho quando viraram à esquerda em Bentley Grove.

— O que há? — perguntou Charlie.

— Aquele é o Audi de Connie Bowskill — disse, apontando. — Merda. Ela também está lá dentro.

Simon estava fora do carro em segundos, correndo.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB 3345/432/28IG

BG11 valendo 1,2/1,3 milhão
Depósito mínimo £400.000? (Nulli? Licença médica C – estresse)
Empréstimo 800.000/900.000
Seguro de vida para total do empréstimo
Acid/su – apólice paga quantia total
(Verificar cláusula de su – pode precisar ser acid)
Casa de 1,2 milhão por 400 K

OU

1 milhão/900K se preço reduzido?
Como acima, mas dep min 250K
Casa de 1,2 milhão por 250K – nada mau!

Mesma casa, mas jardim muito maior, voltado para o sul – mais desejável – ÓBVIO E INEGÁVEL – TINHA DE SER!!

(Oficialmente acid – poss su, improvável. Culpado de 4 assassinatos – obcecado com Gils desde Pardoner 2003. Queria 11 pela vista de 12, para observar? PARANOICA E DELIRANTE DESDE JAN, QUANDO COLOCOU ENDEREÇO EM GPS!! BG11, BG12 – diz que sempre foi brincadeira dela.)

Visita (Frenche? Talbot?) Encontra SG ali – perseguidora foi um passo além, colocou casa à venda
Mulher que conheceu e deu chaves – descreve C

Cartas, coisas pela caixa de correio?
Solvente no carro?

*OTTO CASAS, UNIT 3 WELLINGTON COURT
CAMBRIDGE CB5 6EX, 01223-313300*

Passeio virtual – corpos Gil? Algo mais?

Recomendar 1 milh/900 venda rápida

Preciso passaporte C para compra/venda

DNA DE C EM 12

Polícia – C entrando em 12 usando chave achada em 11 – fácil

COMO COLOCAR CHAVE EM 11? Importante?

Suicídio compreensível – evitar punição?

Alugar 11, morar em Pardoner – aluguel 11 2500 pm

Sábado, 24 de julho de 2010

Não consigo me mover ou falar. Há fita adesiva enrolada em minha cabeça, fechando minha boca. Assim que fez isso, Kit prendeu meus pulsos às costas com fita e me empurrou para o chão. Eu poderia ter tido uma chance de escapar, mas não aproveitei, se havia, e agora vou morrer. Quando Kit estiver pronto. E se não estar morta se tornar pior do que está agora, sei como acelerar o processo — tudo o que tenho de fazer é me permitir chorar. Não conseguirei respirar em minutos, e irei sufocar.

— Eu não queria matá-los, Con — ele diz, e tem de erguer a voz para se fazer ouvir acima do barulho das moscas. — Quatro vidas, duas delas de crianças. Não foi uma decisão fácil, não até eu pensar em nós. Nossos futuros filhos. Esta é a casa que nossos filhos merecem.

Não quero escutar, mas me obrigo. Queria partilhar a realidade de Kit. Esta é a realidade de Kit. Este homem, este monstro, é meu marido. Eu o amei. Casei com ele.

— Também não queria matar Jackie — ele diz. — Ela não me julgou quando contei o que tinha feito. Não entrou em pânico como eu. Enrolar foi ideia dela, para reduzir o cheiro ao mínimo. Hermético, ela disse.

Ele para, olha para a cama.

— Não sei por que as moscas vieram — diz, distraído. — Acha que talvez não esteja hermético?

Olhando para mim, ele se lembra da fita que me impede de responder. Lembra que está no meio de uma história, sobre Jackie não entrar em pânico.

— Ela entrou nos e-mails deles. Entrou em contato com os locais de trabalho deles dizendo que havia uma emergência familiar e que ficariam algum tempo fora. E a escola. Manteve os celulares carregados, monitorando; quando chegavam mensagens de amigos e parentes, ela respondia, fingindo ser... — diz, e seu corpo estremece, como se uma corrente passasse por ele. — Fingindo ser Elise Gilpatrick — diz finalmente. *O nome da mulher que ele matou sem motivo.*

— Eu estava desmoronando, Con. Foi Jackie quem me manteve inteiro, Jackie quem tinha um plano. Segui em frente com ele porque fui um covarde, e porque... como poderia não ajudá-la depois de tudo que tinha feito por mim?

Eu me encolho quando ele se lança sobre mim, começa a raspar a fita em minha boca.

— Por que não diz nada? — sibila em meu rosto.

As unhas dele cravam em minha pele. Exceto me machucar, isso não tem efeito. Kit pega a faca, olha para ela, depois a poussa novamente e sai do quarto. Eu conto. Sete segundos depois ele volta com tesouras de unha. Eu me mantenho o mais imóvel que consigo enquanto ele ataca a fita, mas está tremendo demais e acaba cortando minha boca.

— Desculpe — ele arfa, suor escorrendo pelo rosto e pescoço.

Kit se levanta e olha para mim.

— Diga algo — ordena.

Eu não deveria me permitir ter esperanças, mas a esperança está aí, permitida ou não. Ele fechou minha boca, depois cortou a fita. É uma reversão clara, uma que me permite acreditar que também poderia reverter sua intenção de me matar.

— O que Jackie queria fazer a mim? — pergunto. — Queria que você também me matasse?

— Não. Ela teria de fazer isso ela mesma. Sabia que eu nunca seria capaz disso.

Eu nunca seria capaz disso. Eu nunca seria capaz disso. Eu me aferro a essas palavras.

— Muito teria de acontecer antes que ela pudesse matar você — diz Kit. — Primeiro teria de armar tudo para que você fosse culpada

por... — diz, para e olha para a cama. — Pelos outros, você sabe. Não sei como ela conseguiu pensar com clareza, mas conseguiu. Você quer ver?

— Ver? — repito, expressão vazia.

Kit sorri, e por um momento sou devolvida à nossa velha vida, juntos, nossa vida normal. Vi esse sorriso muitas vezes antes: quando Kit faz uma brincadeira de que gosta, quando digo algo que o impressiona.

— Estou oferecendo a prova a você — diz. O sorriso sumiu. A voz é dura.

— Mostre — digo.

Kit balança a cabeça afirmativamente, me dá as costas. Eu o ouço descer a escada correndo. Quando volta, está segurando uma folha de papel A4 branca amassada. Há uma caligrafia comprida e fina. *A caligrafia de Jackie*. Kit segura a folha diante do meu rosto. Eu leio três ou quatro vezes. Não deveria ser capaz de compreender. Tento fingir que não, mas não funciona. Sei imediatamente o que Jackie pretendia quando escreveu essas palavras.

Eu me sinto desnorteada, claustrofóbica, como se presa dentro da mente distorcida daquela mulher, incapaz de escapar do redemoinho sujo de seus pensamentos. Não tenho escolha a não ser admitir que isto é real, já que está diante de mim. Ao mesmo tempo, não consigo acreditar. Até quatro dias atrás, não tinha ideia de que Jackie Napier existia.

Fico contente que esteja morta.

— Nada disso foi ideia minha — diz Kit.

— Você matou os Gilpatrick.

Ele afasta a cabeça para longe de mim, como se eu tivesse tentado acertá-lo.

— Isso não foi uma *ideia*. Não foi planejado, foi... Jackie foi quem planejou, não eu — diz, e solta o papel. Ele cai no chão. — Parecia conseguir antecipar tudo, e eu não conseguia sequer ver o passo seguinte.

Ela antecipou você a estrangulando?

— Previu que você não conseguiria ficar longe de Cambridge após ter descoberto o endereço no GPS. Não acreditei nela; achei que não

havia como você viajar isso tudo na esperança de me flagrar. Jackie riu quando eu disse isso. Ela me chamou de idiota ingênuo. Disse que iria me provar: tirou duas semanas de folga e vigiou Bentley Grove. Assim que os Gilpatrick saíam de manhã, ela ia para o número 12 esperar você. Ela sabia como você era, deve ter passado horas no site da Nulli, olhando sua fotografia. Invejava você loucamente.

Invejava. Quem não iria querer ser casada com um assassino desequilibrado?

— Viu você duas sextas-feiras seguidas. Então soubemos; até eu entendi. Sexta era o dia em que você viria, caso viesse. Segundas e quartas havia uma chance de eu estar em casa, terças e quintas você estava na Monk & Sons. Sexta era seu único dia livre quando eu certamente estava em Londres.

Faço que sim com a cabeça, tentando ignorar a sensação de náusea que se espalhava por mim. Como Kit espera que eu reaja?

— Algumas vezes Jackie seguiu você. Ao Addenbrooke's, ou à cidade. Eu dizia que ela não deveria correr o risco, eu não suportava a ideia de que você a notasse e a confrontasse, caso ela deixasse escapar algo, mas ela simplesmente ria de mim. "Só sou notada quando quero", dizia.

— Ela estava errada — digo, chocada com o som rouco de minha própria voz. — Eu sabia que alguém estava me seguindo.

Mencionei isso a Alice quando fui vê-la pela primeira vez — que uma ou duas vezes, em Cambridge, ouvira passos atrás de mim. Ela me receitou um remédio exatamente para essa ilusão: *Crotalus Cascavella*.

Errado.

Eu não precisava de uma garrafa marrom cheia de algo dissolvido em água. Precisava que Jackie Napier morresse.

Obcecada com Gils desde Pardoner 2003. Isso só podia significar uma coisa.

— Os Gilpatrick compraram Pardoner Lane, 18, não foi? Quando você... quando *nós* a queríamos.

Não preciso da resposta — posso vê-la no rosto de Kit.

— Você fingiu que não queria mais, colocou a culpa em meus... problemas. Deve ter odiado os Gilpatrick. E então... o quê, eles se mudaram? Compraram Bentley Grove, 12 e...

Alugar 11, morar em Pardoner.

— Jackie. Jackie comprou Pardoner Lane, 18 — digo, ainda entendendo enquanto falo. — Você provavelmente deu a ela parte do dinheiro.

— Como poderia fazer isso? — retruca Kit, com raiva. — Não tenho nenhum dinheiro do qual você não tenha conhecimento.

— Eu estava perturbada demais para me mudar para longe da minha família, mas isso não era um problema para você — digo, pensando em voz alta. — Você poderia morar em Cambridge com Jackie. Vocês dois esperaram Pardoner Lane, 18 ser colocada à venda novamente, mas quando isso aconteceu você não queria mais; Jackie queria, o suficiente para comprar, mas você...

Sim, tem de ser.

— Você queria qualquer casa que os Gilpatrick quisessem, e essa não era mais Pardoner Lane, 18; era Bentley Grove, 12.

Ideias desarticuladas se chocam em minha cabeça. O que Kit disse sobre Jackie esperar no número 12, vigiando, sabendo que eu viria olhar? *Assim que os Gilpatrick saíam de manhã...* então, eles não estavam mortos àquela altura. E se Kit ainda não os tinha matado...

— Como Jackie conseguiu as chaves desta casa? Ela era...

A jaqueta de brim rosa, um chaveiro da Otto Casas no bolso. A caligrafia fina em preto em um papel da Otto Casas.

— Ela era corretora de imóveis, não era? Você a conheceu em 2003? Ela vendeu esta casa para os Gilpatrick?

Kit não responde. Desvia os olhos.

— Vendeu, não foi? E manteve uma cópia da chave da frente.

— Nós costumávamos nos encontrar aqui quando eles estavam fora — murmura Kit, os olhos baixos. — Era um jogo idiota que fazíamos, mas melhor que a vida real que ela queria que tivéssemos juntos. Eu não conseguia colocar os pés na casa da Pardoner Lane, não depois que ela a comprou. Queria que eu mudasse para lá com ela, mas como poderia? Eu morava em Little Holling, com você; em Melrose Cottage.

Ele me diz isso como se eu já não soubesse; como se fosse uma estranha a quem está se apresentando. *Contando sobre sua vida.*

— Nunca amei Jackie. A única coisa de que tinha certeza era que queria morar com você, onde quer que fosse, mas... o jogo já tinha ido longe demais. E... era mais que um jogo. Eu queria... — diz, fazendo uma pausa e pigarreando. — Eu não entendia por que os Gilpatrick deveriam ter o que eu queria. Foi quando tudo começou a dar errado, quando eles compraram nossa casa.

Espero.

— Jackie e eu tivemos brigas terríveis — Kit finalmente continua, falando tão baixo que mal o ouço. — Eu realmente não queria este lugar... — diz, fazendo um gesto ao redor —, mas era mais fácil fingir que queria do que admitir a verdade. Jackie sabia que era besteira; continuava a me atacar, dizendo que os Gilpatrick não iriam vender tão cedo, que esta era a casa deles para sempre, tentando me levar a admitir que de qualquer modo eu deixaria de querer assim que pudesse ter, mesmo se eles decidissem se mudar de novo. Ficou furiosa comigo; como podia tê-la deixado comprar Pardon Lane, 18 se não pretendia morar lá com ela? As brigas ficaram cada vez piores, e então...

Ele balança a cabeça.

Dessa vez não consigo adivinhar. Tenho de perguntar.

— Então o quê?

— Aconteceu a coisa do GPS. E Jackie decidiu que era o destino; a solução para todos os nossos problemas.

— Como?

Como, Kit?

— O número 11 — ele sussurra, fechando as mãos em uma bola apertada. — Tudo apontava para ele. Onze era como chamávamos esta casa; lembra da velha brincadeira?

Eu mordo o lábio para não gritar.

— Havia chaves em uma tigela na cozinha com uma etiqueta que dizia "Selina nº 11", e depois do desastre do GPS, você achou que eu estava dormindo com alguém no número 11. E nada que eu dizia conseguia persuadi-la de que isso não era verdade. Um dia Jackie me perguntou se eu sabia como o jardim do número 11 era maior

que o jardim daqui — diz Kit, apontando na direção da janela com a cabeça. — Eu não sabia do que ela estava falando. Tinha uma expressão estranha no rosto. Isso me assustou. Eu me dei conta de que ela estava a meio caminho de enlouquecer.

— Ela tinha usado as chaves na cozinha e entrado no número 11 — concludo.

Ele admite.

— Queria verificar a casa onde eu supostamente estava levando minha vida dupla. Achou hilariante.

Olho para a folha de papel no chão, lembrando das palavras de Jackie: *Mesma casa, mas jardim muito maior, voltado para o sul – mais desejável – ÓBVIO E INEGÁVEL – TINHA DE SER!!*

— Ela achou ter encontrado a solução perfeita — diz Kit, dando de ombros. — Nós compraríamos uma casa quase idêntica à dos Gilpatrick, mas melhor, e na mesma rua. “Você conseguirá ser superior a eles”, disse. “Tudo o que temos de fazer é persuadir essa Selina a vender.” Começou a falar sobre jogar merda na caixa de correio, jogar solvente no carro dela... eu não sabia sequer o que significava jogar solvente. Disse para não ser ridícula; mesmo que conseguíssemos expulsar a dona de sua casa, nunca conseguiríamos ter uma casa em Bentley Grove, esta ou o número 11. Estava a segundos de dizer a Jackie que não podia continuar naquilo quando...

Ele se interrompe.

Uma pesada sensação de calma se espalha por mim, como uma droga. Luto contra a ânsia de fechar os olhos.

— Quando ela lhe explicou exatamente como poderia funcionar — digo, concluindo a frase de Kit. — Se eu morresse no momento certo, com minha cabeça tendo o preço certo, então vocês poderiam assumir tudo. Qual era o plano dela? Primeiro, me tirar do caminho na Nulli. Todo o estresse pelo que eu estava passando depois de encontrar aquele endereço no seu GPS; você deveria sugerir que eu parasse de trabalhar um tempo e passasse tudo para você. E então o quê? Vender a Nulli, com Jackie se fazendo passar por mim para assinar os papéis importantes? Superficialmente, ela se parecia

comigo: cabelos escuros até os ombros, magra. Com meu passaporte e um advogado que nunca tivesse me visto...

— Mas não fiz, não é? — corta Kit. — Nunca sugeri que você parasse de trabalhar; tudo o que fiz a partir daquele momento foi protegê-la dessa... dessa louca com a qual me envolvi. Você não precisa acreditar nisso, mas é a verdade — diz, e dá uma risada amarga. — Jackie *me* acusou de ser o louco. Para ela era muito óbvio, muito simples; nós vendemos a Nulli, compramos Bentley Grove com uma enorme hipoteca e uma apólice de seguro fantástica, com ela se fazendo passar por você, então...

Kit cobre o rosto com as mãos. Geme.

— Então me matar, receber o dinheiro e conseguir uma casa no valor de 1,2 milhão por duzentos e cinquenta a quatrocentos mil, dependendo de quão baixo Selina Gane estava disposta a chegar para se livrar da sua casa rapidamente — digo, consciente da inutilidade de minhas palavras, desejando que fossem facas. — A casa onde ela fora perseguida por alguém que não conhecia, por nenhum motivo que tivesse algo a ver com ela. E então, o que você disse? Você disse “Não, não quero Connie morta”? Você disse “Estou indo à polícia”?

— Eu não podia ir à polícia. Eu... fiz de tudo para impedi-la... Espero.

Kit muda a abordagem.

— Seja como for, o plano dela não teria funcionado — diz, na defensiva. — Quem teria nos dado uma hipoteca daquele valor depois de termos vendido a Nulli e ficado sem nada?

Ele está me desafiando a chamá-lo de mentiroso ou se esqueceu de Melrose Cottage porque é adequado? Ele e Jackie teriam conseguido a hipoteca — alguém lhes concederia, sim, especialmente se quem comprasse a Nulli mantivesse Kit como CEO com um salário exorbitante.

— Tive de fingir que ia em frente, fingir que iríamos fazer, até termos acertado os detalhes. Jackie gostou de planejar. Paramos de brigar. Completamente. Às vezes eu pensava, tinha esperança, que trabalhar nos detalhes poderia mantê-la feliz para sempre, que nunca fosse precisar... levar adiante.

— Então seu objetivo era garantir a eterna felicidade de Jackie?

— Não! Você não entende — diz Kit, soluçando.

— Entendo. Gostaria de não, mas eu entendo.

Observo enquanto ele luta para se recompor.

— Jackie podia e teria arruinado minha vida se eu dissesse não. Tinha de lhe dar algo a que se aferrar. Nunca a amei, Con. Ela era mais como... não sei, uma colega a quem sentia que tinha de ser leal. Mas ela me amava; eu não tinha dúvida disso. Você sabe que ela chorou por quase duas horas depois de fazermos a filmagem?

Será que ele está falando do passeio virtual?

— Ela insistiu em usar minha aliança para fazer aquilo; não explicou por quê. Apenas ficou dizendo que seria engraçado, mas essa não era a verdadeira razão. Se era engraçado, por que ficou tão descontrolada quando a pedi de volta depois? Eu me senti pior tirando aquela aliança dela do que me senti...

A boca trava em uma linha, como para impedir as palavras de escapar: *do que me senti a estrangulando até a morte.*

— Quão mal você se sentiu de chacinar uma família inocente? Onde isso se encaixa em sua escala de culpa?

— Se isso pode lhe fazer algum bem, vou lhe contar algo que nunca contei a Jackie, nem mesmo no fim — diz Kit, ignorando minha pergunta. — Pensei em contar a ela, mas não o fiz. Teria sido vingativo.

Gostaria que ele tivesse dito, seja o que for, se fosse algo para feri-la. Gostaria que não me contasse, mas não digo nada para impedi-lo.

— O endereço no meu GPS? — ele diz, erguendo a voz, como se com medo de que eu não ouvisse. — Eu o programei.

— Sei disso — digo, começando a chorar com a estupidez daquilo tudo; ele me dizer algo que estive lhe dizendo, e ele negando, por seis meses. — Sempre soube.

— Fiz deliberadamente — ele diz. — Sabia que você iria pegar meu carro naquele dia, por causa da neve. Eu *queria* que você descobrisse, Con. Queria que você me impedisse. Por que não me impediu?

Eu não matei os Gilpatrick. Eu não os matei. Não é culpa minha que os Gilpatrick estejam mortos.

Não sei quanto tempo se passou desde que Kit e eu nos falamos pela última vez. Há um buraco em minha mente e não consigo descobrir onde termina. As moscas ainda zumbem. O cheiro está pior.

Será que imaginei ou Kit me contou o resto da história? Ele queria que parasse, tudo. Não consegui parar, então ele matou os Gilpatrick — era culpa deles que ele estivesse naquela situação difícil, então tinham merecido morrer. Kit disse isso ou estou imaginando o que pode ter dito?

Foi fácil para Jackie depois disso — ela o tinha exatamente onde queria. Podia ajudá-lo a escapar dos quatro assassinatos que ele havia cometido, mas apenas se concordasse com um quinto. Apenas se aceitasse que eu tinha de morrer.

Jackie copiou a chave do número 11, entrou na casa de Selina Gane com alguns possíveis compradores e contou uma série de mentiras sobre uma mulher que parecia muito com a estranha perseguidora de Selina colocando a casa à venda, fingindo ser Selina. Talvez também tivesse feito outras coisas para colocar Selina para fora — talvez tenha jogado solvente no carro dela, seja lá o que for isso. O que quer que tenha sido, conseguiu o resultado: o número 11 foi colocado à venda.

Mas por que a parte seguinte? Não tenho energia para perguntar a Kit. Eles devem ter tirado tudo da sala de estar do número 12, onde estava o sangue, e substituído pelo conteúdo da sala do número 11. Arriscado; alguém poderia tê-los visto. Teriam de levar móveis e quadros para o outro lado da rua. Mas ninguém os viu, ou teriam procurado a polícia. Claro que ninguém viu; Bentley Grove é o tipo de rua em que as pessoas fazem questão de não notar — o tipo de rua que deixa um perseguidor totalmente confortável. Ninguém por perto durante o dia além de um homem muito velho que dorme a maior parte do tempo.

Jackie tinha acesso ao tipo certo de câmera, e ao site da Otto Casas na internet. Jackie se deita no sangue dos Gilpatrick, e ela e Kit fazem uma versão alternativa do passeio virtual para que eu veja, para que procure a polícia e fale sobre sangue e assassinato. Eu estaria histérica; exatamente o tipo de pessoa que poderia depois sofrer um acidente, que seria ou não um suicídio. Kit deve ter filmado. Selina Gane deveria descobrir que alguém alegava ter havido um assassinato em sua casa, a casa da qual já estava desesperada para se livrar, e baixar o preço?

Quando eu deveria sofrer meu acidente? Não antes de Kit e Jackie, se fazendo passar por mim, terem comprado Bentley Grove, 11. A polícia não encontraria dificuldade em descobrir a sequência de acontecimentos: eu havia ficado obcecada pelos Gilpatrick desde 2003, quando compraram a casa pela qual me apaixonara. Estava tão obcecada que persuadira Kit a comprar Bentley Grove, 11, bem em frente à casa nova dos Gilpatrick, para poder espioná-los, mas no final espionar não era suficiente para mim — um dia surtei e os matei, todos eles. Estava tão perturbada que matei duas crianças pequenas.

Ela não parava de atormentar a polícia com uma história inventada sobre um corpo morto em um site da internet — todos sabiam que era mentira. Não havia evidência de sangue algum no carpete — a polícia verificou.

A culpa a enlouqueceu.

Eles encontraram o DNA dela por toda parte no número 12, sabe? Nos corpos.

— O quê? — diz Kit, me fazendo dar um pulo.

Eu disse alguma coisa?

— Eu facilitei para ela — digo a ele. — Jackie. Ela não teve de fingir ser eu para que vocês dois pudessem comprar Bentley Grove, 11; eu mesma concebi um plano para comprar — digo, e um frio penetra em meus ossos quando me dou conta de o que isso significa —, por isso você a matou, não foi? Assim que eu... assim que *nós* comprássemos a casa, ela teria querido avançar para o estágio seguinte.

Penso no que Kit havia dito antes: *eu a matei para salvar você*. Ao insistir em comprar Bentley Grove, 11, eu estava antecipando minha data de execução. E assinando a sentença de morte de Jackie.

— Quando você disse que queria comprar, sabe o que passou pela minha cabeça? — pergunta Kit. — “Isso não pode estar acontecendo. Jackie nunca disse que isso ia acontecer.” Quão patético é isso?

— Ninguém consegue prever tudo, nem mesmo Jackie.

— Não — ele concorda.

Ao escutar nossa conversa, não consigo acreditar que estamos prestes a morrer. Talvez não estejamos. Kit não toca na faca há muito tempo. Ou pelo menos acho que há muito tempo. Talvez não seja; talvez sejam apenas alguns minutos.

— Não havia como ela saber sobre o sr. e a sra. Beater e sua árvore de Natal — ele diz. — Ela se divertiu muito indo à polícia e os tratando como idiotas ao dizer que tinha visto o mesmo que você, mas isso não era parte do plano original.

Não sei o que ele quer dizer.

Kit deve estar notando que estou confusa, pois acrescenta:

— A polícia não conferiu sua história como deveria fazer; eles não viram nenhum motivo para mencionar a Selina Gane que alguém alegava ter visto uma fotografia de uma mulher morta em sua casa.

Então não havia nenhuma razão para ela baixar o pedido de 1,2 milhão para os novecentos mil que Jackie tinha em mente.

— Lorraine, a colega de Jackie, explicou a eles que o carpete da sala de estar do número 11 era o mesmo que estava lá quando vendera a casa pela última vez, e que havia a mancha para provar. Era isso, fim da história; Grint não levaria à frente tendo apenas sua palavra. Assim que Jackie apareceu, ele pensou novamente, a despeito da mancha da árvore de Natal. Se duas pessoas, sem qualquer ligação, veem a mesma mulher morta no mesmo site na internet ao mesmo tempo...

Um barulho agudo abafa a voz de Kit. Ambos damos um pulo. Começo a tremer descontrolada. *A campanha. A polícia.*

— Olá? Kit? Connie? Vocês estão aí? Abram.

Não era ID Laskey. Simon Waterhouse.

Kit pega a faca e a aponta para minha garganta. A ponta pressiona minha pele.

— Não diga nada — ele sussurra.

— Sr. Bowskill, pode abrir a porta, por favor? É Sam Kombothekra.

— Vamos entrar de qualquer forma — grita Simon Waterhouse. — Seria melhor que nos deixasse entrar.

Ouvir as vozes deles deixa minha mente mais afiada. Ainda há coisas que não compreendo, coisas que quero compreender enquanto Kit e eu estamos sozinhos. Não sei o que irá acontecer a nenhum de nós, mas tenho certeza de que nunca mais estaremos juntos em um quarto, apenas os dois.

— Grint perguntou a Jackie se eu era aquela que fingira ser Selina Gane e colocara Bentley Grove, 11 à venda — digo, minhas palavras se atropelando. — Ela disse que não.

— Se dissesse sim, você saberia que estava mentindo. Grint não tinha razão para duvidar de Jackie, tendo ela se apresentado para dizer que vira o corpo, mas se você dissesse que ela era uma mentirosa, ele poderia tê-la investigado com mais cuidado.

— E descoberto a ligação com você.

Sim. Isso fazia sentido.

— Bowskill! Abra! Não faça nada idiota. Connie, você está bem aí?

A faca corta a base do meu pescoço. Isso faz com que eu me dê conta de que meus lábios ainda sangram. Fico pensando em quanto sangue perdi. Pensar nisso faz com que me sinta fraca.

— E quanto ao vestido? — pergunto a Kit.

— Vestido?

Ele pronuncia a palavra de modo estranho, como se não pertencesse à nossa conversa. Ele está além da mentira; não acho que saiba do que estou falando.

— Meu presente de aniversário.

— Aquilo não era nada. Eu lhe disse que não era nada — fala, impaciente. — Tinha de lhe comprar um presente de aniversário, e comprei um presente para Jackie ao mesmo tempo; gostei daquele vestido, apenas isso. Comprei um para você e um para ela.

Ele funga, limpa o nariz com as costas da mão.

— Eu só queria que toda esta *merda* terminasse bem; para nós três. Toda a merda que não era culpa minha, sua ou de Jackie. Nenhum de nós merecia nada disto; são eles que merecem — diz, apontando para a cama com a cabeça. — Quer vê-los? Quer ver os rostos arrogantes deles?

Ele me agarra, me coloca de pé.

— Não! — berro, achando que vai me mostrar os corpos.

Em vez disso, ele me arrasta escada abaixo, até a sala de estar. Há uma tranca na porta. Kit a desliza de lado. Baixa a faca, caminha até uma cristaleira e a abre. Tira uma fotografia e joga na minha direção. Cai em Jackie, virada para cima. *Cai em Jackie, morta. A morta Jackie.* Um homem, uma mulher, um menino e uma menina. Em uma ponte, tomando sorvete. Rindo.

Eu conheço o rosto da mulher. O rosto de Elise Gilpatrick. Como posso conhecer? Não faz sentido.

O que faz sentido? O corpo de Jackie caído ali como lixo — isso faz sentido?

Kit caminha lentamente na minha direção, segurando a faca à frente. Onde está Simon Waterhouse? Onde está Sam? Por que não consigo mais ouvi-los? Tento enviar-lhes uma mensagem, sabendo que é inútil: *Por favor, venham. Por favor.* Não tenho para onde ir, nenhum modo de me afastar de Kit. Ele é fogo, uma onda de maré, uma nuvem de ar tóxico — ele é tudo de ruim que há, vindo para mim. Não olha mais para mim; seus olhos estão na fotografia, nos rostos de suas vítimas. Nada é culpa deles, sei disso perfeitamente, mas eles são a razão.

Eu vou ser morta por causa de uma família chamada Gilpatrick.

Eles são quatro: mãe, pai, filho e filha. *Elise, Donal, Riordan e Tilly.* Kit me dá seus prenomes, como se eu quisesse acabar com a formalidade e conhecê-los melhor, quando tudo o que quero é sair correndo da sala, gritando. *Riordan tem sete anos, ele diz. Tilly tem cinco.*

Cale a boca, quero gritar na cara dele, mas estou assustada demais para abrir a boca. É como se alguém a tivesse fechado e trancado; não sairão mais palavras, nunca mais.

É isso. É onde, como, quando e por que vou morrer. Pelo menos entendo o porquê, finalmente.

Kit está com tanto medo quanto eu. Por isso não para de falar, porque sabe, assim como todos que esperam aterrorizados, que quando silêncio e medo se combinam, formam um composto mil vezes mais horrendo que a soma de suas partes.

— Os Gilpatrick — ele diz, lágrimas correndo pelo rosto.

Vejo a porta no espelho acima da lareira. Parece menor e mais distante do que estaria se me virasse e olhasse diretamente. O espelho tem a forma de uma lápide grossa: três lados retos e um arco no alto.

— Não acreditei neles. O nome parecia inventado — diz Kit, depois ri, engasga em um soluço. Ele está tremendo inteiro, até a voz. — Gilpatrick é o tipo de nome que você inventaria caso estivesse inventando uma pessoa. Sr. Gilpatrick. Se pelo menos tivesse acreditado nele, nada disso teria acontecido. Teríamos ficado em segurança. Se pelo menos eu...

Ele para, se afasta da porta trancada. Ouve os mesmos passos que eu — apressados, um estouro. Estão aqui. A polícia finalmente está aqui. Segurando o punho da faca com as duas mãos, Kit a enfia no peito. A última coisa que diz é:

— Desculpe.

EVIDÊNCIA POLICIAL REF: CB13345/432/29IG

Caroline Capps — 24/12/93
Stover Street, 43
Birmingham

Querida Caroline,

Desculpe se esta carta é seca, mas alguns de nós preferem ser diretos a ter duas caras — não você, evidentemente. Você disse que acreditava em mim, mas agora Vicki e Laura estão me contando que não — aparentemente, você só disse que sim para ser educada e por sentir pena de mim.

Felizmente, eu não preciso de sua simpatia. Aos meus olhos, é você quem precisa de pena, se não de psicoterapia em tempo integral. Eu fui abandonada várias vezes na minha vida e nunca tive dificuldade em admitir isso. E também NUNCA enviei dezenas de fotos minhas a um ex-namorado — por que faria isso? Eu lhe pareço assim tão insana?

Seu namorado é o insano aqui — ele é um maluco, além de mentiroso. Ele tirou as fotos que você encontrou — está obcecado por mim, embora eu só tenha conversado com ele por um

total de cerca de dez minutos. Por que não prova isso a si mesma? Siga-o um dia desses — não irá demorar para flagrá-lo me seguindo por Cambridge com uma câmera. Por falar nisso, se você pudesse pedir a ele para parar, eu ficaria muito grata.

E só para esclarecer mais uma coisa: sim, estou dizendo que ele não me abandonou, mas não estou alegando que eu o abandonei, como você parece pensar que estou fazendo. Ninguém abandonou ninguém — NÃO HOUE NENHUMA RELAÇÃO PARA COMEÇAR!!! Eu não deveria lhe dizer isso — se seu radar não identificou que sou sua amiga e ele é repulsivo, não há esperança para você.

Elise

Sexta-feira, 17 de setembro de 2010

Eu deveria sentar, relaxar, mas não consigo. Fico de pé junto à janela da sala de estar, perto da mancha da árvore de Natal. Esperando. Mais vinte minutos antes que ela chegue. Quando vejo um carro estacionando do lado de fora, suponho que não possa ser ela. Quando uma ruiva alta com pescoço comprido e elegante salta do carro, digo a mim mesma que não pode ser Lorraine Turner, deve ser outra pessoa.

Estou errada.

— Desculpe estar tão adiantada — ela diz, apertando a minha mão.

— Fico contente que esteja. Entre.

Ela cruza o umbral insegura, como se com medo de acabar lamentando.

— Não vou fingir que entendo — ela diz. Dando-me a chance de explicar, caso eu queira.

Eu não quero. Sorrio, não digo nada.

— Está absolutamente certa de que quer vender a casa? — pergunta.

— Sim.

Ela não pode me questionar tempo demais sem parecer rude. Sabendo um pouco daquilo pelo que passei, não quer me aborrecer.

Faz um último esforço para me fazer falar.

— Quando concluiu a compra? — pergunta. Linguagem de corretor de imóveis.

— Ontem. Liguei para você imediatamente.

Ela então desiste, sobe para começar a tirar fotos. No segundo em que sai da sala, eu lamento minha reticência. Parece gentil, e preciso parar de supor que ninguém é confiável. A maioria das pessoas não é Kit Bowskill e Jackie Napier.

Ninguém é Kit Bowskill, e ninguém é Jackie Napier — não mais.

Quando Lorraine descer, talvez conte a ela. Não estou envergonhada de nada. Comprei Bentley Grove, 11 porque prometi a Selina Gane fazer isso. Como poderia deixá-la na mão após ter dado minha palavra? Quando fiz a promessa, achei que seria capaz de viver no número 11, porque nada de ruim tinha acontecido por lá — porque não era o número 12. Talvez fosse capaz, caso as coisas tivessem acontecido de outra forma — se não tivesse acabado naquele quarto com as moscas e os corpos enrolados, desamparada de terror... mas depois daquilo pelo que passei, não posso viver em Bentley Grove. Seria impossível.

Então estou colocando à venda minha nova casa, mesmo tendo-a comprado apenas ontem. E quando a vender, comprarei uma casa em uma rua diferente de Cambridge. Vi algumas coisas em Roundthehouses que pareceram promissoras, mas vou esperar para ver que faculdade vou cursar, e talvez tente comprar alguma coisa perto. Fran telefonou ontem e disse ter ouvido falar de uma faculdade de Cambridge que é especificamente para mulheres maduras. Seu estímulo compensa um pouco o silêncio de mamãe e papai sobre o tema de minha postergada formação universitária.

Bentley Grove, 11 não é tudo o que estou vendendo. A London Allied Capital está em processo de comprar de mim a Nulli, por cerca de metade de seu valor, mas o volume de dinheiro não é importante — minha liberdade é tudo que me importa. Um recomeço.

Ouçõ Lorraine se movendo no andar de cima. Descerá logo. Abro a bolsa que trouxe comigo. *Mais um negócio não encerrado que tenho de cuidar.* Tiro a gravura que Kit me deu tantos Natais atrás — a garota rindo sentada nos degraus de King's College Chapel — e a enfito entre a parede e o sofá que Selina Gane não levou com ela. É uma bela foto e não consigo jogá-la fora, embora não queira ficar com ela. Talvez o novo dono da casa a encontre e fique satisfeito. Ele ou ela verão o "4/100" no *passé-partout* e acreditarão, como acreditei, que é uma gravura.

Não é. O próprio Kit tirou a foto. A garota é Elise Gilpatrick, aos dezoito anos. Ou Elise O'Farrell, como se chamava então, quando ambos estudavam juntos e ela cometeu o erro fatal de rejeitar seus avanços.

Não posso deixá-la atrás do sofá; parece errado. Tiro a moldura e a coloco na lareira, apoiada na parede onde costumava ficar pendurado o mapa antigo de Cambridgeshire, de Selina Gane. Assim é melhor.

— Adeus, Elise. Lamento muito.

Passos na escada. Lorraine está descendo. Eu me preparo para sorrir e lhe oferecer chá ou café.

Agradecimentos

Como sempre, sou profundamente grata a Peter Straus e Jenny Hewson, da Rogers Coleridge & White, e a Carolyn Mays, Francesca Best, Karen Geary, Lucy Zilberkweit, Lucy Hale e todos na sempre brilhante Hodder & Stoughton. Agradeço às minhas estrelas da sorte várias vezes por dia que terminei com todas vocês — e então chego à conclusão de que era destino, não sorte.

Obrigada a Liz e Andrew Travis por doar sua empresa à boa causa da ficção, a Beth Hocking por passar um contato útil, e a Guy Martland por fornecer todos os horrendos fatos necessários sobre corpos fedorentos e mumificação. Obrigada a Anne Grey por me ensinar tudo o que sei sobre homeopatia, a Lewis Jones por se referir a alguém como “Gummy” em minha presença, a Heidi Westman por mencionar um incidente menor envolvendo um GPS que, pelo que sei, nunca foi satisfatoriamente resolvido e, portanto, permanece bastante suspeito (embora longe de mim lançar desconfianças...). Obrigada a Mark Worden pelo livro do Pink Floyd, a Paul Bridges pela antologia de sobrenomes (que imediatamente se abriu no nome “Gilpatrick”), a Tom Palmer, James Nash e Rachel Connor pelo conselho editorial nos primeiros estágios, e a Stuart Kelly, que me apresentou o conceito de ressentimento motriz — o meu é não ter pensado nisso eu mesma.

Obrigada a Dan pela mancha da árvore de Natal e as ideias de nomes de casas anticonvencionais. Obrigada a Phoebe e Guy pelos cartões e presentes adoráveis quando terminei o livro e por suas ideias cruciais em relação aos alienígenas de *Ben 10*.

Profundos agradecimentos a John Jepps e Peter Bean por todas as razões habituais, e desta vez também por uma razão extra, que só ficará evidente se eles lerem o livro.

Obrigada a Geoff Jones e ao misterioso (e, não tenho dúvida, não ficcional) “Mr. Pixley”, que continuava oferecendo apenas um pouco mais dinheiro do que eu. Ahnn... Obrigada ao Jill Sturdy Centre por levar a uma intrigante possibilidade de trama.

Fico imaginando quão fartos de mim estão os corretores de imóveis de Cambridge. Podem estar satisfeitos por, no fim, eu ter encontrado a casa certa, ou simplesmente estremecem e rosnam quando pensam em mim. Seja como for, de qualquer maneira obrigada a Nick Redmayne, Chris Arnold, Oliver Hughes, George Moore, Stewart Chipchase, James Barnett, Richard Freshwater, Robert Couch, Michael Higginson, Zoe e Belinda, da Carter Jonas, e todos os outros. Prometo que não irei me mudar tão cedo.

Obrigada ao meu lar espiritual virtual, o site Rightmove (no qual posso dizer com segurança que não há imagens de corpos mortos, tendo examinado cada casa e cada planta detalhadamente). Não sou viciada; poderia parar a qualquer momento se quisesse. Além disso, não faz mal se você fizer com moderação, e eu reduzi para uma hora por dia. Obrigada ao Trinity College e ao Lucy Cavendish College em Cambridge — meus lares espirituais não virtuais.

Obrigada a Will Peterson por ser impressionante e adorável, a Morgan White pela esperteza das placas de bancos, a Jenny e Ben Almeida pela ideia para sobrenome de recém-casados.

Finalmente, gostaria de agradecer a Alexis Washam, Carolyn Mays, Francesca Best e Jason Bartholomew pelo apoio durante a emergência perturbadora (não de pesadelo) do Capítulo 27. Sem sua ajuda, o capítulo nunca teria sido concluído.

O poema “When First My Way to Fair I Took” é de A. E. Housman.

Título Original
LASTING DAMAGE

Copyright © Sophie Hannah, 2011

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2011 pela Hodder & Stoughton, uma empresa Hachette UK

O direito de Sophie Hannah ser identificada como autora desta obra foi assegurado por ela em conformidade com o Copyright, Designs and Patents Act 1988

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Todos os personagens nesta publicação são fictícios e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub

MAÍRA PEREIRA

Edição digital: Agosto, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H219o

Hannah, Sophie

A outra casa [recurso eletrônico] / Sophie Hannah; tradução Alexandre Martins.

- 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016.

recurso digital

Tradução de: Lasting damage

ISBN 978-85-8122-665-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Martins, Alexandre. II. Título.

16-34874 CDD: 823

CDU: 821.111-3

A Autora

Sophie Hannah, poeta e romancista britânica, tem sua obra publicada em 32 línguas. Uma de suas coletâneas de poemas foi escolhida pela Poetry Book Society como uma das obras de referência da nova geração de poetas britânicos. Autora de livros infantis, contos e romances, Hannah é apaixonada pelos livros policiais desde os 13 anos de idade e foi inspirada por Hercule Poirot e Miss Marple, famosos personagens de Agatha Christie. Recebeu indicação para o prêmio TS Eliot (2007) por uma de suas coletâneas de poesia e foi vencedora do primeiro Festival de Contos Daphne Du Maurier por sua história de suspense psicológico "The Octopus Nest". Um de seus romances, *The Point of Rescue* (2008), foi adaptado para uma série televisiva cuja primeira exibição teve mais de 5 milhões de telespectadores.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Planta da casa](#)

[Sábado, 24 de julho de 2010](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Sexta-feira, 17 de setembro de 2010](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)